

Jeziel De Paula

**IMAGENS CONSTRUINDO A HISTÓRIA:
A Fotografia Na Difusão Do Imaginário
Constitucionalista De 32**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em

_____/_____/_____



UNICAMP

Campinas - São Paulo - Brasil

Janeiro - 1996

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

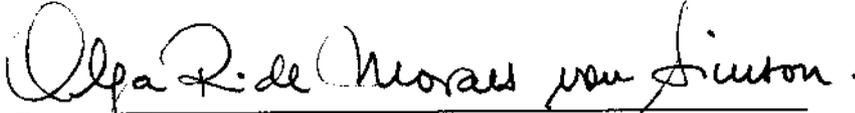
Jeziel De Paula

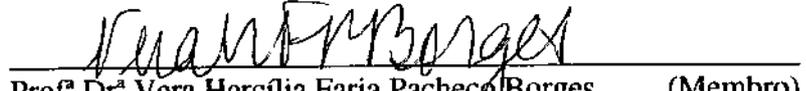
**IMAGENS CONSTRUINDO A HISTÓRIA:
A Fotografia Na Difusão Do Imaginário
Constitucionalista De 32**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca

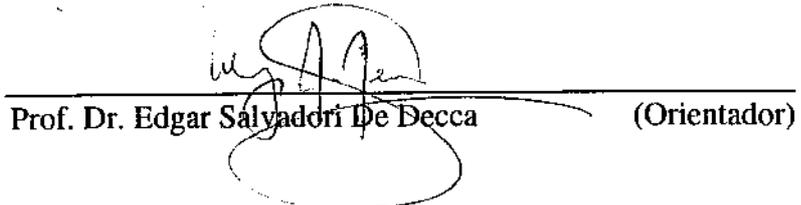
Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em

Banca:


Profª Drª Olga Rodrigues De Moraes Von Simson (Membro)


Profª Drª Vera Hercília Faria Pacheco Borges (Membro)

Prof. Dr. Italo Arnaldo Tronca (Suplente)


Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca (Orientador)

Campinas - São Paulo - Brasil

Janeiro - 1996

*À memória de
Arsenio Nascimento De Paula
meu pai.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir a conclusão de mais uma etapa de minha existência.

A Universidade Estadual de Campinas, pela oportunidade.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de Mestrado.

Ao Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca, pela orientação, ensinamentos e sugestões.

A Prof. Dr^a Eliane Moura da Silva, pelo incentivo e apoio sempre presente.

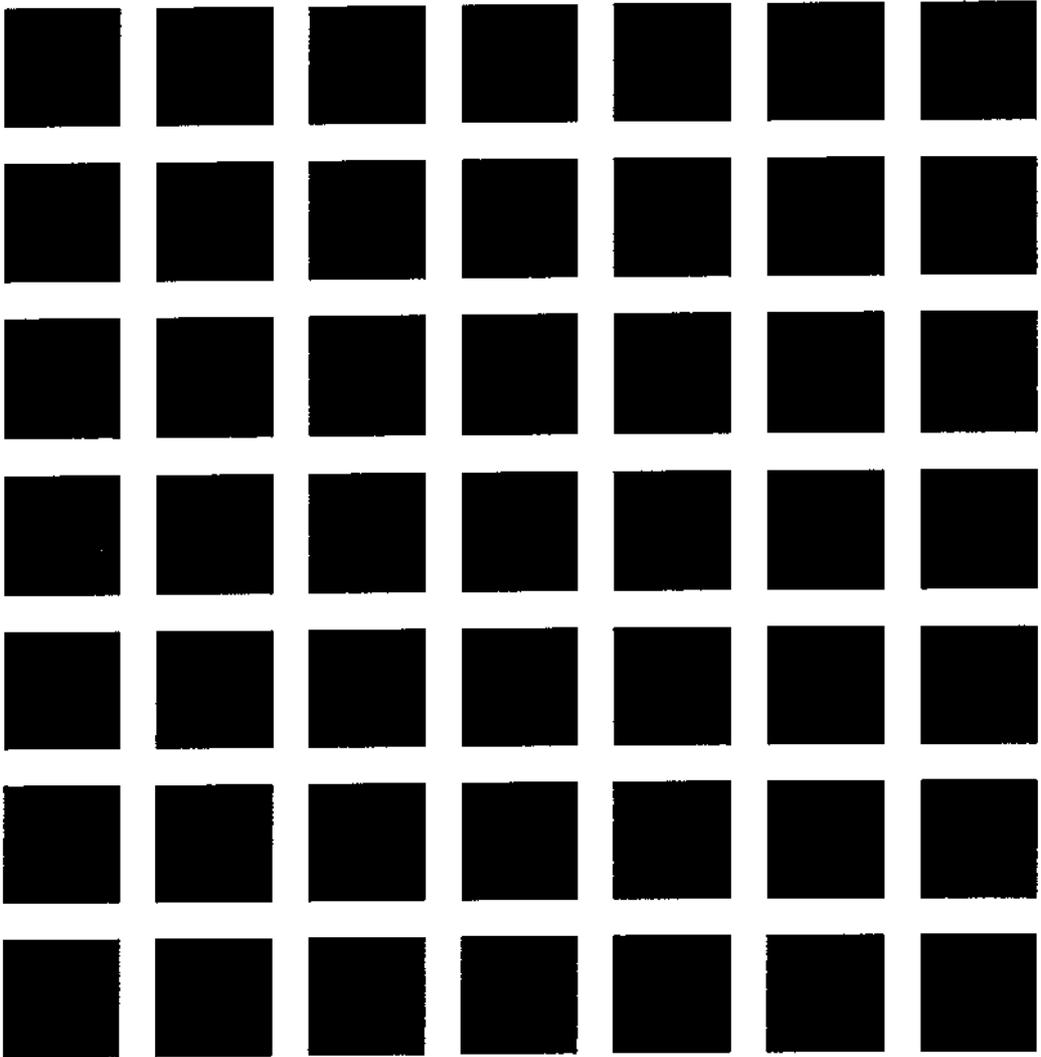
Ao Prof. Paulo Barros Camargo, pela valiosa contribuição das fontes e bibliografia.

Aos colegas de curso e funcionários, pelo convívio e pela amizade.

**E a todas as pessoas que conviveram comigo durante a elaboração desse trabalho.
Especialmente minha família e meus amigos.**

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA..... | 1 |
| 1 - A TÉCNICA AUXILIANDO O HISTORIADOR | 11 |
| 2 - IMAGENS DE REVOLUÇÃO..... | 41 |
| 3 - IMAGENS DA MOBILIZAÇÃO | 90 |
| 4 - IMAGENS DE BRASILIDADE | 172 |
| 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 221 |
| 6 - FONTES | 227 |
| 7 - BIBLIOGRAFIA..... | 232 |
| 8 - ANEXOS | 246 |



Os pontos cinzentos fugidios que você está vendo entre os quadrados pretos, são imagens reais ou ilusórias? Nem sempre o que se vê, é. Nem sempre o que é, se vê.

Epígrafe Visual

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Ser historiador é nunca se resignar. É tentar tudo, experimentar tudo para preencher as lacunas da informação. É explorarmos todo o nosso engenho, eis a verdadeira expressão.

Lucien Febvre *



Um considerável número de *novos* e *velhos* historiadores vêm se dedicando ao desenvolvimento de metodologias que auxiliem na busca de informações sobre os eventos passados. A utilização sistemática da imagem enquanto fonte, principalmente a fotográfica, é uma dentre elas. Contudo, como muito claramente adverte Ivan Gaskell, curador de pinturas do Museu de Arte da Universidade de Harvard:

Embora os historiadores utilizem diversos tipos de material como fonte, seu treinamento em geral os leva a ficarem mais à vontade com documentos escritos. Conseqüentemente, são muitas vezes mal equipados para lidar com material visual, muitos utilizando as imagens apenas de maneira ilustrativa, sob aspectos que podem parecer ingênuos, corriqueiros ou ignorantes às pessoas profissionalmente ligadas à problemática visual.¹

Mesmo que não se considerem tão mal preparados assim, para lidarem com fontes visuais, boa parte dos historiadores admitem, contudo, a necessidade premente de se desenvolver metodologias adequadas para uma eficiente análise das imagens. Ao escrever o prefácio do livro de Marc Bloch, *Os Reis Taumaturgos*, escrito em 1924 e fundamentado na análise de 24 obras iconográficas, o historiador Jacques Le Goff pondera que:

*FEBVRE, Lucien. *Combates pela História II*. Lisboa, Presença, 1949. p.213.

1 - GASKELL, Ivan. *História das Imagens* IN: *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. Peter Burke (org.). São Paulo, UNESP, 1991. p. 237.

A documentação iconográfica que Marc Bloch reuniu, e cujo estudo ele apenas esboçou, deveria ser completada e metódicamente analisada.(...) Sem dúvida, Marc Bloch não examinou a fundo o estatuto que a imagem tem na história e no pensamento histórico. Mas chamou a atenção dos historiadores para esse documento privilegiado. Objeto específico, a imagem é importante, reveladora, bem além do que dela demandam os historiadores da arte e mesmo os iconógrafos e iconólogos modernos. A imagem, no que concerne a seu relacionamento com os textos, seu lugar no funcionamento das sociedades históricas, sua estrutura e sua localização, deve ser cuidadosamente estudada.²

Muitos são os historiadores que, em todo o mundo, vêm alertando para a necessidade de novas pesquisas que visem o estabelecimento de metodologias funcionais em relação às novas fontes que recentemente se incorporaram ao nosso *métier* historiográfico. O historiador britânico Peter Burke, por exemplo, em sua *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro*, declara que:

Os maiores problemas para os novos historiadores, no entanto, são certamente aqueles das fontes e dos métodos. Já foi sugerido que quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes, para suplementar os documentos oficiais. Alguns se voltaram para a história oral, outros à evidência das imagens.(...) Alguns passos importantes foram dados em direção a uma crítica da fonte das imagens fotográficas, mas aí também ainda há um longo caminho a percorrer.(...) Os critérios para a interpretação dos significados latentes, em particular, são na verdade difíceis de ser formulados.(...)

2 - LE GOFF, Jacques. *Prefácio* In: Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra. Marc Bloch. Trad. Júlia Mainardi, São Paulo, Cia das Letras, 1993 (© 1924) pp. 22 e 28.

Em outras palavras, o requerido, como no caso das fotografias e de outras fontes novas já discutidas, é uma nova *diplomática*. Esse foi o termo usado pelo estudioso beneditino Jean Mabillon (1632-1707) em seu guia para o uso de títulos, em uma época em que o apelo a esse tipo de evidência era novo e despertava a suspeita de historiadores mais tradicionais. Quem será o Mabillon da estatística, das fotografias ou da história oral? ³

De uma certa forma, entretanto, a análise e interpretação da fotografia histórica, tem sido sugerida muito mais por modelos de teoria literária e crítica de artes plásticas, que por trabalhos historiográficos propriamente dito. Mesmo assim, a maior parte desses pesquisadores ao concluírem seus trabalhos, oferecem como instrumental ao pesquisador que tenciona trabalhar a partir da imagem, oxímoros nada animadores. Dentre as inúmeras habilidades propostas como essenciais ao historiador dessa área, poderíamos citar como exemplo a *Intuição Sintética* de Panofsky, e o *Rigor Flexível* de Ginzburg. ⁴

A maior parte dessas proposições metodológicas são, na verdade, além de amplas demais muito vagas e pouco úteis na prática. Necessitariam de um caráter normativo e operacional bem mais claro e definido, que permitisse ao historiador apoiar-se nele para empreender estudos mais concretos com a imagem fotográfica. Seria preciso, de fato, ainda construir uma metodologia que abordasse cada uma das direções ou problemáticas apontadas.

3 - BURKE, Peter. (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. (Trad. Magda Lopes) São Paulo, UNESP, 1991. pp. 25, 27 e 31.

4 - Ver GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991. (© 1986). e PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo, Perspectiva, 1991. (© 1955).

Naturalmente, não devemos esperar, por parte dos historiadores, nenhuma concordância absoluta nas interpretações, igualdade de visão pessoal, equivalência nos conceitos ou a formação de opiniões unânimes. Porém, podemos e até devemos esperar uma reabilitação da história em seu campo específico, com suas regras de verificação e metodologias próprias. É pois, neste sentido, que pretendemos encaminhar esse trabalho, dando uma abordagem metodológica para uma fonte documental ainda incipiente nos meios historiográficos - a fotografia.

Portanto, a linha-mestra dessa pesquisa, desde o início, se configurou em um problema historiográfico de cunho mais metodológico do que temático, e que poderia se resumir na seguinte questão: como, afinal, pode um historiador reconstruir eventos passados utilizando-se da imagem fotográfica como fonte histórica principal? Assim, nosso objetivo constituía-se numa tentativa de se encontrar uma metodologia prática e funcional que fornecesse ferramentas de trabalho eficazes e operacionais ao pesquisador. Por outro lado, nossa idéia central veio se confirmar posteriormente como uma questão bastante pertinente, pois, durante o desenrolar do trabalho, a pergunta mais insistentemente feita por colegas historiadores, consistia exatamente em nosso problema: mas afinal como se trabalha com fontes fotográficas?

O desenvolvimento de tal projeto deve-se, principalmente, pela minha própria formação técnico-profissional de fotógrafo. Antes mesmo de me tornar um historiador, já vinha pesquisando técnicas de restauro e reprodução de fotografias antigas e o estudo da história da fotografia sempre me fascinou. Assim, passar para a interpretação dos acontecimentos históricos através da imagem fotográfica, foi um passo natural e deu-se ainda no curso de graduação.

Porém, para que a idéia viesse a se concretizar, precisávamos como pré-requisito de uma definição temática com o respectivo recorte tempo/espaço. Entretanto, é importante frisar, poderia constituir-se em qualquer evento, desde que se enquadrasse no universo de um século e meio no qual se insere a existência da fotografia. Em outras palavras, o estudo de um tema em particular, não representava o objetivo principal dessa pesquisa, porém, um meio através do qual pudesse se obter exemplos que demonstrassem a utilização da imagem fotográfica como documentação histórica e os resultados práticos obtidos.

Assim, dentre uma infinidade de possíveis temas que poderiam se constituir em um estudo de caso, optamos pelos eventos militares, políticos, sociais e econômicos, ocorridos entre os dias 9 de julho a 2 de outubro de 1932, principalmente nos Estados de São Paulo e Mato Grosso, além de alguns episódios isolados acontecidos no Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Pará e Amazonas, e que ficaram conhecidos na historiografia como a Revolução Constitucionalista de 1932. Tal escolha deve-se, não somente pela fantástica riqueza de imagens que possuía o episódio, como também, a facilidade para a coleta das fontes, devido à proximidade geográfica do local da pesquisa (Campinas, SP) com as cidades onde se deram os principais acontecimentos.

Nesse ponto do trabalho, entretanto, nos deparamos com o primeiro problema prático-metodológico: apesar de existir uma enorme quantidade de fotografias sobre a Revolução de 1932, não havia um acervo fotográfico sobre o evento, constituído e organizado em forma de arquivo e que pudesse oferecer os meios adequados para uma pesquisa historiográfica.

Por outro lado, desde o início, este projeto foi planejado visando sua vinculação ao programa de Mestrado em História com promoção interna para o ingresso no Doutorado. Dessa forma, sua execução estava prevista para um período total de seis anos, sendo os dois primeiros, utilizados para o Mestrado e os quatro restantes, para o Doutorado. Assim, a criação de tal acervo fotográfico permanente e organizado, possibilitaria a realização das pesquisas, nas duas etapas que se dividiam o trabalho.

Dessa forma, apesar de não se configurar no início do projeto como sendo o objetivo principal da pesquisa, a própria inexistência de uma documentação fotográfica disponível para o historiador, obrigou, numa primeira fase, à criação de todo um *corpus* documental e arquivístico sobre o tema, antes de se proceder à análise e interpretação das imagens como fonte auxiliar ao estudo do Movimento de 1932. Em outras palavras, as contingências no desenrolar da pesquisa fizeram com que a constituição e organização de um acervo fotográfico sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, se transformasse no próprio objetivo do trabalho.

Cabe aqui uma justificativa: à primeira vista, esse tipo de abordagem metodológica, pode parecer um pouco estranho ao *métier* de historiadores mais habituados a trabalhos de cunho predominantemente temáticos, contudo, a vinculação desse projeto à linha de pesquisa “história, memória, historiografia” do programa de pós-graduação em história, deve-se exatamente a uma total similaridade de intuítos e objetivos estabelecidos. A fim de melhor esclarecer o leitor, podemos acrescentar que tal linha de pesquisa foi constituída basicamente com a finalidade de criar espaços que permitissem a reflexão teórica tomando como referência a prática historiográfica, incentivando, assim, o fazer da história pelos historiadores a partir de novas vertentes metodológicas.

Nossa proposta metodológica, visava combinar paralelamente à análise das imagens, também o estudo de outras fontes históricas. Pois, as ínfimas pistas e vestígios encontrados nas fotografias - aparentemente sem importância alguma - inevitavelmente sugeriam novas conjecturas e levavam a uma (re)exploração de arquivos e documentos escritos. Assim, a partir da interpretação dessas imagens, aliadas à pesquisa simultânea de outros documentos, puderam ser reconstruídas diferentes leituras do mesmo universo no qual se inscreviam tais fotografias analisadas, revelando, dessa forma, implicações muitas vezes diversas das traçadas por outros estudos.

Queremos deixar bem claro para o leitor que, ao definir como recorte temático o evento Revolução Constitucionalista de 1932, não havia a pretensão de se fazer uma história do acontecimento, nem tampouco uma história do período em questão ou, até mesmo, de qualquer fato ou tema em particular. Em outras palavras, não tínhamos absolutamente o propósito de (re)escrever a história de 32, bem como *passar a limpo* as interpretações mais controvertidas do evento.

Evidentemente, o simples fato de iniciarmos a pesquisa, já nos inseria, de uma forma ou de outra, no debate historiográfico sobre o tema. Entretanto, nessa primeira fase de Mestrado, não pretendíamos realizar uma crítica bibliográfica exaustiva. Ao contrário, tal procedimento de revisão, inevitável em qualquer estudo interpretativo, se resumia nesse momento apenas a uma introdução.

Portanto, um intenso diálogo ou comparação, entre nossas possíveis leituras sugeridas pela imagem fotográfica e a historiografia sobre o Movimento de 1932, configurou-se no início do trabalho em um caminho contraproducente em relação aos propósitos estabelecidos. Principalmente por que tais correntes historiográficas fundamentavam suas interpretações em fontes e documentação de natureza muito diversa das fotografias aqui trabalhadas. Assim, após a criação do acervo documental, a intensão era muito mais proceder a uma avaliação prática das possibilidades e limitações da fotografia para a produção historiográfica do evento escolhido, do que uma profunda discussão sobre a bibliografia existente.

É também oportuno ao leitor, elucidarmos algo sobre o título do trabalho, que nem sempre conseguimos fazer com que se explique a si próprio. Quando optamos por: *Imagens construindo a história*, tínhamos em mente o propósito de passar a idéia que abrangesse, de um lado, a imagem fotográfica como um dos fatores instituintes do próprio evento histórico, ou seja, fazer ver como a fotografia, dentre outros elementos, também possui o poder de transformar o fato cotidiano em um acontecimento histórico. Em um texto bastante conhecido intitulado *O Retorno do Fato* o historiador francês Pierre Nora sintetiza bem a questão e seria interessante citá-lo:

A imprensa, o rádio, as imagens não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência. A publicidade dá forma à sua própria produção. Acontecimentos capitais podem ter lugar sem que se fale deles. É o fato de apreendê-los retrospectivamente que constitui o acontecimento. O fato de terem acontecido não os torna históricos. Para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido.⁵

O título procura evidenciar, por outro lado, a significativa contribuição da imagem fotográfica para a construção de uma memória histórica em seu próprio tempo, assim como, na qualidade de fonte historiográfica, mostrar de que forma a fotografia do passado - que sobreviveu ao longo dos anos enquanto artefato e documento - poderia ser utilizada pelos historiadores do futuro (ou seja, nós) para novamente (re)construir a história.

Quanto ao subtítulo: *A fotografia na difusão do imaginário constitucionalista de 32*, nossa intenção foi mostrar que, apesar de também atuar como um dos elementos formadores de opinião, enquanto um meio de comunicação de massa, a fotografia - como uma via de mão dupla - simultaneamente corroborava e propagava um imaginário redentor, ou seja, um ideal de salvação nacional, já existente no Brasil dos anos 1930.

Para que os objetivos propostos fossem cumpridos, o trabalho foi dividido em quatro capítulos, com a intenção de facilitar o entendimento por parte do leitor. Assim, no primeiro capítulo procuramos expor os aspectos mais marcantes da trajetória empreendida na construção do arquivo fotográfico. Da mesma forma, tentamos mostrar de maneira prática, os principais obstáculos técnicos que se apresentaram ao longo da pesquisa, bem como, algumas possibilidades e limitações dos caminhos metodológicos percorridos.

5 - NORA, Pierre. *O retorno do fato*. In: História: novos problemas. v.1. ©1974. Tradução por Theo Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. p.181.

Os três capítulos finais foram escritos principalmente a partir da análise das imagens fotográficas previamente reunidas e organizadas em forma de arquivo. Assim, através de uma observação empírica, as próprias imagens foram conduzindo a pesquisa e sugerindo opções temáticas. Entretanto, como já dissemos, o estudo não se limitou apenas a uma interpretação da documentação fotográfica. Simultaneamente e complementando as informações contidas nas imagens, também utilizamos todo um universo documental composto das mais variadas fontes escritas, depoimentos orais e registros sonoros.

Dentre os inúmeros aspectos temáticos fornecidos pelas fotografias, selecionamos três que nos pareceram sobressair em relação aos demais, não somente pela importância do evento que representavam, mas sobretudo, pela constância com que apareciam nas imagens, bem como pela força imagética e caráter de evidência documental que induziam a uma leitura nem sempre coincidente com as sugeridas pelos documentos escritos.

No capítulo dois, a ênfase recai na análise de algumas fotografias, praticamente desconhecidas do grande público, e que mostram surpreendentes acontecimentos que antecederam ao desfecho do Movimento Constitucionalista de 32. Já o terceiro capítulo visa apresentar as várias vertentes de temas que as imagens da grande mobilização da sociedade civil sugerem ao pesquisador. Dentre elas, poderíamos destacar a heterogeneidade do voluntariado em seus mais variados aspectos, principalmente, a participação das mulheres, crianças e operários.

Ainda dentro dessa perspectiva de um trabalho indutivo, o quarto capítulo revela ao historiador a grande importância de se possuir previamente um conhecimento técnico-metodológico específico que permita a utilização da fotografia enquanto fonte historiográfica. Utilizando-se tais recursos, foi possível emergir do Movimento de 32, uma fortíssima imagem de brasilidade bem pouco explorada pela historiografia predominante.

Outras questões não menos importantes serão tratadas ao longo do texto. Dentre elas, poderíamos destacar uma necessária introdução ao universo da fotografia, mostrando através de sua evolução tecnológica, como ela pode criar e modificar os padrões culturais vigentes, condicionando os hábitos e transformando os acontecimentos cotidianos em eventos históricos. Como também, a questão sempre presente da subjetividade ou objetividade da imagem fotográfica e seu aparente paradoxo de ser simultaneamente mística e científica.

Conduzidos pela própria leitura que esse universo imagético sugeria, procuramos desenvolver uma instrumentação metodológica e técnica que fornecesse os procedimentos práticos e operacionais para a recuperação das informações contidas em tais fontes visuais.



A TÉCNICA AUXILIANDO O HISTORIADOR

*A fotografia preserva para todo o sempre
uma fração finita do tempo infinito do
universo.*

Marvin Krone *

Uma vez delimitada a temática, com seus respectivos recortes de tempo e espaço, e constatado a inexistência de um arquivo fotográfico sobre a Revolução Constitucionalista de 32, nosso objetivo principal, nesse estágio da pesquisa, consistia na criação e organização de um acervo específico sobre o evento, e que pudesse reunir em um mesmo local e de forma prática e acessível ao pesquisador, uma grande quantidade de imagens fotográficas.

Iniciou-se, assim, um trabalho de garimpagem na busca de fotografias referentes ao movimento, entretanto, tais imagens encontravam-se espalhadas por todo Estado de São Paulo e até em outros Estados, na forma de reproduções em livros raros, revistas, jornais, cartazes e até mesmo fotografias originais. Praticamente não havia negativos e grande parte das imagens existentes não estavam em condições físicas de uma *leitura* direta. Além disso, a maior parte desse universo imagético não estava arquivisticamente ordenado e encontrava-se fragmentado em bibliotecas, museus, arquivos, alfarrábios, sociedades de veteranos, coleções particulares, porões e caixas de sapato.

A enorme quantidade de fotografias existentes, surpreendeu desde o início da pesquisa e superou todas as expectativas. Durante os seis meses que durou o trabalho de coleta, puderam ser encontradas cerca de 2.000 imagens (entre fotografias e representações gráficas), deste total, foram selecionadas e

*Apud Harold EVANS In: *Testemunha Ocular: 25 anos de História através de fotos jornalísticas*. São Paulo, Círculo do Livro, 1981.

reproduzidas por processo fotográfico de foto da foto, pouco mais de 650 fotografias. Os critérios utilizados na seleção baseavam-se, nesse momento, no maior ou menor grau de informação imagética (objetivas e subjetivas) que cada fotografia pudesse trazer, além do estado de conservação que apresentavam enquanto artefato.

Vale lembrar que, durante o processo de seleção das imagens, quanto maior for o conhecimento do pesquisador, não somente em relação ao evento estudado, mas também aos pormenores da tecnologia fotográfica empregada na época, assim como detalhes ínfimos que vão desde o vestuário dos anos 1930, até a identificação de marcas e modelos de automóveis e caminhões; maior será o grau de percepção imagética e acuidade na identificação de indícios, aparentemente invisíveis, porém presentes na imagem e de enorme valia para um historiador atento.

No entanto, como já dissemos, boa parte desse universo fotográfico não se encontrava em condições físicas para uma imediata análise e interpretação pelo historiador. Mesmo dentre as fotografias que se encontravam relativamente bem conservadas, muitas apresentavam um avançado estágio de esmaecimento da imagem, que dificultava a observação de detalhes icônicos extremamente importantes como nomes de ruas, praças e estabelecimentos comerciais.

Além disso, não estávamos trabalhando somente com fotografias e as imagens impressas em jornais, livros, cartazes e revistas da época, traziam as mesmas dificuldades de leitura, principalmente pela baixa qualidade do papel e técnicas rudimentares de *clichéria*, ainda utilizadas por algumas editoras paulistas em 1932, apesar de já existirem processos gráficos de alta qualidade em *rotogravura*, empregados principalmente pelos jornais O Estado de S. Paulo e A Gazeta.⁶

⁶ **NOTA:** **Clichê:** placa fotomecanicamente gravada em relevo sobre metal, usualmente zinco, para impressão de imagens por meio de prensa tipográfica. **Rotogravura:** processo de heliogravura destinado a tiragem em prensa rotativa, e no qual a gravação da imagem se faz em placas de cobre, depois encurvadas para adaptação aos cilindros.

Precisávamos encontrar algum procedimento técnico que, de alguma forma, melhorasse a qualidade das imagens durante o trabalho de reprodução, pois, somente visíveis, possibilitariam uma análise eficiente. No entanto, a bibliografia técnica relativa à conservação e restauro de documentos fotográficos, bem como sobre a criação e organização de acervos, é, notadamente em língua portuguesa, muito restrita. Da mesma forma, ainda são poucos os estudos acadêmicos mais aprofundados que abordam especificamente a questão.

Dispúnhamos, portanto, como material básico para consulta bibliográfica, de apenas alguns artigos mimeografados, folhetos impressos e pequenos manuais técnicos. Também é interessante salientar que, praticamente a totalidade desses trabalhos, foram publicados no Brasil durante o período que vai do final dos anos 1970 ao início dos anos 1980, possíveis graças ao *Programa Nacional de Preservação e Pesquisa da Fotografia*, patrocinado e criado pelo Instituto Nacional da Fotografia, vinculado à Fundação Nacional de Arte - Funarte.

Abrindo parêntese para uma rápida pesquisa técnico-bibliográfica, dentre as poucas pesquisas publicadas na área, deve-se destacar o trabalho da Fundação João Pinheiro que editou em forma de manual prático, os resultados obtidos na realização de um projeto que resgatava a memória fotográfica, na região sul do Estado de Minas Gerais.⁷ O estudo aborda de uma maneira prática e bastante interessante, aspectos referentes à organização e arquivamento de acervos fotográficos, quanto a sua climatização, limpeza e manuseio, estabilização de cópias e negativos, bem como catalogação e indexação do material fotográfico.

7 - FUNDAÇÃO João Pinheiro-Universidade Federal de Minas Gerais. *Manual de Orientação para Preservação de Acervos Fotográficos*, Belo Horizonte, 1985, 43p.

Quanto aos processos de reprodução, restauração e recuperação de fotografias antigas, as pesquisas de João Sócrates de Oliveira do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, demonstram novas técnicas alternativas que podem ser utilizadas com êxito, em países de clima tropical, onde a umidade relativa do ar e a temperatura atingem níveis elevados.⁸ Outras informações sobre diferentes métodos de arquivamento, catalogação e indexação, assim como técnicas de preservação fotográfica, foram encontradas em mais alguns artigos e folhetos citados na bibliografia.

Fica, portanto, evidenciado que a grande lacuna ainda existente nas pesquisas direcionadas ao estudo da fotografia como fonte histórica, é justamente quanto ao aspecto técnico-operacional dos métodos de reprodução e restauração do material fotográfico, como também, as múltiplas formas de catalogar, indexar e arquivar um acervo fotográfico. O conhecimento básico destes procedimentos são para o historiador, que pretende trabalhar com imagens fotográficas, pré-requisitos indispensáveis para sua futura utilização como documentação histórica.

Dentre os processos técnicos de reprodução e restauro de fotografias antigas, que pudemos encontrar nos manuais, selecionamos três métodos para utilização empírica na organização de nosso acervo, os quais, a título de contribuição para a pesquisa histórica, gostaríamos de expor sinteticamente.

O primeiro deles, que acabou por tornar-se o mais empregado durante a criação do arquivo, baseia-se no princípio da alteração das tonalidades de cinza pelo uso de filtros coloridos. Explicando melhor, como os filmes fotográficos branco e preto registram o mundo em tons de cinza, alguns

8 - OLIVEIRA, João Sócrates de. *Manual Prático de Preservação Fotográfica* Coleção Museu e Técnicas, São Paulo, Museu da Ind. Com. e Tecnologia, 1980.

contrastes entre as cores naturais quase não são discerníveis em uma fotografia. O olho humano facilmente distingue, por exemplo, maçãs vermelhas contra um fundo de folhas verde-escuras. Quando, porém, fotografadas em branco e preto, tanto as maçãs como as folhas são reproduzidas em tons cinza praticamente idênticos.

O mesmo fenômeno ocorre quando fotografamos nuvens brancas contra um céu azul. O filme é tão sensível ao azul do céu e ao ultravioleta, que mesmo um céu azul-escuro provoca tanta exposição quanto a cor branca; assim, as nuvens ficam indistinguíveis do céu.

Os filtros (vidros circulares coloridos adaptados à frente da objetiva da máquina fotográfica) são utilizados, então, para permitir uma separação de cores que se aproxime do contraste natural. Como sabemos, os objetos adquirem determinada cor porque eles refletem apenas uma parte da luz branca - a soma de todas as cores visíveis - e absorvem outra. Também os filtros absorvem algumas cores deixando passar outras.

Assim, para reproduzirmos com filme branco e preto, uma fotografia antiga que esteja esmaecida e com coloração acentuadamente amarela ou sépia, devemos utilizar um filtro colorido para bloquear a passagem de certas cores (tornando-as mais escuras, isto é, menos expostas no filme), e permitir a passagem de outras (deixando-as mais claras, ou seja mais expostas). Dessa maneira, conseguimos acentuar o contraste e a definição da imagem, tornando possível a leitura de indícios até então praticamente invisíveis ao pesquisador.

Lamentavelmente não existem regras fixas ou tabelas que informem qual a melhor cor ou densidade ideal do filtro que devemos empregar em cada caso, e a única forma de obtermos sucesso é através da experimentação. Em nosso caso, entretanto, obtivemos bons efeitos empregando um filtro amarelo

de alta densidade, para clarear as áreas brancas (amarelecida). Para intensificar o contraste das áreas escuras (marrom, ocre ou sépia), utilizamos um filtro azul normal. Excelentes resultados também foram obtidos na reprodução de imagens amarelecidas de jornais e revistas antigas.

As imagens originais reproduzidas, eram constituídas em sua maioria, por fotografias cujo *substrato adesivo* era a gelatina (material depositado sobre o papel fotográfico, cuja função é reter os sais de prata sensíveis à luz), que por ser uma substância orgânica é altamente perecível através do ataque de fungos, bactérias e pela oxidação. Algumas fotografias encontradas, surpreendentemente, ainda utilizavam um substrato adesivo muito mais frágil e vulnerável de uso comum até o início do século XX, denominado de *albúmem* ou *albumina* (clara de ovo batida).

A maioria das fotografias estudadas, apresentavam indícios de degeneração no substrato adesivo e na imagem de prata, assim como notava-se as marcas da oxidação (cor fortemente ocre) e a presença de *esporos* (fungos); além disso, apresentavam um forte esmaecimento da imagem de prata, produzido, provavelmente, por resíduos de *hipossulfito de sódio* não removidos do suporte durante o processamento.⁹ Esse é o tipo mais comum de deterioração da imagem fotográfica dos originais dessa época.

Na tentativa de solucionar os casos mais graves das imagens fotográficas danificadas quimicamente, empregamos uma segunda técnica de restauro denominada *intensificação da prata*. Tal processo baseia-se no fato de que o esmaecimento da imagem de prata ocorre pela transformação desta em *sulfeto* ou *sulfato* de prata (sais castanhos ou amarelados). Esse método

⁹ **NOTA:** Principal componente do banho fixador, que remove, após a revelação, os *haletos ou halogenetos* de prata (designação química genérica dos fluoretos, cloretos, brometos e iodetos) que não foram sensibilizados durante a exposição do filme à ação da luz.

transforma estes compostos novamente em haletos de prata fotossensíveis. Assim, após essa operação, quando novamente exposta à ação da luz, a fotografia antiga original assume o mesmo comportamento dos papéis fotográficos novos no momento da impressão na câmara escura, bastando, em seguida, revelar-se a imagem latente para se obter uma imagem intensificada, assumindo de volta seu aspecto original em preto e branco.

Aparentemente, os fotógrafos dessa época ainda não compreendiam bem a grande importância de se lavar com água corrente as fotografias, para remover todos os resíduos químicos não utilizados, ou talvez, o processo de fixação da imagem fosse inadequado. Essa falha conduzia à retenção de químicos ainda em processamento, que com o tempo se decomporiam ou reagiriam com a luz, escurecendo o fundo e enfraquecendo a imagem. Tal defeito é perceptível em todas as fotografias mais antigas que se tornam amarelas e pálidas.

O processo, demonstrado a seguir, foi desenvolvido por Eugene Ostroff, curador de fotografia do Instituto Smithsonian de New York, tendo como finalidade o fortalecimento da imagem esmaecida de fotografias antigas originais. Esse método suplementa a prata já presente na imagem, após uma série de banhos que removem tantos resíduos químicos quanto possível, incluindo a prata não revelada.

Quatro soluções *estoques* (concentradas) entram no banho de restauração. O banho é uma fórmula do intensificador de prata *Kodak IN-5* ou *Dupont 3-1*, que é composto por produtos químicos padrão para uso fotográfico, usado normalmente para aumentar o contraste das imagens fracas. Também são utilizados outros materiais comuns de laboratório, como agente *hipo-limpante* (substância que retira o *hipossulfito de sódio*), cinco bandejas de processamento e um tanque para banho com sifão, para manter a água em circulação.

Na preparação para o método de intensificação da prata, a fotografia é primeiramente copiada pelo processo de reprodução demonstrado anteriormente (foto da foto com o uso de filtros), para que se possa garantir a preservação da imagem, no caso de ocorrer algum acidente. Feita a cópia, a foto original é então mergulhada em vários banhos de lavagem e fixação antes de se utilizar as quatro soluções concentradas do banho de intensificação. A lavagem em água corrente e o banho fixador, tem a finalidade de limpar a superfície suja da fotografia e também remover os componentes químicos sensíveis à luz, com os quais o banho intensificador da prata poderia reagir e causar danos.

As quatro soluções estoques podem ser preparadas anteriormente, porém sua mistura final deve ser feita somente pouco antes do uso, já que a solução permanece ativa por apenas 30 minutos. As fórmulas usadas para as quatro soluções são as seguintes: (o material é encontrado em lojas especializadas em produtos fotográficos profissionais).

Solução nº 1:

Nitrato de Prata (cristais)62 g
 Água Destilada1.000 ml

Solução nº 2:

Sulfito de Sódio (desidratado).....62 g
 Água Destilada1.000 ml

Solução nº 3:

Tiosulfato de Sódio ou
 Hipossulfito de Sódio.....108 g
 Água Destilada1.000 ml

Solução nº 4:

Sulfito de Sódio (desidratado).....5 g
 Agente Revelador (Elon, Metol ou Rhodol)8 g
 Água Destilada1.000 ml

Para se preparar o banho intensificador de prata, suficiente para restaurar uma fotografia em uma bandeja média (30 x 40 cm), essas quatro soluções concentradas devem ser misturadas na seguinte ordem:

A) Uma parte de Solução nº 2 é adicionada em uma parte de Solução nº 1, e misturada até que apareça um *precipitado* (cristais) de coloração branca.

B) Este precipitado é, então, dissolvido pela adição de uma parte de Solução nº 3, deixando esta mistura em descanso por alguns minutos até que se torne límpida.

C) Feito isso, três partes de Solução nº 4 deve ser adicionada em agitação constante, à essa mistura já preparada, onde então, tudo é despejado em uma única bandeja, onde será realizado o banho intensificador.

Por ser a fórmula do intensificador de prata usada também para filmes modernos, sua ação em fotografias antigas (geralmente reproduzidas em papel mais fino e algumas até coladas em cartão), deve ser acompanhada com muito cuidado. O resultado desejado de um escurecimento de tons da imagem, deverá ser atingido em um tempo não superior a dez minutos. Se for deixada em imersão por mais tempo, a prata pode começar a se fixar sobre as áreas mais claras da foto, arruinando a restauração.¹⁰

10 - OSTROFF, Eugene. LIFE Library of Photography *Caring for Photographs: display, storage & restoration*. New York, Time-Life Books, 1972, p. 26-33.



1) Fazer uma cópia para garantir o original, em caso de problemas na restauração.



2) Dar um banho de água por 20 minutos, em recipiente com sifão p/ remover a sujeira. A circulação da água deve ser lenta p/ proteger o papel velho e frágil.



3) Banhar a foto em Fixador, para dissolver a prata não revelada, por 6 a 10 minutos, agitando a bandeja de forma a manter a homogeneidade.



4) Um banho em água por 1 a 2 minutos, na bandeja c/ sifão, p/ remover o fixador e a prata dissolvida da foto.



5) Antes da lavagem final a foto é banhada sob agitação constante em solução de agente hypo-limpante por 5 minutos.



6) Em água corrente através do sifão, a foto é lavada por 10 minutos.



7) Enquanto a foto está sendo lavada, as quatro Soluções Estoque são combinadas para fazer o Intensificador IN-5, que é então, despejado numa bandeja.



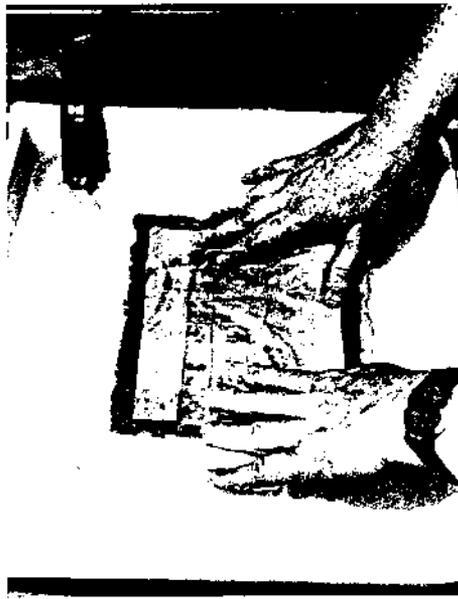
8) Colocar a foto no Intensificador e agitar de forma a atingir todas as partes da imagem.



9) Checando o processo, remover a foto quando a imagem for forte o suficiente, e depois, lavar abundantemente em água corrente.



10) A foto Intensificada é Fixada em Fixador comum por 2 minutos, seguido de banho de 2 minutos em agente Hypo-limpante.



11) Um banho final e acurado em água corrente por 30 minutos, remove todos os traços remanescentes de químicos usados na Restauração.



12) Para prevenir a foto do enrugamento, colocá-la entre material fotográfico absorvente, o que permite a secagem lenta por várias horas.

Entretanto, para a recuperação da leitura, ou seja, da qualidade da imagem das fotografias à base de albúmem (processo mais antigo que a gelatina), pouco se pode fazer nos países de clima tropical, como é o caso do Brasil. Isso, porque a *hidrólise* (decomposição de uma substância pela água de maneira que apareçam novas moléculas) dos substratos adesivos desse tipo é violentíssima, provocando pontos de desagregação ou de agregação tênue, entre o suporte (papel) e o substrato (clara de ovo ou albumina).

Na maioria dos casos, tal fenômeno impede que se submeta a matriz fotográfica original aos meios líquidos, dificultando o emprego do processo acima descrito. No entanto, essa técnica é largamente utilizada nos países de clima temperado, onde a umidade relativa do ar, bem como a temperatura ambiente são mais baixas e, conseqüentemente, a hidrólise é mínima.

Tal limitação levou o fotógrafo e pesquisador João Sócrates de Oliveira ao desenvolvimento de uma terceira solução alternativa de revitalização da imagem fotográfica, para esses casos. O processo por ele utilizado consiste em se reproduzir a imagem esmaecida utilizando-se luz ultravioleta e um filme fotográfico com sensibilidade exagerada a essa faixa de comprimento de onda. A radiação ultravioleta produz um fenômeno de fosforescência no substrato adesivo, tornando-o mais claro do que aparentemente é, contudo, sem clarear a imagem, independente do grau de esmaecimento. O que se obtém com esse processo é uma intensificação da imagem visível bem superior aos processos convencionais.¹¹

Após o trabalho de reprodução de pouco mais de 650 fotografias, o passo seguinte foi a catalogação das imagens. Todos os dados que puderam ser encontrados em outras fontes referentes a cada fotografia foram ordenados por meio de uma numeração foto-negativo e vinculados à imagem correspondente. Dessa forma, o processo de recuperação das informações verbais (escritas ou orais), tornou-se bastante ágil no momento de analisar as fontes visuais.

11 - OLIVEIRA, João Sócrates de. *Manual Prático de Preservação Fotográfica* op. cit. p. 4.

O trabalho prático de utilização das fotografias como fontes históricas iniciou-se, em sua primeira fase, com uma simples descrição das imagens em seus elementos gráficos, enfim, o que elas visivelmente mostravam, sem necessidade de maiores detalhamentos. Por meio de tal observação, foi possível separar todas as fotografias em várias vertentes temáticas, que posteriormente foram reunidas em grupos principais. O aprofundamento da análise e uma tentativa de interpretação dessas imagens fotográficas, naturalmente constitui a espinha dorsal desse trabalho e serão expostos ao longo dos outros capítulos.



Todo acervo fotográfico de caráter histórico deve ser preservado de forma íntegra e coesa, evitando-se qualquer desmembramento durante o processamento, pois, normalmente, é o conjunto de imagens que caracteriza a sua importância. Tratando-se, então, de originais fotográficos, toda atenção e cuidados especiais devem ser dispensados, pois são eles os artefatos, as fontes primárias de época, e, portanto, de máxima utilidade para a pesquisa historiográfica.

Uma vez que detêm um conjunto de dados preciosos para a comunidade, tais arquivos fotográficos, nunca devem ser fechados ao uso do público interessado. Entretanto, é necessário que o acesso ao documento fotográfico seja feito depois de executadas todas as etapas do processo de preservação, ou seja, reprodução, restauro, arquivamento, catalogação e indexação, através de critérios rígidos e cuidadosos que protejam este material extremamente sensível.

As regras básicas de manuseio devem ser estabelecidas pela própria entidade ou pessoas responsáveis pela guarda do acervo, de forma a permitir o equilíbrio necessário entre o uso e a conservação da fotografia. Sugere-se que cada instituição ou pesquisador crie um conjunto de normas mínimas de consulta ao seu acervo, bem como destine uma área espaçosa que permita o manuseio adequado dos originais.

A reprodução fotográfica dos originais é também uma medida de preservação e veiculação do acervo, à medida que gera cópias contemporâneas para consultas, reduzindo o manuseio do original. Entretanto, não se deve supor que, simplesmente a cópia de fotografias antigas venha solucionar os problemas de preservação de um acervo, pois as reproduções contemporâneas sofrem as mesmas condicionantes que as fotografias originais, isto é, estão também sujeitas aos fatores internos e externos que determinam sua permanência e estabilidade. Tal procedimento, portanto, não deve substituir o original fotográfico de um arquivo, mas funcionar como elemento integrante do processo de preservação desse acervo.

Muitas vezes, porém, a falta de recursos técnicos e humanos, aliada ao alto custo do material fotográfico, impede que as instituições reproduzam todas as fotos que integram seus arquivos. Neste caso, deve-se selecionar os exemplares em estágio avançado de deterioração para a imediata reprodução, de forma a preservar a informação ainda existente no original.

Para coleções de negativos em base flexível ou suporte rígido de vidro, recomenda-se a reprodução de cópias por contato, em papel, para consulta e arquivamento (modelo na próxima página). As reproduções devem ser processadas para longa permanência e terem uma margem branca de no mínimo 2,5 cm em toda volta, destinada a evitar contato manual com a imagem fotográfica e permitir eventuais testes químicos de permanência.

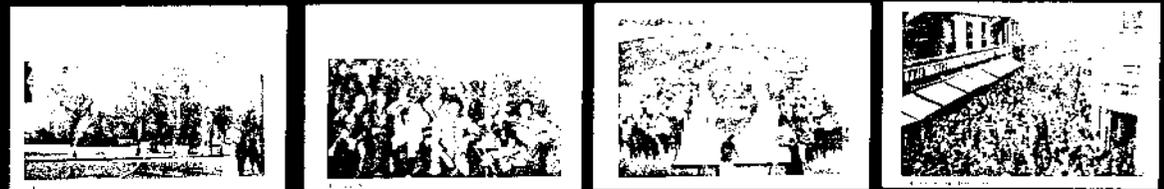
10-5 KODAK 10 GOLD 100-5 11 100-5 KODAK 12 GOLD 100-5 13 14



15 100-5 KODAK 16 GOLD 100-5 17 100-5 KODAK 18 GOLD 100-5 19 100-5 KODAK 20 GOLD 100-5 21 10



22 GOLD 100-5 23 100-5 KODAK 24 GOLD 100-5 25 100-5 KODAK 26 GOLD 100-5 27 100-5 KODAK 28 GOLD 100-5 29 10



30 GOLD 100-5 31 100-5 KODAK 32 GOLD 100-5 33 100-5 KODAK 34 GOLD 100-5 35 100-5 KODAK 36 GOLD 100-5 37 10



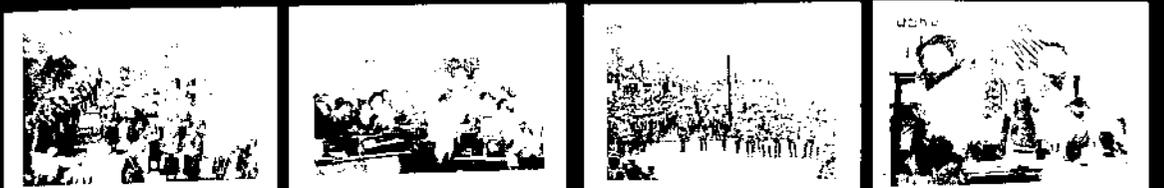
38 GOLD 100-5 39 100-5 KODAK 40 GOLD 100-5 41 100-5 KODAK 42 GOLD 100-5 43 100-5 KODAK 44 GOLD 100-5 45 10



46 GOLD 100-5 47 100-5 KODAK 48 GOLD 100-5 49 100-5 KODAK 50 GOLD 100-5 51 100-5 KODAK 52 GOLD 100-5 53 10



54 GOLD 100-5 55 100-5 KODAK 56 GOLD 100-5 57 100-5 KODAK 58 GOLD 100-5 59 100-5 KODAK 60 GOLD 100-5 61 10



62 GOLD 100-5 63 100-5 KODAK 64 GOLD 100-5 65 100-5 KODAK 66 GOLD 100-5 67 100-5 KODAK 68 GOLD 100-5 69 10

Na organização de um acervo fotográfico é necessário não confundir preservação de fotografias com o seu simples armazenamento, pois um processamento técnico inadequado, ainda que bem intencionado, pode provocar ou acelerar a deterioração do material fotográfico. Naturalmente, deve-se levar em consideração que os tratamentos mais complexos de reprodução, restauração e estabilização dos originais fotográficos, envolvem o conhecimento e a orientação de um profissional especialista para que possam ser devidamente executados.

As medidas propostas a seguir, se referem à organização dos originais fotográficos no acervo, que consiste em quatro fatores principais de proteção: 1) climatização da área do acervo. 2) limpeza e manuseio das fotografias 3) estabilização-arquivamento do material fotográfico. 4) catalogação e indexação do arquivo de imagens.

Os índices aceitáveis de temperatura e umidade relativa na área de arquivamento das fotografias deverão ser abaixo de 21°C e 30-50 % UR (umidade relativa). Toda instituição mantenedora de um acervo fotográfico de relevante significado histórico e cultural deve buscar meios para atingir estes parâmetros de climatização, pois as condições prevalecentes em várias regiões do País, durante a maior parte do ano, são excessivamente úmidas e quentes, causando a aceleração da deterioração da imagem, bem como provável proliferação de fungos.

Soluções para pequenas áreas de arquivo são possíveis utilizando-se equipamentos de ar condicionado (residencial) e desumidificadores de ar ambiente. Os invólucros protetores de plástico somente são adequados se utilizados em condições de umidade relativa abaixo de 50%, pois em situações de umidade mais elevada podem reter a umidade dentro do envelope, o que é prejudicial para a fotografia.

No momento em que se pretende manusear e fazer uso do documento fotográfico, deve-se ter consciência de que qualquer interferência sobre a matriz comprometerá sua durabilidade, conservação e fidedignidade. Assim, quebra de negativos em suporte de vidro, dobraduras e vincos em fotografias sobre papel, manchas de tintas e marcas de escrita sobre a emulsão, são deteriorações e danos físicos irreversíveis sofridos pela fotografia, que comprometerão para sempre a sua leitura.

Existem, contudo, procedimentos mínimos, simples e não muito onerosos, a serem adotados pelo pesquisador para o manuseio das matrizes fotográficas (sejam fotografias em papel ou negativos) que possibilitarão resultados iniciais bastante satisfatórios nos arquivos:

- a) **Não** usar grampos ou cliques, sobretudo metálicos, nas fotografias ou negativos.
- b) **Não** escrever em fotografias usando caneta ou tinta de qualquer espécie. Sendo necessário, escrever somente a lápis macio no verso, procurando adicionar o mínimo possível de informações, de preferência somente o número (código) para catalogação.
- c) **Não** usar fita adesiva, cola ou etiqueta gomada sobre fotografias, frente ou verso, e nem mesmo sobre envelopes que contenham fotografias.
- d) **Não** colocar os dedos sobre fotografias ou negativos.
- e) **Evitar** a presença de químicos residuais nas fotografias, oriundos de processamento fotográfico inadequado.
- f) **Não** guardar o material fotográfico em ambiente que receba luz solar direta sobre o arquivo, calor ou umidade, como sótão e porões.
- g) **Manter** limpa a área de arquivamento do material fotográfico, evitando poeira, insetos e fungos.

A proteção da matriz fotográfica em papel é assunto difícil e polêmico, pois vem de encontro à carência, e mesmo inexistência, no mercado nacional, de materiais adequados e específicos para esta função. Não é o caso, entretanto, de pormenorizar ou discutir esta questão, mas sim apresentar alternativas possíveis e acessíveis, mesmo que não ideais. Assim, as sugestões abaixo não pretendem ser definitivas, estando sujeitas a alterações com o aparecimento de soluções mais modernas e devendo ser adaptadas de acordo com as especificidades de cada arquivo. Dois procedimentos podem ser adotados na embalagem individualizada da fotografia em papel:

a) uso de envelopes confeccionados à base de dobraduras, sem cola, em papel manteiga branco; estes envelopes são ideais na maioria dos casos de proteção, pois não retêm umidade, não apresentam cor ou cola, se adaptam a qualquer tamanho e são de baixo custo.

b) uso de envelopes de plástico utilizados nas seladoras para embalagem de alimentos congelados, confeccionados um a um de acordo com o tamanho desejado; este processo apresenta inconveniência nos casos de arquivos sujeitos à umidade, mas são muito eficientes na proteção de fotografias históricas em arquivos com área climatizada.¹²

Paralelamente ao trabalho de proteção, a fotografia deve receber seu número de identificação contido na *Ficha de Identificação do Documento Fotográfico*, registrado no verso e canto superior esquerdo, a lápis, de leve, e lançado também da mesma maneira na frente do envelope de papel-manteiga (no caso de plástico sua transparência permite enxergar o número lançado no verso da foto).

Restaria, então, proceder à guarda do material em grupo de 10 a 15 fotografias, aproximadamente (variando este número de acordo com o tamanho, em pastas suspensas, plastificadas, com fundo sanfonado e hastes também plastificadas). O arquivamento das pastas é simples, bastando respeitar a numeração seqüencial. Por exemplo, a primeira pasta conterá as fotos nº 001 a 010; a segunda, de 011 a 020, e assim sucessivamente, sendo devidamente identificadas com etiquetas na frente.

12 NOTA: Este tipo de material plástico é fabricado pela EDÉA Plástico Embalagens Ltda. Av. Embargador Macedo Soares, 1037 - São Paulo, SP Tel. 261-2811. Telex (011) 25-826. (Seladora - aparelho eletro-doméstico fabricado pela *Lorenzetti* e pela *Arno*).

O arquivo deve ser de aço, com pequenos orifícios nas gavetas e nos lados para propiciar a circulação do ar. Recomenda-se que estes orifícios externos sejam providos de filtro (tela fina de nylon) para impedir a entrada de insetos e poeira, também as gavetas devem ter os rolamentos sem lubrificantes. As fotografias maiores podem ser guardadas em caixas de *portfolio* (cartão neutro de celulose de boa qualidade) horizontalmente em armários ou mapotecas de aço.

Se a fotografia se encontra originalmente montada em álbum, moldura ou cartolina, assim deve ser conservada, recebendo também uma numeração registrada a lápis na lateral ou verso, conforme o caso. Aconselha-se nunca cortar ou descolar a fotografia, pois, inevitavelmente, sofrerá danos irreparáveis. Da mesma forma, os álbuns e cartolinas devem ser guardados com proteção em arquivos de aço.

Quanto aos negativos em base flexível, podem ser de três categorias: filmes de *nitrato de celulose*, filmes de *tracetato de celulose* e filmes de *poliéster*. Os filmes de tracetato de celulose e de poliéster são estáveis e não deterioram. Já os filmes de nitrato de celulose são instáveis, altamente inflamáveis e se auto-degradam. Acervos contendo quantidades significativas de filmes de nitrato de celulose em decomposição exalam um odor característico. Os filmes apresentam-se quebradiços, amarelados e em vários estágios de deterioração da imagem. Estes devem ser separados do restante do acervo e imediatamente duplicados, pois podem se deteriorar rapidamente e, ao mesmo tempo, liberarem gases que atacam os demais materiais.

O arquivamento destes negativos pode ser bastante similar ao arquivamento de fotografias em papel. Utilizam-se também envelopes de plástico para seladora ou porta-negativos plásticos de polietileno e polipropileno, guardados em pastas suspensas em arquivos de aço. Para identificação dos negativos de rolo sugere-se as informações referentes ao filme sejam escritas em papel de boa qualidade e inseridas na primeira abertura do porta-negativo.

Os negativos em vidro requerem extremo cuidado no manuseio e devem ser guardados verticalmente (exceto chapas acima de 20 x 25 cm que devem ser guardadas horizontalmente), envoltos em envelopes de papel-manteiga ou plástico de seladora de alimentos e guardados em caixas rígidas de metal contendo espaçadores a cada 10 negativos, considerando 40 a 50 negativos por caixa. Estas caixas são guardadas em armário de aço fechado com portas e podem ser substituídas por pastas plásticas rígidas e brancas.

Quando surgirem em um acervo processos fotográficos de difícil identificação, apresentando peculiaridades físicas que impeçam ser incorporados ao sistema principal de arquivamento, estes devem ser catalogados e condicionados em local separado dentro da área do arquivo. É o caso, por exemplo, de daguerreótipos e ferrótipos. O mesmo procedimento deve ser adotado para objetos que necessitam de cuidados especiais de conservação, como, por exemplo, negativos de vidro trincados ou quebrados, fotos rasgadas ou extremamente frágeis. Dessa forma, estes objetos, que necessitam da atenção de um especialista, estarão estabilizados e não interferirão no funcionamento normal do acervo.

Por último, no caso de utilizarem-se as fotografias em mostras e exposições públicas, é necessário tomar alguns cuidados, como: as molduras devem ser de vidro com perfil de alumínio; o *passe-partout* deve ter uma espessura razoável, para evitar que a fotografia entre em contato com o vidro frontal, e ser de papel livre de ácido; deve-se evitar o uso de cola e, se necessário, utilizar adesivo neutro. A iluminação deve ser feita com lâmpadas incandescentes de no máximo 60 watts, colocadas a uma distância de, no mínimo, 1,50 metro da fotografia.

Qualquer iniciativa de preservação de acervos fotográficos não pode prescindir da etapa de catalogação e indexação, com sérios riscos de comprometer todo o trabalho anterior de reprodução, restauração, organização e arquivamento do material.



O passo seguinte foi a catalogação das imagens reproduzidas. Todos os dados que puderam ser encontrados em outras fontes referentes a cada fotografia foram informatizados, ordenados e vinculados por meio de uma numeração foto-negativo à imagem correspondente. Dessa forma, o processo de recuperação das informações verbais (escritas ou orais), tornou-se bastante ágil no momento de indexar todo o arquivo.

Uma consulta direta e constante à fotografia ou negativo, inevitavelmente comprometerá a conservação deste material. Por outro lado, é preciso criar condições para que estes acervos sejam amplamente utilizados pelo público interessado. A catalogação e a indexação dos acervos fotográficos resolvem este impasse, sem apresentar grandes dificuldades e custos. Pois, apesar de ser função de um profissional de biblioteconomia, pode sofrer simplificações, permitindo que outros profissionais, dentre eles os historiadores, venham a desenvolvê-la, bastando um trabalho sistemático e atento.

A orientação e o modelo apresentados para desenvolvimento das tarefas de catalogar e indexar o arquivo, partem de nossa experiência obtida ao longo da pesquisa e, naturalmente, poderão sofrer reavaliações e adaptações. Os recursos materiais que utilizamos foram poucos e simples: um microcomputador AT 386 DX-40, com 8 Mb de memória RAM e disco rígido de 425 Mb. Também empregamos um Scanner de mão branco & preto com 256 tons de cinza para capturar as imagens, uma impressora à laser e o *Software "rev32"* projetado especificamente para esse trabalho.

Título/Legenda: qualquer descrição registrada originalmente na matriz fotográfica. As descrições feitas posteriormente sobre a foto ou contidas em sua moldura não são consideradas título.

Filme/Negativo: cada matriz receberá um número seqüencial de acordo com o número do filme usado na reprodução e seu respectivo número do negativo em cada filme. Este número também deverá ser colocado no verso da foto, a lápis e de leve, e repetido no envelope que a contém.

Dia, Mês e Ano: que a foto foi tirada. No caso de não haver uma datação precisa, é importante, se possível, registrar alguma data aproximada, utilizando-se a seguinte técnica:

190? - datação referente ao período de 1900 a 1909.

1910-15 - datação entre os anos de 1910 a 1915.

c 1930 - datação aproximada (cerca de) 1930.

Local: localização geográfica onde a foto foi feita e não onde se encontra atualmente.

Campo Reticulado: neste campo deverá ser lançado o dia, mês e ano, que a fotografia deu entrada no acervo, ou foi reproduzida.

Autor/Colecionador/Editor: nome o mais completo possível do fotógrafo, colecionador, editor ou estabelecimento comercial, quando identificado.

Publicação Original: Nome, Data e Local do Jornal, Revista ou Livro que primeiro publicou a imagem fotográfica.

Histórico: deve-se constar um pequeno histórico da foto, proveniente de sua leitura, de anotações por acaso nela contidas, descrição minuciosa do selo do fotógrafo e de informações prestadas por quem tenha condições de identificar os eventos, objetos ou pessoas registradas.

Publicação da Cópia: assinalar os dados bibliográficos completos da obra que publicou a fotografia em segunda mão. (Livro, Revista, Jornal, Tese)

Suporte/Técnica: assinalar com qual o tipo de suporte ou técnica da matriz, tanto para negativo, como para positivo. (celulose, papel/clichê, rotogravura)

Cromia: assinalar se Branco & Preto, Sépia, Colorido.

Dimensões: medida precisa da foto (negativo ou positivo), não devendo ser considerada a moldura, margens. (em cartolina ou outro material qualquer).

Descritores: transformação do histórico da fotografia em palavras-chave que sintetizam o conteúdo da imagem.

Após o completo preenchimento, individual para cada fotografia, da Ficha de Identificação do Documento Fotográfico na tela do Banco de Dados, o trabalho de indexação da imagem, ou seja, a elaboração de um índice remissivo dos descritores que serão utilizados para localizar as imagens fotográfica no arquivo por tema ou assunto, será automaticamente realizado pelo computador, eliminando por completo todo o lento trabalho de confecção das fichas *Unitermo* em fichários de aço.

Para se obter, dentre os vários descritores que se encontram em cada ficha, aquele que melhor sintetize a descrição da imagem fotográfica, deve-se escolher sempre a palavra mais expressiva. Por exemplo: entre (enfermeiras, costureiras, mulher-soldado, coletoras) escolher PARTICIPAÇÃO FEMININA. Entre (metralhadora, canhão, capacete de aço) escolher MATERIAL BÉLICO. Este processo exige um controle rígido dos descritores. Assim, sugere-se que seja feita uma lista geral dos termos a serem usados mais freqüentemente como descritores, para evitar palavras sinônimas.

Finalmente, o usuário para ter acesso às imagens do acervo, recorrerá primeiro ao banco de dados informatizado, localizando por meio das palavras e temas de seu interesse, as Fichas de Identificação do Documento Fotográfico, onde encontrará todos os dados e descrições minuciosas das fotografias referentes aos assuntos pesquisados, bem como uma cópia da imagem, digitalizada por meio de um *Scanner*, que também aparece na tela. Após a consulta e seleção das fotos, terá acesso, por meio do número Filme/Negativo da ficha, ao arquivo das matrizes fotográficas (fotografias originais em papel ou negativos) para análise e interpretação direta ou pedido de cópias, ao laboratório fotográfico.





Para melhor situar o leitor teoricamente na questão da análise e interpretação da imagem, gostaríamos de expor retrospectivamente alguns aspectos que consideramos fundamentais para a compreensão do caráter inerente da objetividade fotográfica e sua conseqüente elevação ao *status* de documento histórico.

O conhecimento básico da *Camara Obscura*, remonta à antiguidade, e como indica seu próprio nome latino, significa uma habitação totalmente escura com apenas um pequeno orifício em uma de suas paredes, através do qual se projeta uma imagem invertida da vista exterior sobre a parede oposta, tal fenômeno, também era conhecido como *Magiae Naturalis*. O que faltava era apenas uma maneira efetiva de fixar essas imagens produzidas pela natureza na câmara obscura. Assim, bem mais que uma invenção, a fotografia vem surgindo como um lento e gradativo processo de descoberta, no qual participaram ao longo dos séculos vários estudiosos e pesquisadores de diversas áreas e países, espalhados por, no mínimo, três diferentes continentes, inclusive no Brasil, e que veio somente consolidar-se entre as décadas de 1820-1830.¹⁴

A data oficial de seu nascimento ficou sendo 19 de agosto de 1839, ocasião em que foram revelados publicamente os detalhes do primeiro método prático de fotografia, conhecido como *Daguerreótipo*, em uma reunião conjunta das Academias de Ciências e Belas Artes, no Instituto de França. Atualmente, a fotografia está incorporada de maneira tão natural no nosso cotidiano, que torna-se difícil compreender o deslumbramento que causava para os contemporâneos de Daguerre a idéia mágica de que era possível fazer com que a natureza produzisse espontaneamente uma representação gráfica.

14 - Ver KOSSOY, Boris. *Hercules Florence, 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. São Paulo, Faculdade de Comunicação Social Anhembi, 1977.

É muito importante para o historiador que trabalhe com imagens estar atento ao fato de que, apesar do rápido avanço tecnológico que experimentamos a cada momento, a fotografia ainda não perdeu o que poderíamos definir como uma espécie de *aura mística de magia*. Talvez pareça um exagero de nossa parte, contudo, essa evidência pode ser confirmada, não apenas nas culturas tribais que ainda existem em nossos dias, onde a câmara fotográfica é vista como uma espécie de demônio que rouba uma parcela da alma da pessoa retratada; mas também, em nossas sociedades pós-industriais mais desenvolvidas que, da mesma forma, encaram o retrato fotográfico, não como uma mera representação gráfica de um determinado indivíduo, mas como o próprio indivíduo.

Podemos citar, por exemplo, o costume habitual de levar na carteira ou ter diante de si na mesa de trabalho, retratos de entes queridos que recebem o mesmo amor reservado aos retratados na vida real. Mesmo a última geração dos jovens apaixonados de hoje, às vésperas do século XXI, não abandonaram o costume de beijar e acariciar os retratos de seus amados e quando termina a paixão, quase sempre a imagem é destruída, numa espécie de ritual simbólico que pode representar o fim definitivo do relacionamento amoroso. Na verdade os retratos fotográficos contém muito mais do que a maior parte das pessoas está disposta a admitir, talvez porque todos nós tenhamos, consciente ou não, a mesma postura fetichista diante deles.

Entretanto, a fotografia não é apenas magia, sonhos e ilusão. Paralelo ao seu mundo místico existe também seu lado de objetividade. No entanto, estamos tão fortemente habituados a nos valer da informação fotográfica que, sequer nos damos conta de sua presença constante em nossas vidas. Os exemplos onde aceitamos incondicionalmente o uso da fotografia como uma fonte portadora de conhecimentos reais e inquestionáveis, são tão numerosos que poderíamos produzir todo um trabalho baseado nessa única temática. Analisando as questões referentes às fotografias técnicas, o filósofo tcheco, Vilém Flusser, faz uma analogia muito interessante entre imagem e janela:

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo.¹⁵

Por mais que se esforcem os filósofos a nos convencer do caráter apenas aparentemente objetivo da fotografia, como podemos duvidar do diagnóstico médico feito por um radiologista baseado unicamente nas observações de indícios contidos em uma fotografia? Poderíamos detectar algum tipo de subjetividade nas dezenas de fotografias que os satélites enviam diariamente aos centros meteorológicos e que podemos ver pela televisão seus movimentos numa rápida sucessão de imagens, confortavelmente instalados em nossas poltronas? Não pretendemos, com isso, de modo algum fazer uma simplificação abusiva do assunto, contudo, tais observações não devem ser desprezadas por um historiador que tenciona utilizar a fotografia como documento histórico.

Não é absolutamente por acaso que todas as denominações que o processo fotográfico teve ao longo de sua história, remete a uma forma de registrar a *imagem real* sem a participação ou interferência do homem, apenas pela ação da natureza. Assim, nasceram a *heliographia* (escrita pelo sol) e a *Photographia* (escrita pela luz). É também interessante lembrar o significado do nome que a fotografia recebe em países não ocidentais. No Japão, por exemplo, é chamada de *sha-shin*, que quer dizer *reflexo da realidade*. Nesse caso, ela é encarada como uma forma de expressão visual da *verdade*.¹⁶

15 - FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo, Hucitec, 1983. p. 20.

16 - ALMASY, Paul. *La photo à la une*. Paris, CFPJ, 1980, p.97. *Apud* Ivan Lima. *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988. p. 17.

A fotografia incorpora desde o seu nascimento a condição de *espelho do mundo*, só que um espelho dotado de memória. Com o passar dos anos, uma infinidade de usos e funções foram sendo atribuídos à fotografia. Porém, dentre todos eles, sempre predominou o caráter acentuadamente lúdico de uma novidade exótica, que encerrava em si mesma, o aspecto misto de ilusão e revelação. Nesse sentido de uma dualidade inerente, devemos lembrar que, ao ser anunciada para o mundo, a fotografia contou simultaneamente com o aval das Academias de **Ciências e Belas Artes**.

Dessa maneira, até hoje, o amplo espectro de opiniões convergentes e divergentes, em que se insere o debate sobre a objetividade e subjetividade da fotografia, demonstra o panorama ambíguo que define a imagem fotográfica. Suas potencialidades, seu alcance e seus limites, em dado momento, vislumbram-se como exatos e objetivos, em outro, apresentam-se indecifráveis, obscuros, fragmentados e subjetivos. Tal dilema tem sua origem no próprio nascimento da fotografia, assim como, no transcorrer de toda sua evolução tecnológica. Seria aqui, bastante oportuno citar a observação de Francesca Alinovi, em sua obra *La fotografia: illusione o rivelazione?* quando afirma que:

O nascimento da fotografia baseia-se num equívoco estranho que tem a ver com sua dupla natureza de arte-mecânica: o de ser um instrumento preciso e infalível como uma ciência e, ao mesmo tempo, inexato e falso como a arte. A fotografia, em outras palavras, encarna a forma híbrida de uma “arte-exata” e, ao mesmo tempo, de uma “ciência-artística”, o que não tem equivalentes na história do pensamento ocidental ¹⁷

17 - Apud FABRIS, Annateresa *Fotografia: Usos e Funções no Século XIX* São Paulo, EDUSP, 1991, p. 173.

Contudo, por volta da segunda metade do século XIX, mais precisamente no ano de 1855, a fotografia, ao ser utilizada pela primeira vez em reportagens de guerra, transforma-se efetivamente em documento histórico. As imagens produzidas nos campos de batalha tornam-se **testemunhas oculares** de um certo tipo de evento, que até então, só podia ser imaginado pela população não combatente através de relatos escritos, orais ou desenhos e pinturas artísticas.¹⁸

Naturalmente, a representação gráfica da guerra estava longe de ser considerada algum tipo de novidade. Privilegiada, sempre acompanhou a humanidade desde seus primórdios. Pinturas rupestres de combates, nos foram legadas por habitantes do período Paleolítico Superior, milênios antes da invenção da escrita, e o homem jamais interrompeu sua arte de representar batalhas até nossos dias.

O emprego da fotografia para documentar os conflitos armados, entretanto, superava em realismo tudo o que até então havia sido feito. A partir desse momento, uma nova dimensão documental era introduzida no cotidiano das pessoas. A imagem fotográfica podia mostrar exatamente aquilo que havia acontecido e isso representava uma revolução para a informação, divulgação e comprovação do acontecimento.

O caráter irrefutável de reprodução fiel da realidade atribuído a imagem fotográfica é tão evidente que, Mathew B. Brady, o chefe da equipe de fotógrafos que fez a cobertura da guerra civil americana, considerou a câmara fotográfica, numa expressão que se tornou mundialmente conhecida, como ***o olho da história***. A partir desse período, a prática de registrar os conflitos, utilizando a fotografia como documento, se generaliza por todo o planeta.¹⁹

18 **NOTA:** Para mostrar fotograficamente uma guerra, pela primeira vez na história, o estúdio *Agnews Print Seller & Sons* de Manchester contratou o fotógrafo britânico Roger Fenton, que seria o responsável pelo registro fotográfico da Guerra da Criméia, um conflito que ocorreu, de 1854 a 1856, na Península do mesmo nome, ao norte do Mar Negro, entre a Inglaterra, França e Turquia, de um lado, e a Rússia de outro.

19 - GERNSHEIM, Helmut. *Historia Gráfica de la Fotografía*. Barcelona, Omega, 1966.

BUSSELLE, Michael. *Tudo sobre fotografia*. São Paulo, Círculo do Livro, 1977.

LANGFORD, Michael J. *Fotografía básica: iniciación a la fotografía profesional*. Barcelona, Omega, 1971.

A visão dessas imagens que mostravam uma realidade crua, nunca antes imaginada, apesar das representações artísticas, causou na vida das pessoas um impacto tão devastador, que logo no início alertou os governantes sobre o poder de persuasão que a fotografia detinha. A imagem fotográfica possuía uma eficácia documental comprovada e essa constatação veio acelerar simultaneamente os processos paralelos de censura e de propaganda política através da fotografia, que perduram até nossos dias.

Interessante notar que, tanto no caso da censura como no de propaganda política, não é negado o poder de convencimento do realismo fotográfico, ao contrário, é exatamente nele que ambas as coisas se apóiam. Na censura, a fotografia é proibida para esconder uma *realidade* incômoda. Na propaganda política, ela é deliberadamente exposta para mostrar uma *realidade* desejada.

Mergulhada nessa mesma contemporaneidade, a fotografia no Brasil atuava simultaneamente como censura e propaganda política em todos os conflitos, inclusive no Movimento Constitucionalista de 1932. Os mesmos mecanismos, ora de ocultamento, ora de divulgação, são aqui igualmente empregados.



IMAGENS DE REVOLUÇÃO

Non fui ista a inrevoluçó que io sugné. Má que inrevoluçó maize vagabonda!

Juó Bananére *



descoberta, por acaso, de uma única fotografia durante o desenrolar da pesquisa, deu provas suficientes de como a imagem pode auxiliar o trabalho de um historiador, levando à procura de outras fontes complementares, bem como alterando a direção dos estudos e induzindo a novas interpretações. Ao ler o livro da historiadora Vavy Pacheco Borges, *Tenentismo e Revolução Brasileira*, encontramos a reprodução de uma fotografia doada, para constituição do Fundo Miguel Costa, ao Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, pelo próprio filho do General, Sr. Miguel Costa Júnior.²⁰

Tal imagem mostrava os líderes do movimento da Aliança Liberal de outubro de 1930 reunidos em um dos vagões do *Trem da Vitória* rumo ao Catete. Essa fotografia é conhecidíssima e praticamente tornou-se uma das imagens símbolo da Revolução de 30. Raramente vemos uma coleção de História do Brasil em que ela não é utilizada como ilustração, assim como em dezenas de livros didáticos e para-didáticos.²¹

**Non fui ista a inrevoluçó que io sugné*. Sátira sobre a Revolução de 1930, gravada em disco humorístico no ano de 1931 por (Juó Bananére), pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933). In: (Antologia da Sátira Brasileira. São Paulo, Basf do Brasil, 1985. fita K7 com texto ilustrado) Formado em Engenharia pela Escola Politécnica de São Paulo, Alexandre iniciou paralelamente sua carreira de jornalista, como revisor. Escreveu em "Macarrônico", seu engraçado dialeto Ítalo-Paulistano, artigos para jornais humorísticos como "O Pirralho", dirigido por Oswald de Andrade e ilustrado pelo caricaturista Voltolino, além de "O Queixoso" e "A Manha" de Aparício Torelly, o "Barão de Itararé". Escreveu *La Divina Incrência* em 1925. Para ele, a revolução de 1930, deixou tudo como estava antes ou ainda pior, e apesar de ser um ferrenho crítico sócio-político da República Velha, costumava dizer em plena ditadura: "Que saudades eu tenho dos tempos do PRP!"

20 - BORGES, Vavy Pacheco. *Tenentismo e Revolução Brasileira*. S. P. Brasiliense, 1992. p.35.

21 - NOSSO SÉCULO: memória fotográfica do Brasil no século 20. v. III. S.P., Abril, 1980. p.15. SAGA: a grande história do Brasil. v. VI. São Paulo, Abril Cultural, 1981. p.10.

O inusitado em tal descoberta, aparentemente sem importância alguma, devia-se ao fato de ser a fotografia encontrada, uma outra imagem do mesmo evento, e que trazia em seus elementos icônicos a presença de um personagem político, que fora até então, propositadamente oculto.

FOTOGRAFIA (A)



O "Trem da Vitória" em São Paulo a 29 de outubro de 1930. (Banco de Imagem AEL/UNICAMP) [13.3]

Vemos, na foto, sentados, da esquerda para a direita, o Coronel Miguel Alberto Crispim da Costa Rodrigues, o senhor Getúlio Dornelles Vargas e o Dr. Francisco Antônio de Almeida Morato, presidente do Partido Democrático de São Paulo. Em pé, em 2º plano, o Tenente-coronel Pedro Aurélio de Goes Monteiro, chefe do Estado Maior das Forças Revolucionárias.

FOTOGRAFIA (B)



Corte e Ampliação da Foto A. Banco de Imagem AEL/UNICAMP [13.4]

Reproduzimos em estúdio essa mesma fotografia (A), encontrada nos arquivos pessoais de Miguel Costa (AEL-UNICAMP), efetuando, porém, um corte e ampliação da imagem para facilitar a análise, à qual denominamos (B). É muito importante notar o ângulo de tomada dessa fotografia, onde aparecem o próprio Miguel Costa ao lado de Góes Monteiro (seu inimigo na véspera, pois haviam combatido em lados opostos durante a marcha da *Coluna Invicta*), ambos olhando diretamente para a câmara. Ao passo que, Getúlio Vargas, olha para um outro ponto à sua frente.

FOTOGRAFIA (C)



Capa da “Revista da Semana” de 8 de novembro de 1930. (Nosso Século v.3 p. 15) [7.25]

Comparando a fotografia da página anterior (B) com esta outra (C) publicada originariamente na capa da *Revista da Semana* nº 47, no dia 8 de novembro de 1930, portanto 10 dias após ter sido feita, com a seguinte legenda:

O presidente Getúlio Vargas, no carro presidencial, *a caminho de S. Paulo*. Sentado à direita do eminente brasileiro, o general Miguel Costa. De pé, o coronel Góes Monteiro, chefe do Estado-maior das forças revolucionárias. (Grifos nossos)

Podemos observar que na foto (C), publicada pela *Revista da Semana*, os senhores Miguel Costa e Góes Monteiro olham para um ponto deslocado um pouco à esquerda (deles), enquanto que o Sr. Getúlio Vargas, nesta foto, ao contrário da primeira, olha diretamente para a câmara. Também observando e comparando os detalhes da posição dos dedos de Miguel Costa, segurando (displícitamente num gesto reflexo) uma caixa de fósforos, bem como a posição das mão de Getúlio Vargas e dos braços de Góes Monteiro, além dos detalhes das dobras e posição das túnicas, casacos, bibico (boné militar) e cachecol, podemos concluir que:

1) Obviamente, tratam-se de duas fotografias feitas por fotógrafos e câmaras diferentes. Estando o fotógrafo (B) à direita e em ângulo ligeiramente mais baixo que o fotógrafo (C).

2) Foram tomadas simultaneamente no mesmo local, com diferença de tempo de no máximo algumas frações de segundo. É preciso lembrar que as pessoas ao serem fotografadas, permanecem automaticamente alguns instantes imóveis, principalmente na década de 1930, onde ainda os equipamentos fotográficos, possuíam uma velocidade de obturação um pouco lenta, devido à pouca luminosidade das objetivas e baixa sensibilidade dos filmes existentes no mercado. Mesmo hoje, com nossas câmaras, filmes e objetivas super velozes, capazes de captar nitidamente as asas de um beija-flor em pleno vôo, ainda *congelamos* nossos sorrisos no instante do *olha o passarinho!* No entanto, o leitor poderá questionar: não existiria a possibilidade de ambas as fotografias terem sido feitas pelo mesmo fotógrafo e câmara, apenas deslocando-se no ângulo e posição? Não. Porque instintivamente após a primeira chapa, os fotografados, mesmo que posando estaticamente, acompanhariam, ao menos com os olhos o movimento do fotógrafo. Além disso, o tipo de *flash* utilizado na época permitia apenas um disparo de cada vez, obrigando a substituição da lâmpada queimada por outra.

3) No caso da fotografia (C), o corte realizado na imagem do Sr. Francisco Morato foi proposital e por motivos que levam a crer serem muito mais políticos do que estéticos. Da mesma forma, a legenda que acompanha a fotografia demonstra claramente a intenção de adulterar a verdade com o uso das palavras “*a caminho de S. Paulo*”, em três aspectos:

1º) o **tema**: encontro dos líderes da revolução em um vagão do *Trem da Vitória*.

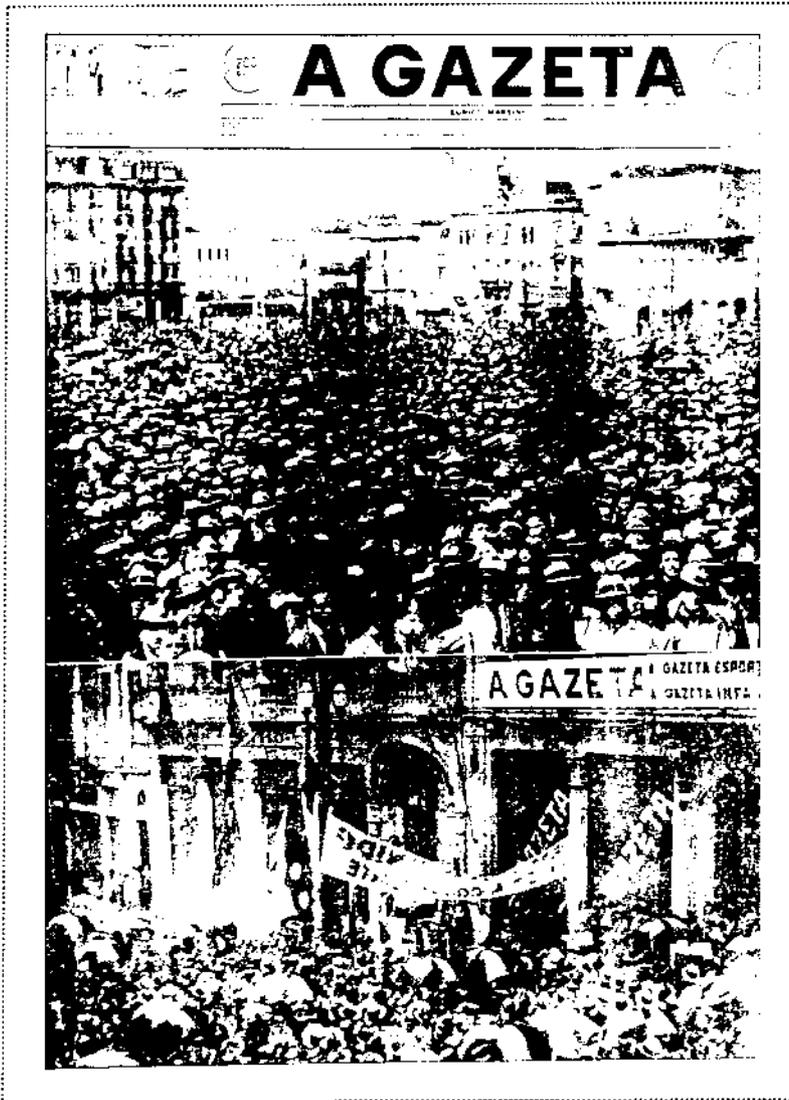
2º) o **tempo**: Manhã de Quarta-feira, 29 de outubro de 1930.

3º) o **espaço**: Estação Ferroviária da Sorocabana na cidade de São Paulo.

O emprego astucioso de uma legenda falsa, legitimaria a ausência de Francisco Morato na imagem. Além disso, podemos observar, no canto inferior direito da foto (C), parte da manga do paletó do presidente do PD, bem como uma tarja branca, desavergonhadamente colocada para cobrir as mãos do Dr. Morato, visíveis na imagem, devido ao ângulo da câmara ser um pouco mais alto e deslocado para a esquerda, em relação à foto (B).

A evidência inquestionável de manipulação fotográfica no *expurgo* da figura do líder e presidente do Partido Democrático, Dr. Francisco Morato, levam a supor que o alijamento das forças políticas da Aliança Liberal em São Paulo, teve início já a partir dos últimos dias de outubro e primeiros dias de novembro de 1930.

Pioneira na utilização da fotografia como instrumento de propaganda política no Brasil, surge de maneira extremamente atual e ousada *A Gazeta*. Com grande tiragem em duas edições diárias, esse jornal paulistano inaugurava uma moderníssima técnica visual onde páginas inteiras eram preenchidas apenas com fotografias, sem ao menos trazerem uma única legenda escrita ou sequer uma manchete. Era a pura linguagem fotográfica sendo utilizada em São Paulo, desde o início dos anos 1930, como documentação e, simultaneamente, como construtora e instituinte do próprio evento.



1ª página de "A Gazeta", de 26 de janeiro de 1932. (HD p. 51) [17.27]

No lado oposto da questão, temos a censura política, onde a imagem fotográfica do acontecimento é deliberadamente oculta, na tentativa de evitar que algum tipo de opinião indesejável seja formada ou até mesmo que venha a despertar nas pessoas qualquer estado de consciência inconveniente ou contrária à causa. De um total de mais de 350 fotografias publicadas pelo jornal porta-voz do Governo Provisório *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, durante os 85 dias da Revolução Constitucionalista, nenhuma única imagem de manifestação pública pôde ser encontrada, fosse ela contra ou a favor, tanto dos Constitucionalistas como dos Ditatoriais.²²

22 **NOTA:** O critério de se utilizar as denominações *Ditatoriais* e *Constitucionalistas*, bem como suas variáveis, não obedece a uma escolha de ordem pessoal. Tais conceitos eram orgulhosamente auto-empregados por seus próprios protagonistas e defensores. Tudo leva a crer que, o termo *Ditadura* não possuía na época, a conotação pejorativa e depreciativa que possui atualmente. Nunca é demais lembrarmos o perigo de se confundir os preconceitos *nossos*, com os conceitos *deles*.

A totalidade dessas imagens publicadas mostravam somente desembarques, deslocamentos e concentrações de tropas regulares do Exército, Marinha, Milícias Estaduais e *Provisórios*, assim como, armamento de guerra, grupos de oficiais e soldados posicionados no *Front*. A completa ausência de imagens das manifestações civis - principalmente dos estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro - evidenciam que os órgãos de censura ditatorial atuaram basicamente no sentido de fazer passar para a população um caráter estritamente militar ao Movimento Constitucionalista, eliminando seus aspectos políticos e sociais.²³

Por outro lado, além do ocultamento puro e simples de uma imagem, existem inúmeras formas mais sutis de se aplicar a censura em uma fotografia. O francês Georges Sadoul, num dos primeiros trabalhos de historiador sobre a abordagem da fotografia como fonte documental, já em 1961 alertava:

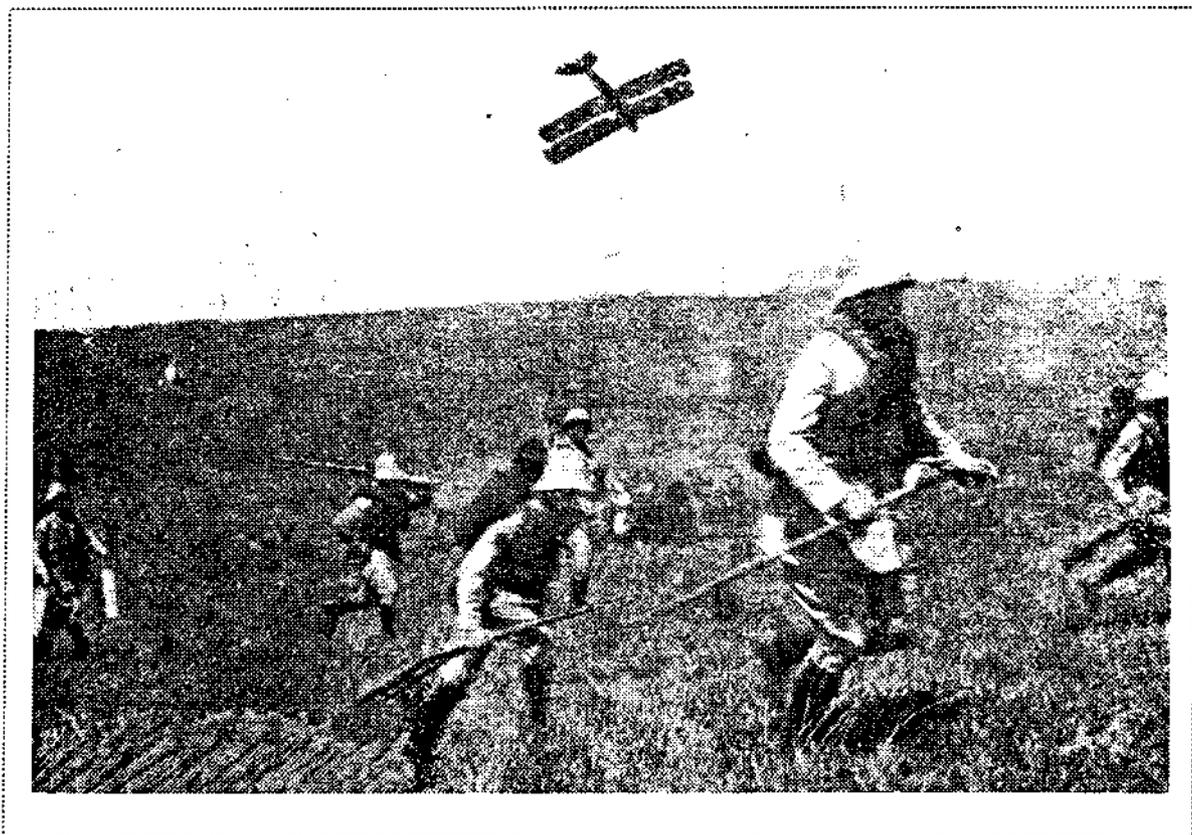
A apresentação verbal (textos, notas e legendas) pode modificar completamente o significado de um documento fotográfico. Quando publicada, uma fotografia toma seu sentido por suas legendas e também por suas narrativas com outros documentos. Certos semanários podem distrair seu leitor publicando duas reprises da mesma série de fotografias idênticas, porém, invertendo sua ordem e dando legendas diferentes. Elas apresentam, assim, duas interpretações rigorosamente contraditórias de um mesmo acontecimento, utilizando as mesmas imagens.²⁴

Foram encontradas durante a pesquisa, muitas fotografias onde a legenda direcionava o olhar do leitor para um sentido desejado, podendo em certos casos corresponder exatamente ao inverso do que informa a imagem. Esse tipo de artifício, largamente empregado em tempos e lugares diferentes, e que perdura até nossos dias, pode facilmente enganar um observador desatento. Pesquisas recentes sobre publicidade feitas em todo o mundo indicam que a parte

23 - CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, julho, agosto, setembro e outubro de 1932. AEL - UNICAMP.

24 - SADOUL, Georges. *Valeur du Témoignage Photographique*. In: SAMARAN, Charles. (org.) *Encyclopédie de la Pléiade v. XI. L'histoire et ses méthodes*. Bruges (Bélgica), Gallimard, 1973. (© 1961). pp. 1390-92.

mais vista nos anúncios publicados são, surpreendentemente, as legendas das fotografias. Justamente aquelas pequenas letras que explicam o que está acontecendo, para quem, como, quando e onde.²⁵ Entretanto, no caso dessa fotografia, existiam na própria imagem, indícios seguros que apontavam a distorção do texto escrito.



Aspecto de um avanço da infantaria constitucionalista, num dos setores do Sul (Miguel Falletti) [14.7]

Essa fotografia de Miguel Falletti, foi publicada no livro *Tudo pelo Brasil* do jornalista Armando Brussolo (ambos do Jornal *A Gazeta*), com a seguinte legenda: *Aspecto de um avanço da infantaria constitucionalista, num dos setores do Sul*. Trata-se de uma das poucas e raras imagens de combate real da Revolução de 1932.²⁶

25 - FERREIRA, Neil. *Era triste o mundo sem fotos*. (ensaio) In: Revista Super Interessante Especial: 150 anos de fotografia. Ano 3. n° 1. São Paulo, Abril Cultural, 1989. p. 62-65

26 - BRUSSOLO, Armando. (Stopinsky) *Tudo pelo Brasil*: diário de um reporter sobre o movimento constitucionalista. São Paulo, Paulista, 1932. 297p. (ilust.)

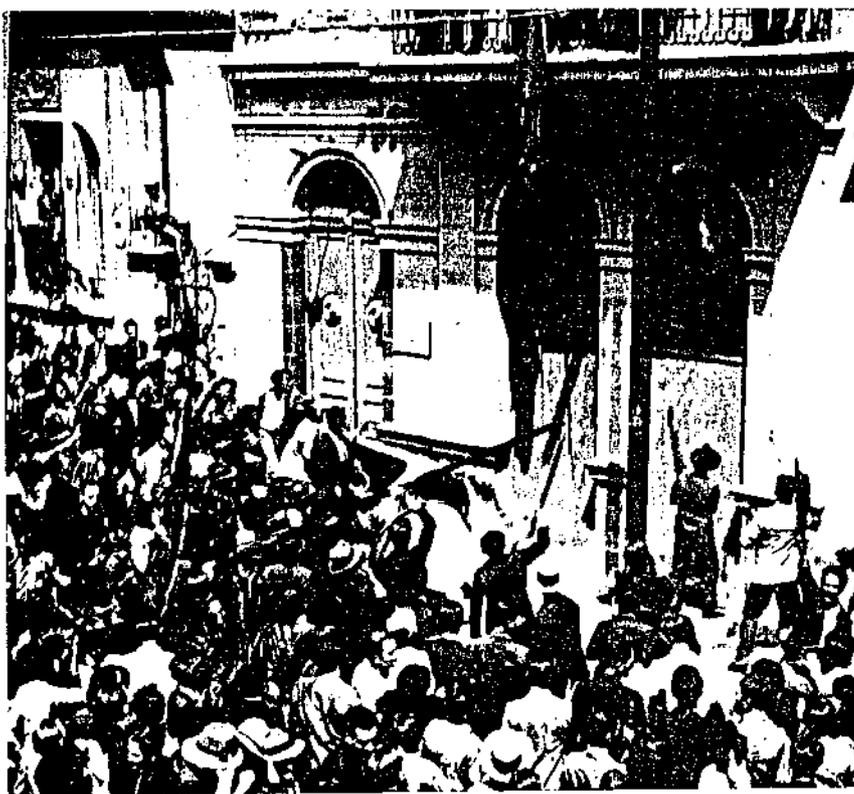
Observando com atenção, o que a fotografia nos mostra claramente é um avião das forças ditatoriais tipo *vermelhinho* HL (Henrique Lage), fabricado no Rio de Janeiro, realizando um mergulho acrobático para poder utilizar sua metralhadora calibre .30, além de 6 soldados paulistas correndo em determinada direção, aparentemente oposta ao ataque da aeronave.

Caso estivessem realmente atacando, como diz a legenda, a posição do fotógrafo Falletti estaria entre as linhas constitucionalistas e ditatoriais, o que é muito improvável. Além disso, nenhum deles olha para o avião. O soldado que está em primeiro plano segura uma espada embainhada. Os dois que portam fuzis, (3º e 6º da esquerda para a direita) seguram as armas pelo ponto de equilíbrio, bem longe dos gatilhos. Os outros três transportam uma metralhadora pesada modelo *Browning* 1919 calibre .30 desmontada - armamento e munição extremamente pesados - o 1º à esquerda leva dois cunhetes de munição, o 2º transporta o corpo da arma, enquanto o 3º carrega o tripé para suporte da arma (reparo). Como podemos constatar, contrariando a legenda otimista, a imagem não evidencia *um avanço da infantaria constitucionalista no Setor Sul*.

O emprego de legendas enganosas que visam confirmar ou negar determinada postura, se torna ainda mais traiçoeiro ao historiador quando a imagem fotográfica não traz indício imagético algum que possa informar sobre o acontecimento retratado. Nesses casos, a fotografia se presta muito mais para formular a pergunta do que fornecer uma resposta e a única saída possível para o pesquisador é a busca e confrontação com outras fontes documentais.

Para se ter uma idéia a que ponto pode chegar as sutilezas manipuladoras em tais imagens, citamos um trabalho realizado em 1982, por uma equipe de cinco pesquisadores, onde através da fotografia, propunham construir uma memória visual que abarcasse toda a trajetória do Partido Comunista Brasileiro, desde sua fundação até a década de 1980.

Nessa obra, uma fotografia feita na sexta-feira, 25 de novembro de 1930, mostrando o ataque de um grupo de Aliancistas mais exaltados - muitos deles membros do Partido Democrático - contra o prédio da delegacia de polícia no bairro do Cambuci em São Paulo, é astutamente legendada como: *A queda da Bastilha do Cambuci*. Não há dúvidas que o motivo desse ataque deve-se ao fato de terem sido encarcerados naquele local a maioria dos opositores políticos ao governo deposto, entretanto não justifica o exagero de se identificar em tal episódio isolado, a queda de uma *Bastilha brasileira*.²⁷

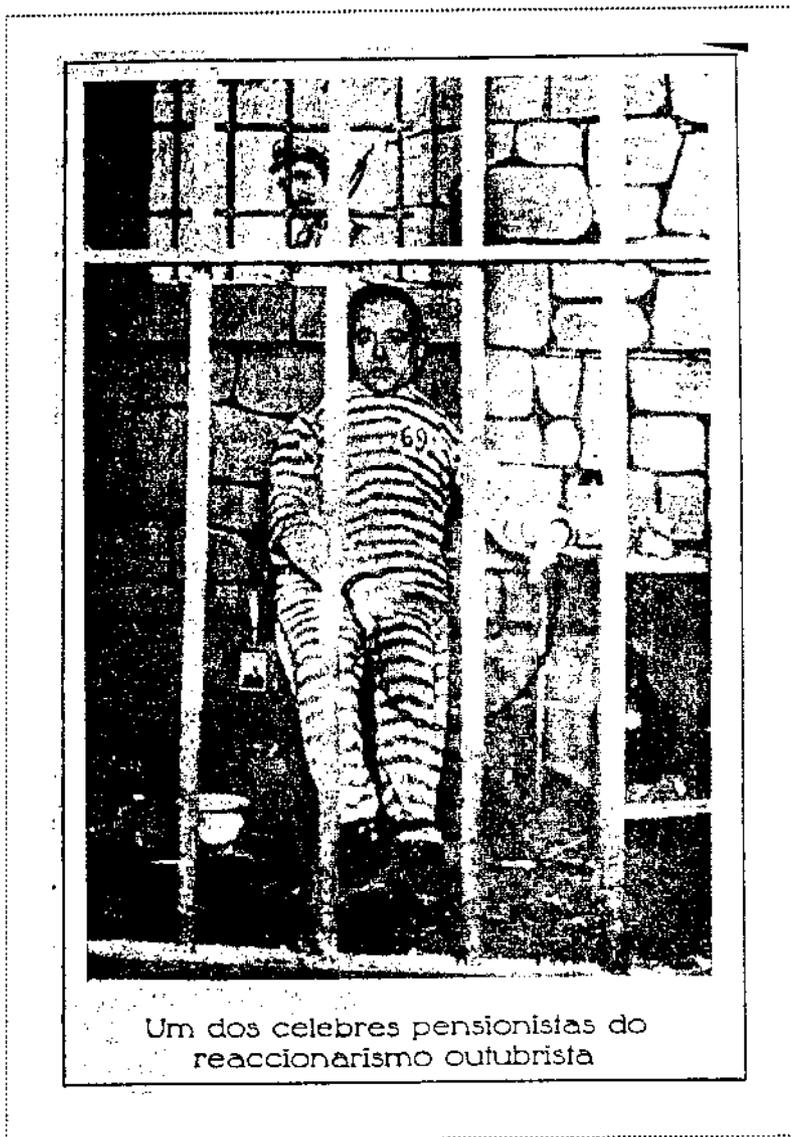


Arquivo Miguel Costa (Miguel Costa Júnior, SP) PCB: memória fotográfica: 1922-1982. p. 27. [xerox]

A manipulação da fotografia não se restringe apenas ao expurgo de personagens indesejáveis ou legendas enganadoras. Novamente o historiador Georges Sadoul aponta para o perigo da falsificação técnica da imagem fotográfica, por meio de montagens em laboratório. Contudo, novamente observa que, utilizando o cruzamento de informações simultaneamente com outras fontes, praticamente se elimina tal problema:

27 - José A. SEGATTO, José Paulo NETTO, José Ramos NÉTO, Paulo Cesar de AZEVEDO e Vladimir SACCHETTA. *PCB: memória fotográfica -1922 -1982*. SP. Brasiliense, 1982. p. 27.

A fotografia não reproduz obrigatoriamente a realidade. Ela pode ser interpretada, ou também ser falsificada pela trucagem. A fotomontagem pode ser utilizada para mostrar uma “prova” de acontecimentos que não seriam jamais produzidos senão por montagem. (...) Bem executada, uma fotomontagem desse gênero pode ser quase impossível de se descobrir pelo simples exame de uma reprodução numa ilustração e mesmo em uma cópia fotográfica, contudo, na maior parte do tempo, estas falsificações são bastante grosseiras. Resultados análogos às fotomontagens podem, em certos casos, ser obtidos pela técnica da superposição de negativos. Entretanto, sua não autenticidade poderá ser demonstrada através de pesquisas em outras fontes, principalmente na imprensa e testemunhos escritos.²⁸



Cartão postal bem humorado com fotomontagem de Getúlio Vargas na prisão e que circulou em 1932. (CPDOC) [8.6]

28 - SADOUL, Georges. *Valeur du Témoignage Photographique* In: SAMARAN, Charles. (org.) *Encyclopédie de la Pléiade* v. XI. L'histoire et ses méthodes. Bruges (Bélgica), Gallimard, 1973. (©1961). p. 1390.

Tivemos também no Estado de São Paulo, durante o movimento constitucionalista de 1932, uma grande produção de fotomontagens, que geralmente circularam como cartões-postais ou charges de jornal. Porém, não estamos convencidos que alguém, mesmo em 1932, fosse capaz de acreditar que o Sr. Getúlio Vargas estivesse realmente encarcerado ao ver essa fotomontagem.

Aliás, devemos frisar que a fotomontagem surge em todo mundo sempre acompanhada de uma conotação satírica, um aspecto de crítica zombeteira e jocosa; muito mais um caráter lúdico para divertir a população, do que para fazê-la acreditar em alguma mentira. Mesmo nos casos em que a montagem fotográfica tenha sido realizada com a intenção única de se fazer passar por verdadeira, não obtiveram grande êxito em tal tentativa. Os melhores exemplos estariam nas falsificações grosseiras e de baixíssima qualidade feitas por Stalin e Hitler entre as décadas de 1920 e 1940.

Gostaríamos de salientar uma recente modalidade de manipulação da imagem que, seguramente, deixará os historiadores do século XXI com poucas ou nenhuma possibilidade de avaliação, tanto no que se refere à sua autenticidade quanto sua veracidade. Essa estarrecedora verdade, produto dos anos 1990, é genericamente conhecida como *realidade virtual* e, mais especificamente, em seus aspectos imagéticos como *computação gráfica*.

Pode o leitor estar se perguntando, por que afinal um historiador, afeito às coisas de um passado mais remoto, deveria se preocupar, talvez por antecipação, com uma forma de representação imagética tão recente, e que, com toda certeza, viria a causar problemas apenas aos seus colegas do futuro? Porém, o problema não é tão simples como possa parecer e, apesar de não pretendermos analisar a fundo essa questão, gostaríamos, no entanto, de deixar aqui um alerta.

Felizmente, existem formas seguras de se diferenciar uma imagem *analógica* (processo fotográfico ou cinematográfico, gravado em positivo ou negativo, à base de prata sensível à luz), por uma outra que seja *digital* (vídeo ou computador, codificada e gravada em meios magnéticos ou ópticos). E para

nosso alívio, estamos tratando exclusivamente de formas analógicas de imagens, porém, como uma maneira de frisarmos o nosso alerta, não pelo uso da palavra escrita mas através da própria imagem, gostaríamos de mostrar um exemplo produzido rusticamente onde utilizamos um computador simples de uso doméstico e pessoal, mas que justamente por não ser equipamento profissional demonstra o enorme poder de adulteração e falsificação, que atualmente dispomos de maneira fácil e barata.

Para isso, escolhemos uma fotografia feita durante o movimento constitucionalista, na cidade de São Paulo. Trata-se de uma daquelas imagens bastante conhecidas dos *Batalhões Infantis* e que vieram a se tornar, na memória das pessoas, um dos símbolos do protesto popular contra a ditadura. Contudo, em apenas alguns minutos, poderíamos levemente alterar o curso dos acontecimentos e, numa guinada de 180 graus reverter o ideal e as esperanças daqueles agitados dias de agosto de 1932.²⁹



IMAGEM DIGITALIZADA POR COMPUTADOR.

29 NOTA: Esta fotografia foi capturada com um simples *Scanner* de mão, depois digitalizada / editorada com o programa processador de imagem *iPhoto Deluxe* em um AT 386 DX. A impressão foi à *Laser*.



Os "Batalhões" infantis. A garotada nas ruas conduz cartazes de "Abaixo a Ditadura!". (*Pelo Brasil Constitucional.*, p. 25 b. Arquivo Particular Paulo Barros Camargo, Campinas, SP). [16.5]

Temos, assim, no caso da fotomontagem (analógica ou digital) o ponto culminante da subjetividade fotográfica, onde a imagem é manipulada e construída artificialmente através da intervenção total e deliberada do fotógrafo, apesar de utilizar em sua elaboração uma série de imagens reais fragmentadas. Porém, como dissemos, não acreditamos que essa técnica vise obter um convencimento de imagem real por parte do público. Na verdade, estamos convencidos que, a fotografia tem o poder de manifestar com muito mais intensidade e êxito a sua *aura mágica*, bem mais nas imagens simples e cotidianas (notadamente no retrato fotográfico) do que em suas aparições fantásticas e extravagantes.

Historiadores que utilizam a fotografia enquanto documento histórico, freqüentemente defrontam-se com problemas afetivos em suas pesquisas. Até mesmo instituições de âmbito nacional têm passado por experiências dessa natureza, como é o caso do Cpdoc (Centro de Pesquisa e

Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro), por ocasião da formação de seu arquivo fotográfico, que foi constituído basicamente por fotografias de particulares guardadas em álbuns de família ou em baús e caixas de sapato.

Os pesquisadores encontraram enorme resistência para obterem doações e até mesmo empréstimos do material fotográfico, pois, tais acervos familiares não se caracterizavam como *documentos*, mas *lembranças afetivas*. Conservá-las significava para as famílias reter suas lembranças. Doá-las, significava assumir a ausência das pessoas por elas evocadas. Dessa forma a fotografia representa uma espécie de apropriação da coisa fotografada. Isto explica por que até hoje entre nós apenas os momentos marcantes ou felizes, como as festas e cerimônias de família, são fotografados e preservados. E, em contrapartida, por que não registramos o indesejável e até excluimos o que não queremos perpetuar, a exemplo dos danos físicos parciais frequentemente verificados em certas imagens (rasuras e cortes de rostos, locais, objetos) ou da total destruição de registros sobre um período.³⁰

A postura de transferir os sentimentos humanos, sejam eles quais forem, para a imagem fotográfica sempre foi muito comum e continua sendo atualmente. Notadamente, tal prática se intensifica em todo o mundo, durante a década de 1930. Os melhores exemplos podem ser encontrados nas campanhas político-militares e no culto que os seguidores ou fãs dedicavam a seus ídolos ou determinadas celebridades. De Getúlio Vargas e Juan Perón em nosso continente a Adolf Hitler e Joseph Stalin na Europa, o culto da imagem fotográfica se espalha por muitos países levando enormes multidões a um verdadeiro ritual de adoração da imagem que personificava seus líderes.

30 - *A fotografia como fonte histórica: a experiência do Cpdoc, Arquivo Nacional, RJ, 1987, p. 45.*

Porém a imagem fotográfica não atua somente como uma dissimuladora da realidade. Sua função não se restringe apenas aos aspectos de manipulação (contra ou a favor). Seu duplo poder, de objetividade e subjetividade simultâneas, freqüentemente criam uma complexa e intrincada rede de informação e representação que dificultam enormemente a análise e interpretação da imagem por parte do pesquisador. Em certos casos, a fotografia pode se transformar no único elo que liga a realidade ao que conhecemos dela, em outras palavras, ela se transforma no elemento exclusivo que institui o evento histórico. É como se a existência do próprio evento estivesse condicionada à existência de suas imagens.

Cabe aqui um esclarecimento ao leitor, referente à postura acadêmica que procuramos manter como guia na análise e interpretação das imagens ao longo de todo o trabalho. Obviamente, nenhum historiador poderia acreditar na existência de qualquer evento que fosse constituído por unanimidades. Da mesma forma, acontecimento algum poderia ser interpretado pelo aspecto de absoluta concordância de seus protagonistas. Por outro lado, também sabemos da impossibilidade de se abarcar a totalidade dos fatos e essa constatação se torna ainda mais evidente quando trabalhamos com os fragmentos minúsculos de tempo e espaço contidos nas imagens fotográficas.

Mesmo assim, a única forma que conhecemos de construir o nosso trabalho é através da análise, juízo de apreciação e interpretação dos eventos. Entretanto, devemos esclarecer que, como ponto de equilíbrio e princípio norteador, sempre utilizaremos como critério de avaliação e parâmetro relativizador das possíveis afirmações, o princípio de jamais priorizar a atividade de poucos em detrimento da ação de muitos, sem, contudo, omitir os primeiros, não importando se vencedores ou vencidos.

Desse modo, atribuir as devidas proporções à participação e atuação dos protagonistas do evento estudado, bem como utilizar seus próprios conceitos e definições, nos parece um posicionamento ético-profissional bastante desejável a um historiador, onde se faz uso de um princípio que, na ausência de outra palavra mais apropriada, chamaríamos de democrático. Feita essa justificativa, voltemos à análise das fotografias.

Partimos do pressuposto que a imagem fotográfica pode e deve ser utilizada pelo historiador como fonte auxiliar na interpretação dos eventos passados, de maneira consideravelmente segura e, até certo ponto, privilegiada em relação a outros documentos históricos.

Contudo, da mesma forma que qualquer fonte documental, a imagem não traz em seu conteúdo o conhecimento definitivo de tais acontecimentos. A fotografia geralmente se apresenta ao pesquisador de uma forma peculiarmente complexa e muitas vezes contraditória, pois, apesar de sua aparente credibilidade, ela é objeto de manipulação e interpretação em diferentes níveis, intencionais ou não, assim como sua ambigüidade característica que confunde: o de ser um instrumento preciso e infalível como uma ciência e, ao mesmo tempo, inexato e subjetivo como a arte.

Ao contrário do que possa em princípio parecer, a imagem fotográfica nem sempre é passível de uma *leitura direta* por parte do pesquisador, pois os vestígios e indícios que a fotografia traz, somente poderão ser *decodificados* por meio de uma interpretação simultânea com outras fontes complementares, para que possa, então, ser devidamente situada e identificada em seu contexto histórico particular.

Uma vez identificado, em uma única imagem, fortes indícios documentais que induziam à hipótese de que a chamada Revolução Constitucionalista tivera suas origens dentro do próprio Movimento da Aliança Liberal, o passo seguinte seria a busca de outras possíveis fontes, bem como mais fotografias que viessem afirmar ou negar tal conjectura.



Banco de Imagem AEL/UNICAMP. [13.2]

Essas imagens feitas na terça-feira, 28 de outubro de 1930, registram a recepção apoteótica que tiveram em São Paulo os revolucionários vencedores do movimento de 3 de outubro de 1930. Naquele dia, uma grande parcela da população paulistana se comprimia defronte da Estação Ferroviária da Sorocabana, que por ironia do destino viria a se chamar “Estação Júlio Prestes”.



Cortesía Miguel Costa Júnior. São Paulo. 28 de outubro de 1930. (HD p. 36 b) [9.8]

São muitas as fotografias que demonstram o alto grau de aceitação pelo movimento e participação dos paulistas na Revolução de 30, tanto por parte da população e do (PD) Partido Democrático - braço político da Aliança Liberal em São Paulo - como dos militares da Força Pública e unidades do Exército Nacional aquarteladas no Estado. Populares se acotovelavam pelas marquises e parapeitos das janelas, subiam em postes elétricos e árvores na ânsia de saudarem seus venerados heróis. Naquele dia, havia chegado à São Paulo o *Trem da Vitória* conduzindo os chefes da Revolução triunfante (Sr. Getúlio Vargas, tenente-coronel Góes Monteiro e general Miguel Costa ³¹) rumo ao Palácio do Catete, na Capital Federal. Contudo, não há dúvida que, para aquela multidão, Miguel Costa se destacava dentre todos eles, pois como paulista adotivo e herói da Revolução de 1924, ao lado do General Isidoro Dias Lopes, já havia conquistado sua condição de líder militar perante o povo.

31 NOTA: Miguel Costa não era um General e sim Coronel do Corpo de Cavalaria da Força Pública de São Paulo (atualmente Polícia Militar), recebeu os galões de General-de-brigada Honorário, quando assumiu o comando geral da corporação por ocasião de seu levante fracassado contra o interventor militar pernambucano, Capitão João Alberto Lins de Barros, em 28 de abril de 1931.



Cortesia Miguel Costa Júnior. (HD p. 36 a) [9.7]

Essa foto, feita em 29 de outubro de 1930, no dia seguinte à chegada dos chefes da Revolução na Capital paulista, mostra o advogado Francisco Antônio de Almeida Morato, presidente do Partido Democrático e líder da Aliança Liberal em São Paulo (ao centro) e Marcelo Soares (à sua esquerda), também do PD, além de outros políticos e militares, no momento em que chegavam à Estação Sorocabana, para o histórico encontro com os líderes militares da revolução vencedora. É importante salientar que os oficiais militares do Exército Nacional e Força Pública Estadual que vemos nessa imagem, não eram aliancistas e mantiveram fidelidade ao governo federal até cinco dias antes dessa fotografia ter sido feita, aderindo à Revolução em Itararé somente após a deposição do presidente Washington Luís pela junta militar.

Uma página que merece estudo aprofundado em nossa história contemporânea é a chamada *Batalha de Itararé*, a célebre batalha que não houve. Para que o leitor tenha uma noção do poderio militar mobilizado, citaremos

alguns dados: A Força Pública do Estado de São Paulo possuía, em 1930, um efetivo de 9.000 homens, considerado como a segunda maior força militar da América do Sul, depois do Exército Brasileiro.

Um terço desse efetivo estava na cidade de Itararé, divisa de São Paulo com Paraná, ao lado de 1.600 soldados do Exército e cerca de 1.000 civis armados. Do outro lado, 8.000 aliancistas cobertos por 18 canhões (cujo comando militar honorário Getúlio Vargas assumira em Ponta Grossa, Paraná, no dia 12 de outubro de 1930), investiriam sobre os 5.600 legalistas entrincheirados e seus 4 canhões.

Os dois comandantes militares - detalhe notável - pertenciam aos mesmos quadros da Força Pública de São Paulo: coronel Miguel Costa, atacando e coronel Pais de Andrade, defendendo. Contudo, a *Batalha de Itararé* não aconteceu, porque a 24 de outubro de 1930, horas antes do primeiro disparo, os generais Tasso Fragoso e Mena Barreto e o almirante Isaías Noronha, constituídos em Junta Pacificadora, depuseram Washington Luís da presidência. Uma vez instalados no poder central, deram notícia do fato aos chefes da Aliança Liberal.³²

Nesse episódio que levou à confraternização das tropas beligerantes, deve-se destacar o esforço dos líderes civis do Partido Democrático para convencerem a oficialidade da Força Pública de São Paulo e unidades do Exército brasileiro aquarteladas no Estado, para aderirem à Revolução da Aliança Liberal. Assim, a participação ativa dos políticos paulistas certamente colaborou para um desfecho pacífico do que poderia ter sido - e do ponto de vista militar tudo indica que realmente seria - a *maior batalha da América Latina*, mudando completamente os rumos da revolução.

32 - DONATO, Hernani. *A revolução de 32*. São Paulo, Círculo do Livro, 1982. pp. 32-33.

É importante encararmos toda e qualquer fotografia como um documento histórico de dupla natureza, pois, apesar de ser um testemunho visual através da imagem impressa, formando um conjunto portador de múltiplas informações, é também um artefato, ou seja, um resíduo físico do passado, onde poderão ser detectados os elementos tecnológicos que lhe deram origem do ponto de vista material.

Essas múltiplas características, obviamente, exigem como pré-requisito do historiador que pretende valer-se da fotografia como fonte documental, uma série de conhecimentos técnicos extremamente específicos. Assim, para cumprir os objetivos de um trabalho metodológico, nossa intensão foi, simultaneamente à análise das imagens, expormos ao longo do texto, os principais procedimentos práticos empregados durante a pesquisa. Além disso, como já dissemos, sempre que disponível, serão intercaladas juntamente com a documentação visual, as demais fontes históricas que auxiliaram na análise de tais imagens.

Retornando à nossa história, seria interessante citar o *Diário da Noite* de São Paulo que, naquela mesma tarde de 28 de outubro, em edição especial, noticiava:

Às 12:15 h. o trem entrava na ampla Gare nova da Sorocabana. Na grande estação, o povo paulista se comprimia. De cima dos vagões, trepados nas saliências das paredes, nas árvores e postes, em todos os lugares onde se podia ficar para assistir à chegada dos bravos revolucionários, a multidão levantava aclamações, homenageando a revolução triunfante. E foi, carregado pelo povo de São Paulo, que o General Miguel Costa saiu da estação, ao som do Hino Nacional Brasileiro, tocado pela Banda da Guarda-civil de São Paulo.³³

33 - DIÁRIO DA NOITE. São Paulo, 28 de outubro de 1930.

Também ocorreu nesses dias um episódio curioso que vale ser lembrado pois, demonstra o grande envolvimento que havia, nesse momento, entre os chefes da Revolução Liberal e o Partido Democrático de São Paulo. Miguel Alberto Crispim da Costa Rodrigues (1874-1959), nascido em Buenos Aires, Argentina, havia se naturalizado brasileiro pouco antes de assentar praça na Força Pública Paulista, contudo, teve sua cidadania cassada pelo governo Arthur Bernardes, durante a revolução de 1924. A historiadora Vavy Borges comenta o empenho dos democratas paulistas em agradar o líder revolucionário:

Seu título de cidadania lhe é devolvido por uma revogação do decreto que cassou sua carta de naturalização, decreto esse emitido pelo governo federal. [José Adriano] Marrey Júnior, deputado do PD [Partido Democrático de São Paulo], organiza uma homenagem por ocasião da devolução, que é apresentada como uma iniciativa do partido, e a “ingratidão” do general a essa atitude é depois apontada algumas vezes pelo partido; o *Diário Nacional* [órgão do PD] diz até mesmo que as despesas para essa devolução saíram do próprio bolso do presidente [do PD o advogado Francisco Antônio de Almeida] Morato. (grifos e aspas no original) ³⁴

Os festejos prosseguiram por todo o Estado de São Paulo. O *Diário do Povo* de Campinas publica um interessante artigo sobre as comemorações realizadas por ocasião do 1º aniversário da Revolução de Outubro. Ironicamente, menos de onze meses após essas festividades pró-revolução, tropas federais, milícias estaduais e corpos de combatentes provisórios, enviados de todos os pontos do Brasil, fechariam o cerco por terra e bombardeariam com esquadrilhas de aviões a mesma cidade de Campinas, em defesa da mesma Revolução de outubro.

34 - BORGES, Vavy Pacheco. *Tenentismo e Revolução Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1992. p. 69./ Ver também: JARDIM, Renato. *A aventura de outubro e a invasão de São Paulo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932. p. 153.

O decurso do primeiro aniversário da vitória da Revolução foi condignamente comemorado em Campinas. A cidade apresentou um aspecto festivo, mantendo-se o centro muito movimentado, principalmente à noite. Por determinação do senhor prefeito Orosimbo Maia, à alvorada, foi dada uma salva de 21 tiros, tendo a banda Ítalo-Brasileira executado um concerto público no Jardim Carlos Gomes. O capitão Ariosto de Almeida Daemon, delegado regional de polícia, seguindo instruções recebidas do comando da segunda região militar, organizou uma passeata militar que, iniciada às dez horas, percorreu o itinerário, tendo desfilado perante as autoridades militares, policiais, judiciárias e escolares. À noite foi organizada uma “marche au flambeaux” [Passeata noturna feita à luz de tochas] que percorreu as ruas centrais. Como estava anunciado, realizou-se na Sede do Partido Democrático uma sessão cívica, comemorativa da vitória da Revolução. Com o salão principal repleto de correligionários e convidados, e presente o senhor Arthur Leitão, representando o senhor prefeito municipal, foi aberta a sessão pelo dr. Antônio Alves da Costa Carvalho, presidente do diretório daquele partido, que proferiu belo discurso sobre os motivos da comemoração. Em seguida foi dada a palavra ao dr. Aureliano Leite, que veio da capital para tomar parte das comemorações em Campinas. O orador prendeu a atenção do auditório por longo tempo, fazendo o histórico da Revolução de 24 de outubro. Seguiu-se com a palavra o sr. Romeu Andrade Lourenço, que com a sua verbosidade fez a assistência vibrar com entusiasmo. O sr. presidente agradece a presença dos seus correligionários declarando encerrada aquela reunião comemorativa sob aplausos gerais. Finalmente, os membros do Partido Democrático, seguidos da Banda Brasileira, dirigiram-se para a Praça Heitor Penteado, pretendendo incorporar-se a “marche au flambeaux” da Força Pública, Guarda Civil e estudantes.³⁵

35 - DIÁRIO DO POVO. 25 de outubro de 1931. Campinas, S.P.



Banco de Imagem AEL/UNICAMP. [13.0]

Essa fotografia, feita em novembro de 1930, mostra o término da missa celebrada em memória aos mortos de outubro e as homenagens prestadas pelos paulistas aos revolucionários de 1924 e 1930, nas escadarias da Catedral Metropolitana de São Paulo (Sé). Moças e rapazes da sociedade paulistana, representando a Aliança Liberal, portam bandeiras nacionais e faixas saudando o General Miguel Costa, Tenente João Cabana, Coronel João Alberto, General Isidoro Dias e Sr. Getúlio Vargas (curiosamente apenas João Cabana era paulista). À direita de Miguel Costa, aparece na foto, o *tenente civil* Sr. Maurício Goulart, que mais tarde seria promovido ao posto de *capitão* e secretário geral da Legião Revolucionária, além de autoridades civis e militares do Exército e Força Pública do Estado de São Paulo.

Pode parecer uma conjectura precipitada, entretanto, a análise da documentação, não apenas fotográfica como também outras fontes do mesmo período, sugerem que a participação dos paulistas no processo revolucionário da Aliança Liberal teve um grau de importância no movimento, bem mais expressivo do que possa em princípio parecer. Assim, a exclusão repentina dessa mesma força política aliancista, significou o primeiro passo em direção ao Movimento Constitucionalista, dado ao mesmo tempo em que o futuro ditador iniciava sua mudança definitiva para o Catete. Em outras palavras, as imagens nos inclinam a afirmar que, os principais motivos que levaram à eclosão da Revolução de 1932, tiveram suas origens na própria Revolução de 1930.

Sempre que as imagens fotográficas propunham outras leituras diferenciadas das interpretações predominantes, adotamos o procedimento padrão de buscarmos em outras fontes uma possível confirmação ou negação da hipótese sugerida pela fotografia. Nesse caso, especificamente, ao procurarmos novos documentos que corroborassem com as imagens, encontramos um hino marcial intitulado *Redenção*, com música de Marcelo Tupinambá e letra de Paulo Gonçalves, lançado originariamente em disco Columbia sob o nº 7.037, durante o desenrolar da Revolução de outubro de 1930.

O fato marcante é que, logo nas primeiras horas do novo movimento de 9 de julho de 1932, essa marcha foi oficialmente adotada como o *Hino das Forças Constitucionalistas M.M.D.C.* A própria gravação original foi difundida à exaustão pelas emissoras de rádio da Capital paulista ao lado da velha marcha militar francesa *Paris Belfort*. A mesma letra com a mesma música, que haviam servido 20 meses antes aos ideais liberais revolucionários, serviam agora aos ideais constitucionalistas. Como se não bastasse, posteriormente, no início de 1933, por ocasião da campanha política para a eleição da Assembléia Constituinte, a mesma matriz original nº 380.910, gravada em 1930, foi relançada como novo disco Columbia sob o nº 22.219, e tocada como hino da *Chapa Única por São Paulo Unido*, a coligação partidária vencedora do pleito no Estado de São Paulo.³⁶

36 - REVOLUÇÃO DE 32: uma visão através da musica popular. São Paulo, Fundação Roberto Marinho / SESC, 1982. (Faixa 1 Lado A)

Também foi possível encontrar a letra de tal hino publicada em inúmeros folhetos, panfletos e jornais, bem como impressa no *Manual de Campanha do Voluntário Constitucionalista* ao lado do Hino Nacional Brasileiro e Hino à Bandeira.³⁷ Assim, não é prudente minimizarmos a força simbólica que tal obra musical continha. Sua mensagem de brasilidade, abnegação e idealismo redentor da Pátria, servindo como hino oficial para dois movimentos supostamente antagônicos, não apenas confirma como também complementa as informações contidas nas fotografias. Transcrevemos abaixo sua letra integralmente:

Redenção

Hino da Aliança Liberal (1930)

Hino das Forças Constitucionalistas M.M.D.C. (1932)

Prometemos salvar o nosso povo
Pela dedicação mais varonil
Porque nós somos como um sangue novo
Purificando o corpo do Brasil

Um domínio funesto nos infama
Comprometendo a terra do porvir
Empunhe cada qual a sua flama
Que é dever de nós todos reagir!

(Vem conosco, ó brasileiro
(Auxilia os teus irmãos
(Temos na frente o Cruzeiro
(Temos a Pátria nas mãos

São os gênios da nossa Independência
Cujas sombras palpita sobre nós
Que protestam por nossa consciência
E estão cantando pela nossa voz

Nosso próprio destino é quem te exorta
A cumprir este cívico dever
Nós é que temos de forçar a porta
Nós, só nós, é que temos de vencer!

37 - MANUAL DE CAMPANHA do Voluntário Constitucionalista. Compilado na Assistência Técnica Militar do M.M.D.C. São Paulo, agosto de 1932. 40 p.

Portanto, qualquer tentativa de se procurar entender, mesmo em seus contornos mais gerais, os antecedentes que levaram ao evento conhecido na historiografia como a Revolução Constitucionalista, resulta necessariamente em uma compreensão anterior do que foi o Movimento da Aliança Liberal, conhecido como a Revolução de 1930. Pois, sem dúvida alguma, a leitura das imagens fotográficas sugerem que o movimento de 1932 originou-se, em sua maior parte, dos mesmos conflitos que haviam gerado o de 1930.

Contudo, uma questão sempre inquieta a todos que, de alguma forma procuram entender a Revolução de 1930: é que esse evento, na maioria das versões, apresenta-se como um verdadeiro marco na história brasileira, sem que ninguém saiba ao certo de quê ele é exatamente um marco. As divergências não são menores quando se trata de descobrir os verdadeiros autores da Revolução.

Apesar de tantas divergências e tantas incertezas, no entanto, grande parcela das correntes interpretativas concordam basicamente em dois pontos. Em primeiro lugar, o evento Revolução de 1930 aparece inegavelmente como um marco: ele sempre sinaliza a transposição de um passado obscuro, sombrio, atrasado, decadente e injusto para um presente que aponta para um futuro luminoso, civilizado, moderno, avançado. Em segundo lugar, se é difícil um consenso na determinação dos *agentes* promotores da Revolução, por outro lado, o *inimigo* desta é facilmente identificável: a oligarquia cafeeira paulista e tudo o que ela representa - o atraso do país, os desmandos do governo, a corrupção eleitoral, a falta de democracia.

Mesmo assim, essas leituras estão longe de uma unanimidade e Historiadores como Edgar De Decca e Carlos Vesentini, pioneiramente já na década de 1970, questionam esse grande consenso tácito estabelecido em torno da Revolução de 30 e perguntando-se por que tudo que é anterior a 1930 aparece como abjeto e repugnante e por que este passado é atribuído à oligarquia cafeeira, concluem: a condenação veemente do pré-1930, existe exatamente para justificar a glorificação do pós-1930.³⁸

38 - DE DECCA, Edgar Salvadori. VESENTINI, Carlos Alberto. *A Revolução do Vencedor*. In: *Contraponto* n° 1. Niterói, Centro de Estudos Noel Nutels, 1976. pp. 60-71.

Assim, desde seus contemporâneos até as leituras mais recentes, nos deparamos com verdadeiro espectro de matizes interpretativas. Se para seus detratores, a Revolução de 30 não passa de mais um golpe em meio a tantas quarteladas de que a América Latina sempre é palco, para seus apologistas, ao contrário, ela é tudo: o começo de uma nova era, a instauração da liberdade e da democracia, o verdadeiro início da República e até mesmo da Nação.

Como expressão máxima desse otimismo laudatório e espírito enaltecedor da revolução temos os documentos sonoros que ficaram preservados em discos. Dentre eles, o hino *24 de outubro*, com música de Henrique Voegeler e versos empolados de Catulo da Paixão Cearense:³⁹

Vinde a nós, bravos Getúlios
Destemidos Florianos
Ó Juarezes soberanos
Generais triunfadores

Mas, trazei na vossa frente
Conduzindo a cavalgada
A Liberdade montada
Num corcel cheio de flores

Derribado o despotismo
Expulsai num grande exemplo
Esses vendilhões do templo
Da República altaneira

Até que venham de joelhos
E ir nos sertões um dia
Rezando Ave Maria
Aos pés da nossa bandeira.

39 - Hino *24 de Outubro*. Gravado pela Victor (novembro de 1930) Letra: Catulo da Paixão Cearense. Música: Henrique Voegeler. In: *Revolução de 30: uma visão através da música popular*. São Paulo, Fundação Roberto Marinho - SESC, 1981. (faixa 6)



Cartaz da Aliança Liberal, Partido Democrático de São Paulo, 1930 (Arquivo Nosso Século) [A.E. 1]



Cartaz da Aliança Liberal, Partido Democrático de São Paulo, 1930 (Arquivo Nosso Século) [A.E. 2]

Entretanto, os partidários desse ideal de liberdade que, jogariam por terra o despotismo oligárquico e expulsariam os traidores da República, muito cedo se decepcionariam. Uma vez conduzido à chefia do governo, Getúlio Vargas ordena a ocupação de vários Estados da União por tropas federais e nomeia interventores militares para governá-los, fecha o Congresso Nacional, as assembléias estaduais e câmaras municipais. Extingue a liberdade sindical e persegue violentamente com prisões, torturas e assassinatos seus opositores.

Na prática, o Poder Judiciário deixa de existir e as prefeituras são, em sua grande maioria, ocupadas por delegados militares. A Constituição de 1891 é rasgada e a primeira eleição com voto secreto e universal, prometida pelo programa da Aliança Liberal é suspensa por tempo indeterminado. Tudo isso em nome de uma *Ditadura Saneadora* que procurava justificar os desmandos de um *Governo Provisório*. O gaúcho João Neves da Fontoura, um dos maiores articuladores da Revolução de 1930, e posteriormente do Movimento de 1932, desabafava já nos primeiros meses do Governo Provisório:

Por um desvio único na história das transformações do poder, S.Ex. [Getúlio Vargas] proclamou, logo e logo, a inesquecível sentença, que resume a mediocridade dos homens e dos processos em voga: a revolução não foi feita para perdoar, mas para punir. Pela primeira vez, na crônica das convulsões sociais e políticas, um movimento, que deveria ser construtor e orgânico, circunscrevia o âmbito de suas finalidades à férula dos castigos, substituindo a figura do estadista pela do algoz.(...) Tudo isso, e mais a mediocridade governamental, a inércia nas decisões, a duplicidade das atitudes, a ausência de programa, a inófia de idéias construtoras, a falta de generosidade, a estupidez das vinganças, a capacidade de intriga, o arrojo das mentiras mais inacreditáveis, a calculada demora na constitucionalização do país, tudo isso marcou a falência fraudulenta da revolução de outubro, reduzida a um armarinho de turco e explorada apenas pela cupidez de síndicos ladinos.⁴⁰

40 - FONTOURA, João Neves da. *Acuso!* Rio de Janeiro, S.C.P., 1933. pp. 36-37.

O Movimento da Aliança Liberal já se instaura no poder dividido em grupos e fragmentado em inúmeros projetos de salvação nacional. A obra *História do Exército Brasileiro* ao analisar os antecedentes da Revolução Constitucionalista de 1932, sintetiza essa questão:

A República contara, em sua implantação, com uma elite de bacharéis e militares idealistas, além de razoável uniformidade de propósitos. Todavia, a Revolução de 1930, constituía-se num amontoado de tendências divergentes, não possuindo inicialmente, para guiar-lhes a ação reconstrutora, princípios orientadores ou quaisquer postulados ideológicos definidos e propagados que sintetizassem as aspirações dos que a tinham preconizado.⁴¹

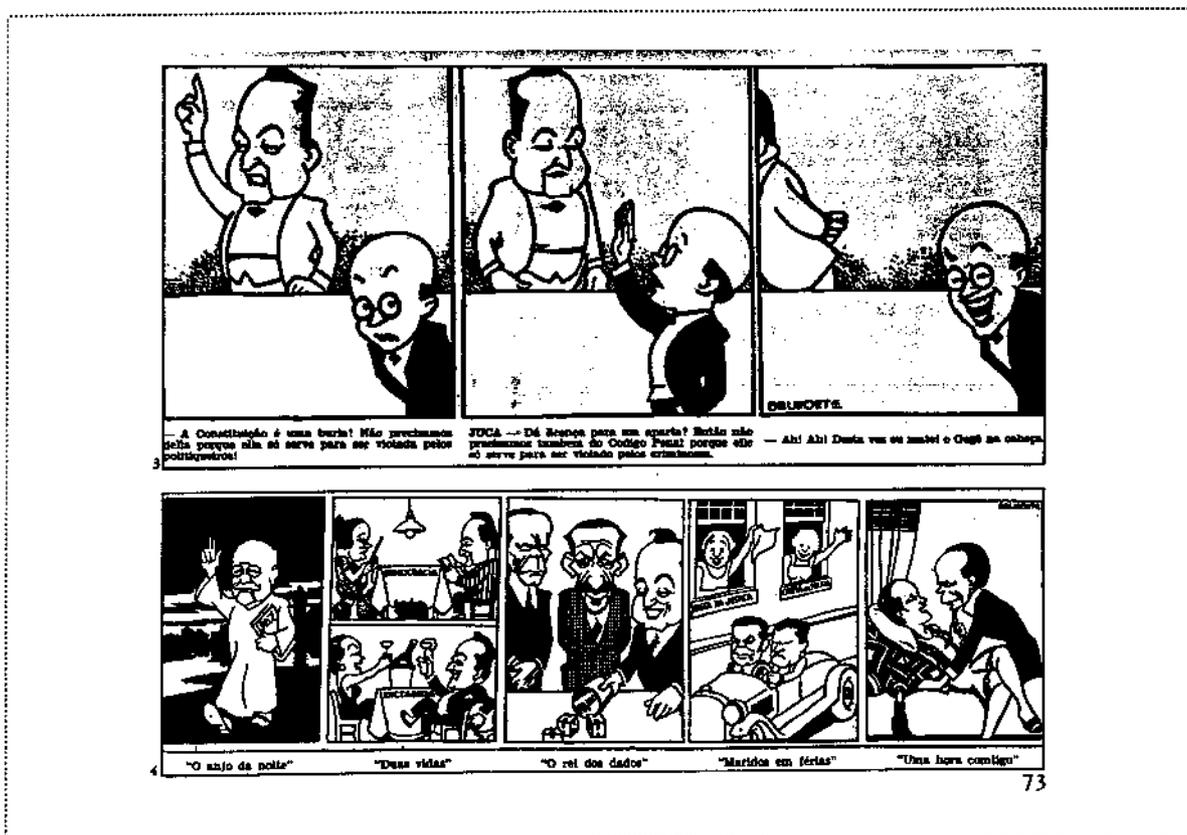
Se de um lado, essa *provisoriedade* de um regime com poderes discricionários - prolongando-se além do *estritamente necessário* - preocupava aqueles segmentos promotores da Revolução que preconizavam o imediato retorno da ordem jurídica e institucional, por outro lado, outros setores da mesma Revolução - e que se tornaram vencedores - não queriam vê-la desperdiçada, com a volta prematura das normas político-administrativas, expurgadas pelo movimento de outubro. Batiam-se pela continuação indefinida da Ditadura, até que preenchesse integralmente sua finalidade, ou seja, para eles, a transformação radical do ambiente brasileiro, em seus aspectos fundamentais, instaurando uma nova ordem social controlada, canalizada e tutelada por um Estado forte e autoritário.

A clássica alegação de que “a revolução constitucionalista de 1932 viria arrombar uma porta aberta”, referindo-se aos decretos *democratizantes* já outorgados pelo Governo Provisório antes mesmo da eclosão do movimento, fica bastante comprometida frente a uma pesquisa documental. Naturalmente,

41 - ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. *História do Exército Brasileiro*: perfil militar de um povo. Cap. V Revolução de 1932. Brasília, Fundação IBGE, 1972. v.3. p.934.

isso não significa que tais Leis não existiram, e dentre elas, poderíamos citar o Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, que regulamentava o Código Eleitoral introduzindo o voto direto, secreto e extensivo às mulheres.

Sem querer nos aprofundarmos na questão, porém, apenas ressaltando sua importância como um dos motivos que levaram à eclosão da Revolução de 32, vale observar em algumas charges como a imprensa satirizava e ironizava o discurso ambíguo e contraditório de Getúlio Vargas.



1ª tira: Charge de Belmonte, Folha da Noite, edição de 6 de abril de 1932. (HD p.73 b.c.) [17.28]

2ª tira: Os "Filmes da semana", charge de Belmonte, Folha da Noite, edição de 9 de julho de 1932.

Apesar desses *Decretos* prometerem muito, inspiravam em grande parte da população pouca confiabilidade de se efetivarem, principalmente se considerarmos os constantes discursos sempre protelando o retorno da Nação ao Estado de Direito, almejado pelos democratas da Frente Liberal.

Petrópolis, **4 de março de 1932** - Palácio Rio Negro: “O chefe do Governo Provisório Dr. Getúlio Vargas num manifesto à Nação se declara por uma política mais radical, apoiando a corrente que se bate pelo adiamento da Constituinte.”⁴²

São Paulo, **9 de abril de 1932**. “O Clube 3 de Outubro não é contra a Constituinte, mas, uma Ditadura saneadora é necessária à implantação de uma nova organização político-social. (Dr. Paulo Marzagão: Presidente Clube 3 de Outubro)⁴³

Quanto ao famoso Decreto nº 21.402, de **14 de maio de 1932**, que fixava a data de 3 de maio de 1933, para a realização das eleições à Assembléia Constituinte, é interessante citar uma outra observação feita a respeito na *História do Exército Brasileiro*:

A desejada reconstitucionalização, sempre adiada, contava com as próprias inclinações varguistas, confessadas ou não. Em maio de 1932, discursando aos outubristas, insistia Getúlio Vargas, na necessidade de proceder “*antes da constitucionalização, à capina do terreno, das ervas daninhas que o esterilizavam*”. E sobre aqueles que desejavam apressar a volta do regime constitucional, classificou-os “*como carpideiras, saudosistas das delícias fáceis do poder ou incorrigíveis doutrinários alheios às realidades nacionais...*”⁴⁴

Do discurso de seus detratores contemporâneos de 1932 até a historiografia marxista pós-1968, vem sendo o Movimento Constitucionalista tradicionalmente interpretado, como a própria *Contra-Revolução* brasileira destinada a destruir tudo que a *Revolução Burguesa* de 1930, conduzida pela Aliança Liberal, pregava e ia implantar (voto secreto, Justiça Eleitoral, legislação social). Tudo não passou, afinal, de um bem articulado movimento reacionário

42 - Semanário A NOITE ILUSTRADA - Dir. Gil Pereira. Redação: Praça Mauá, 7. Rio de Janeiro. nº 101, de 9 de março de 1932. p. 5 (hemeroteca AEL - UNICAMP. R/1050)

43 - A PLATEA, 9 de abril de 1932. nº243. p.1 (AEL - UNICAMP)

44 - ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. *História do Exército Brasileiro*: Op. Cit. p. 934 b.

das elites oligárquicas cafeeiras de São Paulo contra o *Tenentismo*. Esse forma demasiadamente simplificada de leitura e argumento explicativo do evento já se tornou, contudo, um lugar-comum em diversos meios culturais, onde vem se refletindo, notadamente, na produção de livros didáticos e para-didáticos destinados ao ensino de 1º e 2º graus.

Em um texto intitulado *A Revolução Acabou*, recentemente publicado como prefácio à 5ª edição de seu livro *O silêncio dos vencidos*, o historiador Edgar De Decca abordando essa questão alerta como a historiografia marxista ortodoxa, ainda que pretensamente crítica, manteve-se presa ao campo das representações de discursos políticos que instituíram a Revolução de 1930 como um fato histórico que cindiu o tempo, sem se indagar sobre a proveniência e os modos de enunciação desses mesmos discursos:

No campo das invenções das tradições revolucionárias devemos caminhar com cautela, uma vez que as memórias aí se confundem, se plasmam e também se refazem. Ninguém, até bem pouco tempo, poderia deixar de reconhecer a força da memória histórica representada nas imagens da revolução de trinta. Essa dimensão altamente simbólica produzida pelo discurso político do poder em seu exercício de dominação, refez a história a partir de suas próprias referências, instituindo no campo da memória coletiva marcas profundas, cujas conseqüências somente em anos recentes estamos podendo avaliar. (...) Uma das maiores dificuldades do historiador frente a essas representações do passado é, justamente, saber como se desvencilhar das malhas de uma memória cuja trama traz consigo as marcas da dominação política dos anos trinta, mas que, ao mesmo tempo, se teceu também com os fios condutores das utopias revolucionárias dos anos sessenta.⁴⁵

45 - DE DECCA, Edgar Salvadori. *A Revolução Acabou*. In: *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1994. (© 1981). pp. 17-18.

Continuando, De Decca ressalta que do ponto de vista da interpretação histórica deveríamos analisar tanto os benefícios como os danos teóricos causados por uma concepção de história, que, em última instância, no afã de encontrar no passado acontecimentos identificados como revolucionários, acabou por reiterar e refazer o campo imagético do vencedor dos anos trinta. Dessa forma, tal historiografia de esquerda, ao buscar os sentidos profundos de um evento histórico consagrado pelo exercício de dominação, tornou-se presa fácil dos próprios mecanismos de silêncio produzidos pelos discursos políticos em sua auto-legitimação:

Dentre as tradições inventadas pelo imaginário revolucionário dos anos 1960, principalmente em meio aos impasses políticos da esquerda no Brasil depois de 1968, poderíamos destacar a invenção do *tenentismo*, tema recorrente em toda a historiografia marxista da revolução de 1930, que expressa em todos os seus contornos as relações entre revolução e militarismo. (...) Em torno deste tema gravitaram, praticamente, todas as interpretações que tomaram a memória histórica dos vencedores como um fato histórico e não como uma das versões possíveis de processo histórico. (...) Sem se aperceberem do jogo da memória histórica do vencedor na elaboração do tenentismo, essas interpretações perderam de vista a maneira como o discurso do poder se apropriou da linguagem revolucionária, tomando para si o direito de anunciar o lugar da revolução na história, definindo os inimigos do regime e ao mesmo tempo fazendo do Estado o único representante legítimo dos ideais nacionais.⁴⁶

Entretanto, como já tivemos oportunidade de observar, o estudo de tal acontecimento, ampliado pela ótica da imagem fotográfica enquanto fonte documental privilegiada, pode induzir o historiador a outras leituras, nem sempre coincidentes, sugerindo até mesmo, hipóteses diametralmente opostas às interpretações predominantes na historiografia.

46 - DE DECCA, Edgar Salvadori. Op. Cit. pp. 24-25.

Naturalmente não devemos desconsiderar que, muitos *carcomidos* voluntariamente ou não, haviam realmente abandonado o cenário político do pós-1930.⁴⁷ Muito diferente, entretanto, é tachar tal acontecimento, como o fator principal que deu origem ao movimento constitucionalista. Principalmente, se levarmos em consideração o fato extremamente importante de que, sem exceção, todos os líderes civis e principais chefes militares da Revolução de 32, já vinham exercendo o poder antes de deflagrado o levante. As lideranças pró-constituição haviam sido conduzidas aos seus postos de mando, ou neles permanecido, exatamente pela revolução vencedora da Aliança Liberal.



Cartão Postal Constitucionalista. Mostrando o governador Pedro de Toledo e generais Izidoro Dias e Bertoldo Klinger. Além das Armas e Bandeiras do Brasil e São Paulo. (PBC. Campinas, SP) [10.2]

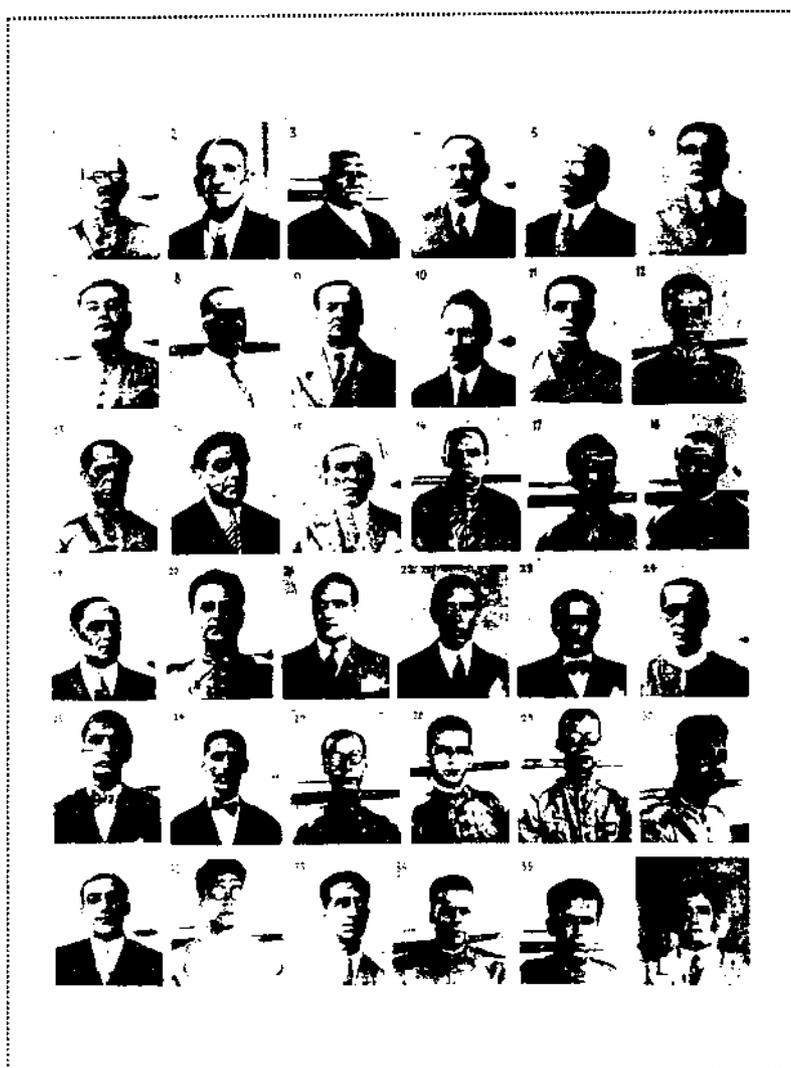
47 **NOTA:** Denominação pejorativa que recebiam os políticos ligados ao PRP (Partido Republicano Paulista). Posteriormente, também os políticos do PD (Partido Democrático), foram chamados de *Decaídos* pelos Aliancistas ditatoriais contrários à constitucionalização do País.

Nesse Cartão Postal, vemos uma alegoria que corrobora perfeitamente com a hipótese aventada. A efígie (ao alto) mostra o Interventor Federal Pedro de Toledo, indicado pelo próprio Getúlio Vargas, e naquele momento, já na condição de governador aclamado pelo povo, Exército e Força Pública. À esquerda, o general Izidoro Dias Lopes, gaúcho, que havia sido até pouco antes do levante, chefe da 2ª Região Militar do Exército Nacional. À direita, o general Bertoldo Klinger, também gaúcho e chefe da Circunscrição Militar de Mato Grosso, até o dia 8 de julho de 1932. Os três principais líderes do Movimento Constitucionalista exerciam, portanto, altos postos de confiança pessoalmente vinculados ao chefe do chamado Governo Provisório, antes do início das hostilidades.

Poderíamos ainda citar, como exemplo, os coronéis Euclides Figueiredo e Palimércio de Resende, ambos gaúchos e oficiais da ativa do Exército Brasileiro, posteriormente chefes do Estado Maior do movimento constitucionalista. Bem como o próprio Francisco Morato, representante da Aliança Liberal em São Paulo e líder civil nas revoluções de 30 e 32.

Enfim, foram encontradas centenas de fotografias que mostram personalidades ilustres, bem como os líderes e chefes do movimento de 32. Apenas para salientar, seria interessante citar nesse rol de personagens, os nomes de Assis Brasil, Arthur Bernardes, Raul Pilla, Batista Luzardo, Lindolfo Collor, Borges de Medeiros, Djalma Pinheiro Chagas e João Neves Fontoura. Todos eles conduzidos ao poder, ou nele mantidos pela Revolução da Aliança Liberal de 1930, da mesma forma, todos eles líderes revolucionários constitucionalistas em 1932 e por coincidência, nenhum deles paulista.

Outro interessante documento que evidencia a participação na Revolução de 32 dos vultos aliancistas da Revolução de 1930, notadamente do Partido Democrático, é a relação dos 70 líderes militares e civis que, aprisionados inicialmente no navio *Pedro I*, no Rio de Janeiro, foram transferidos mais tarde para o *Siqueira Campos*, em Recife e exilados para Portugal, em 12 de novembro de 1932.



Yone Quartim. O Mackenzie na Revolução de 32. p. 154. [17.16]

- 1 Gal. Bertholdo Klinger
- 2 Gal. Isidoro Dias Lopes
- 3 Gal. Luiz Pereira de Vasconcellos
- 4 Gal. Pantaleão Telles Ferreira
- 5 Gal. Sotero de Menezes
- 6 Gal. Firmino Antonio Borba
- 7 Gal. Nepomuceno Costa
- 8 Cel. Euclides Figueiredo
- 9 Cel. Luiz Lobo
- 10 Cel. Severino Marques
- 11 Major Ivo Borges
- 12 Major Aristides Paris Brasil
- 13 Major Cyro Vidal
- 14 Major Joaquim de Aquino Correa
- 15 Major José Novaes
- 16 Cap. Othelo Ribeiro Franco
- 17 Ten. Joaquim de Mello Camarinha
- 18 Cap. Floriano Peixoto Keller

- 19 Cap. Oswaldo Ferreira de Carvalho
- 20 Cap. Sebastião Menna Barretto
- 21 Casper Libero
- 22 Julio de Mesquita Filho
- 23 Joaquim J. Abreu Sampaio Vidal
- 24 Mariano Gomes da Silva
- 25 1º Ten. Sebastião Mendes de Hollanda
- 26 1º Ten. Agildo Barata
- 27 Cap. Severino Ribeiro da Silva
- 28 1º Ten. Campos Christo
- 29 1º Ten. Carlos Tamoyo da Silva
- 30 1º Ten. Aducto Pereira De Mello
- 31 1º Ten. José Figueiredo Lobo
- 32 Major Saldanha da Gama
- 33 Cap. Tulio Paes Leme
- 34 Cap. Rogério de Albuquerque Lima
- 35 Cap. André De Souza Braga
- 36 Tryrso Martins



Yone Quartim. O Mackenzie na Revolução de 32. p. 155. [17.17]

- | | |
|----------------------------|-------------------------------|
| 37 Francisco Morato | 54 Carlos de Souza Nazareth |
| 38 Manoel Pedro Villaboim | 55 Prudente de Moraes Netto |
| 39 Sílvio de Campos | 56 Paulo Duarte |
| 40 Altino Arantes | 57 Alvaro de Carvalho |
| 41 Rodrigues Alves | 58 Vivaldo Coaracy |
| 42 Padua Salles | 59 Oswaldo Chateaubriand |
| 43 Guilherme de Almeida | 60 Simões Filho |
| 44 Aureliano Leite | 61 Luiz Moreira de Freitas |
| 45 Austregésilo de Athayde | 62 Fonseca Telles |
| 46 Francisco Mesquita | 63 Waldemar Ferreira |
| 47 Cyrillo Jr. | 64 Ten. Severino Sombra |
| 48 Francisco Junqueira | 65 Cap. Ondino de Almeida |
| 49 Ibrahim Nobre | 66 Luiz Toledo Pizza Sobrinho |
| 50 Cesario Cunha | 67 Theodomiro Santiago |
| 51 Antonio Pictet | 68 Antonio Mendonça |
| 52 Antonio Pereira Lima | 69 Tito Pacheco |
| 53 Virgilio Benevenuto | 70 Leven Vampré |

Inserido nesse mesmo universo de antecedentes que levaram ao evento Revolução de 1932, um episódio se destaca: o *23 de Maio*, considerado por muitos pesquisadores como o verdadeiro *estopim* do movimento constitucionalista. Na verdade, os dias 21, 22, 23 e 24 de maio de 1932, representaram apenas o ápice de um processo que havia se iniciado em outubro de 1930, e que, exatamente por sua importância tornou-se um dos capítulos mais polêmicos e contraditórios entre as inúmeras interpretações historiográficas vigentes.

Dentre elas, a mais corrente e propagada, notadamente nos meios educacionais, afirma que, naquele dia, grupos exaltados de estudantes da Faculdade de Direito atacaram a sede do PPP (Partido Popular Paulista), e no choque que se seguiu, quatro jovens (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo) são baleados e mortos pela polícia. Logo transformados em *Mártires de São Paulo*, as iniciais de seus nomes dão origem ao MMDC, que viria a se tornar a maior força logística do movimento.



Caem as primeiras vítimas nas escaramuças da Praça da República, 23 de maio de 1932. (O Mundo Ilustrado, nº 28. Rio de Janeiro, 10/06/1957, p. 5 c.) [17.7]

No desenrolar da pesquisa, duas fotografias bastante raras, foram encontradas sobre o acontecimento. Na primeira delas, podemos observar, três homens que se atiram ao chão, provavelmente buscando proteção, enquanto um quarto manifestante, num gesto ousado, acena com seu chapéu e caminha na direção em que partia o ataque, ao mesmo tempo em que outro grupo procura se proteger na calçada em frente.



Praça da República, São Paulo, 23 de maio de 1932. (O Mundo Ilustrado, n.º 28, Rio de Janeiro, 10/06/1957, p. 4-5.) [17.8]

Essa outra fotografia, feita provavelmente entre às 17:00-18:00 h. de 23 de maio de 1932, na Praça da República em São Paulo, ao mostrar um ângulo diferente do mesmo episódio, introduz novos e surpreendentes elementos à interpretação do evento. Podemos claramente observar à direita da imagem, em frente ao automóvel, dois homens que tentam proteger uma criança, já no canto superior esquerdo é perfeitamente visível a presença de algumas mulheres entre o grupo de pessoas. Uma delas está caída na calçada (com roupa estampada, logo atrás de outra que está usando saia escura e blusa xadrez). No mesmo grupo, um pouco mais acima, próximo ao tronco de uma árvore, é possível notar uma outra mulher (de roupa mais clara) tendo à sua esquerda aparentemente outra criança.

Naquela Segunda-feira, o comércio de São Paulo, cumprindo determinação da Associação Comercial, permanecia fechado em protesto à presença do Ministro Oswaldo Aranha que, enviado por Getúlio, havia chegado à Capital na manhã do dia anterior, 22 de maio de 1932, na tentativa de solucionar o impasse criado pela formação do novo Secretariado da Interventoria Estadual, que não correspondia aos interesses dos outubristas. A massa, inflamada pelos discursos a favor daquele Secretariado, finalmente paulista e civil, proferidos por Ibrahim Nobre, Sílvio de Campos e Cesáreo Coimbra, desloca-se da Praça do Patriarca (José Bonifácio) em direção à sede do Partido Popular Paulista (PPP), situada à Rua Barão de Itapetininga, nº 70, 1º andar (esquina com a Praça da República).

Este órgão político-militar, de enigmática definição ideológica e partidária, foi fundado por Miguel Costa, e ainda se constitui num difícil e controvertido problema historiográfico, porém, naquele momento favorável ao governo federal, se opunha à posse do novo Secretariado.⁴⁸ O novo Secretário da Justiça e Segurança Waldemar Ferreira, empossado no dia anterior, nega-se a intervir e não põe a Força Pública nas ruas. Por volta das 18:30 h. a situação fica mais tensa, e o povo ameaça invadir a sede do partido, desconhecendo contudo, que esta encontrava-se defendida por uma tropa de cerca de vinte milicianos das brigadas paramilitares da *Legião Revolucionária*, fortemente armados com fuzis, uma metralhadora e até granadas de mão.⁴⁹

48 - BORGES, Vavy Pacheco. *A Legião Revolucionária de São Paulo: um estranho no ninho?* In: Tenentismo e Revolução Brasileira. Brasiliense, São Paulo, 1992. pp. 63-108.

49 - ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. *História do Exército Brasileiro*. Op. Cit. p. 939a.



Escaramuças entre partidários da constituição e milicianos pró-ditadura da Legião Revolucionária, na Praça do Patriarca, São Paulo, em 23 de maio de 1932. (Instituto Cultural Itaú) [A.E. 3]

Os relatos e depoimentos, bem como a maior parte da documentação existente sobre esse episódio são quase sempre obscuros e contraditórios. O brasileiro John Foster Dulles faz referência a um depoimento do secretário da Legião Revolucionária, Maurício Goulart, que afirma ter *comandado 5 defensores na sede atacada por 2 mil antagonistas*.⁵⁰ Também diz que morreram 12 ou 13 atacantes, porém somente se destacou a morte dos 4 estudantes por serem de origem social significativa. A historiadora Vavy Borges cita que Carlos Castilho Cabral, também membro da Legião, faz um depoimento sob o mesmo prisma.⁵¹ Apresentando outra versão que não coincide com seu primeiro depoimento, o mesmo Maurício Goulart, numa entrevista exclusiva prestada ao jornalista Roberto do Valle, a 18/07/1982, na cidade de São José do Rio Preto, SP, afirma:

50 - DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. R.J., Nova Fronteira, 1977.

51 - BORGES, Vavy Pacheco. Op. Cit. p. 62.

A 23 de maio de 1932, eu estava comandando, de fora do prédio da Legião, na Praça da República. Lá de cima bastava atirar para baixo e matar 5.000 manifestantes. Eu estava lá embaixo, comandando a dissolução do comício. Acabaram morrendo vários, e não somente cinco paulistas. Nós demos principalmente tiros para cima. Mais precisamente, eu fui ao Secretário da Justiça, Waldemar Ferreira, pedir uma tropa, 10 homens, pois uma simples tropa de 10 homens dissolveria a manifestação. Eu até cometi uma falta de educação, pois estava falando com ele, gesticulando com o revólver na mão. Mas o Secretário não mandou tropa nenhuma. Então me dirigi ao Cordeiro de Faria, acho que era Chefe de Polícia, que mandou o batalhão militar à Praça da República e houve aquilo tudo, tiros. Eu estava ao telefone da Viatura.⁵²

No instante em que a multidão exaltada começa a cantar o hino nacional brasileiro, alguns populares mais afoitos tentam arrombar as portas da sede do PPP e são recebidos à bala. O pânico instaura-se, e nesse caos generalizado, as pessoas tropeçam, caem ao chão, muitos são pisoteados e feridos à bala. O tiroteio estende-se por toda a madrugada, que naquela altura dos acontecimentos, havia sido engrossado pela reação armada da multidão que se espalhava pelo gramado na Praça da República, onde utilizavam revólveres e espingardas de caça, saqueados de algumas lojas de armas, por grupos enfurecidos. Abaixo, citamos alguns dados referentes aos mortos e feridos:

Mário **MARTINS** de Almeida (nascido em São Manuel, SP, a 08 de fevereiro de 1901) 31 anos, solteiro, fazendeiro em Sertãozinho) Morto no dia 23/05/32.

Amadeu **MARTINS**, morreu em 23 de maio de 1932. (sem dados)

Euclides Bueno **MIRAGAIA** (nascido em São José dos Campos, SP, a 21 de abril de 1911) 21 anos, solteiro, auxiliar de cartório em São Paulo) Morto no dia 23/05/32.

52 - VALLE, Roberto do. *Rio Preto na Revolução de 32*. São José do Rio Preto, Verso, 1982. p.41.

DRAUSIO Marcondes de Souza (nascido em São Paulo, SP, a 22 de setembro de 1917) 14 anos, ajudante de farmácia em São Paulo) faleceu em 28/05/32.

Antonio Américo de **CAMARGO** Andrade (nascido em São Paulo, SP, a 3 de dezembro de 1901) 30 anos, casado, 3 filhos, empregado no comércio em São Paulo) Morto no dia 23/05/32.

Orlando de Oliveira **ALVARENGA** (nascido em Muzambinho, MG, a 18 de dezembro de 1899) 32 anos, casado, 1 filho, escrevente em São Paulo) faleceu em 12/08/32.

Manoel Jacinto **LESSA**, gravemente ferido à bala, sobreviveu. (sem dados)

Paulo **VIRGINIO**, gravemente ferido à bala, sobreviveu. (sem dados)

Após essas observações, alguns aspectos importantes devem ser esclarecidos quanto ao episódio do *23 de maio*. Em primeiro lugar, as imagens evidenciam que não se tratava de uma passeata apenas de “estudantes” como tradicionalmente se diz. As fotografias mostram, e os depoimentos apesar de contraditórios confirmam que, uma multidão de milhares de pessoas era formada por homens, velhos, mulheres e crianças, vindos das mais diferentes classes sociais e profissões, inclusive estudantes secundaristas e de nível superior.

Também o fato do comércio paulistano permanecer totalmente fechado naquela segunda-feira tumultuada, ressalta ainda mais a importância da presença de mulheres e crianças nas ruas que, seguramente, não se encontravam ali por terem sido surpreendidas pelas manifestações ao voltarem das compras. O saldo da tragédia foi de seis mortos e dezenas de feridos à bala, dois deles gravemente, porém que conseguem sobreviver, além de centenas de feridos mais leves. É importante frisar que dos “quatro jovens e ricos estudantes mortos”, nem todos (ao menos pelos padrões da época) eram jovens, como também ricos, e, segundo a documentação pesquisada, nenhum deles era estudante:⁵³

53 - MONTENEGRO, Benedito (org.). *Cruzes paulistas: os que tombaram em 32 pela glória de servir São Paulo*. São Paulo, Campanha Pré-Monumento e Mausoléu ao soldado paulista de 32, 1936. 516p. (ilust.)

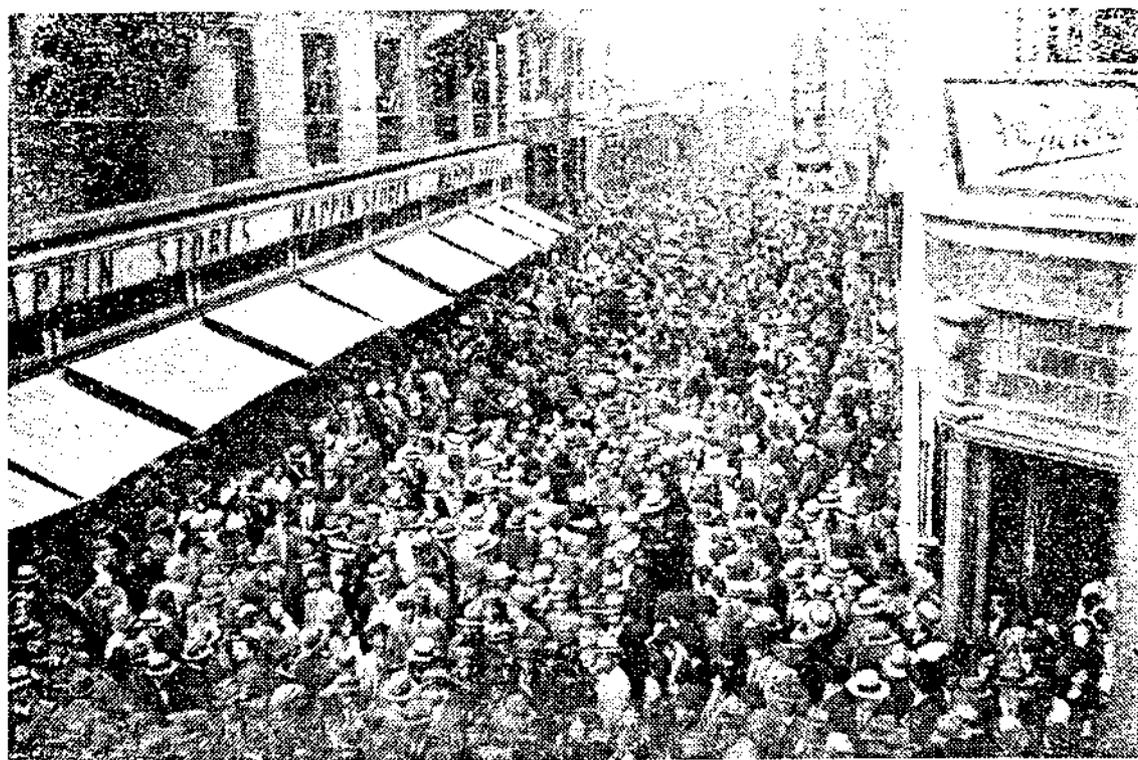


Para concluir o capítulo, ficam aqui duas imagens fotográficas. A primeira feita no dia 28 de outubro de 1930, por fotógrafo desconhecido, mostra na Rua Direita, o delírio da população de São Paulo, após a recepção apoteótica na Estação Ferroviária da Sorocabana dos Líderes da Revolução Liberal e, principalmente do General Miguel Costa, que segue para o palácio dos Campos Elísios, sede do Governo de São Paulo. Recusando-se a seguir no automóvel posto à sua disposição, ordenou que buscassem no Regimento de Cavalaria da Força Pública de São Paulo, um de seus antigos cavalos. Em todo seu percurso, o chefe da Vanguarda Revolucionária, foi acompanhado pela grande massa humana através das ruas centrais da Capital.

A segunda imagem, uma dentre centenas, feita pelo fotógrafo Miguel Falletti do jornal *A Gazeta*, em 10 de julho de 1932, mostra a mesma Rua Direita (ver o prédio do *Mappin Stores*), o mesmo povo de São Paulo, fortalecido agora, é muito importante que se note, pela presença da mulher (ausente das ruas em 1930), o mesmo ideal democrático-liberal, o mesmo espírito redentor, as mesmas esperanças, o mesmo imaginário constitucionalista, sugerem, afinal, que o evento Revolução de 1932 começou, na verdade, vinte meses antes.



28 de outubro de 1930. Rua Direita, São Paulo. (Banco de Imagens do AEL - UNICAMP). [13.1]

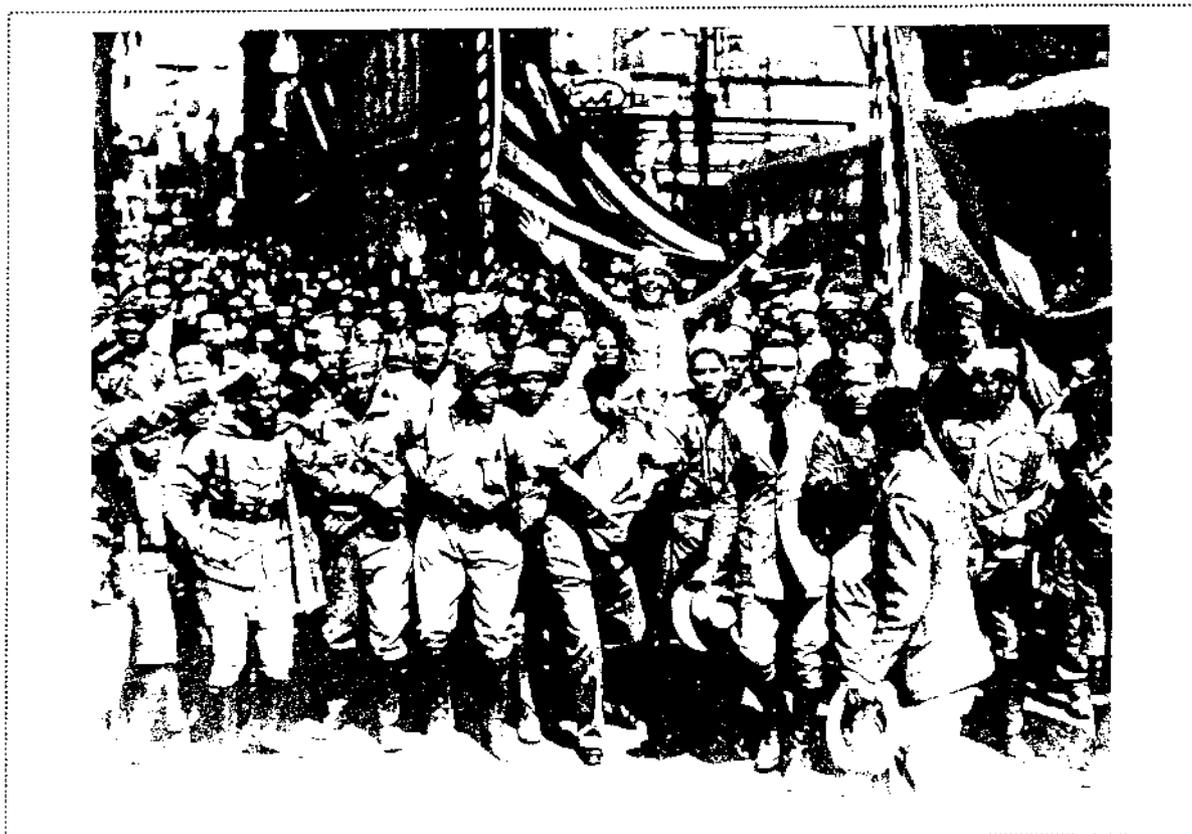


Aspecto da Rua Direita, em São Paulo, num dos agitados dias da revolução. (Miguel Falletti). [12.18]

IMAGENS DA MOBILIZAÇÃO

Ainda não se encontrou uma maneira, unanimemente reconhecida como válida, nem de eliminar a vontade e a liberdade dos homens como fator da história, nem de explicar essa vontade unicamente por fatores alheios ou exteriores à própria vontade: o indivíduo permanece irreduzível.

Maria Fátima Bonifácio *



FGV - CPDOC. Revolução de 32. Rio de Janeiro, MEC / FUNARTE, 1982. p. 13 [2.2]

Durante o desenrolar da pesquisa, paralelamente à busca de fontes fotográficas, também foi efetuado um levantamento visando a obtenção de obras publicadas, não importando se fossem memorialísticas, literárias, ou historiográficas, porém, que abordassem exclusivamente a temática do Movimento Constitucionalista de 1932. Dessa forma, foi possível reunir em um ensaio bibliográfico, um total considerável de 246 títulos. (ver anexo)

*BONIFÁCIO, Maria Fátima. *O abençoado retorno da velha história*. In: *Análise Social*, v. XXVIII, nº 122. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1994.

É interessante observar que, dentre esse universo editorial, apenas 28 livros (11% do total) traziam, impressas em anexo ou distribuídas ao longo do texto, fotografias referentes ao acontecimento. Mesmo assim, levando-se em consideração os aspectos de qualidade e quantidade das imagens, apenas duas obras se destacavam quanto à utilização da fotografia.⁵⁴

A primeira delas, foi escrita por um jornalista - acompanhado por um repórter fotográfico - como um diário de correspondente de guerra e publicada apenas alguns dias após o término do conflito. Suas 282 fotografias, organizadas como uma coletânea de imagens ilustrativas, sem relação direta com o texto escrito, traziam, contudo, o impacto da novidade e o peso da informação recente, contribuindo para a criação e preservação de uma memória visual sobre o acontecimento, apesar, de já terem sido anteriormente publicadas e difundidas à exaustão pelo jornal *A Gazeta*. Pesquisadores do Cpdoc (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Fundação Getúlio Vargas) abordam o tema em um trabalho apresentado no V Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado no Rio de Janeiro, em outubro de 1982.⁵⁵

No Brasil, um exemplo da importância do foto-jornalismo do século XX é sua utilização pela imprensa paulista no início da década de 1930. A campanha de oposição promovida por São Paulo contra o Governo Provisório de Getúlio Vargas, em 1931-32, contou com o apoio dos principais jornais paulistas, cujos diretores se confundiam com a liderança do movimento. À medida que a crise se intensificava, a fotografia ia conquistando as páginas dos jornais e operando uma mudança inédita na imprensa brasileira. A conscientização de que a fotografia poderia desempenhar um importante papel na mobilização da população paulista fez com que se contornassem os problemas relativos à impressão e, pela primeira vez em nossa história, a fotografia tornou-se freqüente nos jornais.

54 - BRUSSOLO, Armando. (Stopinsky) *Tudo pelo Brasil*: diário de um repórter sobre o movimento constitucionalista. São Paulo, Paulista, 1932. e DONATO, Hernâni. *A Revolução de 32*. São Paulo, Círculo do Livro, 1982.

55 - LOBO, Lúcia L., BRANDÃO, Ana M. L. e LISSOVSKY, Maurício. *A fotografia como fonte histórica: a experiência do Cpdoc*. ACERVO. Rio de Janeiro, Ministério da Justiça - Arquivo Nacional, 1987. p. 42.

Em pleno desenrolar da Revolução Constitucionalista de 1932, *A Gazeta* passou a usar um papel de qualidade superior, com o objetivo de garantir a melhor impressão dos registros da luta contra a ditadura. Esse jornal revolucionou as formas de utilização na imprensa do país, explorando profundamente o potencial informativo e propagandístico ao publicar, em suas quatro páginas, duas inteiramente dedicadas à fotografia.

Com o objetivo de atingir maior penetração junto aos leitores e mobilizá-los em torno da guerra, *A Gazeta* procurou novas alternativas jornalísticas que rompessem com a monotonia dos relatos distantes do teatro de operações. Assim, o jornal enviou ao *front* o repórter Armando Brussole e o fotógrafo Miguel Falletti, incumbidos de realizar uma “cobertura viva” dos acontecimentos. Mesmo considerando-se as dificuldades que o equipamento, ainda precário, poderia trazer a uma cobertura realista, certamente havia essa intenção nos registros visuais realizados sobre a revolução.

Somente meio século depois, outra obra viria se destacar no rol de publicações existentes. O livro, *A Revolução de 32*, do historiador Hernâni Donato, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que reuniria numa primorosa edição, em um monumental trabalho de pesquisa iconográfica, 342 fotografias procedentes de vários arquivos e coleções de todo o país. E apesar de sua diagramação ter estabelecido um novo padrão informativo em livros de história, com íntima integração de texto e material visual, a imagem fotográfica ainda não é utilizada como fonte historiográfica.

Estávamos frente a um grande problema, pois, como já colocamos, a tentativa de iniciar um possível diálogo com as interpretações que utilizaram somente documentos escritos como fontes, não fazia o menor sentido. Seria como comparar coisas absolutamente diferentes e, em certos aspectos até mesmo opostas, além do que, poderíamos correr o grave risco de passarmos a falsa impressão que as possíveis hipóteses sugeridas pelas imagens fotográficas fossem, talvez, *mais próximas da verdade* do que as outras leituras induzidas pelas fontes escritas.

Por essa razão, era fundamental a busca de outros trabalhos historiográficos que analisassem e interpretassem o evento Revolução de 32, sob a ótica exclusiva, ou ao menos privilegiada da imagem fotográfica enquanto documento. Entretanto, apenas dois únicos e raros artigos foram encontrados.⁵⁶ Mesmo assim, dentre eles, somente o trabalho escrito pelo fotógrafo Pedro Vasquez, refere-se especificamente ao Movimento Constitucionalista de 1932, pois, o ensaio da historiadora Tucci Carneiro aborda o Movimento de 1930 e apenas faz algumas referências à Revolução de 32, além de, infelizmente, não trazer nem uma única fotografia sobre os acontecimentos tratados, apenas remetendo o leitor a uma Coleção do MIS (Museu da Imagem e do Som) de São Paulo, intitulada *Revolução Constitucionalista de 32*.

Dessa forma, logo ficou evidente que trilhávamos um caminho mais árido do que havíamos imaginado em princípio, e que a prática tão salutar de estabelecermos historiograficamente relações com outros estudos similares, era praticamente impossível, simplesmente por que não existiam.

A alternativa possível foi tecer alguns comentários, utilizando o texto de Vasquez como único parâmetro comparativo que pôde ser encontrado. Em seu artigo o fotógrafo adverte que, se fizermos uma análise *rápida* e *superficial* do legado fotográfico da Revolução de 1932, ficaríamos com a *falsa* impressão de que tudo não passou de uma parada patriótica, uma alegre e divertida gincana política, promovida pelo dedicado povo paulista com o fito de obter eleições livres e uma constituição para o país.

56 - VASQUEZ, Pedro. *A fotografia como instrumento de propaganda política: o caso da Revolução Constitucionalista*. In: *Revolução de 32: a fotografia e a política*. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE/CPDOC, 1982. pp. 7-10. [Posteriormente em 1986, esse mesmo artigo, reunido a outros ensaios foi reeditado no livro *Fotografia: reflexos e reflexões*, Porto Alegre, L&PM, 1986. pp. 54-63]. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Revolução de 30: um estudo através da imagem*. In: *Seminário Perspectivas do Ensino de História*. São Paulo, USP/FE, 1988. pp. 266-77.

Como, infelizmente, a gincana foi perdida, a tão almejada constituição e tampouco as eleições não vieram de imediato e, como castigo, os vencidos foram exilados para Portugal, a bordo do navio “Siqueira Campos”. Assim, num *juízo apressado* dessas imagens, essa teria sido apenas mais uma, dentre as muitas *revoluções sem tiros*, fruto do *cordial e pacífico povo brasileiro*.

Continuando, Vasquez nos indaga se esta *rápida análise* das fotografias que se preservaram do evento seria um exagero ou, talvez, uma simplificação abusiva? E ele mesmo responde que provavelmente não. Trata-se unicamente de uma leitura *desejada e orientada* das imagens fotográficas, entre as quais impera o ufanismo, os sorrisos entusiásticos, flores e acenos de despedidas, porém, a completa ausência dos olhares de medo, hesitação e dor. Nem mesmo sombra da violência.

Abrindo aqui um parêntese, para citar em linhas gerais, as proporções bélicas que atingiram tal movimento, ressaltaríamos que as operações de guerra que se desenvolveram dentro do evento Revolução Constitucionalista, tiveram uma duração de 85 dias (de 9 de julho a 2 de outubro de 1932), desse período de quase três meses, mais da metade se constituiu em combates, que variavam em intensidade, desde grandes batalhas (onde se empregou baterias de artilharia pesada, carros de combate, trens blindados e esquadrilhas de aviões de guerra), até pequenas escaramuças entre patrulhas inimigas.

As *Forças Constitucionalistas*, formadas pelas unidades do Exército Brasileiro sediadas no Estado de São Paulo e parte de Mato Grosso, bem como unidades de Minas Gerais e Paraná, somadas à Força Pública Paulista e voluntários civis, totalizava um efetivo de controvertida precisão. É importante também esclarecer sobre o significado do termo *voluntário*, que no Movimento Constitucionalista queria dizer literalmente um alistamento espontâneo, pois jamais houve uma convocação dos reservistas por parte do Governo Revolucionário.

O advogado e presidente da Liga Confederacionista, Alfredo Ellis Júnior, insiste em que o voluntariado chegou a 200.000 homens. Já o coronel Herculano de Carvalho E. Silva, comandante da Força Pública de São Paulo, afirma que o maior número, em armas, esteve abaixo de 30.000.⁵⁷ O general Manuel Rabello, um dos chefes ditatoriais, procurou detalhar os números, demonstrando conhecimento sobre as forças inimigas: São Paulo não dispunha mais do que 3.612 soldados do Exército Brasileiro, 10.200 da Força Pública e 22.395 voluntários, totalizando 36.207 homens em ação.⁵⁸

É bem provável que o general Rabello estivesse mais próximo do número real de combatentes constitucionalistas envolvidos no conflito, pois o Estado de São Paulo dispunha em 9 de julho de 1932, de apenas 27.685 fuzis, além do armamento em uso pelo efetivo do Exército e Força Pública, porém, muitos deles deficientes ou obsoletos.⁵⁹ Além disso, o parque industrial paulista, não tinha condições técnicas de produzir, em tão pouco tempo, esse tipo de armamento de precisão, nem tampouco as tentativas de compra no exterior foram bem sucedidas. Assim, é realmente possível que cerca de 200.000 homens tenham se alistado voluntariamente em todo o estado, contudo, o serviço de recrutamento devido à carência de armas e, evidentemente, sem tornar pública a decisão, restringiu o número de inscritos, e para manter operacionais os 60.000 voluntários que foram aceitos, as forças constitucionalistas se viram obrigadas a proceder um intenso rodízio de homens, todos, porém, servindo-se das mesmas 25.000 armas em condições de uso.

57 - DONATO, Hernâni. *A Revolução de 32*. São Paulo, Círculo do Livro, 1982. p. 120.

58 - CORREIO DA MANHÃ, edição de 18 de outubro de 1932, entrevista publicada com o título: *Palavras do General Manoel Rabello sobre os fatos que precederam o movimento de 9 de julho*.

59 - Ver FIGUEIREDO, General Euclides. *Contribuição para a história da Revolução Constitucionalista de 1932*. São Paulo. Martins, 1977.

Após o término das hostilidades, foram contados oficialmente 634 mortos em combate, embora admite-se que as baixas reais possam aproximar-se de 1.000. Se dividirmos o número oficial de mortos pelos dias que duraram o conflito, teremos média superior a 7 mortos por dia, isto naturalmente, sem contar com as baixas nas tropas ditatoriais. Aliás, esta última informação mereceria uma pesquisa à parte, já que tanto oficialmente como oficiosamente, o governo federal provisório jamais divulgou estes dados, e até hoje continuam desconhecidos.

As forças ditatoriais, além de tropas regulares do Exército Brasileiro e as Milícias Estaduais de praticamente todos os Estados do Brasil, exceto São Paulo e Mato Grosso, também eram formadas por corpos de combatentes *provisórios*. Tratava-se de forças civis irregulares que, diferente dos constitucionalistas, não eram voluntários e muito menos idealistas, mas mercenários pagos. Tal soldadesca, geralmente recrutada nos sertões brasileiros, mais se assemelhavam a grupos de jagunços, pistoleiros e cangaceiros do que a unidades militares organizadas, e logo receberam o apelido pejorativo de *pentes finos*, pois, aonde passavam *limpavam* tudo.



O Armazem Comercial de Máximo Pereira em Buri, saqueado por bandos de Provisórios ditatoriais. (notar o cofre arrombado) (Cornélio Pires, p. 112) [A.E. 4]

Os depoimentos são muitos, porém, com certeza, carregam boa dose de exagero, contudo a maior parte deles concorda que tais *pentes finos* eram sobretudo valentes, entravam nos combates sem o menor temor, não possuíam tática militar, nem tampouco eram fardados e, geralmente, em ação, não obedeciam aos comandos dos superiores. De peito aberto, davam alguns tiros e depois jogavam o fuzil e avançavam de facão sobre as trincheiras. Morriam como moscas, e não se intimidando, outras levadas faziam o mesmo! Alguns relatos dizem que no combate do *Fundão*, em 30 de agosto de 1932 (quando o general Valdomiro Castilho de Lima, à frente de 7.000 homens das três armas obriga toda a Frente Sul dos constitucionistas a refluir para a linha de Capão Bonito), de um batalhão de cerca de 800 *Pentes Finos*, pouco mais de 100 escaparam com vida.⁶⁰



Provisórios gaúchos no Fundão em 31 de agosto de 1932. (AAC) [10.29]

60 - PIRES, Cornélio. *Chorando e rindo: episódios e anedotas da guerra paulista*. São Paulo, Nacional, 1933. p. 40-42.

Voltando à análise de Vasquez, tais dados documentais, portanto, não evidenciam que uma guerra civil de tamanha envergadura e gigantesca mobilização nacional e não apenas regional, como foi a Revolução de 1932, onde os recursos humanos, materiais e tecnológicos de todo o país, foram concentrados ao máximo, em ambos os lados do conflito, possa ser considerada como uma gincana política das elites oligárquicas. Na obra, *História do Exército Brasileiro*, a Revolução de 1932 é definida como *o maior movimento armado de nossa história*.⁶¹

Dessa forma, utilizando o artigo do fotógrafo Pedro Vasquez como exemplo, e possuindo as mesmas fotografias que ele próprio utilizou em seu trabalho, tomo a liberdade de tentar fazer seu processo de análise e interpretação fotográfica ao inverso, ou seja, uma espécie de *tradução* de parte do seu texto escrito, em imagens fotográficas do evento.⁶²

"A grande maioria dos clichês registra unicamente os preparativos, deixando de lado a ação."



Sala de Costura da ACM - Associação Cristã de Moços em São Paulo. Estima-se que mais de 80.000 mulheres, só na Capital do Estado, se inscreveram como voluntárias entre propagandistas, cozinheiras, coletoras de donativos, enfermeiras e costureiras. (Álbum de Família) [6.36]

61 - ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. *História do Exército Brasileiro*: perfil militar de um povo. Rio de Janeiro, IBGE, 1972. p. 959.

62 - VASQUEZ, Pedro. *A fotografia como instrumento de propaganda política: o caso da Revolução Constitucionalista*. In: *Revolução de 32: a fotografia e a política*. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE/CPDOC, 1982. p. 7ab.

Temos imagens da mobilização de contingentes otimistas, que posam para a objetiva como turbulentos colegiais em excursão;



Despedidas na Estação Norte. Flores, sorrisos e bandeiras. Todos acreditam que sua causa é justa e verdadeira. E podemos nós duvidarmos de sua sinceridade? (Álbum de Família) [6.26]

...dos donativos de ouro para a campanha;



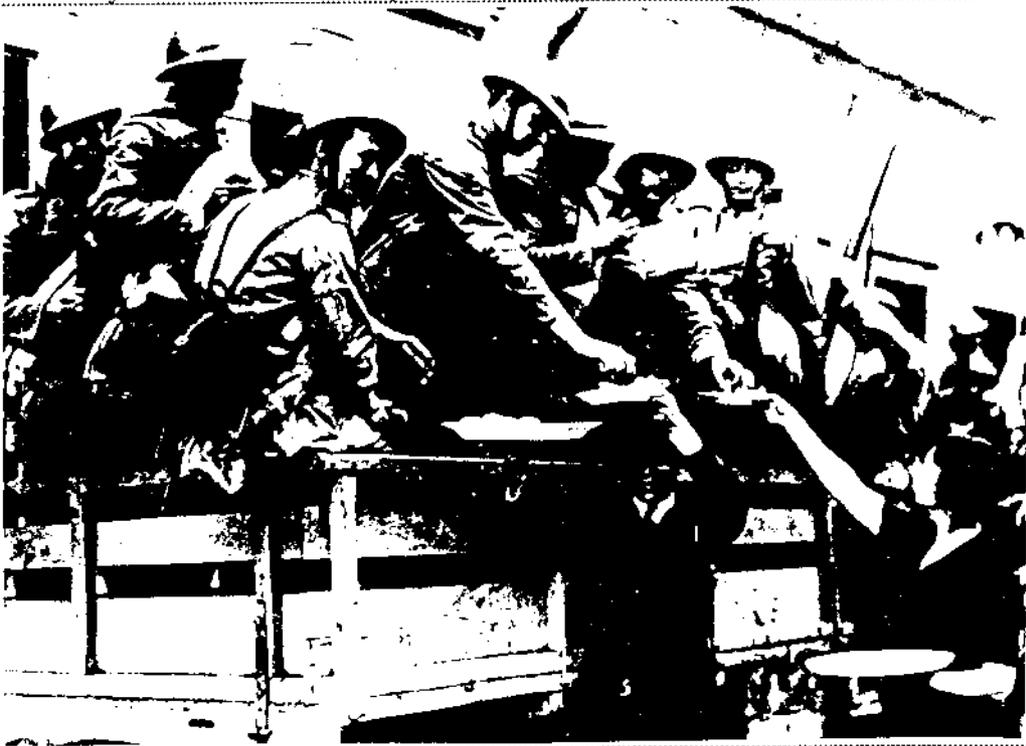
Não há nada que comova tanto como os magníficos resultados que vêm coroadando a Campanha do Ouro para a Vitória, de iniciativa da Associação Comercial de São Paulo. (CPDOC p. 32 a) [2.29]

...dos famosos capacetes de aço,



O capacete de aço foi maravilhoso. O preço dado por ele pelas populações, está suficientemente resgatado pelas vidas que salvou. (CPDOC p. 33) [2.9]

...dos petiscos oferecidos aos soldados pelas senhoras de Lorena... Mas nem sombra de violência.



Senhoras de Lorena oferecendo guloseimas aos soldados do 2º Batalhão da Liga de Defesa Paulista. (CPDOC p. 35) [2.10]

E, quando vemos uma arma de fogo, ela é empunhada com estudada displicência, como a espingarda Winchester com a qual um elegante constitucionalista, de chapéu e terno escuro, barra o caminho numa rua de São Paulo - tendo a precaução de manter os dedos bem longe do gatilho.



Estudante de Direito, membro do MMDC, guarda as imediações da Faculdade do Largo de S Francisco. (HD) [8.14]

Somente os danos materiais são inventariados: aqui uma ponte destruída,



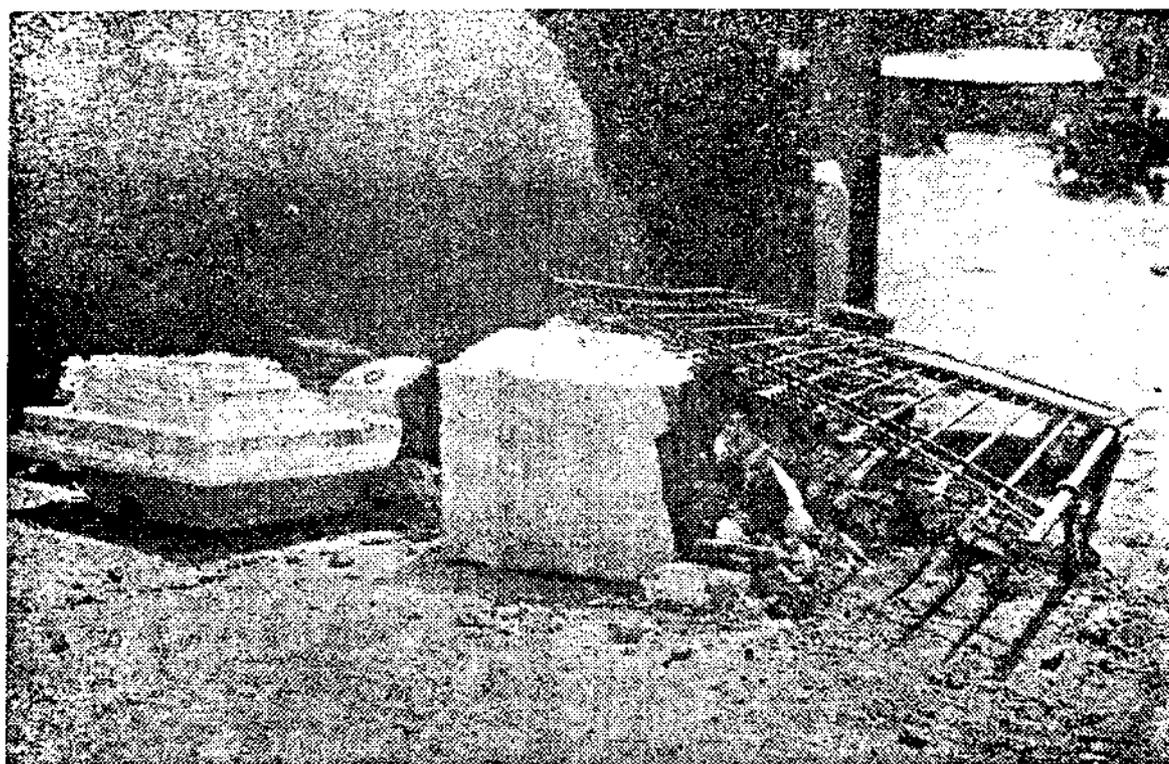
Ponte de Cachoeira destruída em setembro/32 pelas Forças Constitucionalistas em retirada. (HD) [8.17]

...ali um telhado...



Um dos bombardeios aéreos em Campinas, em 19/09/32 - O telhado do Hotel Pinheiro, Rua Dr. Costa Aguiar, atingido por uma bomba que um dos aviões da ditadura atirou sobre aquela cidade. (MF) [12.6]

...ou um muro demolido.



Portão do Mercado Municipal de Guaratinguetá, derrubados pela artilharia ditatorial. (MF) [14.28]

Nunca mortos ou feridos, para não desincompatibilizar o povo com a revolução. Nada de fome ou sangue. Ao invés disto, soldados fartamente equipados e alimentados que telefonam numa espécie de "orelhão de campanha",



Constitucionalista no setor Litoral Norte em Cunha, falando num telefone de campanha. (CPDOC) [2.32]

...escrevem cartas com o abandono de uma criança entretida com um brinquedo, ou lavam os uniformes para enfrentar o inimigo limpos de corpo e alma."



Soldado constitucionalista escrevendo para casa num momento de trégua. (CPDOC p. 48 b) [5.16]

Deixamos de reproduzir a última fotografia que Vasquez se referiu no artigo, pois tratam-se de soldados ditatoriais na região do Túnel da Mantiqueira. Provavelmente algum contingente da Força Pública Mineira, lavando seus uniformes em um pequeno córrego, e o autor abordava em seu estudo especificamente a conduta dos “paulistas”.

Feita essa *decupagem* do texto, onde procuramos reproduzir as possíveis imagens que lhe deram origem, gostaríamos de acrescentar mais algumas fotografias do mesmo evento e que não coincidem totalmente com algumas frases do texto apresentado, destacadas em negrito. Estamos aqui, frente ao nosso velho e conhecido *fantasma da escolha*. Corroboramos plenamente com as afirmações do fotógrafo Pedro Vasquez, referentes à raridade das imagens que pudessem de alguma forma desincompatibilizar o povo com a revolução. Contudo, é preciso contextualizar a questão e lembrar que os padrões da época, eram muito diferentes dos atuais. E fotografias de um soldado ferido, uma cruz à margem de uma estrada ou mesmo cenas de um enterro, que para nós, pouco ou nada significaria nos anos 1990, causava, contudo, em 1932 grande comoção pública.

O lado ditatorial procedia da mesma forma e a *foto-denúncia*, ainda não havia sido instituída. Então, o que teria levado o pesquisador a privilegiar algumas fotografias em detrimento de outras, igualmente disponíveis? Não fugindo à regra, a fotografia comporta-se exatamente igual a todos os outros tipos de documentos historiográficos, dando-nos o poder da opção, a força da preferência pessoal, para afirmarmos ou negarmos aquilo que nos interessa.

...unicamente os preparativos, deixando de lado a ação.

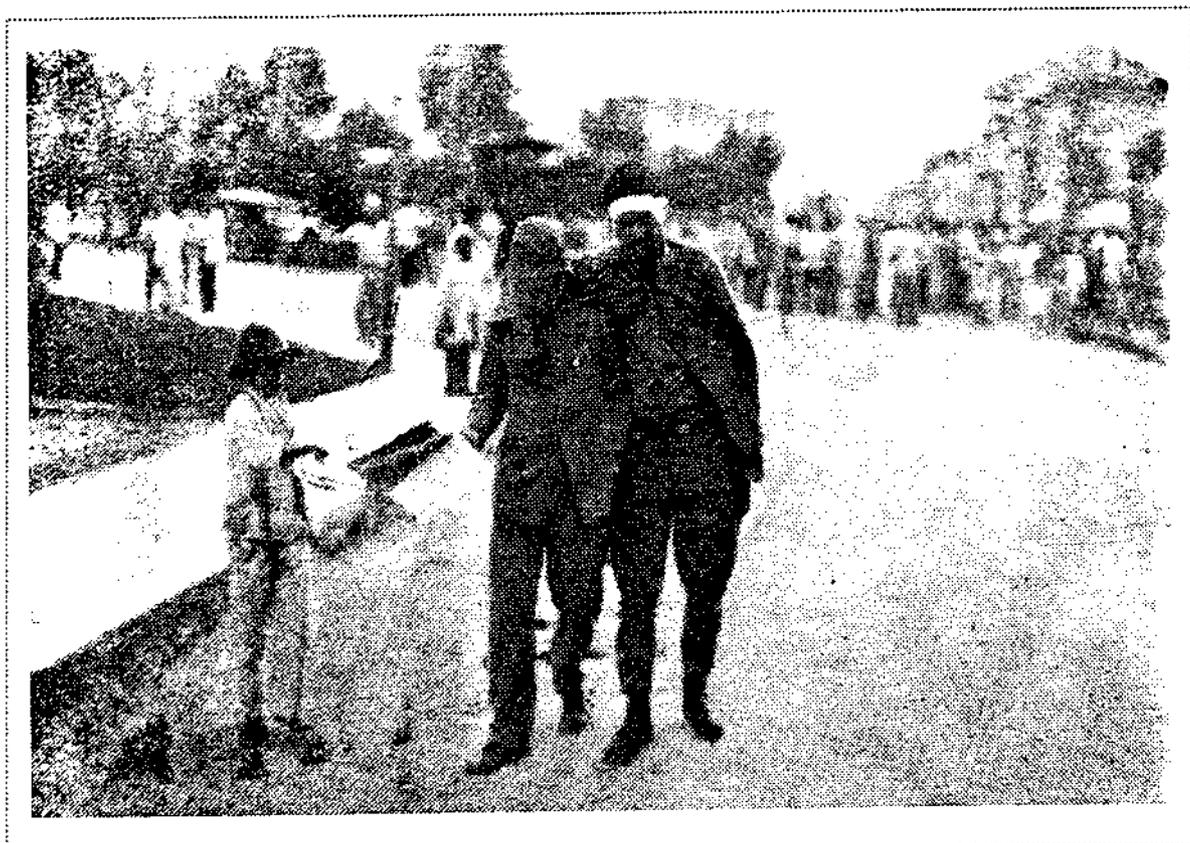


Instantâneo fotográfico que mostra cenas de um combate real. As tropas constitucionalistas são surpreendidas com um ataque aéreo inimigo. Esses soldados que aparecem correndo para se protegerem, não estavam de serviço. As linhas defensivas ficavam na crista da serra da Mantiqueira, divisa com Minas Gerais, aproximadamente a 2 km desse local. Uma bomba explode atrás da casa. (AF) [7.3]

... Mas nem sombra de violência. Nunca mortos ou feridos.



Os primeiros mortos pela causa constitucionalista começam a enlutar São Paulo: Barros Penteado e Clineu em Buri, João Preiss em Campos Novos, Bittencourt e José Gomes nos céus de Guarujá, Fernão Sales em Pouso Alegre, Major Novais em Cruzeiro. Cajado, Ivampa e Fleming no Vale do Paraíba. (AF) [7.22]



Desembarque de soldados feridos em combate, na estação de Lorena. (MF) [14.13]

Ainda dentro desta perspectiva de manipulação das massas através da fotografia, o caso da Revolução de 1932, conta com um fator bastante agravante no que se refere à tecnologia utilizada na época. Como um exemplo comparativo, podemos apontar o chamado período do *Colódio Úmido* (1851-1880). Apesar das grandes reportagens de guerra (Criméia, Secessão, Paraguai), nenhum registro fotográfico de batalhas jamais foi efetuado.

Os fotógrafos do século XIX, porém, contavam com o atenuante tecnológico de utilizarem equipamentos e materiais que não possibilitavam o registro dos combates. O tempo de exposição necessário para sensibilizar o filme, quer dizer o clique, tinha uma duração que oscilava de 10 segundos a 2 minutos, dependendo da intensidade da luz solar; daí, a total impossibilidade de captar qualquer coisa em movimento.

Na década de 1930, contudo, a fotografia já havia atingido um estágio bem próximo ao atual. Em 1924 foi lançada no mercado europeu a câmara *Ermanox* com uma objetiva F 2 extremamente luminosa, que permitia a obtenção de fotografias em interiores sem o uso de *flash*. No ano seguinte a câmara *Leica* inaugura a era das máquinas miniaturas de grande precisão, que utilizavam filmes flexíveis de 35 mm. Ela ainda mantém, até hoje, o título de ser a melhor máquina de 35 mm não-reflex existente no mercado. Além da conhecidíssima *Rolleiflex*, câmara de formato 6x6 cm, reflex de objetivas gêmeas, lançada em 1928.



O fotógrafo Miguel Falletti, fotografado pelo companheiro Armando Brussolo, em um “flagrante”, que se fosse verdadeiro, deixaria ambos entre as linhas constitucionalistas e ditatoriais, em pleno fogo cruzado. Contudo vale pela informação do tipo de equipamento fotográfico utilizado, com recursos técnicos ainda muito limitados (MF) [11.22]

Entretanto, é preciso lembrar ainda que tal equipamento tinha na época um custo elevadíssimo, e no Brasil, ainda não era utilizado nos meios profissionais, tanto fotográficos como jornalísticos. De qualquer forma existiam, assim, essa constatação não deixa dúvidas de que, com tal avanço tecnológico já disponível em 1932 (câmaras leves e portáteis, filmes flexíveis de maior sensibilidade, objetivas mais luminosas e o emprego do flash de lâmpada incandescente) seria perfeitamente possível, se desejado, o registro de instantâneos em situações bastante adversas de combate.

De onde pode-se obviamente concluir que, a pouca frequência desses registros do lado Constitucionalista e a ausência total deles, entre os Ditatoriais, é um fato unicamente intencional. Portanto, dentro deste enfoque, no caso de 1932, mais do que documentar o evento, a mensagem fotográfica foi utilizada para recriá-lo, segundo determinado *ponto de vista*.

Em seu livro *Fotografia e História*, o fotógrafo e historiador Boris Kossoy, adverte ao pesquisador que o assunto registrado sempre mostrará apenas um fragmento da realidade, somente um determinado aspecto do evento passado. Enfatiza que essa imagem é o resultado final de uma seleção de múltiplas formas de se ver, *cujas decisões cabe exclusivamente ao fotógrafo*, seja ela consciente ou inconsciente, premeditada ou ingênua. Ressalta que, as possibilidades do fotógrafo interferir na imagem, existem desde a invenção da fotografia, esteja ela a serviço de uma ou de outra ideologia, denunciando tensões sociais ou, ao contrário, testemunhando a normalidade de uma mesma situação, apenas pela escolha de um outro ângulo mais conveniente.

Portanto, conclui Kossoy, ao observar uma fotografia, deve-se estar consciente de que a interpretação do real será forçosamente influenciada por uma ou várias interpretações anteriores. Por mais isenta que seja a interpretação dos conteúdos fotográficos, *o passado será sempre visto segundo a interpretação do fotógrafo* que optou por um determinado aspecto, o qual foi objeto de manipulação, desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento técnico, até a obtenção da imagem final.⁶³

63 - KOSSOY, Boris *Fotografia e História* São Paulo, Ática, 1989.

Sabemos que o processo de formação da imagem fotográfica, envolve simultaneamente inúmeros fatores, tanto de natureza objetiva quanto subjetiva. Nestes dois opostos, contraditórios apenas em aparência, estão contidos determinantes como, por exemplo de um lado, o aspecto tecnológico de um instrumento óptico, mecânico e químico de precisão inquestionável. De outro lado, devemos alertar que, a interferência conotativa na imagem não é absolutamente exclusiva do fotógrafo. Em outras palavras, não devemos encarar o fotógrafo como uma espécie de narrador de seu tempo, onde estaria explícita na imagem a exclusiva interpretação do operador da câmara e apenas sua visão de mundo.

Vários sujeitos atuam de forma concomitante na operação e o ponto de vista do fotógrafo não é o único que compõe o universo da imagem fotográfica, porém um dentre vários. Esses sujeitos podem exercer influências, com igual peso e simultaneamente entre si. No caso de fotografias onde entra o elemento humano, por exemplo, também é preciso considerar a visão do próprio fotografado, que pode estar exprimindo, de forma consciente ou não, seus anseios e sua auto-imagem idealizada.

A idéia de ser o retratado um forte componente da cena é inquestionável, entretanto, é preciso relativizar sua atuação. Não restam dúvidas que as maneiras de ver, tanto de um quanto do outro, não são as únicas, contudo, existem e não podem ser desconsideradas. Portanto, ao se negar a intermediação feita **apenas** pela ótica do fotógrafo na mensagem fotográfica, o historiador deve estar atento para não deslocar a primazia de um para outro componente formador da imagem, repetindo o erro.

As filtragens na produção da imagem, não se restringem apenas a esses dois sujeitos e não devemos esquecer também, no caso de fotografias que não sejam retratos, a forte interferência da forma de ver do público a que se destinam tais imagens, ou até mesmo os desejos de um editor, patrocinador financeiro ou grupo político, dentre inúmeros exemplos.

Mesmo assim, é preciso considerar que, nem sempre o espírito norteador da realização dos registros fotográficos, resulta obrigatoriamente de uma posição ideológica definida *a priori*, seja por um editor manipulado ou qualquer grupo manipulador. Tais registros também podem ser fruto de uma convergência de expectativas e da similaridade de um mesmo imaginário - do fotógrafo, do leitor, do editor, do patrocinador e do próprio fotografado - de verem traduzidas nas imagens as esperanças do sucesso da campanha, bem como, da realização de um ideal coletivo.

Neste sentido, a fotografia divulgada pela imprensa em 1932, não somente corrobora com o discurso verbal (oral e escrito) que pretende assegurar a vitória mas, principalmente, estabelece vínculos, aproximando e identificando, quase que a totalidade dos habitantes do Estado de São Paulo e demais constitucionistas de outros estados a uma causa comum.



Junto com seus soldados, brancos ou negros, a mulher e a criança cumpriam sua missão, levando o incentivo de seu carinho aos que marchavam para o *front*. (MI p. 10) [17.13]

Grande parte dos estudos sobre a manipulação das massas através da fotografia, apesar de utilizarem caminhos diversos e aparentemente díspares, convergem para um mesmo e único ponto: nenhum deles anulam em momento algum, o caráter de eficácia documental comprovada que possui a imagem fotográfica, mesmo levando-se em conta todos os processos de refração conhecidos.

Aliás, ao contrário, se do ponto de vista da objetividade, a fotografia possibilita a transmissão direta de informações contidas em sua materialidade, por outro ângulo, ela também é portadora de modos de ver particularizados pelo contexto histórico na qual foi produzida.

Nesse caso, são exatamente as filtragens de todos os sujeitos explícitos ou não, ou seja, o lado subjetivo na construção da imagem, que atuarão de maneira favorável, fornecendo igualmente ao historiador as informações sutis de como as pessoas deliberadamente se mostravam ou se escondiam. Em outras palavras, podemos utilizar o aspecto conotativo da fotografia como um instrumento de auto-representação, obtendo assim, indícios seguros de como esses protagonistas dos eventos passados se deixavam ver e também de que forma viam fotograficamente as imagens fragmentadas de seu próprio tempo e espaço.

Acreditamos que esta seja uma das mais interessantes formas de se buscar novas vertentes metodológicas para a pesquisa da fotografia enquanto fonte historiográfica. Devemos encarar a fotografia em todos os seus níveis de complexidade, abordando a imagem fotográfica como algo que é, simultaneamente, objetivo e subjetivo. Assim, nosso posicionamento pessoal é que, a fotografia deve ser estudada como uma fonte de natureza dual, que contém em si mesma e de maneira concomitante e complementar, informações denotadas e conotadas.

Tal ambivalência de mensagens, não pode ser confundida como uma incoerência documental, ao contrário, é exatamente essa aparente contradição entre os opostos, que torna delineável o contorno dos múltiplos elementos que compõe a imagem em toda sua abrangência. Utilizada desse modo, acreditamos que a fotografia poderá efetivamente fornecer ao historiador possibilidades de interpretação dos acontecimentos passados, através da observação dos indícios imagéticos que contém.

Assim, ficou evidente através da análise de centenas de imagens fotográficas, que o envolvimento popular a favor da Revolução Constitucionalista de 1932, era muito maior do que propunham as interpretações historiográficas predominantes. Além disso, a presença maciça do operariado e trabalhadores não qualificados apoiando os constitucionalistas, direta ou indiretamente, opunha-se à hipótese de uma contra-revolução das oligarquias.

As fotografias desmistificavam com veemência essa espécie de consenso estabelecido em torno do Movimento de 1932, de ser uma revolução apenas das elites. Daí, a preocupação em expormos não somente as imagens, mas também os discursos dos diferentes segmentos, que, embora antagônicos entre si, igualmente afirmavam em suas entrelinhas, a presença e cooperação dos setores mais populares, notadamente do operariado paulista.

Na busca de imagens que, de alguma forma, se relacionassem com a teoria de *manipulação das massas pela classe dominante*, foi possível encontrar, nesse sentido, uma interessante gravura que sintetiza de forma eloqüente o mito do complô e da conspiração. Ela representa imagetivamente uma interpretação largamente difundida a respeito da Revolução de 1932: a idéia da manipulação dos poderosos, das maquinações da elite dominante e das conjurações subterrâneas.

As mãos gigantes e poderosas, manipulam marionetes de madeira, sem vida, sem rosto, sem vontade própria. São os voluntários que marcham autômatos para uma guerra que não lhes pertence, homens e mulheres da classe média paulista, supostamente conduzidos por grandes forças que não estão ocultas nem invisíveis, mas permanecem desconhecidas, anônimas. Caminham cegamente como bonecos para um fim secretamente predeterminado, independente da vontade ou do arbítrio de cada um. A imprensa, literalmente amarrada às mãos maquinadoras, não possui liberdade nem autonomia, apenas cumpre o que é ordenado.

Entretanto, o autor, apesar de reproduzir em sua obra 17 ilustrações, entre fotos e gravuras, não publicou uma única fotografia sequer, que pudesse induzir a idéia de uma total manipulação do povo pelas classes dominantes. Para isso, teve que valer-se da ajuda de um artista ilustrador para criar ficticiamente uma imagem desenhada, que representasse tal hipótese.⁶⁴



Ilustração de Wansi (Capa do livro "O Jogo do Poder: revolução paulista de 32" de Holien Gonçalves Bezerra. São Paulo, Moderna, 1988). [6.30]

64 - BEZERRA, Holien Gonçalves. *O Jogo do Poder: revolução paulista de 32*. São Paulo, Moderna, 1988. (Capa do livro: ilustração de Wansi)

Do homem não há mais que o envoltório: inteligência, espírito, razão, consciência, livre-arbítrio, tudo está paralisado, seco, atrofiado pelo hábito de um obediência muda e terrível, pela prática de misteriosos exercícios que abatem e matam tudo o que há de livre e de espontâneo no pensamento humano. Então, nesses corpos privados de alma, mudos, sombrios, frios, insuflamos o espírito de nossa ordem; imediatamente os cadáveres andam, vêm, agem, executam maquinalmente a vontade, da qual ignoram os desígnios, assim a mão executa os mais difíceis trabalhos sem conhecer, sem compreender o pensamento que a dirige.⁶⁵

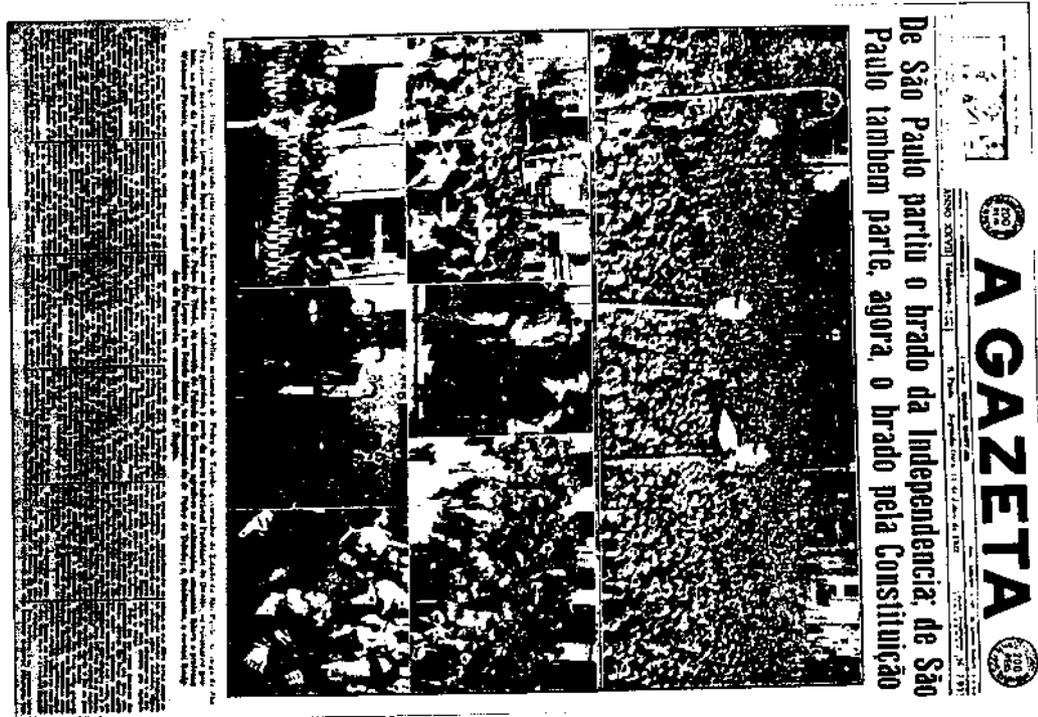
Denunciar, vincular e demonstrar o caráter manipulador das elites oligárquicas sobre o Movimento Constitucionalista é um procedimento que convence facilmente e que já se tornou um lugar-comum da historiografia predominante. Tomando por base o pensamento do historiador francês Raoul Girardet, e aplicando-o no caso de 1932, tais observações de denúncia são necessárias e pertinentes. No entanto, convém não atribuir a esta suposição, um valor que ultrapasse o de uma interpretação bastante limitada.

Certamente, diz Girardet, que nos infinitos desenvolvimentos do discurso da manipulação, do complô e das conspirações e em seus múltiplos desdobramentos - sempre presente e eternamente renascente - seja possível discernir certas especulações maquinadoras. Quanto a isso não resta a menor dúvida, e este é um fato que não pode ser negligenciado. Contudo, e com toda evidência, seria singularmente arriscado concluir que é a partir desse enfoque que a totalidade do evento deva ser apreendida, analisada e interpretada:

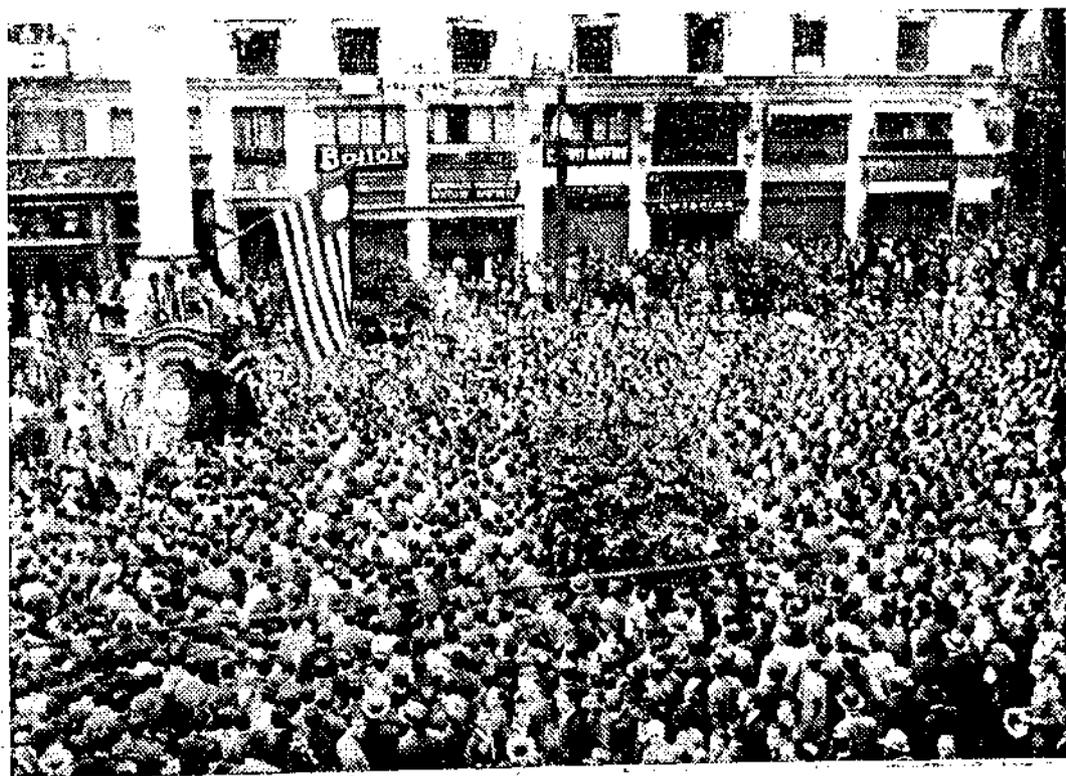
Em primeiro lugar porque, se, entre alguns, a vontade deliberada de manipulação pode ser claramente estabelecida, tais casos permanecem, no final das contas, muito pouco numerosos para que seja permitido questionar a sinceridade da maioria. As próprias habilidades táticas, inseparáveis de todo engajamento militante, não testemunham de modo algum, da parte daqueles que as empregam, qualquer falta de convicção em relação à causa que entendem sustentar (...) e sobretudo, porque nenhum empreendimento manipulador pode esperar atingir seus objetivos ali onde não existe, nos setores da opinião que ele se esforça por conquistar, uma certa situação de disponibilidade, um certo estado prévio de receptividade. O que significa, entre outras coisas, que em sua estrutura, em sua forma como em seu conteúdo, a mensagem a ser transmitida deve, para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a um certo código já inscrito nas normas do imaginário. Aqueles mesmos que quisessem jogar com o imaginário se veriam obrigados, assim, a submeter-se às suas exigências. O mito existe independentemente de seus usuários eventuais; impõe-se a eles bem mais do que eles contribuem para sua elaboração.⁶⁶

65 - EUGÈNE SUE.(Romancista francês,1804-1857) *Le juif errant*. *Apud*: GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Companhia das Letras - São Paulo, 1987. (©1986). p. 36

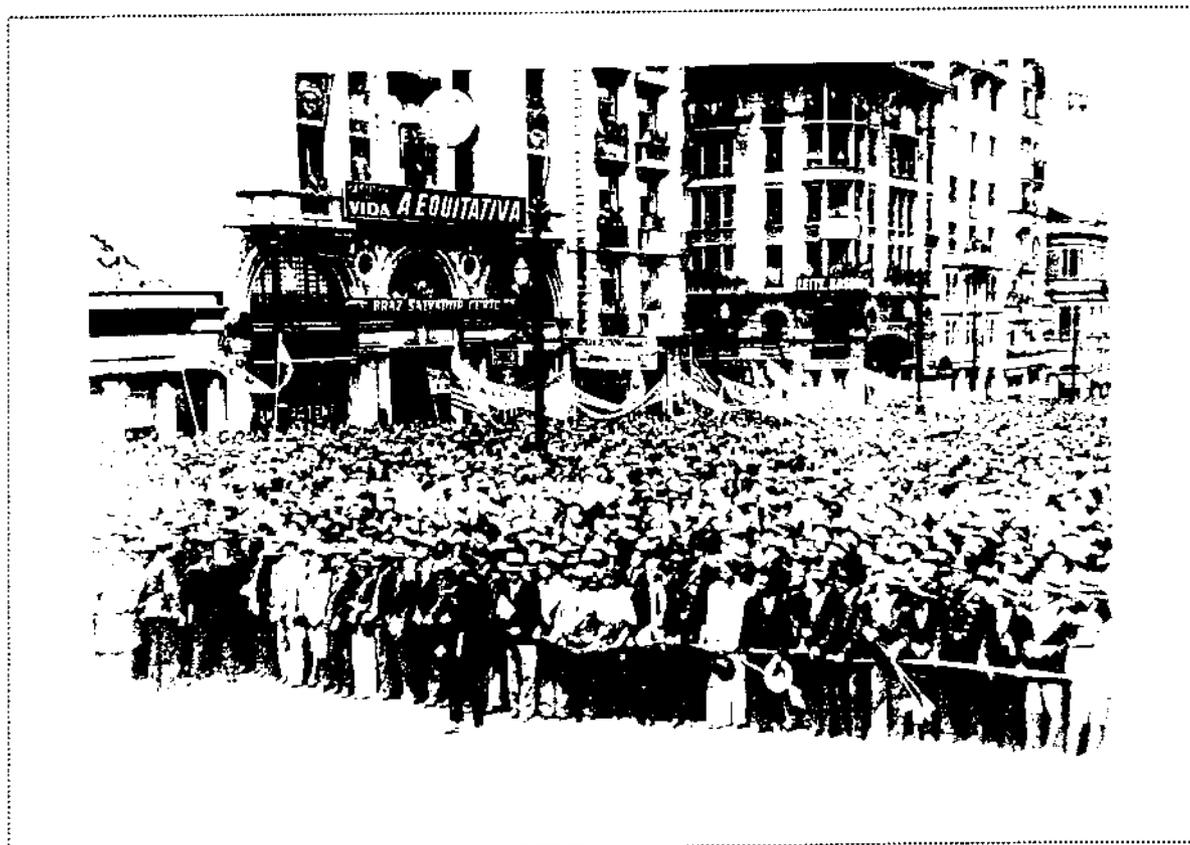
66 - GIRARDET, Raoul. *Op. Cit.* p.51.



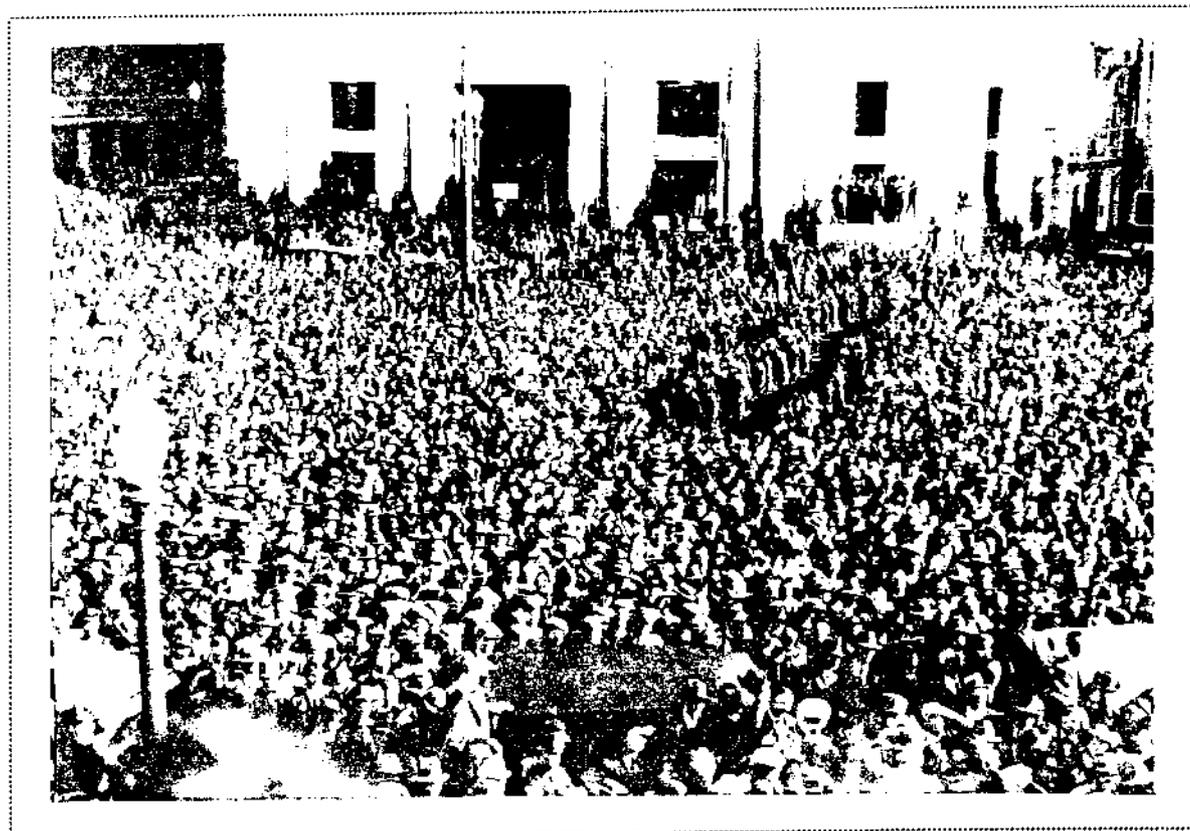
O povo delira nas ruas. A multidão que canta o Hino Nacional e aplaude freneticamente estende-se da Praça de Santa Ifigênia até a Praça da Sé. (A GAZETA, segunda-feira, 11 de julho de 1932) [9.18]



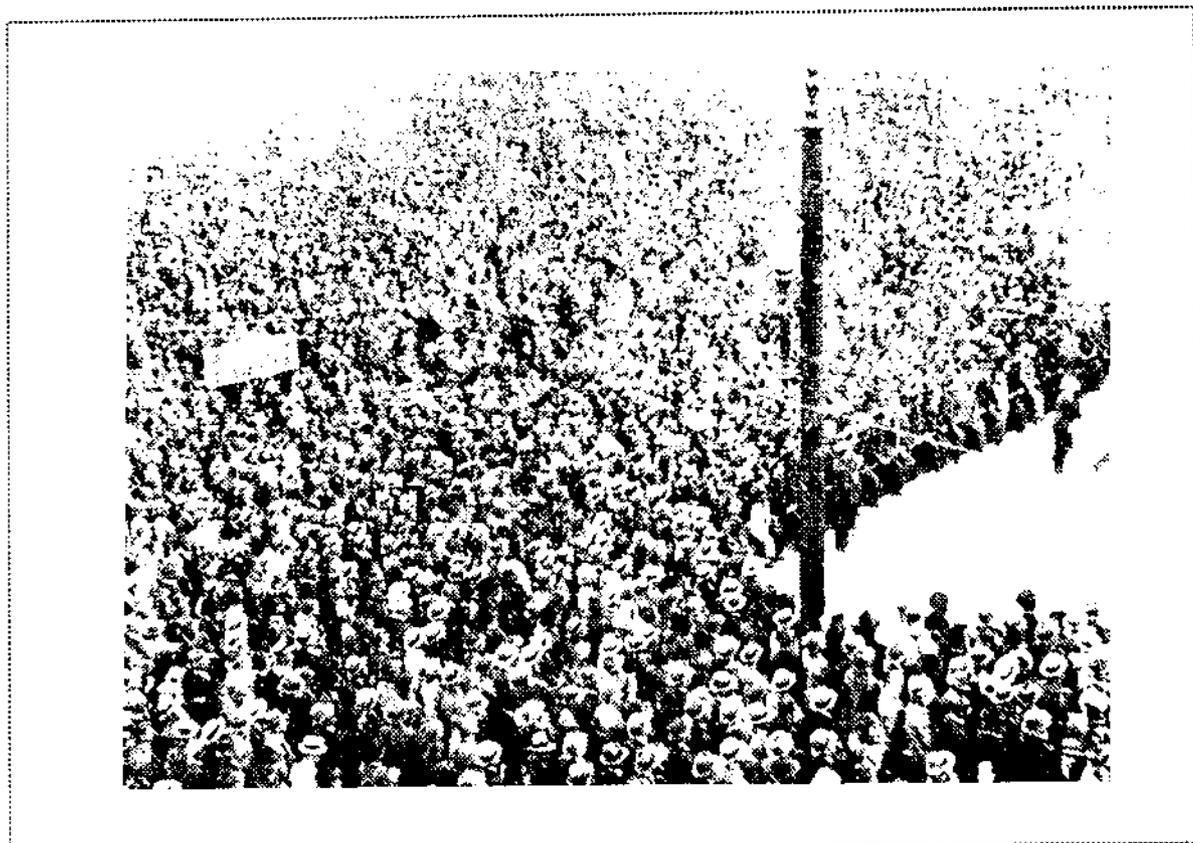
Comício promovido pela Faculdade de Direito na Praça do Patriarca (Folha da Noite, 23/05/32) [2.1]



O 23 de maio de 1932 em São Paulo. O povo, em massa, aguarda a constituição do Secretariado. (PM) [17.6]



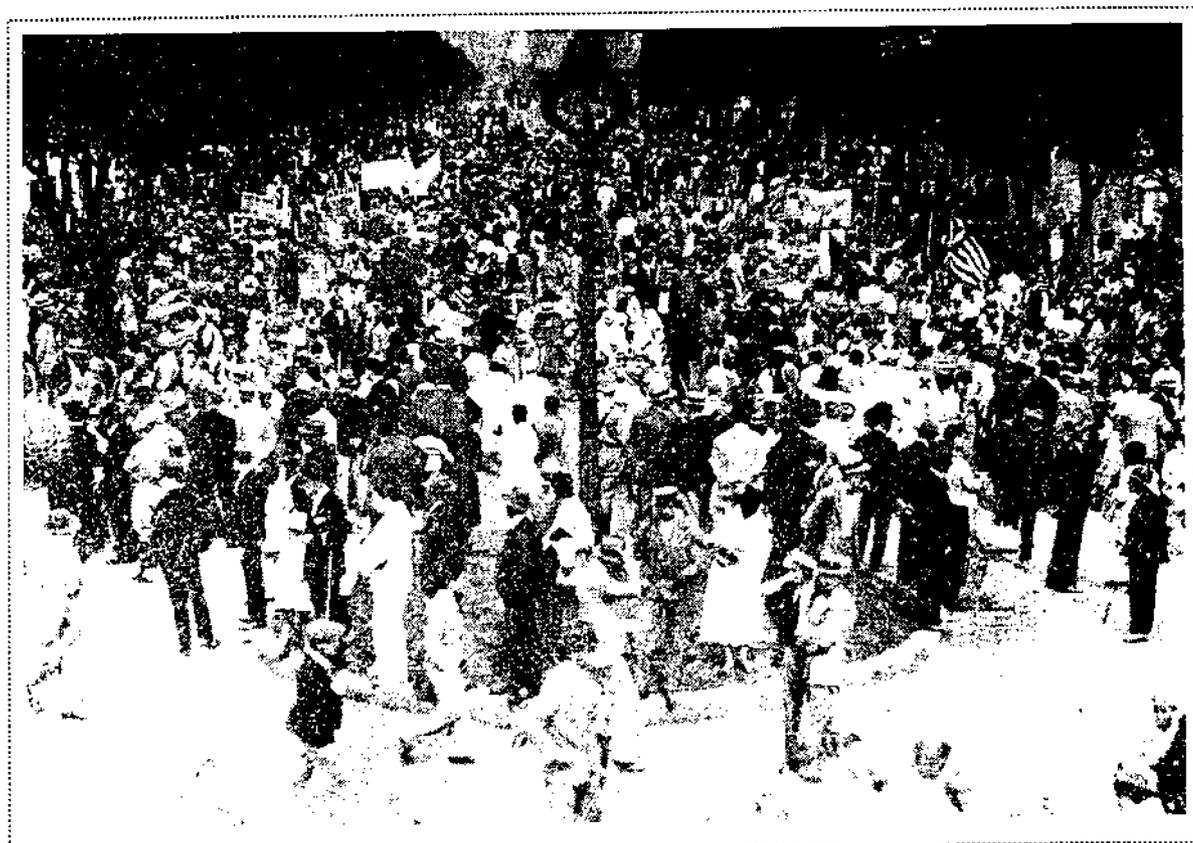
Apoteose da aclamação de Pedro de Toledo Governador de S Paulo. Largo do Palácio, 10/07/32. (PBC) [4.7]



Um dos comícios monstros da Praça da Sé. (PM) [17.4]



A passagem dos Batalhões de crianças paulistas pelo Viaduto do Chá. julho de 1932. (MF) [12.31]



Aspecto geral do desfile dos Batalhões Infantis, na Avenida Paulista, em São Paulo. (MF) [12.13]



O 1º Batalhão da LEGIÃO NEGRA na Praça do Patriarca em São Paulo. (Instituto Cultural Itaú) [A.E. 5]

Uma das mais fortes vertentes interpretativas que as imagens fotográficas sugeriam, era exatamente a mobilização voluntária da população. É importante frisar que esse voluntariado não se restringia apenas a um eficiente serviço que recrutava homens para a guerra, muito mais que isso, tal engajamento popular abrangia os mais variados setores, não apenas nas frentes de combate, mas sobretudo, no apoio logístico da retaguarda.

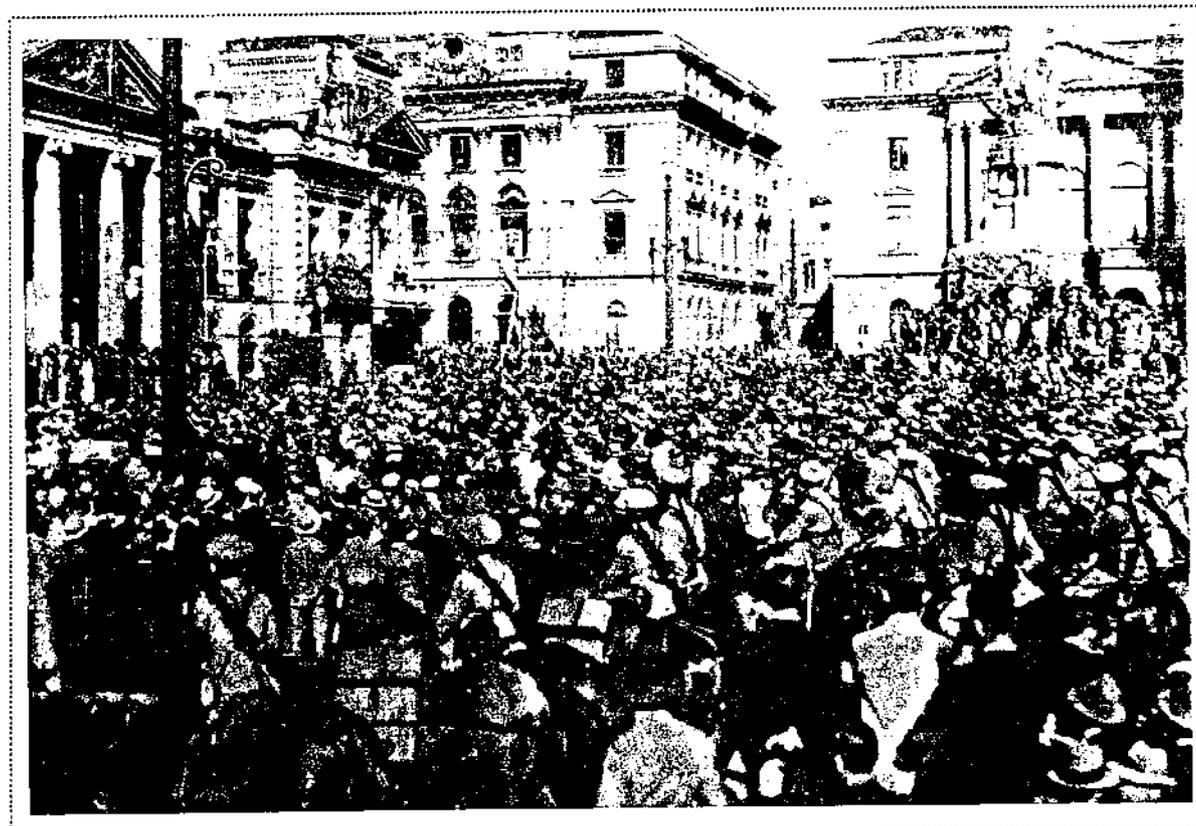
É principalmente nesse aspecto que a mobilização da sociedade se faz presente. Tanto os dados estatísticos como os depoimentos e declarações, são unânimes em afirmar essa verdadeira insurreição, sem precedentes em nossa história. Considero esses testemunhos com alto grau de confiabilidade, pois, partiram de grupos rivais ou *classes* antagônicas, ambos, contudo, **afirmando** a participação do **povo** na revolução, seja pelo enaltecimento de tão nobre fato, por uns, como pelo lamento da infelicidade do ocorrido, por outros.



A GAZETA, Praça da Sé, São Paulo, 25 de janeiro de 1932. (HD p. 51) [17.30]

O Periódico Libertário *A PLEBE* de São Paulo, logo após o término da Revolução Constitucionalista, publica em seus primeiros números da 3ª Fase, uma série de artigos, alguns assinados outros não, em que se lamentava profundamente o infeliz apoio do povo ao Movimento. Intercaladas aos documentos escritos, seguirão imagens fotográfica da mobilização popular:

Que pavorosa tragédia, que horrível pesadelo! Oitenta dias, quase três meses de sobressaltos infinitos, de angústias inenarráveis, de padecimentos indizíveis. Que pena e que tintas para estigmatizar com cores autênticas e verdadeiras os autores do terrível atentado, os forjadores da cínica e sangrenta tragédia, esses miseráveis políticos que fizeram derramar ao **Povo** de São Paulo e do Brasil rios e rios de sangue para que eles pudessem de novo galgar as escadas do poder, subir ao pináculo da governança e como antigamente dominar o Brasil, este país digno de melhor sorte, e serem os únicos a mandar, a ordenar, a imperar. Que pintor e que pincel para executar este hediondo quadro, este lúgubre e infernal painel de um **Povo** que, **enganado** por algumas dezenas ou centenas de políticos sem trabalho e de jornais mercenários e venais, **se lança à peleja**, **acorre** a todas as fronteiras e cercado, **engarrafado, bloqueado, resiste** durante oitenta dias às investidas adversárias, **vertendo** o seu sangue, **perdendo** a sua vida, **sacrificando** sua existência em holocausto a interesses estranhos, inconfessáveis e duvidosos, **tudo dando** para nada ganhar? (continua)



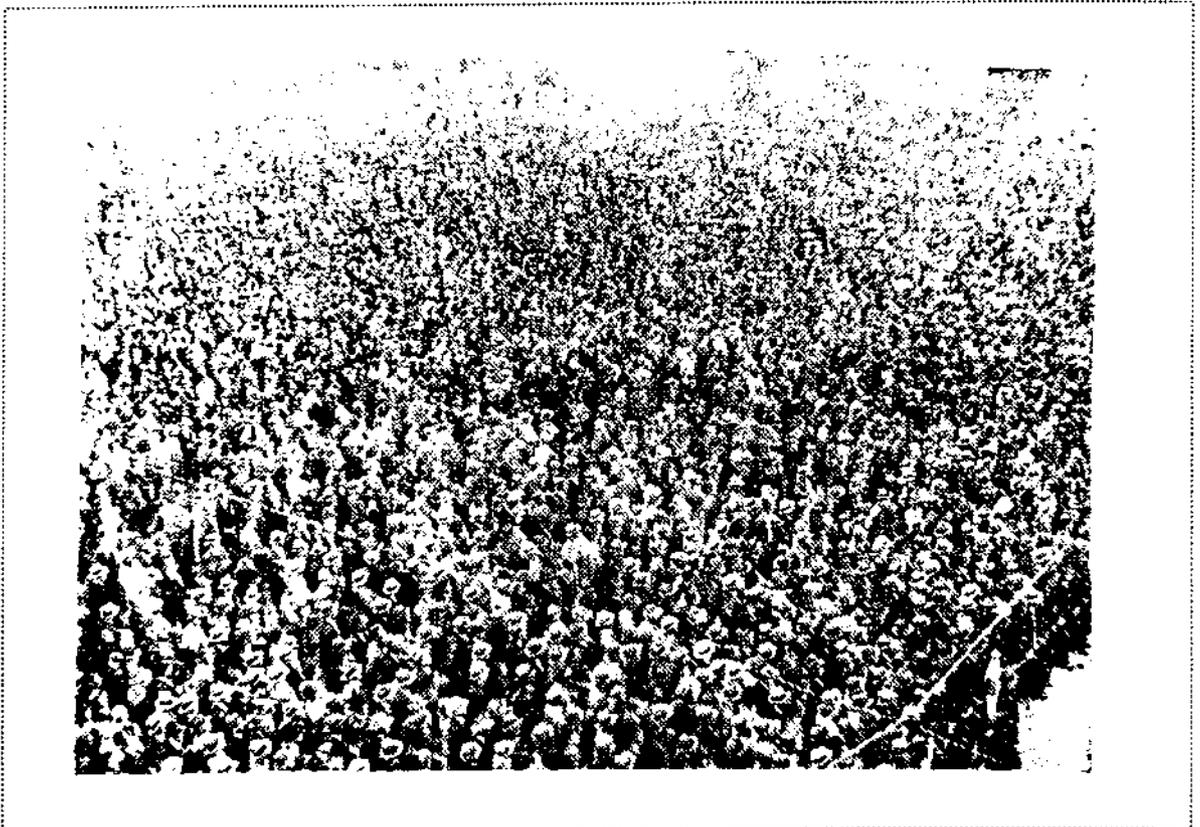
Proclamação do Senhor Governador Pedro de Toledo, no dia 10 de julho de 1932. (PBCp. 11 a) [16.2]

Este **Povo** generoso, trabalhador e ativo, este heróico **Povo** que fez a grandeza de São Paulo, que tornou esta cidade a maior metrópole industrial da América do Sul, que derrubou as florestas centenárias, que rasgou infindáveis estradas de ferro e de rodagem, que levou os trilhos férreos através do Estado a todos os Estados limítrofes, que fez surgir do seio da terra esses infinitos e viridentes cafezais que são a admiração do mundo e a riqueza do Brasil, um **povo** de tanta capacidade e de tanta iniciativa **enganado, iludido, ludibriado** pelos seus políticos, pelos seus padres e bispos e pelos respectivos industriais, **deixa as ferramentas do trabalho produtivo e fecundo, pega da espada e da carabina e marcha cegamente, irrefletidamente, desvairadamente para a guerra**, em busca da morte e procurando matar também os seus irmãos, brasileiros como ele. dos quais nada o afasta, nem a língua. nem a religião, nem as tradições, nem os próprios interesses!... (continua)



Não havia limite de idade. Todos queriam dar seu sangue pela causa. (MI p. 6 b) [3.30]

Ah! com que infinita simpatia nós lamentamos as vítimas de tão nefando excídio, as vítimas da sua própria ingenuidade e boa fé, as vítimas imoladas a interesses de terceiros, os nefandos carrascos deste povo ingênuo, crédulo e dedicado! E que imenso desprezo votamos a esses verdugos políticos, a essa caterva de negociastas de toda a casta que subordinam os interesses da região e da nação aos seus próprios interesses, os quais criam conflitos tremendos para serem resolvidos à **custa do sangue dos ingênuos e dos puros de coração**, e que às vezes dos falsos pastores se arremessam em choque tremendo procurando morte e matando reciprocamente! Quando chegará o dia em que o **povo** tome em mãos os seus próprios negócios, trate pessoalmente dos seus naturais interesses, saiba dirigir os seus próprios destinos, deixando de **obedecer** a ordens estúpidas, não **escutando** palavras fomentidas, não **atendendo** a promessas mentirosas nem a empreitadas perigosas? **Povo**, trata de paz a todo o custo. Guerra somente aos flagelos, às doenças à ignorância e abusões, à exploração de que somos vítimas. Como na célebre canção: 'Paz entre nós, guerra aos Senhores!'. (sem assinatura - grifos nossos) ⁶⁷



Comícios monstros na Praça da Sé, São Paulo, maio de 1932. (PM) [17.20]

67 - A PLEBE, Sábado, 19 de novembro de 1932. nº 1 p.4. *A Sinistra Aventura*. (Periódico Libertário em sua 3ª Fase: de 19/11/1932 a 23/11/1935) Fundado em 17/06/1917. Redator-Gerente: Rodolfo Felipe Redação e Administração: Parque D Pedro II, 103 - 2º andar.

O que o povo de São Paulo deve à corja política que o arrastou à contra-revolução. (...) **E para impedirem o advento de novas concepções sociais**, lançaram este povo heróico e laborioso numa luta de morte contra o resto do Brasil. (sem assinatura - grifos nossos) ⁶⁸

Durante a Tempestade. Em face da situação brasileira, a atitude digna para aqueles que defendem idéias e se batem por princípios, é a de **absoluta neutralidade, ou então, de combate aos dois grupos**, que defendem velharias e anacronismos e lutam por ambições e interesses pessoais. Nota: Artigo escrito por ocasião da revolução paulista, impedido de ser publicado pela violenta censura da polícia ditatorial em Minas Gerais. (Assinado: Aníbal Vaz de Melo) (grifos nossos) ⁶⁹

O Clero e a Contra-Revolução. A Revolução Paulista, isto é, a contra-revolução promovida pelos reacionários de São Paulo, **contra as idéias, relativamente avançadas, da Republica Nova**, proporcionou-nos uma excelente oportunidade de conhecer o clero em toda a sua infâmia. (Assinado: João Pontes Moraes) (grifos nossos) ⁷⁰

É importante ressaltar, que o posicionamento pessoal da totalidade dos líderes sindicais, ativistas políticos e intelectuais militantes, tanto anarco-sindicalistas como trotskistas e comunistas, era radicalmente contrário ou, na melhor das hipóteses, de absoluta neutralidade frente ao Movimento Constitucionalista; bem como uma certa tendência, facilmente identificável nos artigos publicados (parcial entre os anarquistas e mais forte entre os comunistas), em apoiarem a ditadura do governo provisório.

Muito provavelmente, constatações dessa natureza devem ter levado ao equívoco de se atribuir a postura ideológica dessa reduzida liderança, a todo um universo de trabalhadores. Entretanto, não acreditamos que o conceito de *Classe Operária* possa ser reduzido à atuação de sua suposta vanguarda ou expressão organizada. É extremamente importante a compreensão de que a retórica de algumas dezenas de militantes sindicais não reproduzia em absoluto o conjunto de trabalhadores fabris que, segundo o depoimento de seus próprios integrantes, representavam nesse período específico, uma débil facção pouco expressiva junto ao operariado.

68 - A PLEBE, sábado, 31 de dezembro de 1932 - 3ª Fase nº 6. pg. 3.

69 - A PLEBE, sábado, 7 de janeiro de 1933 - 3ª Fase nº 7. pg. 2.

70 - A PLEBE, sábado, 7 de janeiro de 1933 - 3ª Fase nº 7. pg.3-4.

Apesar da respeitável força política desempenhada por estas três correntes do esquerdismo brasileiro, elas não conseguem se fortalecer e penetrar de forma significativa na liderança da classe dominada. A debilidade é reconhecida, por exemplo, por Mário Pedrosa, um dos fundadores do movimento trotskista ao afirmar que “os trotskistas raramente excederam o número de 50, e nunca passaram de 100”. Os anarquistas, em manifesto lançado em março de 1932, admitem ser reduzidos em número, o que, porém, não deveria ser pretexto para recuos: “A guerra social não é uma matemática”. Os comunistas são os que estão mais bem localizados do ponto de vista numérico e organizativo. Mesmo assim, as lideranças, em constantes lutas internas pela direção do partido, reconhecem sua fraqueza. Ao supervalorizarem suas forças, em novembro de 1935, precipitam insurreições que lhes custam dissabores ainda hoje perceptíveis. Nas inúmeras retratações que os dirigentes do PCB se viam obrigados a redigir, aparecem com frequência “erros teóricos” e “estratégicos” que colocam em dificuldade a ação do partido na liderança do operariado.⁷¹ (aspas no original)

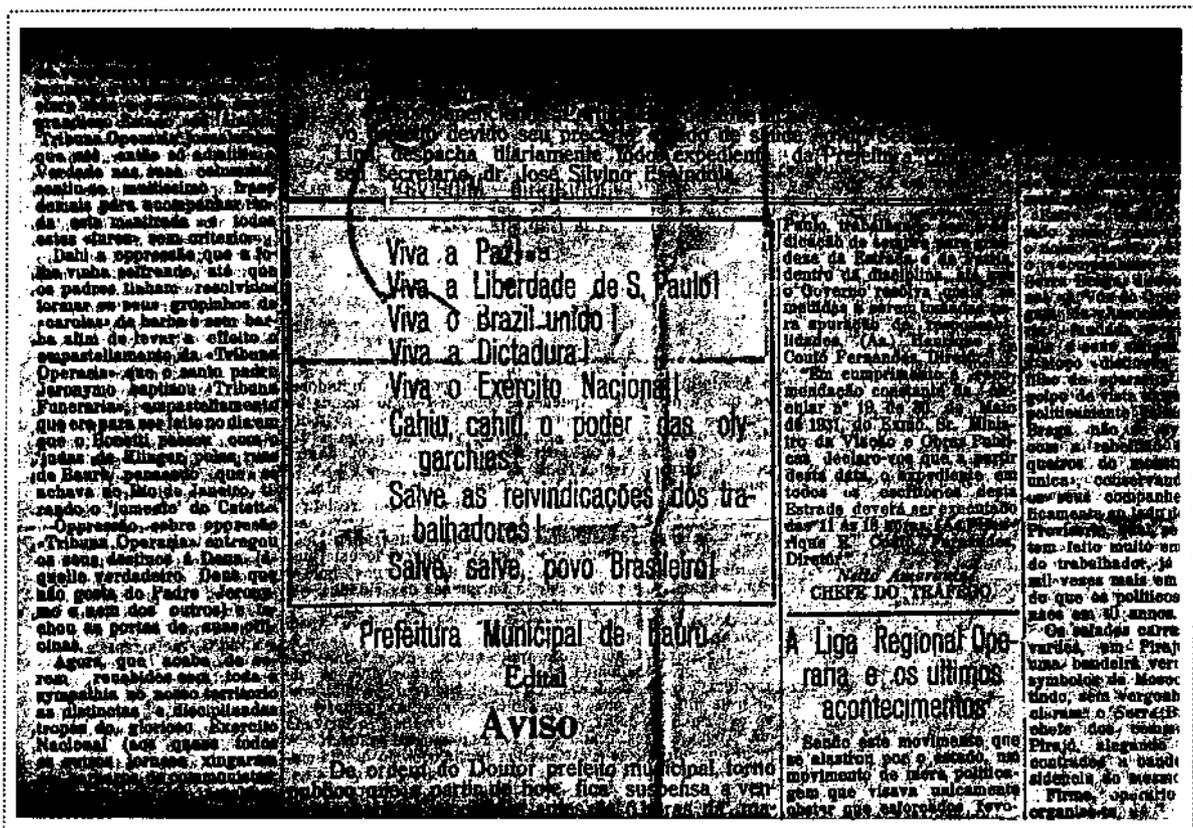
Periódicos comunistas como a *Tribuna Operária*, filiado à *Liga Regional Operária* e coligada ao *Clube 3 de Outubro*, se posicionavam contra os constitucionalistas e a favor dos ditatoriais:

CONTRA A REBELIÃO. Aos 14 de julho de 1932, lavrou-se uma ata de solidariedade ao Chefe do Governo Provisório, Dr. Getúlio Vargas e aos que o acompanham no Programa excelso da Revolução de 1930. (...) Afirmamos o nosso protesto vibrante aos decaídos de 1930, e aos políticos não sinceros que, esbarravam com a corrente dos verdadeiros revolucionários e simpatizantes, que acompanhando com interesse os atos do Governo Provisório, viram bem claro o desvelo pela pátria e a reforma constitucional que almeja imprimir, reforma essa que vivará à fundo os problemas sociais e o alevantamento Moral, Intelectual e Material do PROLETARIADO. Liga Regional Operária, Clube 3 de Outubro e Simpatizantes. (Assinado: Luiz Giometti (secretário geral), José Amado (presidente), Carlos Gewe (redator) e mais 15 assinaturas. (maiúsculas no original)⁷²

71 - BEZERRA, Holien Gonçalves. Op. Cit. p. 102-103.

72 - TRIBUNA OPERÁRIA, Terça-feira, 11 de outubro de 1932, nº 68, p. 1. - Lema: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Ano II Diretor: Carlos Gewe. Redação, Administração e Oficinas: Rua Batista de Carvalho, 7-24. Bauru, S.P.

Entretanto, é interessante observar, a falta de coerência ideológica (para nós), nesta edição extraordinária do jornal que circulou logo após a ocupação da cidade de Bauru, no interior do Estado, por tropas ditatoriais gaúchas e *provisórios* do norte e nordeste. Ao mesmo tempo que enalteciam a Liberdade glorificavam a Ditadura:

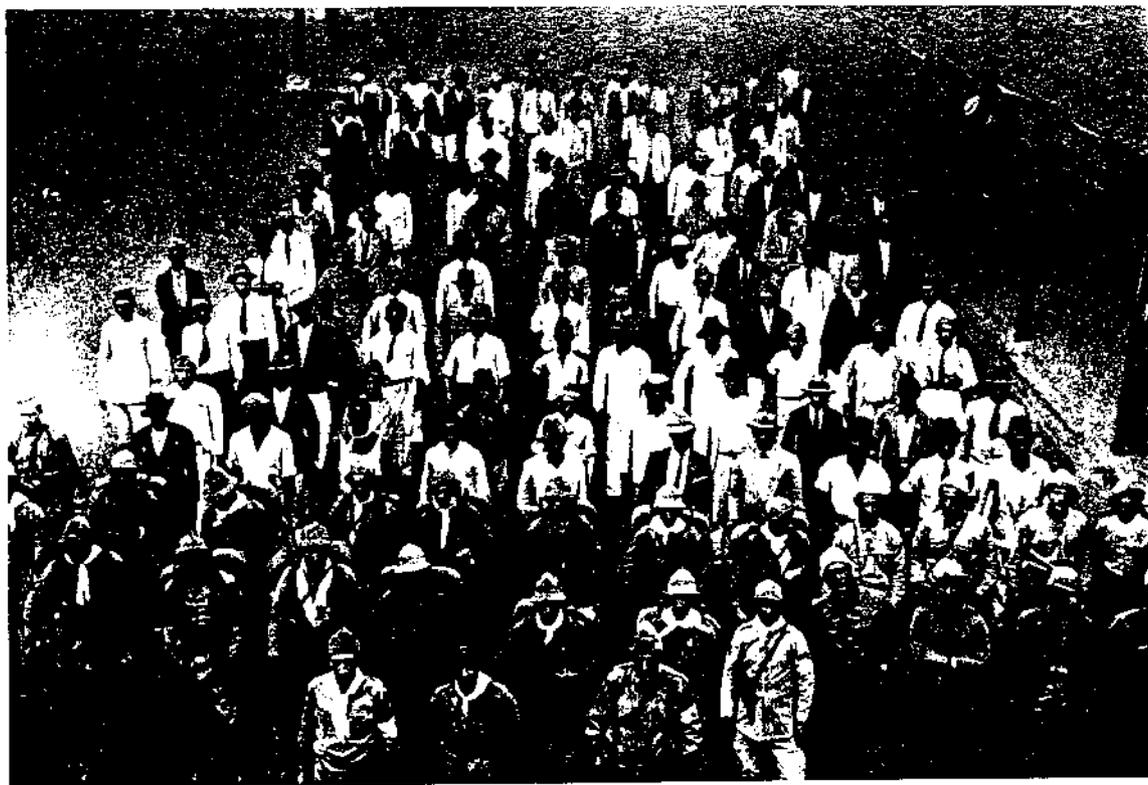


TRIBUNA OPERÁRIA, Terça-feira, 11 de outubro de 1932. nº 68. p. 4. (AEL - UNICAMP) [15.33]

Como representante da Frente Única gaúcha, que aderiu à causa constitucionalista, João Neves da Fontoura chegou em 23 de julho de 1932, a São Paulo. Aí, iria ele exercer uma grande atividade política, pronunciando uma série de inflamados discursos na Rádio Sociedade Record (P.R.A.R.). O trecho transcrito abaixo enaltece e louva a participação do povo a favor da Revolução:

O espetáculo de São Paulo em armas entusiasmaria mesmo os cépticos. Há uma estranha beleza nesta metamorfose marcial. Um povo de trabalhadores despe a blusa e veste a farda. Tudo aqui deslumbra mesmo a imaginação mais ardente. O movimento que esta hora se espria por cinco frentes de batalha tem tais características de ordem e disciplina que diríamos assistir apenas a uma parada patriótica. O delírio do poder já juncou de cadáveres este solo fecundo. (cont.)

Falei com muitos por cujos lares a morte traçou o signo das primeiras desventuras. Ninguém entretanto amaldiçoa o sacrifício que tem alguma coisa de religioso. Grande e belo Brasil que assim enrija a fibra de seus filhos para a inevitável amargura do sofrimento. E pensar a gente que testemunha uma luta civil, ingrata pugna de irmãos criada apenas pelas vaidades de mando, pela mediocridade de artifícios subalternos, prolongando o exercício do poder discricionário além dos limites naturais, na displicência de quem se quisesse eternizar na comodidade da casa alheia Como se iludem os escassos defensores do Catete quando, arrogantes e impermeáveis ao senso comum, acreditam poder dominar os insurrectos pelas armas.⁷³ (grifos nossos)



Predominava a heterogeneidade nos grupos de voluntários constitucionalistas. (YQ p.124) [16.34]

73 -Trecho de discurso transcrito de uma gravação particular. In: *Revolução de 32: uma visão através da música popular*. São Paulo, Fundação Roberto Marinho - SESC, 1982. (Lado A-Faixa 2).

Existem de fato, muitas interpretações historiográficas, que chegam admitir a grande participação e envolvimento (consciente ou não), que teve vários segmentos da população do Estado de São Paulo nos acontecimentos de 1932, contudo, ressaltam que em sua grande maioria o *operariado* paulista não se comprometeu com o movimento.⁷⁴

De nossa parte, ressaltaríamos que durante o desenrolar da pesquisa, nenhum documento que pudesse sugerir essa hipótese (fosse ele visual, sonoro, oral ou escrito), foi encontrado. Ao contrário, muitos batalhões de voluntários civis foram formados justamente em bairros paulistanos, que no ano de 1932 eram estritamente operários, como Brás, Mooca, Lapa, Vila Mariana e Penha. Também, por outro lado, se constituíram unidades combatentes exclusivas de categorias operárias (fabris), como dos Ferragistas, dos Ferroviários e o Operário Pró-Constituição, além dos Operários Católicos e Operários de Santos.⁷⁵

Da mesma forma, o discurso laudatório dos industriais, facilmente identificado através das circulares da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), juntamente com a fala dos políticos da Frente Única, vem confirmar, de maneira inversa, as lamúrias dos artigos doutrinários de anarquistas, comunistas e trotskistas em relação à participação do operariado na guerra:

74 NOTA: O historiador João Tristan Vargas, em seu trabalho (Negócios & Representações: os industriais paulistas entre os anos 20 e 30. Campinas, UNICAMP, 1995.), analisando outras questões, fornece-nos, porém, um interessante indicativo de como a terminologia e os conceitos que envolviam as palavras “operário”, “empregado” e “trabalhador”, eram confusos e indefinidos. Nos anos 1920, parece ter predominado a idéia de que “empregado” correspondia aquele que exercia atividade não braçal, ao passo que “Trabalhador” englobava tanto o “operário” fabril, como a mão-de-obra não qualificada. Contudo, a partir de 1931, através de circulares da FIESP (Federação da Indústrias do Estado de São Paulo), ele identifica o uso dos termos “empregado” e “empregador”, em substituição a “operário / empregado” e “patrão”. Mesmo assim a terminologia permanece incerta e sem uma definição precisa (como aliás até hoje), pois em 1932, novas circulares da FIESP, introduzem o termo “funcionários”, ao lado de “empregados” e “operariado”.

75 - BOLETIM das Unidades Militares que Participaram da Revolução de 1932. In: Revista de História, v.XLV. São Paulo, USP, 1972. p. 210-211.

DONATO, Hernâni. Op. Cit. p. 120-127.

RABELLO, Manoel (General). Correio da Manhã. Op. Cit.

A grande maioria dos industriais, em um belo gesto de solidariedade com a causa de São Paulo, estabeleceu espontaneamente que todos os seus funcionários e empregados que estiverem mobilizados e prestando serviços de guerra, não só teriam os lugares garantidos, mas também teriam integralmente pagos os seus ordenados. O mesmo gesto teve a grande classe do comércio. Não cremos que possa haver exceção, que, além de injusta, é dissonante e antipática. Alguns industriais, no entanto, não se manifestaram até hoje sobre quais as garantias que podem oferecer aos seus empregados. Para a absoluta harmonia de ação, como medida eqüitativa, como providência de amparo e como gesto de solidariedade com a grande classe industrial, apelamos para os que ainda não se manifestaram a este respeito, a fim de que adotem quanto antes as providências já tomadas pela grande maioria, quanto às garantias e amparo aos empregados mobilizados.⁷⁶



Batalhão de Sapadores de partida para a frente. (HD p. 123 a). Enorme importância teve esses *Batalhões da Enxada e da Pá*, para o movimento. Em sua maioria formados por operários, lavradores, e trabalhadores braçais, esses voluntários lutaram, sem armas, abrindo centenas de quilômetros de trincheiras e construindo fortificações defensivas. “Um dos mais poderosos elementos de defesa dos paulistas, na frente de Engenheiro Neiva, foi a extensa cerca de arame farpado que obstruiu os campos, abrangendo um raio de 22 km. (A NOITE ILUSTRADA. Rio de Janeiro. HEB p. 945) [8.25]

76 - FIESP-Circular nº 319, de 3 de agosto de 1932. In: VARGAS, João Tristan. *Negócios & Representações: os industriais paulistas entre os anos 20 e 30*. (Dissertação de Mestrado) Campinas, UNICAMP, 1995.



Operários em uma das inúmeras fábricas de capacetes de aço, em S. Paulo, setembro de 1932. (MF) [14.10]

Em 5 de setembro de 1932, a Federação (FIESP) lança a proposta de criar um amplo serviço de assistência médica e farmacêutica aos operários e suas famílias.

A Federação não podia “deixar de amparar o operariado paulista que tão nobremente vêm contribuindo para a vitória da causa constitucionalista”. Salienta que a proposta está “dentro do programa de Serviço de Cadastro e Mobilização Industrial, que lhe foi confiado pelo Decreto nº 5.595, de 18 de julho de 1932”. Informa que “Grande número de médicos e cirurgiões distintíssimos vão prestar a sua valiosa colaboração a esta obra e grande número de farmácias se prontificaram a aviar o receituário a título puramente gratuito”. Acrescenta que, “Além disto, as drogarias e a indústria de produtos farmacêuticos vão contribuir com a sua parte para a obra comum e os industriais não poderiam ficar indiferentes à bela iniciativa que também a eles aproveita singularmente”. Prossegue a argumentação: “Se as grandes fábricas têm serviço médico gratuito, as pequenas e as médias não o têm e daí a necessidade da assistência ao operariado”. A Federação pede informar se a fábrica vai contribuir com “uma pequena taxa mensal” e quanto vai querer pagar. “Dado o espírito de cooperação que reina em São Paulo, estamos certos de que Vs.Ss. se prontificarão a desembolsar um soma muito pequena em benefício do operariado o qual, com o seu trabalho, a sua dedicação, o seu espírito de ordem vem se impondo à admiração do povo paulista”⁷⁷ (aspas no original)

77 - FIESP-Circular nº 327, de 5 de setembro de 1932. In: VARGAS, João Tristan. Op. Cit. p. 220.



Serviço de abastecimento de tropas na frente de Cruzeiro, mantido por voluntários civis., em sua maioria trabalhadores e operários. (HD p. 116 b) [8.22]

Abrindo aqui um parêntese, foi possível encontrar ao longo da pesquisa, muitos estudos que privilegiavam os aspectos mais humanos dos próprios protagonistas do evento, analisando suas ansiedades, expectativas e objetivos pessoais. De maneira geral, esses trabalhos captavam nuances interpretativas, sequer imagináveis pelas tendências historiográficas mais áridas e ortodoxas. Um interessante exemplo pôde ser encontrado no recente trabalho da fotógrafa e cientista social, Suzana Ribeiro, onde estudando o cotidiano dos italianos do Brás, em São Paulo, nos anos 1920 e 1930, trabalhou simultaneamente com fotografias e história oral.

Considerando o número reduzido ou a quase inexistência de fotografias junto aos informantes, que tivessem como tema o trabalho, somos levados a pensar que apesar de ocupar quase todo o tempo dos entrevistados, foram momentos pouco registrados. (...) Outro ponto a ser destacado refere-se à ausência, por parte dos entrevistados, de informações e participação nos movimentos operários. Esse aspecto, que em princípio pensávamos ser de maior interesse para os descendentes de italianos, não teve reciprocidade junto a eles.

Quando mostradas as poucas fotografias de situações de trabalho, foi despertado o interesse em descrever e valorizar o próprio ofício, mas, em momento algum, fizeram menção à situação da classe operária frente a questões trabalhistas. O mito do *self-made man* italiano continua presente no imaginário e de forma alguma sentiram-se explorados pelos patrões, considerados mais compatriotas que patrões. A classe operária foi, muitas vezes, reduzida quase que a um reflexo das condições materiais existentes.

Quando algumas indagações foram feitas a respeito das greves e dos movimentos operários, pouco foi dito; alguns lembraram-se vagamente da greve de 1917, mas tal fato e, principalmente as manifestações, parecem muito distantes de qualquer influência em sua vida particular.

A limitação na representatividade junto aos movimentos operários, estampada na descontinuidade da organização sindical, fica evidente, neste trabalho, pela ausência quase que total de lembranças relacionadas a esse tema. Muitas vezes, a realização de greves e a existência de sindicatos representam uma simples referência nominal.⁷⁸

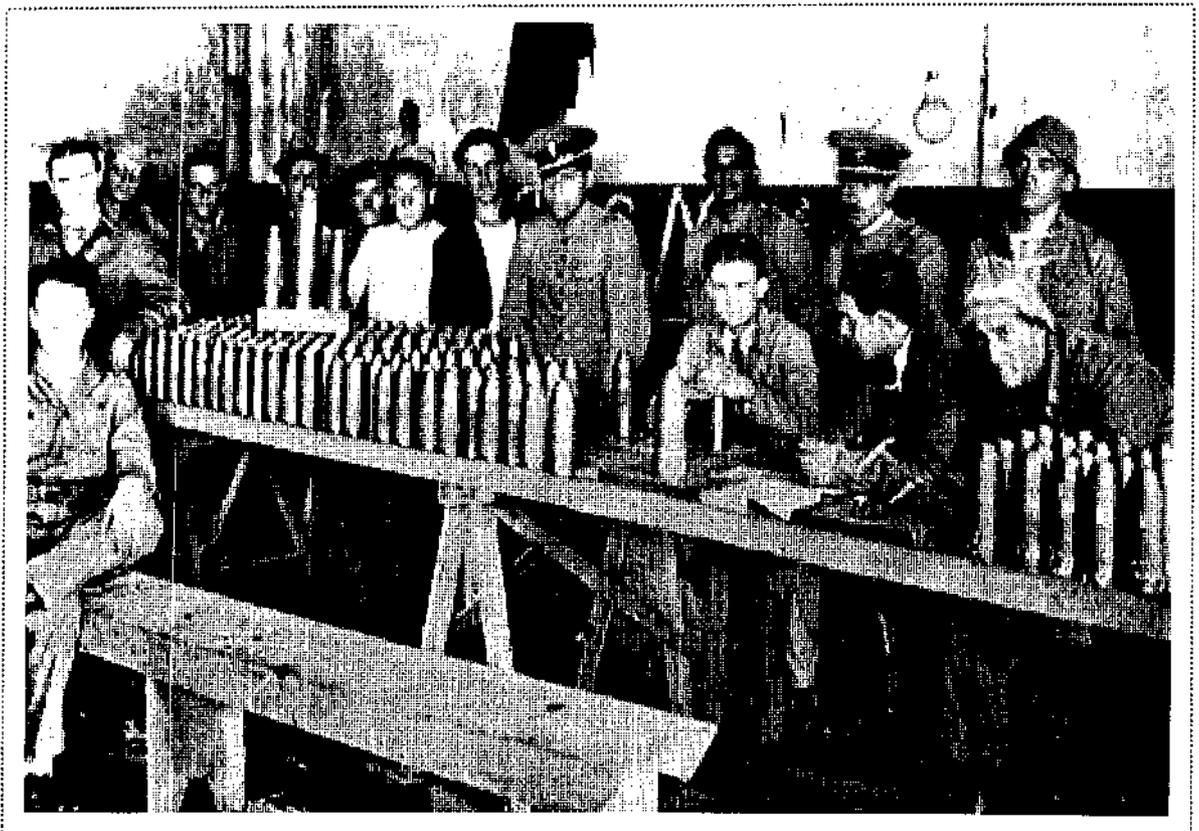
Voltando ao tema da grande mobilização em 1932, temos os dados estatísticos do período, que demonstram como o parque industrial paulista, superou as expectativas na produção. Esses números vêm igualmente confirmar o enorme empenho no esforço de guerra, não apenas dos industriais mas também do operariado. Nunca havia se produzido tanto em tão pouco tempo em São Paulo. Funcionando em seu potencial máximo durante os 85 dias do movimento, as indústrias, além da manufatura normal de linha, adaptaram-se num esforço de improvisação sem precedentes na história.⁷⁹

78 - RIBEIRO, Suzana Barreto. *Italianos do Brás: imagens e memórias 1920 - 1930*. São Paulo, Brasiliense - Pirelli, 1994. p. 151-152

79 - Ver ARQUIVO DO ESTADO. *Estatística Industrial do Estado de São Paulo*: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo. Ano de 1932.

IBGE - Anuário Estatístico do Brasil: 1939 - 1940 (onde constam os dados de 1929 a 1939)

Fábricas como a Nadir Figueiredo, por exemplo, passaram da produção de vidros e cristais, a todo um aparato bélico, que ia de simples capacetes de aço a munição de fuzil e metralhadora. Projetos relâmpagos foram desenvolvidos por técnicos e engenheiros da Escola Politécnica de São Paulo, originando prodígios tecnológicos como a temível granada de mão, que podia ser arremessada com precisão e segurança até 1500 metros de alcance, por meio de um dispositivo apelidado de *sapinho*. Além dos lancha-chamas, máscara contra gases, minas terrestres e marítimas e até carros de combate, lanchas e trens blindados.



Produção de Granadas para artilharia na Escola Politécnica de São Paulo. (Instituto Cultural Itaú) [A.E. 6]

Esse esforço bélico demonstrou tal precisão que o comando do ditatorial Exército de Leste expediu ao ministro da Guerra um telegrama interceptado pelas escutas paulistas em setembro de 1932: *Mandem Marinha apertar bloqueio portos S.P. recebendo munição estrangeira artilharia.*⁸⁰ No entanto, essa munição para os poucos canhões alemães Schneider e Krupp de 75 e 105 mm, operados pela artilharia Constitucionalista de Mato Grosso, era produzida pelas oficinas ferroviárias das Companhias Mogiana e Paulista de Estrada de Ferro e Indústrias Matarazzo.

80 - DONATO, Hernâni. Op. Cit. p. 184.

Por outro lado, é evidente que o espírito reinante favorável à luta e o próprio estado de guerra, inibiam qualquer pretensão das chamadas lideranças sindicais, a uma greve organizada de maior vulto, mesmo assim, não se verificou no período nenhuma tentativa de movimento paredista, ou sequer algum tipo de greve branca, greve de braços cruzados ou *operação tartaruga*, e muito menos alguma espécie de sabotagem ou depredação das fábricas.

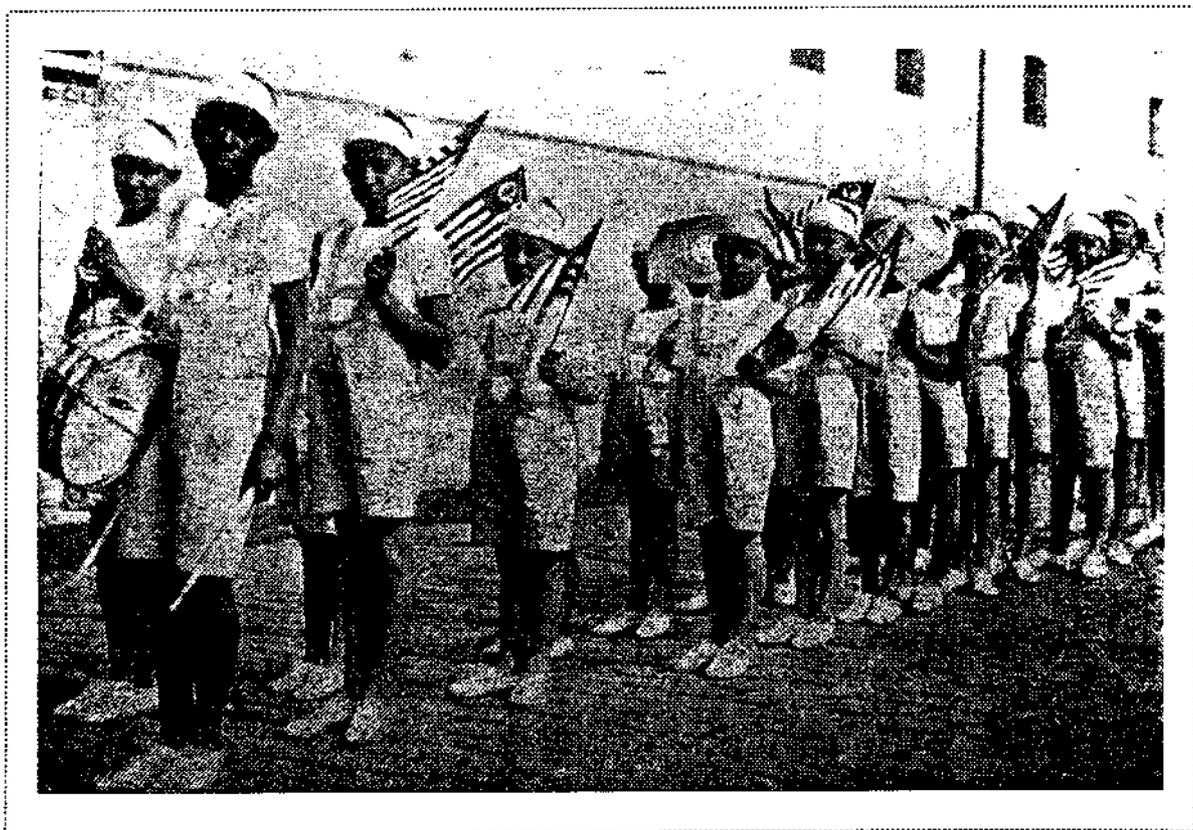
Ao contrário, pelos depoimentos encontrados, ficou evidente que os serviços essenciais à vida normal do Estado não foram sequer alterados, apesar da guerra. Em um dos três romances que foram escritos inspirados na Revolução de 1932, Afonso Schmidt, egresso do movimento anarquista e um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro, em 1922, escreve:

A velha estação, que não passava de escuro e esfumaçado telheiro de zinco, provido de compridas plataformas acimentadas (sic), ainda não tinha passado pelas reformas que lhe melhorariam o aspecto. (...) **O pessoal que habitualmente desempenhava os seus serviços estava muito desfalcado, pois muitos empregados e operários tinham pegado em armas.** (...) Assim mesmo, a Estrada não parou como se pretendia. Dentro de um horário improvisado às presas, trens de subúrbio entravam e saíam, conduzindo operários residentes nas localidades de beira de linha até Mogi das Cruzes. **O parque industrial, embora muito amortecido, continuava com as suas fornalhas acesas, a produzir para a população.**⁸¹ (grifos nossos)

81 - SCHIMIDT, Afonso. *A locomotiva: a outra face da Revolução de 1932*. (romance). São Paulo, Brasiliense, 1959. p. 123.

Dezenas de fotografias encontradas mostram crianças que se uniformizavam de soldados, enfermeiras e aviadores, e que ficaram conhecidos como os *Batalhões Infantis*. Muitos deles, foram oficialmente organizados por escolas públicas e particulares, principalmente durante as comemorações de 7 de setembro de 1932. Algumas imagens desses *pequenos soldados da Lei*, até foram feitas em estúdios fotográficos profissionais como *souvenir*.

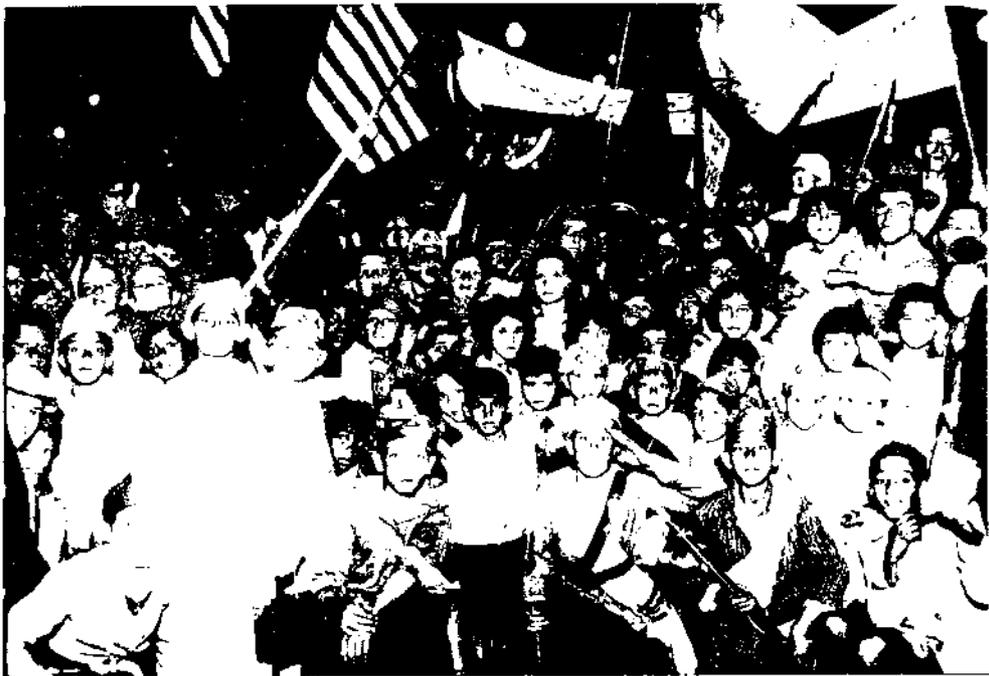
Entretanto, a grande maioria desses pequenos *exércitos*, se formou espontaneamente pelos bairros da Capital, do início de julho até o final de setembro, principalmente entre as crianças mais pobres filhas de operários e trabalhadores não qualificados, que entusiasmadas com os acontecimentos, marchavam ao lado dos batalhões verdadeiros. Esses garotos *andy capp*, muitos deles até descalços, chegaram à sofisticação de construírem com suas próprias mãos e os recursos disponíveis, verdadeiras alegorias representando canhões, aviões e carros de combate.



Interessante contingente de um *batalhão infantil* Paulista. (MF). Notar as crianças com uniformes escolares, neste caso, uma manifestação promovida por professores. [13.5]



Foto de estúdio, mostra o 1º GAP (Grupamento de Artilharia Pesada) do *Batalhão Infantil* da cidade de Garça, SP. (CPDOC p. 4) [9.4]



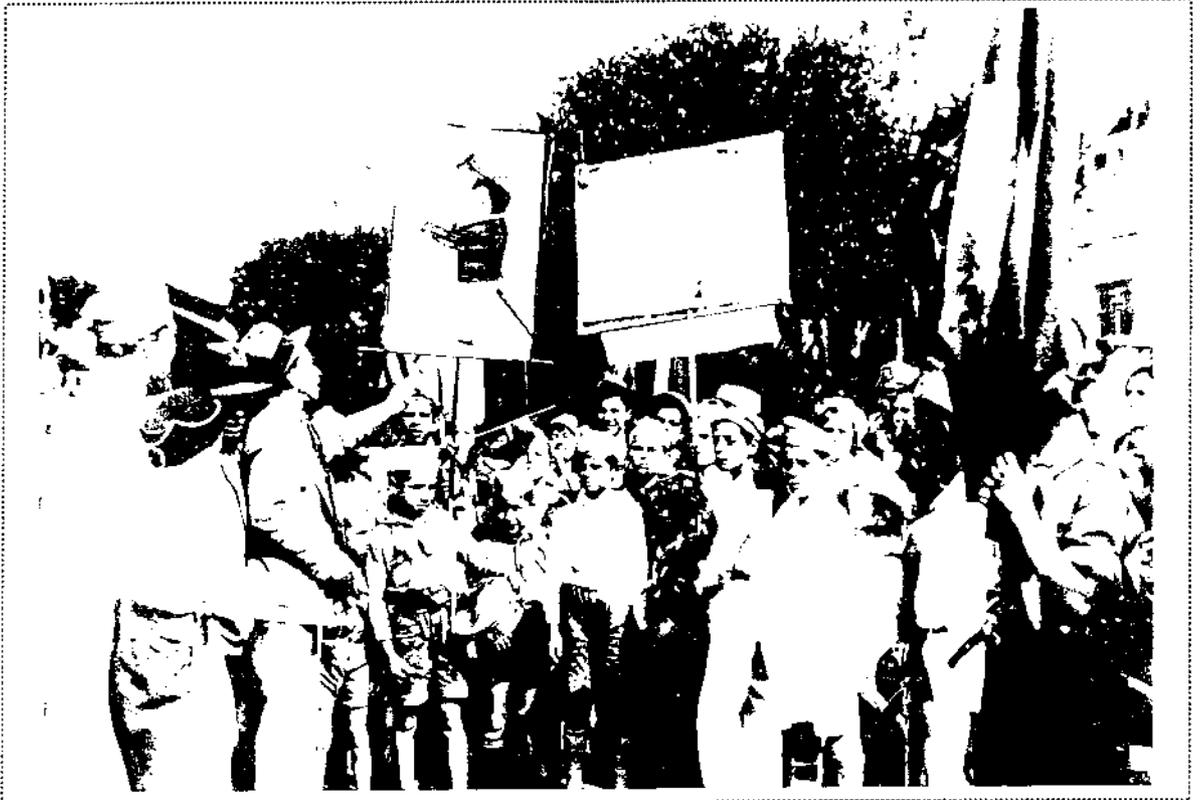
Batalhão Infantil formado por crianças de bairros pobres. (Álbum de Família) A continência era feita com a mão esquerda, para diferenciar dos militares. [5.28]

Sempre desfilavam com faixas e cartazes que muitas vezes traziam frases cômicas e provocativas como: *Tenha calma Gegê, eu vou ver o que posso fazer por você*, ou então *Miss Xuxu* ao lado de uma caricatura de Getúlio Vargas.⁸² Porém, a maioria dos dísticos eram otimistas, guerreiros e patrióticos: *Hoje, uma esperança. Amanhã, verdadeiros!*; *Tudo por São Paulo e o Brasil*; *Constituição ou Morte!*; *Estamos prontos para partir rumo ao Catete*; e talvez, o mais conhecido de todos que acabou por se tornar um verdadeiro lema dos garotos de São Paulo: *Se for preciso, nós também iremos!*



Batalhão Infantil de soldados e enfermeiras. (CPDOC 14 a) Notar a presença de garotos "andy capps" [2.33]

82 NOTA: Segundo vários depoimentos, a origem do apelido pejorativo XUXU ou CHUCHÚ, atribuído a Getúlio Vargas, deve-se ao fato que *o Ditador, igual ao chuchú, sempre ia bem com qualquer coisa*, militares, políticos, comunistas e fascistas.



“Miss Xuxú” e “Tenha calma Gegê, eu vou ver o que posso fazer por você. (CPDOC p. 20 c) [2.24]

Uma característica muito importante desses *Batalhões Infantis* era o caráter de patriotismo e brasilidade que sempre os acompanhou. Em todas as imagens encontradas, sem uma única exceção, estavam presentes ao lado da bandeira paulista, a bandeira do Brasil, ou dizeres que enalteciam a nação.



O Batalhão Esportivo desfila pelas ruas da Capital paulista. (HD p. 78-79). Notar as sempre presentes crianças *andy capp*, pobres e descalças, acompanhando entusiasmadas as tropas rumo ao *front*. [5.20]

Diante dessa enorme quantidade de fotografias sobre um mesmo tema, somos inclinados a crer que tais imagens possuem indícios bem mais fortes do que aparentemente demonstram. Tanto no primeiro caso, onde podemos observar crianças de bairros paulistanos participando de uma atividade extra-escolar oficialmente organizada pelo professorado em apoio ao movimento; como no segundo caso, que mostra o divertimento espontâneo dos garotos pelas ruas da cidade, podemos aventar a seguinte hipótese: mesmo se considerarmos que a autoridade dos professores era inquestionável para os pais operários, o mesmo não aconteceria quanto às brincadeiras de seus filhos pelas ruas da Capital paulista. Assim, a aceitação e até participação por parte dos pais, nessas brincadeiras voluntárias de soldados, pilotos e enfermeiras, podem de uma certa forma, traduzirem as aspirações desse universo de trabalhadores da periferia de São Paulo em relação ao Movimento Constitucionalista.



BATALHÃO INFANTIL DO BRÁS. As crianças de São Paulo oferecem a sua contribuição, os Batalhões Infantis desfilam influenciando e estimulando os adultos para um rápido alistamento. (AF) [5.27]



Meninos e meninas filhos de operários acompanham os Pelotões de Voluntários pelas ruas do Brás. São Paulo, 1932. (PBC) [10.20]



BATALHÃO INFANTIL "7 DE SETEMBRO" DA MOOCA. Notar a enorme bandeira do Brasil conduzida pelas crianças, além do nome do Batalhão, data máxima da brasilidade. O bairro da Mooca em 1932 era formado quase que exclusivamente por operários imigrantes e descendentes. (CPDOC p. 21) [2.6]



BATALHÃO DA ÁGUA BRANCA, bairro operário entre a Lapa e Barra Funda, em S. Paulo. (MF) [11.15]

Por outro lado, a evidência de uma grande mobilização da sociedade civil no evento, encontrada nas fotografias, não enfatiza apenas os seus extremos econômico-sociais de industriais e operários. Inúmeros outros setores, instituições e grupos intermediários, tiveram uma participação igualmente importante a favor do movimento. As diversas colônias estrangeiras radicadas no Estado de São Paulo e geralmente organizadas em clubes e associações, chegaram ao ponto de criar entre elas, uma espécie de competição tácita onde a vencedora seria aquela que oferecesse mais contribuições à causa constitucionalista. Há um episódio curioso que vale ser registrado: a colônia Alemã, por exemplo, ao saber que a colônia Italiana havia doado três caminhões-ambulâncias, se mobilizou rapidamente e num esforço germânico doaram mais cinco caminhões-ambulâncias em prol do Movimento.

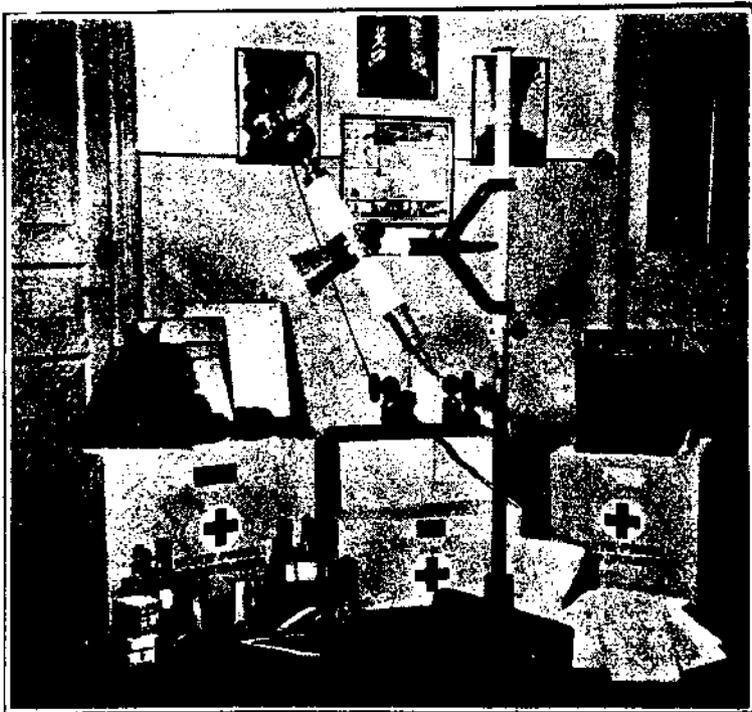
Outro grupo que se destacou nessa verdadeira *cruzada cívica*, foram os intelectuais e artistas. Trabalhando intensa e gratuitamente, muitos deles no anonimato, foram responsáveis por toda a produção iconográfica do movimento, como os cartazes para propaganda, capas de livros e revistas, matrizes para a impressão de selos postais, cédulas de dinheiro e cunhagem de medalhas, além de letras e músicas de hinos e canções, bem como a gravação de discos.

Nesse curto período de 85 dias, foram produzidas e apresentadas peças de teatro em prol da constitucionalização do país; os cinemas exibiam filmes cuja renda era destinada aos soldados no *Front*. Além de poesias, programas de rádio e artigos de jornal, enfim, um universo artístico e cultural, voluntariamente em benefício da Revolução. Dentre eles, especial destaque tiveram muitos modernistas como, os poetas Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia e a pintora Anita Malfatti, bem como o severo crítico de sua arte, Monteiro Lobato.⁸³

Dá mesma forma, o constante apelo comercial de vendas, elaborado a partir de temas sobre a revolução, como por exemplo: *Em todas as Trincheiras só se fuma SUDAN* ou *Vigor e Resistência - mande uma lata de leite Moça como dádiva aos soldados*, se constitui numa forte evidência documental e iconográfica, que demonstra um alto grau de unanimidade e aceitação popular ao Movimento Constitucionalista. Torna-se óbvio que nenhuma empresa comercial iria fazer a publicidade de seu produto (na época chamada de *reclame*), baseada em argumentos que tivessem pouca receptividade, ou que fossem aceitos apenas por uma minoria.

83 **NOTA:** Ver no capítulo *Imagens de Revolução*, pp. 81-82, a lista onde constam os nomes de inúmeros jornalistas, escritores, artistas, poetas e intelectuais constitucionalistas exilados pelo governo ditatorial em 12 de novembro de 1932.

Valiosa oferta da Colonia Britanica á
Cruz Vermelha de S. Paulo



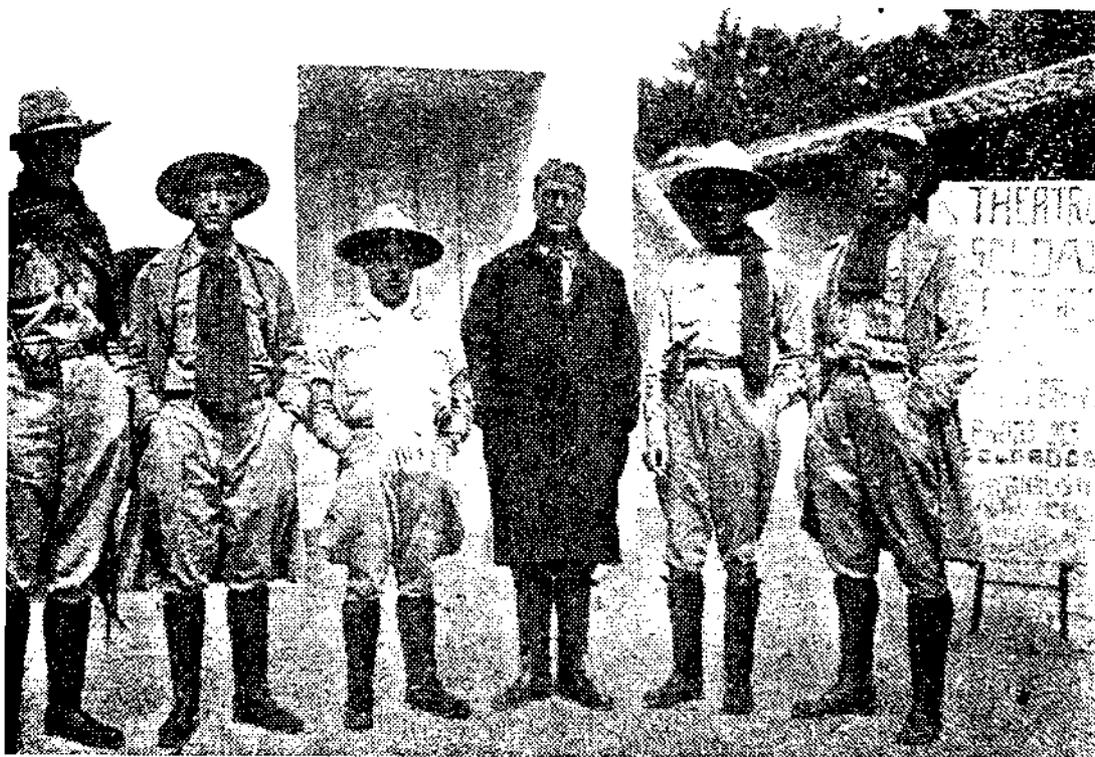
Aparelhos de Raio-x adquiridos na Casa Lohner, embalados para a viagem de campanha. (PBC24 b) [18.36]



Uma das 5 ambulâncias doadas pela Colônia Alemã aos Constitucionalistas. (HD p. 206) [8.29]



Capa do livro de Penteadó Medici "Trem Blindado" pintada e assinada pela artista Anita Malfati, 1932. (PBC) [10.12]



Elementos da Rádio Sociedade Record (PRAR), que muito trabalharam no Teatro do Soldado em Lorena. (MF) [14.2]



Dona Maria Fernandes fala aos voluntários do 1º Batalhão “9 de Julho” antes da partida. (CPDOC) [2.26]



Enfermeiras voluntárias da Cruz Vermelha no front, preparando alimentos aos soldados. (CPDOC) [2.7]

Ainda dentro dessa mesma perspectiva, que aborda o grande envolvimento da sociedade civil na Revolução Constitucionalista, as imagens salientam uma outra vertente, que teve um papel decisivo nos acontecimentos de 1932: trata-se da participação da mulher. Estamos aqui, diante de um *filão* historiográfico, que individualmente, se constitui em riquíssimo objeto de estudo, exigindo uma exaustiva pesquisa à parte.

Apenas para se ter uma idéia do que representou tal participação na Revolução Constitucionalista, somente nas oficinas de costura, que funcionaram na Capital paulista, trabalharam como voluntárias cerca de 72.000 mulheres, isso representava 15% de toda a população feminina da cidade de São Paulo, no ano de 1932. Essas oficinas confeccionaram nos primeiros vinte dias de guerra, 60.000 fardamentos para os soldados combatentes, e até o final de setembro de 1932, a produção alcançou a 450.000 uniformes. Peço desculpas ao leitor pelo excesso de números, mas isso significou que essas senhoras e senhoritas costuraram voluntariamente uma média de 5.300 fardamentos completos por dia!



Sala de costura da COLÔNIA ITALIANA. (PBC p. 12 b) [16.11]



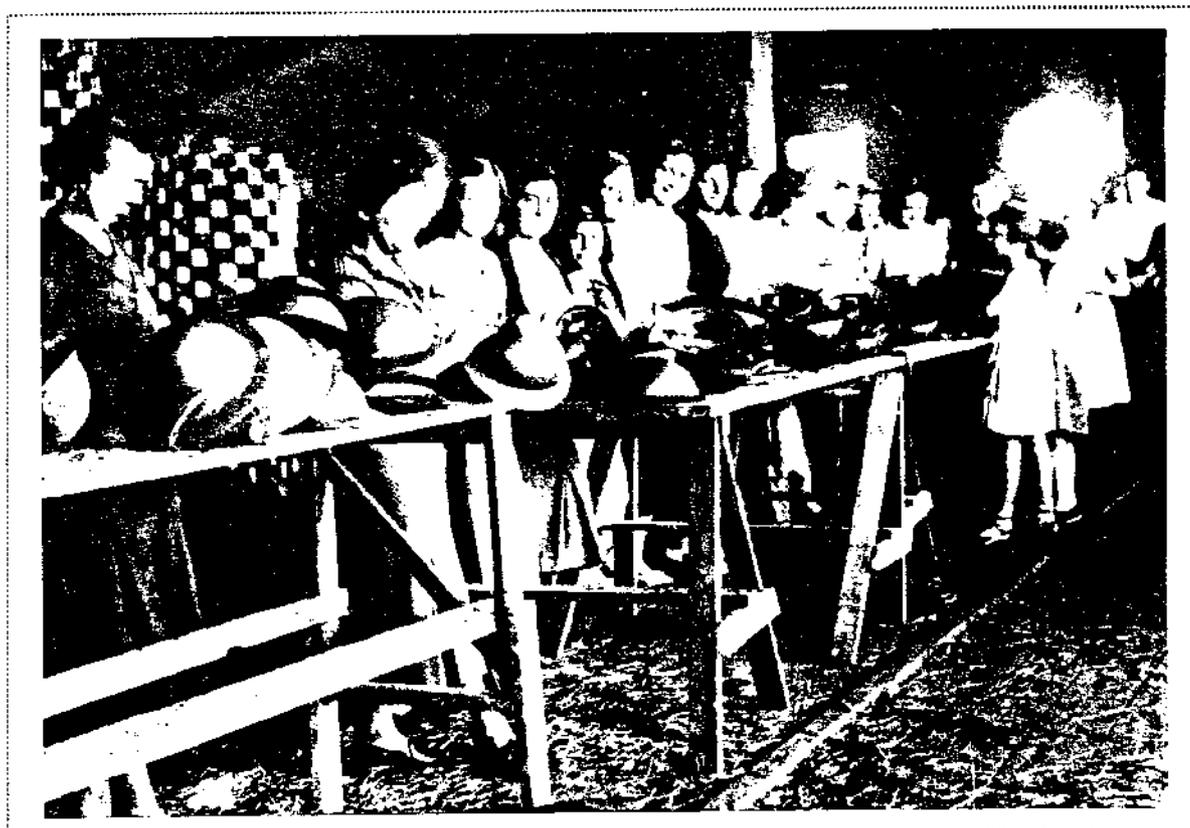
Um aspecto do trabalho na FEDERAÇÃO INTERNACIONAL FEMININA. (PBC p. 26 a) [16.6]

Naturalmente, o envolvimento das mulheres paulistas no movimento não se restringiu às suas habilidades de costureiras. A Cruz Vermelha Internacional, por exemplo, fazia funcionar, dia e noite, cursos rápidos de enfermagem para moças solteiras e viúvas que, logo após aprendidos os rudimentos da atividade, iam aplicá-los em hospitais de sangue e postos de emergência nas frentes de batalha.

Por todo o Estado de São Paulo abriram-se as Casas do Soldado, confiadas a grupos femininos locais. Ali eram recebidos, alimentados, tratados e assistidos os soldados em trânsito, em licença, em convalescença ou desmobilizados. Havia os grupos assistenciais que atendiam as famílias dos soldados combatentes, bem como, órfãos e viúvas da guerra. Também foram criadas linhas exclusivamente femininas de produção industrial de material bélico leve, como embalagem de munição e acabamento de capacetes. Além das famosas Campanhas do Ouro e dos Capacetes de Aço, que foram basicamente coordenadas por mulheres.



Corpo de enfermeiras e médicos voluntários do Curso de Enfermagem e Hospital de Sangue de Limeira, São Paulo, em 1932. A enfermeira ao lado do Dr. Godoy ao centro é Maria Thereza Silveira de Barros Camargo. Piracicabana de nascimento, veio a se tornar a primeira mulher a ocupar o cargo de Prefeita (Limeira) no Estado de São Paulo e, talvez no Brasil, em 16 de agosto de 1933, pelo Partido Constitucionalista (PBC) [10.6]



Nas fábricas de material bélico a produção falava bem alto do valor e da tenacidade da mulher paulista, que soube acompanhar a marcha do movimento. (Mundo Ilustrado, Rio de Janeiro, 1957. p. 11 a) [17.12]



Senhoras e Senhoritas paulistanas recolhendo donativos pelas ruas de São Paulo. (A segunda moça, da esquerda para direita, é a mãe da historiadora Vavy Pacheco Borges). (CPDOC p. 28 b) [2.27]

A cooperação da mulher de São Paulo na Revolução de 32, chegou a atingir níveis de excentricidade para a época. Em pelo menos três casos, puderam ser confirmadas a sua participação como mulheres soldados. O caso mais documentado foi o da Professora Maria Esther Iguassabia, de São João da Boa Vista, que combateu como voluntária na Coluna Romão Gomes, em companhia de seu irmão, Antônio Iguassabia, no setor de Vargem Grande, onde em combate, fez prisioneiro o tenente Arthur Nocce, da Força Pública de Minas Gerais. Afirmam as testemunhas do ocorrido que o oficial ditatorial lamentou-se muito mais da humilhação sofrida por ter sido capturado por uma mulher, que propriamente o fato de ter caído prisioneiro dos constitucionalistas.

Também lutou no Batalhão de Voluntários de Itu, outra mulher chamada Francisca Messias, descrita por um voluntário como uma mulher valente de meia-idade que, fardada e armada de revólver, acompanhou seus *mininus* até o final da campanha. No terceiro relato, infelizmente não obtivemos maiores dados, apenas que no destacamento formado para guarnecer a estrada de Capão Bonito - Buri, na Frente Sul, composto pelos Batalhões *14 de Julho*, *Arlindo*, *Pirassununga* e por duas companhias de fuzileiros da *Legião Negra*, havia dentre os seus soldados, uma mulher combatente.⁸⁴

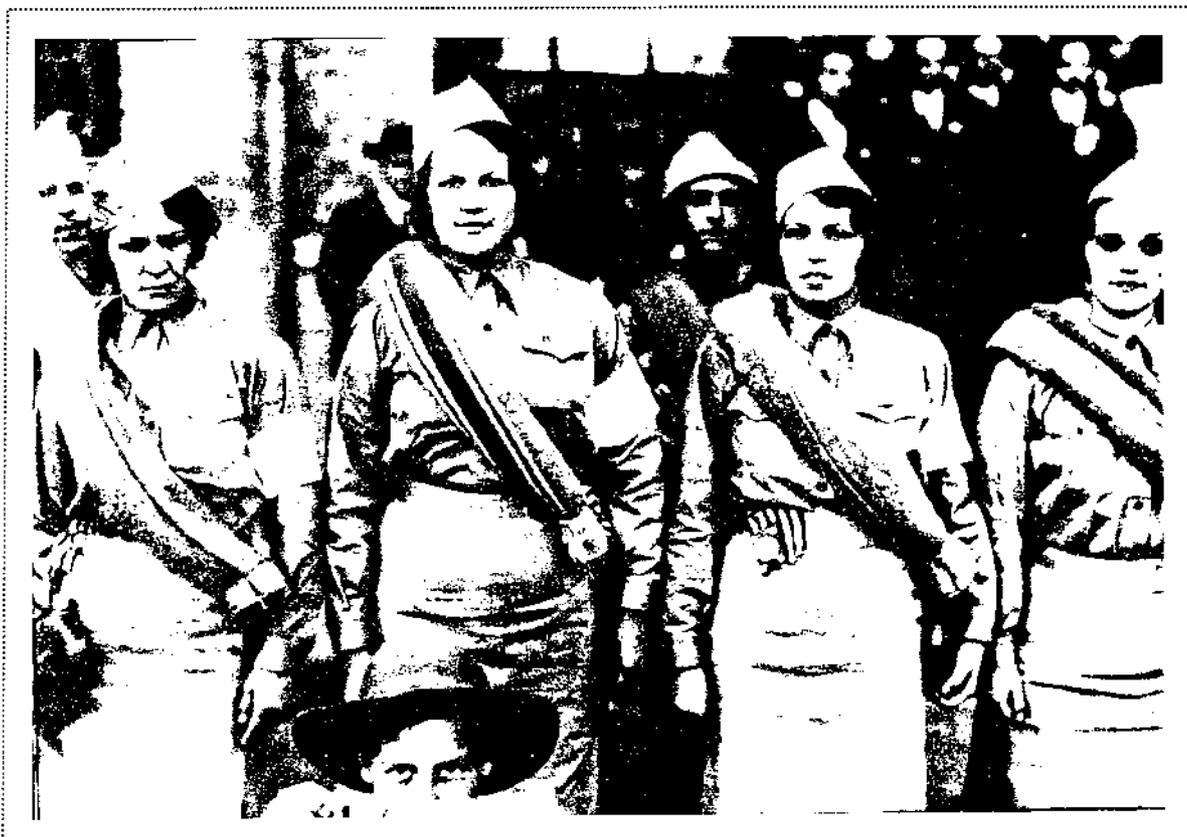
84 - CAMARGO, Aureo de Almeida. *A Epopéia: o batalhão 14 de Julho*. S.P., Saraiva, 1933. p. 100. DONATO, Hernâni. Op. Cit. p. 194.



Foto Sant'Anna. DIÁRIO DA MANHÃ, Ribeirão Preto, 3 de julho de 1962. p. 2 b. [3.29]



As alegres e bem humoradas voluntárias paulistas preparando alimento para as tropas combatentes. (CPDOC p. 30 b). Notar a 6ª mulher (da esquerda para a direita), fazendo “chifrinho” em uma companheira, com um par de escumadeiras. [5.13]



Enfermeiras voluntárias do Batalhão Fernão Sales. (AF) [um escoteiro em primeiro plano] [6.34]

Existiu também uma prática de *patrulhamento ideológico* nada oficial, (confirmada em vários depoimentos) que chegou a tomar proporções consideráveis em todo o Estado. Tratava-se de alguns grupos secretos de mulheres mais afoitas ao movimento, que tricotavam, costuravam ou adquiriam saias e peças íntimas do vestuário feminino, remetendo-as, sem muita discrição, aos rapazes válidos e em idade guerreira que ainda não haviam se decidido a procurar os postos de alistamento.

Naturalmente procedimentos radicais e extremados como esses foram uma exceção, contudo, frente aos depoimentos e documentação analisada, ficou evidente que uma enorme parcela das mulheres paulistas exerceram, conscientemente ou não, forte pressão psicológica e uma cobrança moral implacável, em relação aos homens que não se engajaram, direta ou indiretamente, à Revolução. Por outro lado, o incentivo, apoio e dedicação para aqueles que lutavam ou trabalhavam pelo Movimento, foi proporcionalmente ainda maior. Uma das mais ricas fontes documentais existentes sobre o assunto, são as milhares de cartas, bilhetes e cartões, que ainda resistem ao tempo:

Rubens. Continue com coragem, que nós paulistas estamos confiantes na vitória. Nossa Senhora há de ampará-lo em todos os passos; aqui, eu, a Odila e as crianças rezamos pela paz, por São Paulo, e por você. Escreva-nos sempre que puder, ou melhor, dirija-se a Odila, senão ela ficará sentida. O Lobo seguiu para Jaú, numa Caravana Cívica. O Didi já se apresentou e o Adolfo já se incorporou na Liga de Defesa Paulista. Nós esperamos abraçá-lo muito em breve, cheio de vida e de alegria. A Odila pede para você anunciar a volta para ela fazer doce de coco e cozinhar batata doce. O Adolfo trouxe do interior boas notícias de seu pai e de sua mãe. Lembranças nossas ao José. Abraços da Odila, Adolfo, e dos pequenos. Reze e não deixe a medalha de N. S. da Aparecida, ela será sua protetora e será também protetora do Brasil. Abraços de sua tia Yáyá. São Paulo, 11 de julho de 1932.⁸⁵



Instantâneo da despedida. A família inteira presente, a namorada ou irmã dá um último acerto no uniforme. O irmão casula olha seu herói com admiração. (Álbum de Família) [6.25]

85 **NOTA:** O Sargento Rubens Cotrim, integrante da Coluna Romão Gomes, vinte dias após esta carta ser escrita, morre afogado em 1 de agosto de 1932, ao tentar atravessar as águas turbulentas do rio, em São José do Rio Pardo. LEVY, Herbert V. *A Coluna Romão Gomes*. Acadêmica, São Paulo, 1933, p. 30.



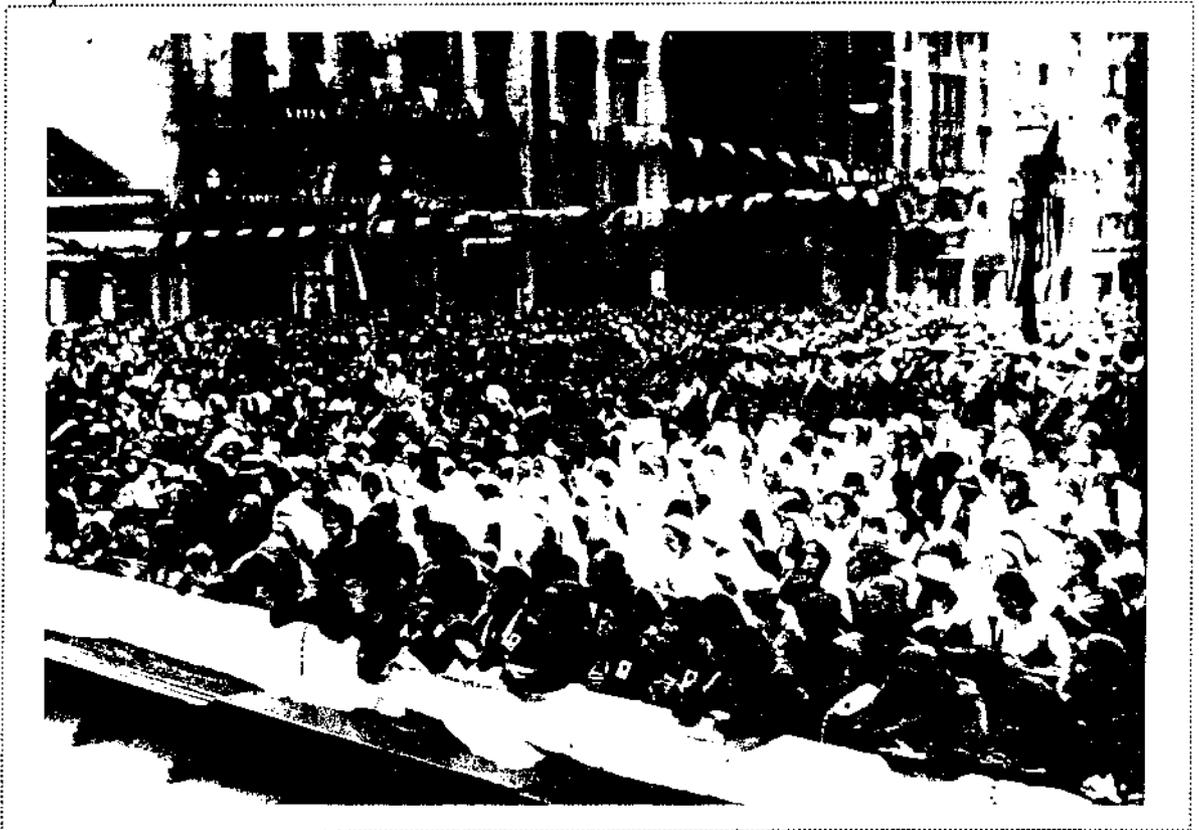
A cada minuto o ideal revolucionário ia contagiando a todos, homens e mulheres. (MI p. 7 c) [14.30]

Muito se tem questionado em relação à real participação da mulher paulista no evento Revolução Constitucionalista de 1932. Em grande parte, a produção historiográfica predominante, a define como uma espécie de encenação teatral praticada pelas damas da alta sociedade bandeirante, com o fito de propaganda política. As imagens fotográficas não coincidem com tal interpretação. Vejamos o que disse sobre a questão, uma militante anarquista logo após o término da revolução, em um artigo publicado pelo periódico *A Plebe*:

Ecos da Revolução. Voz da Mulher Paulista. **Em nome da mulher paulista, falaram as senhoras católicas, as senhoras evangélicas, as senhoras espíritas e espiritualistas**, professoras e damas do escol social. Todas no mesmo diapasão. A mulher operária e as mães dos soldados anônimos não puderam falar em nome da Mulher Paulista. (...) Em próximo artigo enviarei a reprodução da exortação de Leão Tolstói - "Aos Soldados"- que me foi enviada, à guisa de oração (sic), nos dolorosos dias da contra-revolução, por uma operária, pensadora e paulista. Assinado: Isabel Ferreira Bertolucci. São Paulo, 24 de novembro de 1932. ⁸⁶ (aspas no original - grifos nossos)

86 - A PLEBE, Sábado, 3 de dezembro de 1932. 3ª Fase. nº 3. pg. 2.

De uma forma aparentemente não refletida, podemos encontrar no documento acima, a negação exatamente daquilo que se pretendia afirmar, ou vice-versa. Ao incluir no rol das *supostas* mulheres paulistas, *as senhoras católicas, as senhoras evangélicas, as senhoras espíritas e espiritualistas*, sem perceber, a autora englobou não apenas as *mães dos soldados anônimos* e a *mulher operária*, mas praticamente a totalidade das mulheres que habitavam o Estado de São Paulo no ano de 1932. Não diríamos totalidade porque certamente existiriam, como a própria autora, algumas mulheres que não se enquadravam naquele universo.



O amplo espaço aberto da Praça da Sé (bem maior do que sua área livre atual, após as obras do metrô em 1978), tomado pela enorme multidão em uma missa campal rezada para os soldados no *front*. (AF) [5.32]

Nesse particular as fotografias são extremamente enfáticas. A religiosidade fazia parte da vida cotidiana das pessoas em 1932. Seria impensável, nesse período, a realização de qualquer ato importante da população sem a participação e o aval, principalmente, da Igreja Católica. Chega a ser surpreendente para um historiador que tenha acesso às fotografias sobre o evento, a ausência dos fatores religiosos nas análises historiográficas do Movimento Constitucionalista, no entanto, dificilmente encontramos uma imagem onde, direta ou indiretamente, eles não estejam presentes.

Em seu trabalho sobre os italianos do Brás, nos anos 1920 e 1930, Suzana Ribeiro, afirma que o passado, para seus entrevistados, ressurgia sempre de forma fragmentada, como uma espécie de colagem das lembranças; no entanto, eram justamente as datas religiosas, que pela sua grande importância e significado, atuavam como marcadoras no tempo:

É imediatamente notável a existência de todo um aparato cerimonial para cada uma das etapas religiosas das quais os italianos participavam ativamente. **A igreja é quase que uma extensão da casa.** Foi também, através dos encontros para organização das cerimônias e das festas, que muitas das tradições italianas foram mantidas.⁸⁷ (grifos nossos)



Cozinheiras, costureiras e soldados voluntários da ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA DE CAMPINAS, no monumento-túmulo à Carlos Gomes, em agosto de 1932. (PBC) [10.9]

87 - RIBEIRO, Suzana Barreto. Op. Cit. p. 156-7.



Cerimônia religiosa promovida pela LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS. (Álbum de Família) Notar a imagem de N. S. Aparecida a padroeira do Brasil sobre a bandeira nacional. A mulher de luto também segura uma bandeira do Brasil. [5.31]



ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS - ACM. As inúmeras "Casa do Soldado" estavam espalhadas às centenas por todo o Estado de São Paulo, sendo mantidas voluntariamente pelas mais diversas instituições e associações. (CPDOC p. 18) [2.21]

As múltiplas vertentes sugeridas pelas imagens fotográficas, bem como outras fontes pesquisadas, desmistificam em grande parte, o consenso estabelecido em torno da Revolução de 1932, como sendo unicamente um movimento contra-revolucionário de reação das elites. Essas outras leituras induzidas pela força imagética da fotografia, fazem emergir novas facetas culturais do evento, contribuindo para uma ampliação do olhar historiográfico sobre o tema.

O grande poder da fotografia, como disse o fotógrafo Marvin Krone, reside naquela qualidade documental única de preservar infinitamente uma fração finita do tempo. Exatamente por isso, até nossos dias, uma das técnicas mais eficientes utilizadas para enfatizar uma cena, tanto no cinema como na televisão, seja o *congelamento* da imagem que paralisa na tela um determinado fotograma ou *frame* de uma seqüência em movimento.

Naquele instante estagnado, a própria vida parece estar suspensa, e para nós é muito mais fácil apreender e memorizar esse momento isolado, do que uma sucessão rápida de imagens. Até mesmo, sob o ponto de vista didático e pedagógico, a fotografia (na forma de projeção de slides) tem alcançado em repetidas pesquisas, um índice de preferência por parte dos alunos, bem superior ao obtido por outras atividades didático-visuais, como por exemplo filmes e vídeos.⁸⁸

Gostaríamos ainda, para completar as principais vertentes, de expor mais alguns elementos referentes aos voluntários civis e militares que, efetivamente combateram nas trincheiras, especialmente daqueles 634 que não voltaram.

88 - NEVES, M.A. Mamede. *Ensinando e Aprendendo História*, São Paulo, EPU-CNPq, 1985, p.94. Demonstra que nas pesquisas que realizou, a fotografia (projeção de slides) obteve um índice de aprovação de 42,9% como a atividade didática preferida pelos alunos, contra apenas 8,9% de preferência pelos filmes e vídeos.



Voluntários civis do interior do Estado em exercícios militares. (HD p. 121 b) [8.23]

O treinamento militar que esses voluntários civis recebiam, em sua maioria, estudantes secundaristas e universitários, operários, funcionários públicos, lavradores e comerciários que nunca haviam visto um fuzil de perto, tinha uma duração de no máximo dois dias. Consistia de algumas instruções rudimentares de armamento, tiro, ordem-unida, ataque e defesa, geralmente ministradas por algum graduado (cabo ou sargento) da Força Pública. Porém a regra geral era: *Que lhes importa a falta de preparo militar? As trincheiras serão a sua escola.*⁸⁹

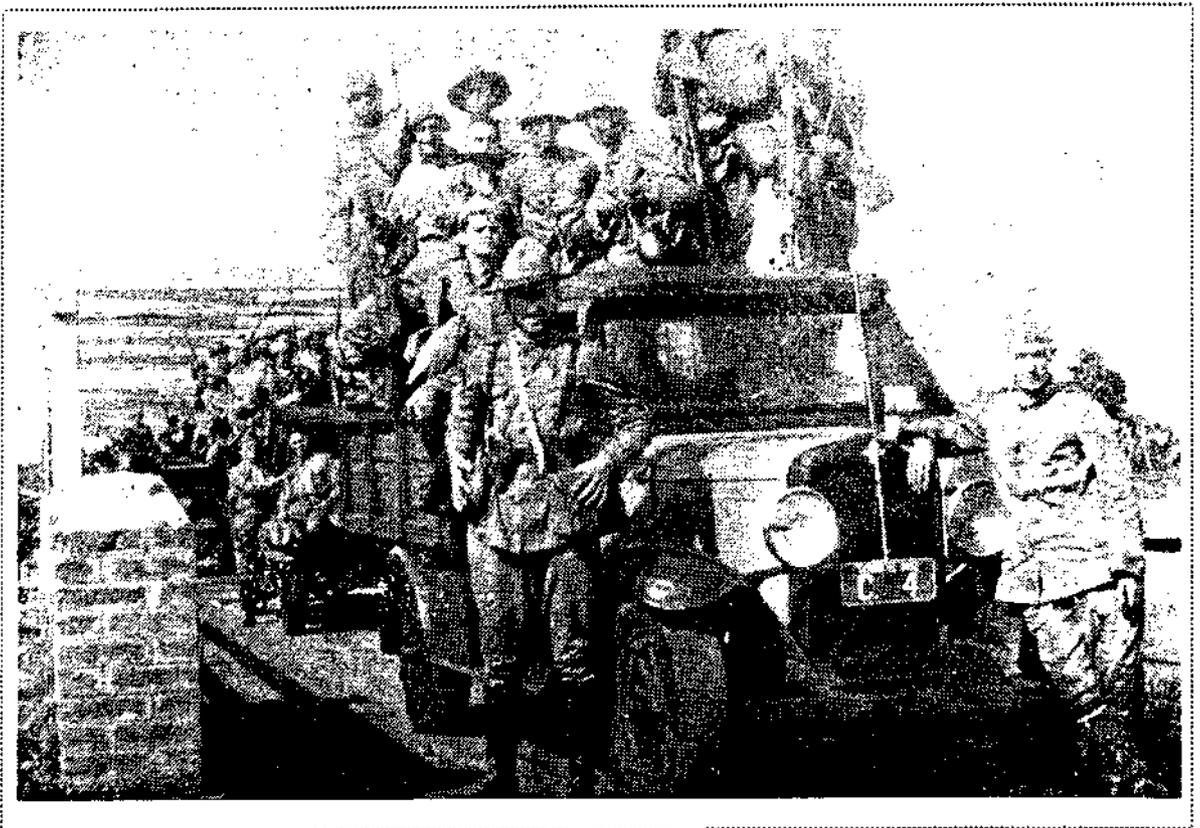
Nem sempre e nem todos tiveram adaptação satisfatória. O desenrolar dos acontecimentos, a premência das ocasiões difíceis, não permitiam o conveniente adestramento dos jovens combatentes. Assim, o contingente que entrava na véspera de certo dia, logo no dia imediato, às vezes à noite mesmo, ou, no máximo, 48 horas depois, era levado ao sacrifício da luta.⁹⁰

89 - RENARD, Antoine. *São Paulo é isso!* São Paulo, s.c.p. 1933, p. 49.

90 - Ver FIGUEIREDO, General Euclides. *Contribuição para a história da Revolução Constitucionalista de 1932.* São Paulo. Martins, 1977.



Voluntários Constitucionalistas vindos do interior, desembarcam na Estação da Luz. (HD p. 97). [8.15]



A chegada de Batalhões de Voluntários ao *front*. (Loureiro Júnior) [10.24]

Chegam voluntários de Itapetininga, sem nunca terem manejado um fuzil, ou sequer ouvido um bombardeio, e logo eram mandados para as trincheiras, que ninguém sabia em que lugar estavam. É triste ter um batismo de fogo assim. Soldados mal chegados, eram logo confundidos no caos tumultuoso de Buri. Voluntários do “Floriano Peixoto” atiraram nos do “Marcello Franco”, sem saber. Este perde uma boa parte dos seus homens, e aquele é quase todo aprisionado.⁹¹

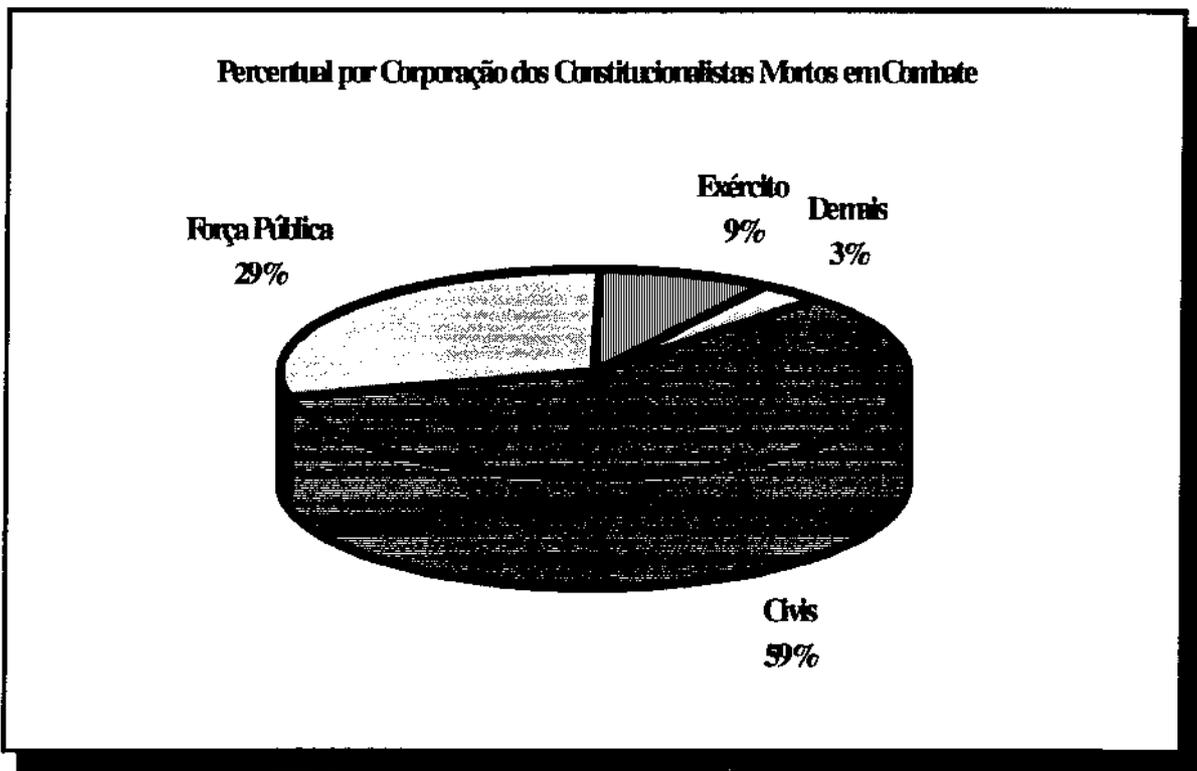
Muitas vezes, a obtenção de cifras numéricas e estatísticas podem fornecer ao historiador uma visão de conjunto bastante interessante sobre o evento. Atentos a esse procedimento, procuramos, sempre que possível, adquirir tais informações. Um dos mais importantes conjuntos de dados encontrados no decorrer da pesquisa, relacionava-se exatamente com os mortos constitucionalistas na Revolução. Através da obra *Cruzes Paulistas*, um enorme trabalho de pesquisa realizado entre os anos de 1935 e 1936, por ocasião da *Campanha Pró-Monumento e Mausoléu do Soldado Constitucionalista*, foi possível tabular um considerável volume de informações, que gostaríamos de expor em forma de gráficos e tabelas.⁹²

91 - Depoimento do voluntário S. A. Pinto In: DONATO, Hernâni. Op. Cit. p. 120.

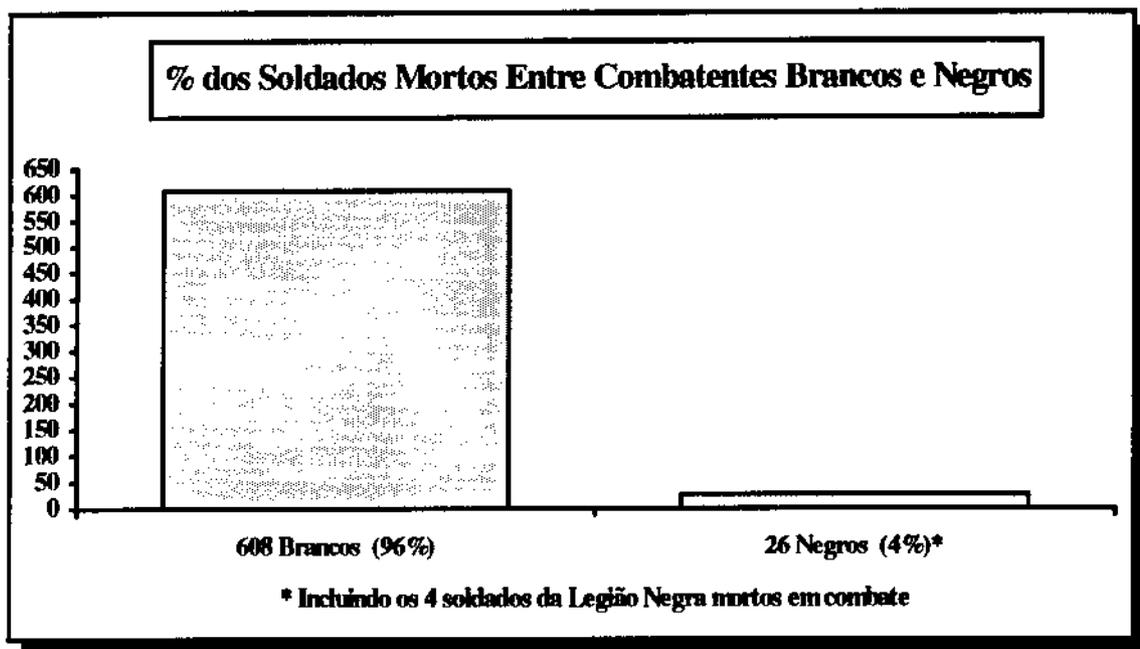
92 - MONTENEGRO, Benedito (org.). *Cruzes paulistas: os que tomaram em 32 pela glória de servir São Paulo*. São Paulo, Campanha Pró-Monumento e Mausoléu ao soldado paulista de 32, 1936. 516p. (ilust.)

Combatentes do Exército Constitucionalista Oficialmente Mortos em Ação.
(Período de 9 de julho a 2 de outubro de 1932 - 85 dias)

| | |
|--|------------|
| Voluntários Civis | 373 |
| Força Pública (São Paulo e Mato Grosso) | 185 |
| Exército Brasileiro (São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e Paraná)..... | 55 |
| Corpo de Bombeiros | 11 |
| CPOR (Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva do Exército) | 2 |
| Civis (Ferroviário)..... | 1 |
| (Fotógrafo) | 1 |
| Guarda Civil..... | 3 |
| Aviação do Exército..... | 3 |
| TOTAL DE MORTOS | 634 |

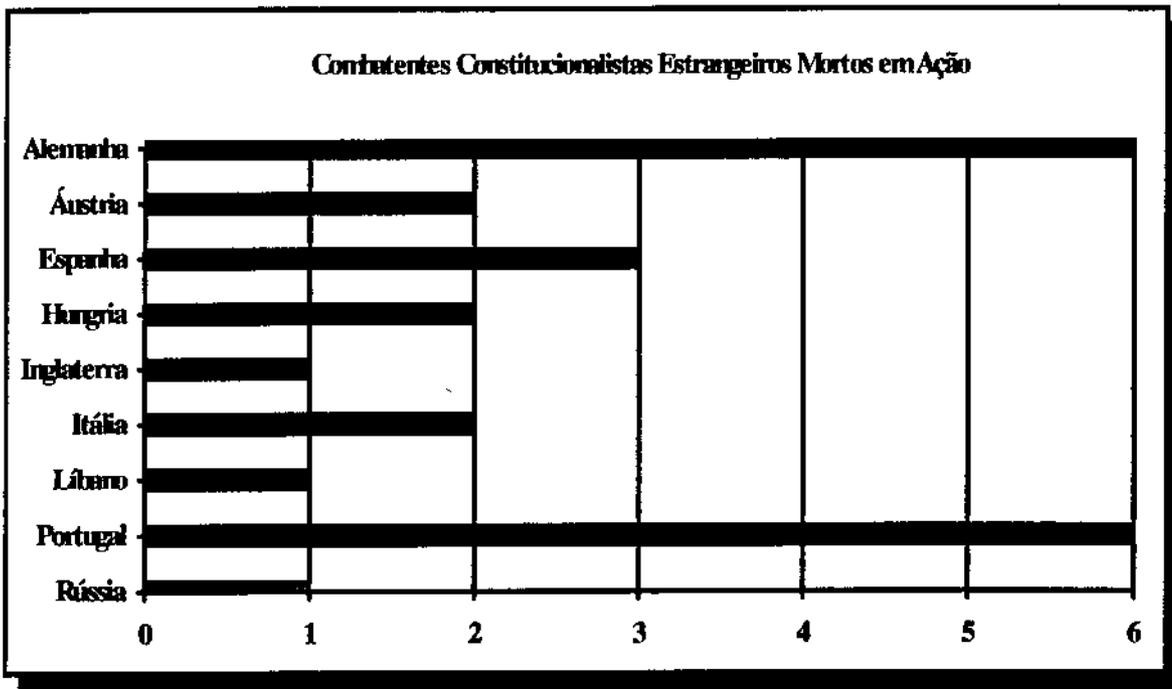
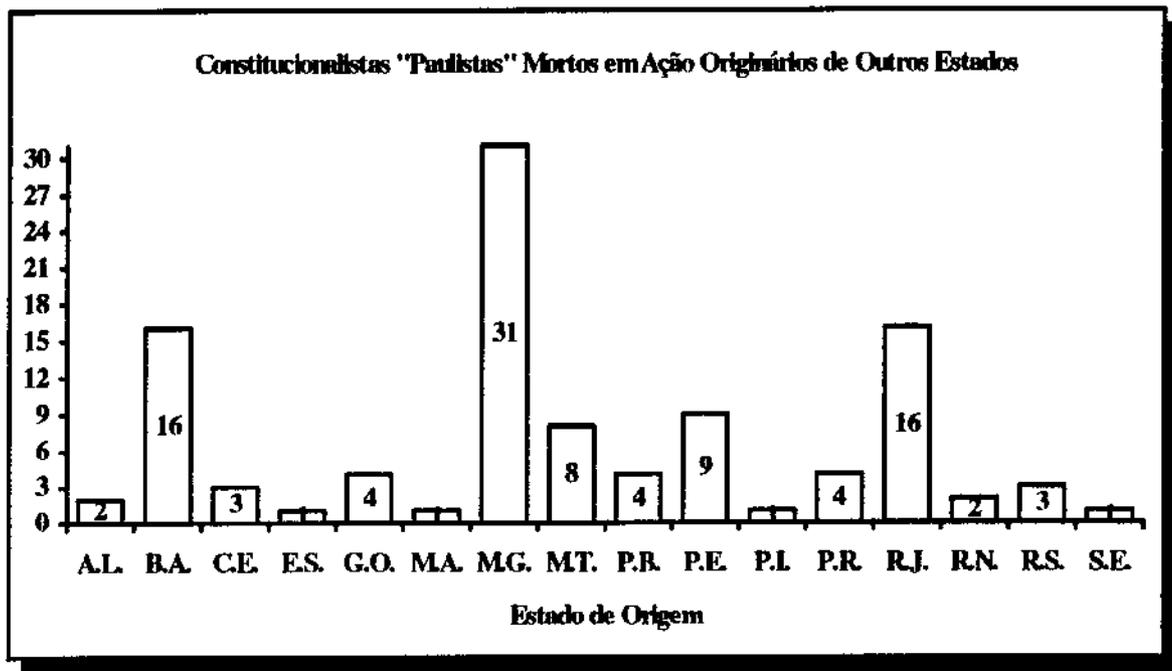


Durante a pesquisa, por duas ocasiões diferentes, fomos indagados sobre a veracidade de uma crença, pouco conhecida porém existente, que afirma terem morrido um grande número de soldados constitucionalistas negros e até mesmo ter sido totalmente *dizimada* a Legião Negra. Diante de tais dúvidas, iniciamos uma pequena pesquisa sobre o tema. Contudo, apesar de não existir nas fichas de alistamento voluntário nenhum dado referente à cor ou raça do combatente, a existência de retratos fotográficos de quase todos os mortos, aliados às informações contidas nas respectivas biografias, forneceram indícios seguros de que tal afirmativa não passa de um absurdo, como mostram os dados abaixo:

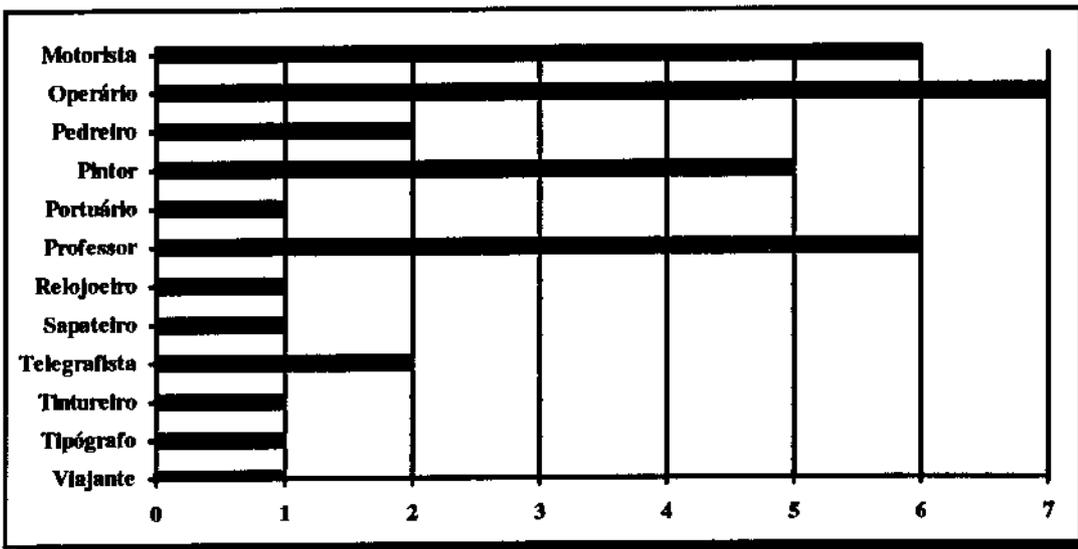
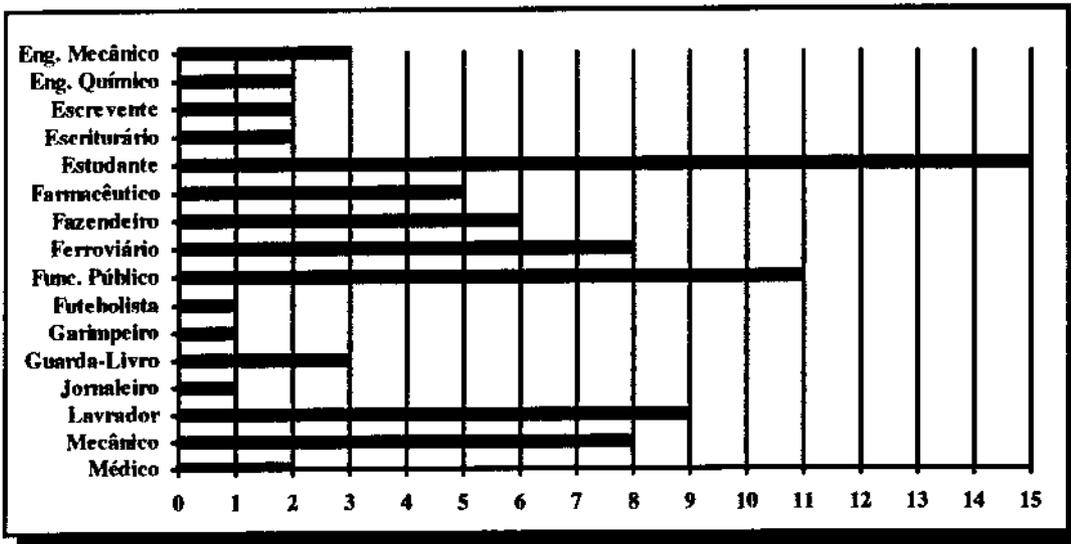
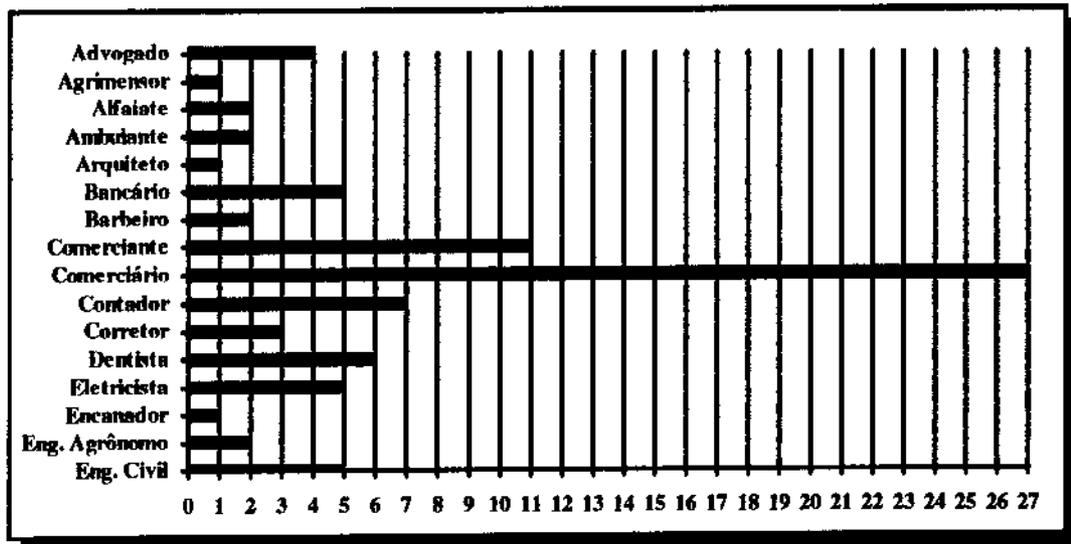


Hora do "rancho" na LEGIÃO NEGRA, na Chácara do Carvalho, em São Paulo, julho de 1932. Notar as vestimentas tipicamente Banto (boné e túnica) do segundo soldado, no canto inferior esquerdo, servindo atrás da mesa. (MF) [12.37]

Outro aspecto interessante em relação ao Exército Constitucionalista pôde ser obtido através do número de combatentes que lutaram e morreram como “paulistas” e que eram originários de outros estados brasileiros e até mesmo de outros países:



Dentre os 373 voluntários civis mortos em combate, 197 declararam suas profissões exercidas antes de se alistarem no Exército Constitucionalista: (Ordem Alfabética)



Nosso objetivo ao expor essas fontes estatísticas, foi passar para o leitor uma noção mais concreta da heterogeneidade que se constituía os quadros dos combatentes constitucionalistas, fossem eles civis ou militares. Ao mostrar esse universo de imagens e documentos que enfatizavam a existência de mais voluntários que armas no conflito, pretendíamos justamente expor o lado humano da questão, evidenciando a participação de homens e mulheres, velhos e crianças, enfim pessoas, seres possuidores de vontade própria e que tinham um objetivo, almejavam a um propósito, sonhavam com um ideal.

O jornalista Armando Brussolo, correspondente de guerra do diário *A Gazeta* de São Paulo, presta um depoimento emocionado, após conviver durante quase dois meses nas trincheiras ao lado desses rapazes idealistas:



Silveiras - Trincheira constitucionalista guarnecida por tropas regulares do Exército Brasileiro. (MF) [11.32]

Antes de vir para as trincheiras, fazia uma idéia completamente errônea do que é a existência por estes lados. Nunca poderia pensar até onde chega a identificação dos soldados pela causa que abraçaram tão entusiasticamente. Eis porque, ao primeiro contato que tive com as tropas paulistas, minha opinião anterior ruiu de vez. E tudo quanto agora estou presenciando reveste-se de um aspecto natural. Este ardor, esta abnegação e esta bravura notados no seio das Forças Constitucionalistas, e que são o seu maior apanágio, resultam do nobre ideal defendido no campo de batalha.⁹³

93 - Depoimento do jornalista Armando Brussolo, em Cunha, Litoral Norte, a 15 de agosto de 1932. In. *Tudo pelo Brasil*. Op. Cit. p. 152.

Não é nossa função se dedicar ao exercício especulativo de solucionar teoricamente o mais intratável problema das ciências sociais: como resolver o *dilema da ação humana*, simultaneamente determinada e indeterminada, ou sobre quais seriam as possíveis relações entre a sociedade e o indivíduo, entre ação e estrutura. Como, afinal, do ponto de vista teórico, estes seres humanos tão incômodos, interagem e em que grau interagem; como e quando se influenciavam, se condicionavam e se determinavam reciprocamente, e em que exata medida o faziam.

Questionar a sinceridade da ação de milhões de pessoas que, em determinado momento da história, se movem resolutas e convergem seus esforços para alcançar o mesmo fim, tem nos parecido uma postura pouco desejável. Acreditamos que nosso trabalho como historiadores é tentar explicar o papel do indivíduo na história, da maneira que nos é própria e natural - narrando situações históricas concretas. E a fotografia tem se mostrado como uma das ferramentas auxiliares mais úteis para esse fim.

Para concluir o capítulo, gostaríamos de contar duas histórias da guerra. São narrativas simples e breves, que falam da vida e também da morte de dois soldados constitucionalistas, um deles militar profissional, o outro um lavrador do interior. Lutaram, contudo, voluntariamente pelo mesmo ideal.

A primeira delas começa com quatro jovens amigos, três deles irmãos, nenhum porém titubeou em atender ao chamado de voluntários para a luta contra a ditadura. Alistaram-se nos primeiros dias de julho de 1932 e logo começaram os treinamentos no Quartel General do Grupo Escolar, na longínqua São José do Rio Preto, em pleno alto sertão da Estrada de Ferro Araraquarense. Lupércio, Olavo e Ezequiel, eram filhos do sitiante Lindolpho Guimarães Correa e Dona Amélia Guimarães Correa, o quarto jovem era o amigo Aristeu Dantas.

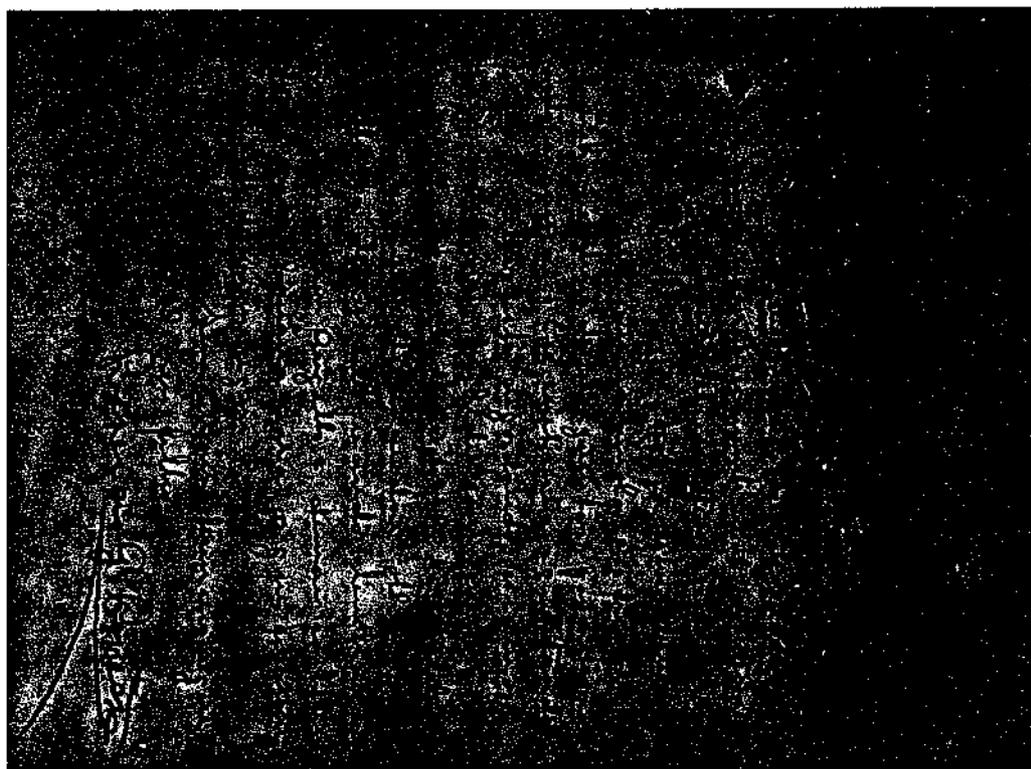
No dia da partida, emocionados, despediram-se de seus familiares e desfilaram pela Rua Bernardino, no centro da cidade, a 18 de julho. Na Estação da E.F.A., em meio a cenas de intensa emoção, com uma multidão de pessoas se despedindo dos voluntários, os quatro acenam para os seus, com o comboio em movimento. Depois, a longa viagem, a concentração em Campinas (onde a fotografia foi feita), e finalmente a partida para o *front*. No dia 18 de agosto de 1932, o jovem Lupércio, com 18 anos, ainda assustado em meio à guerra, nos campos de Eleutério (Localidade próxima a Itapira, na Frente Mineira), encontra uma pausa para curtir as saudades de sua mãe, sua terra e seu cavalinho branco. E escreve esta singela e encantadora carta a Dona Amélia:

Eleutério, 18 de agosto de 1932. Mamãe. Saudações. Aqui graças a Deus vou indo bem de saúde, nos primeiros dias passei muito mal, com tosse e forte constipado, até febre eu tive, **mas não saí das trincheiras**; agora estou bem. Aqui o que mais nos amola é o frio de manhã, é duro de se agüentar, **quanto ao resto é canja**, o Ezequiel está agüentando firme, o Olavo está engordando, estamos sujos como porcos, barbudos como caiporas, mas não faz mal, **tudo por São Paulo**. Não esqueças de mandar olhar o meu cavalo lá de vez em quando, lembranças para o papai, seu Angello e demais conhecidos, e **uma banana para os que ficaram com medo de virem aqui**. Sem mais, termino aqui. Do seu filho, Lupércio G. Corrêa. (Ver original fotografado. Na transcrição a ortografia foi atualizada e os principais erros de português corrigidos - grifos nossos) ⁹⁴

94 - VALLE, Roberto do. *Rio Preto na Revolução de 32*. São José do Rio Preto, Verso, 1982. p. 91. NOTA: O “seu” Angelo a que Lupércio se refere, era o Sr. Angelo De Marchi, seu amigo de pescaria. Contam seus parentes que Lupércio tinha um cavalinho branco que não largava, cavalgando pelos sítios da redondeza.

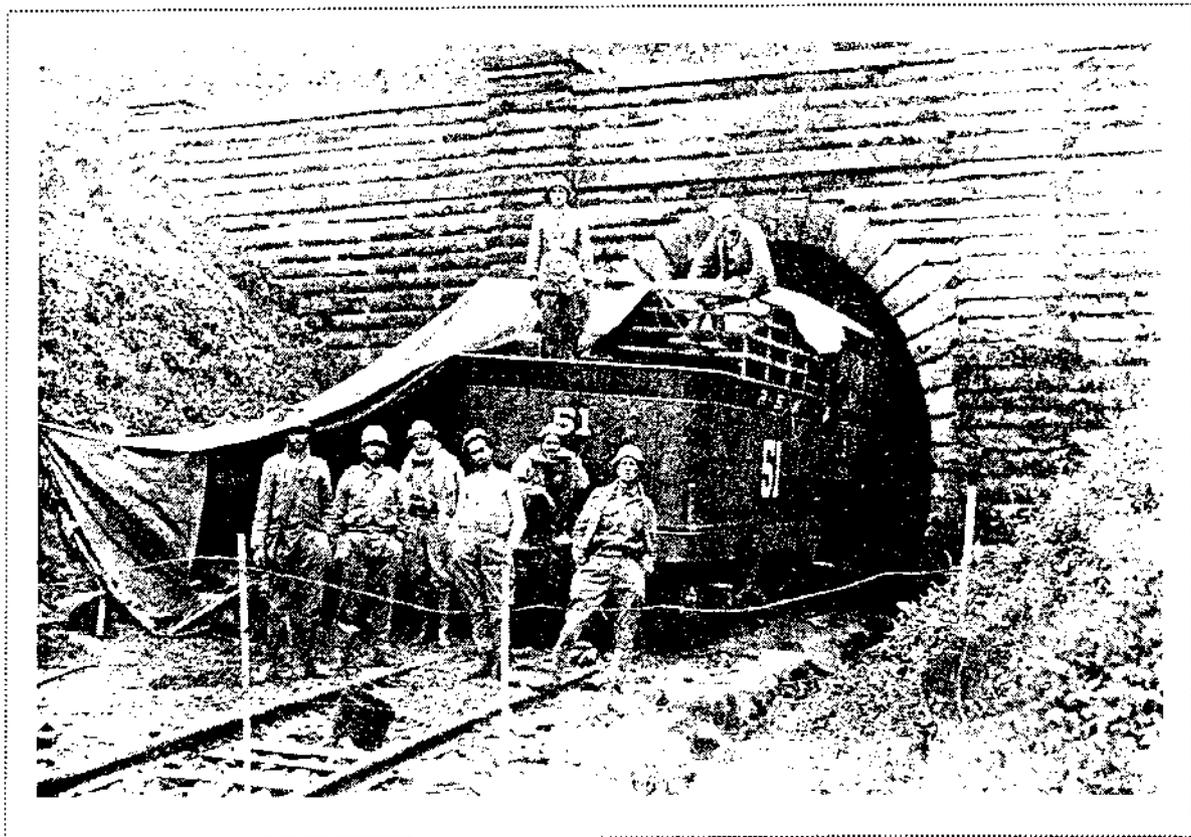


Campinas, julho de 1932. Da esquerda para a direita, Olavo Guimarães Correa, Aristeu Dantas, Lupércio Guimarães Correa e Ezequiel Guimarães Correa, no chão, um simpático mascote enfermeiro. (Roberto do Valle. p. 90.) [7.35]



Fotografia da carta escrita a 18 de agosto de 1932, em Eleutério, São Paulo. (Roberto do Valle. p. 91) [7.37]

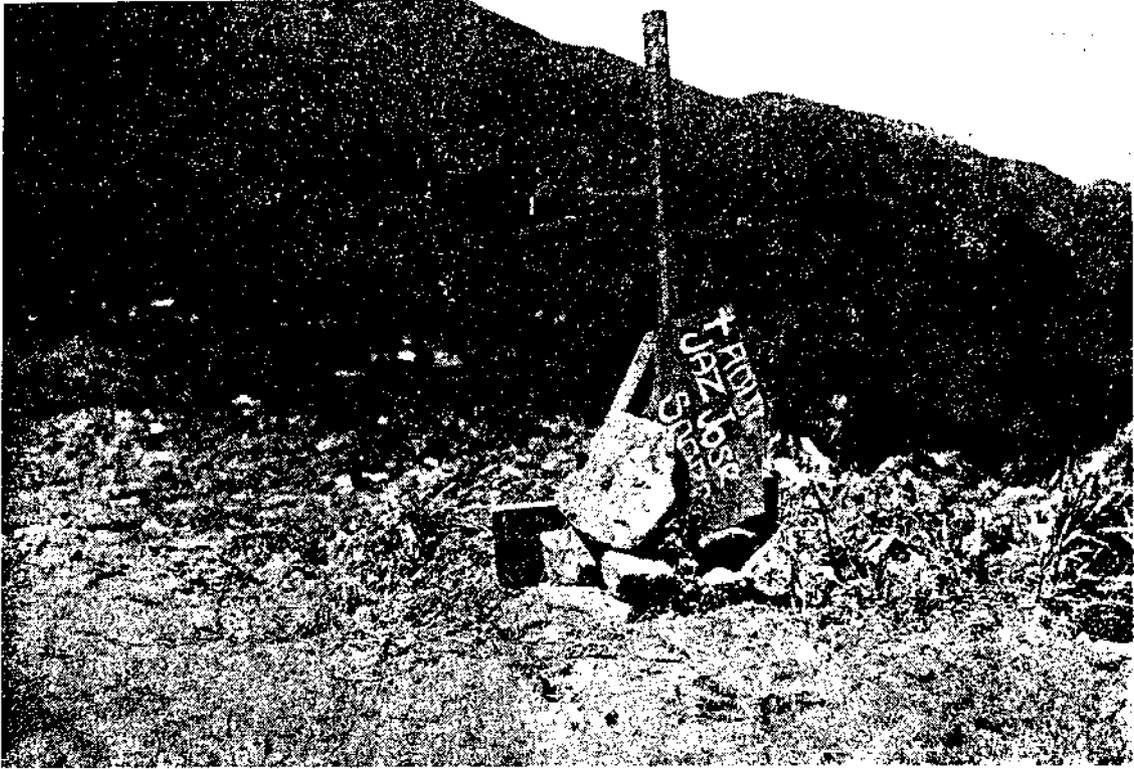
A outra história, surge durante a leitura do romance *Um punhado de nada*, também inspirado na Revolução Constitucionalista de 1932, onde tivemos uma agradável surpresa, pois, identificamos em determinado ponto da narrativa, que o autor, Auriphebo Simões, havia se inspirado em duas fotografias que, por acaso, possuíamos em nosso arquivo.



A boca do Túnel da Mantiqueira do lado de São Paulo, vendo-se a locomotiva descarrilada. (MF) [11.20]

Onde a rodovia cruzava o leito ferroviário, pouco mais à esquerda, era o Túnel. Atravancando-lhe a entrada, fora dos trilhos, a locomotiva 51 da Rede Sul-Mineira. Metade do tênder estava engolida pela boca negra do túnel. Ao redor da pequena locomotiva erguia-se uma frágil cerca de arame farpado; devia apenas servir como limite à diminuta zona guarnecida por uma dúzia de soldados. Um toldo de lona encerrada cobria a parte superior do tênder e avançava até a encosta da montanha, esticado por cordas. Devia ser um alojamento para a guarda.⁹⁵

95 - SIMÕES, Auriphebo Berrance. *Um punhado de nada: São Paulo 1932 Revolução*. São Paulo, Brasiliense, 1979. p. 125.



Rústico túmulo de um soldado constitucionalista na “Terra de ninguém”, na região do Túnel. (MF) [11.12]

À direita da estrada de rodagem, um precipício em forma de funil - a raiz da serra propriamente dita. No fundo, de rodas para cima, jazia um caminhão. Seguindo à beira do precipício ao redor do qual a estrada de rodagem recentemente aberta descrevia uma ferradura, estavam fíncadas três cruzes improvisadas. A inscrição da que estava mais próxima podia ser lida: “*Aqui jaz José Soares.*” Era sepultura recente. Algum soldado? Em que dia havia sido morto? Em breve o vento arrancaria a tosca placa presa entre pedras e ninguém mais iria saber que sob elas jaziam os restos mortais de José Soares, soldado de São Paulo, que perdera a vida pelo ideal de uns poucos e a ambição de muitos. Ninguém soube responder às perguntas e ninguém parecia interessado pelo morto. Sabiam-lhe apenas o nome. Talvez nem mesmo fosse o José Soares: havia três cruzes e um nome apenas. Comovido, Eustáquio [o personagem central do romance] tentou elevar uma prece aos Céus por aquele pobre soldado morto quase certamente sem saber por que motivo.⁹⁶

96 - Op. Cit. Idem, Ibidem.

Felizmente para nós, é dado ao ofício de historiador, o direito e o dever da curiosidade ilimitada que, certamente, faz de cada descoberta, por insignificante que pareça, uma emocionante aventura detetivesca. E justamente por isso, foi possível responder a todas as perguntas do autor:

Não era um soldado, tratava-se da sepultura do Cabo José Soares, da 3ª Companhia, do 4º Batalhão de Caçadores Provisórios da Força Pública do Estado de São Paulo. José Soares tinha 30 anos de idade quando seguiu para o Setor Norte, nos primeiros dias da Revolução Constitucionalista. Por ser graduado Cabo e também motorista, poderia ter evitado a linha de frente, no entanto solicitou para servir no *front*, sendo então destacado para guarnecer a posição do Túnel da Mantiqueira, na divisa de São Paulo com Minas Gerais.

Numa sexta-feira, dia 22 de julho de 1932, durante um ataque ditatorial, foi morto por uma bala de fuzil e sepultado provisoriamente por seus companheiros no próprio local que havia caído, em uma cova rasa. Posteriormente, após um período de trégua, seus restos foram trasladados para o cemitério da cidade de Cruzeiro, onde permanecem até hoje. José Soares nasceu em Piracicaba, Estado de São Paulo, no ano de 1902, era filho do Senhor Sebastião Soares e de Dona Antônia Soares. Casado com Ernestina Soares, deixou duas filhas menores, Dirce e Nelly.⁹⁷

O vento, certamente arrancou a tosca placa presa entre as pedras, mas nenhum de seus amigos e parentes jamais o esqueceram. Que me perdoe o escritor pela ousadia, mas eu inverteria a sua frase: José Soares, soldado de São Paulo, perdera a vida pela ambição de uns poucos e o ideal de muitos.



97 - Dados extraídos da obra *Cruzes paulistas: os que tomaram em 32 pela glória de servir São Paulo*. São Paulo, Campanha Pró-Monumento e Mausoléu ao soldado paulista de 32, 1936.

IMAGENS DE BRASILIDADE

Juro pelo amor que tenho à minha mãe, pelo nome que tenho de meu pai; juro pela minha dignidade de homem; juro por Deus que lutarei até ao fim por São Paulo, pelo Brasil, pela nossa Bandeira. Juro!

Juramento do Soldado Constitucionalista



Cerimônia de Juramento à bandeira Nacional, no momento em que o monsenhor Francisco Bastos benzia a bandeira do Batalhão de voluntários "14 de Julho". Vendo-se o Tenente Loureiro Júnior, segurando-a, ladeado pelos sargentos Lima, Machado e senhorita Bibiana Martins, madrinha da bandeira. (LJ) [10.22]

Como já tivemos oportunidade de expor, em qualquer pesquisa onde a imagem fotográfica seja encarada como uma fonte documental privilegiada, se torna extremamente importante para o historiador, possuir informações prévias dos detalhes de sua evolução técnica ao longo do tempo. Tentar desvendar os acontecimentos históricos através da fotografia pressupõe um conhecimento sólido da própria história da fotografia. Ou seja, o trabalho de análise e interpretação deve necessariamente considerar o estágio tecnológico alcançado pelos recursos fotográficos por ocasião da tomada da imagem, a fim de que se evitem interpretações equivocadas.

Antes de iniciar neste capítulo, o estudo das imagens que evidenciam um forte caráter de brasilidade no movimento, gostaríamos de apresentar da forma mais simples possível, uma fundamental característica técnica dos filmes fotográficos utilizados no Brasil em 1932. Somos inclinados a presumir que o desconhecimento de tal fenômeno por parte dos historiadores que pesquisaram o período, pode ter levado à conclusões distorcidas sobre o evento.

Pedimos antecipadamente desculpas ao leitor pela inevitável digressão técnica que explanaremos a seguir. Propositadamente, deixamos de expor a questão no Capítulo I, pois, acreditamos tratar-se de informações pertinentes e necessárias à compreensão do assunto abordado no presente capítulo.

O processo que dá origem a uma fotografia envolve uma reação entre a luz e os cristais que se espalham pela gelatina (camada de emulsão do filme fotográfico). A reação começa quando um cristal de prata e bromo - com espessura da ordem do milésimo de milímetro - é atingido por fótons de luz formando um pequeno grupamento de átomos de prata metálica.

Esta ínfima porção de prata metálica, produzida às custas de energia luminosa, é o começo do que se conhece como imagem latente; ela tem dimensões tão reduzidas que é invisível mesmo através de microscópio eletrônico. Esses pontinhos de prata metálica formados na imagem latente, são utilizados pelas substâncias químicas reveladoras como uma espécie de ímã, que atraem a prata restante no cristal. Assim se forma a imagem fotográfica.

Como o ser humano enxerga diversas cores, além de captar diferentes intensidades da luz, um filme em branco e preto deveria reproduzir essas duas propriedades, sob a forma de luz e sombra, para que pudéssemos *compreender* satisfatoriamente a imagem registrada. Além disso, o olho não reage à luz de maneira uniforme, e, assim, o filme em branco e preto *ideal* seria aquele capaz de obter o máximo de fidelidade na reprodução em tons de cinza, daquilo que nossos olhos vêem em cores.

No entanto isso não acontece. Os cristais de brometo de prata são extremamente sensíveis à luz, mas não respondem da mesma maneira a todos os comprimentos de onda. E diferentes tipos e até marcas de filmes reagem às cores diferentemente, isto é, aos diferentes comprimentos de onda da parte visível do espectro eletromagnético - o popular arco-íris. Na verdade, esses cristais só respondem aos comprimentos de onda mais curtos, que vão do ultravioleta ao azul, não reagindo ao verde, amarelo, laranja, vermelho e infravermelho.

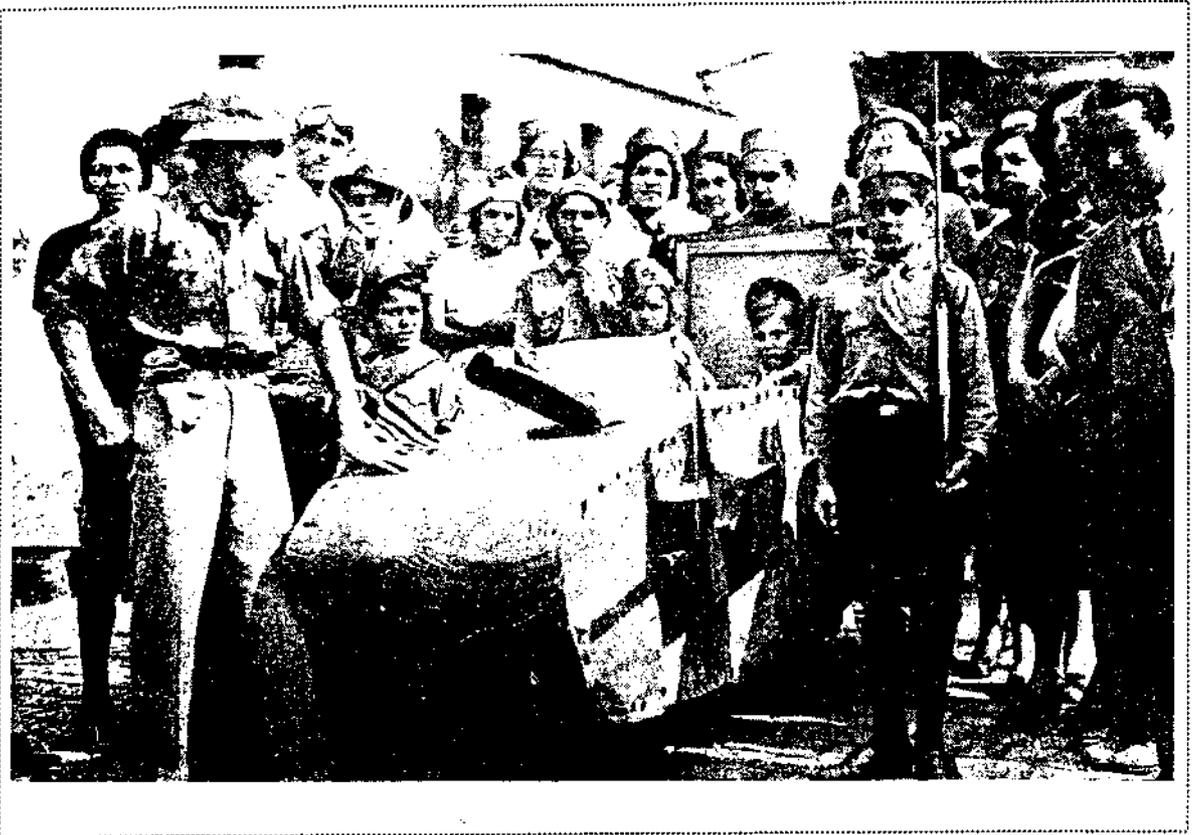
As distorções cromáticas em relação a certos comprimentos de ondas, acarretadas por essa espécie de *daltonismo* dos filmes fotográficos, começou a ser pesquisado ainda no século XIX. O químico e fotógrafo alemão Hermann Wilhelm Vogel, em 1873, adicionando corantes (sensibilizadores ópticos) às emulsões, descobriu um meio de reduzir a falta de exatidão na reprodução das cores.

O novo processo de fabricação de filmes ficou conhecido como ortocromático (*Orthos* = exato e *Chromos* = cor). Essa denominação, entretanto, estava longe de corresponder à realidade. Naturalmente a grande sensibilidade ao ultravioleta, violeta e ao azul (que acarretava a reprodução de tais cores como branco), ficou bastante reduzida. Também, foi possível captar os comprimentos de onda do verde, porém, a emulsão continuou totalmente insensível às cores amarela, laranja e vermelha, apresentando-as como preto.

Posteriormente a 1935, a adição de outros corantes tornou o filme fotográfico apto para registrar todas as cores vistas pelo olho humano; esta espécie de filme chamado pancromático (*Pan* = todo ou cada), é a que utilizamos atualmente em todo o mundo. Mesmo assim, eles ainda não respondem às cores de modo uniforme e, a menos que esse desequilíbrio seja corrigido com o uso de filtros coloridos, o céu azul tenderá a aparecer muito claro, as maçãs vermelhas muito escuras e mesmo as folhas verdes ficarão mais escuras do que deveriam.

O conhecimento prévio desse fenômeno fotográfico, chamado de sensibilidade à cor, foi de grande utilidade na análise das imagens, pois, todas as fotografias produzidas no ano de 1932, foram feitas com filmes do tipo sensível ao azul (utilizado principalmente pela imprensa) e ortocromático de uso geral.

Feita essa explanação, e de posse desses conhecimentos técnicos, também gostaríamos de convidar o leitor a participar de uma experiência prática na análise das imagens fotográficas. Inicialmente pediríamos que observasse com atenção a fotografia abaixo e procurasse descrevê-la mentalmente em todos os seus detalhes icônicos visíveis.

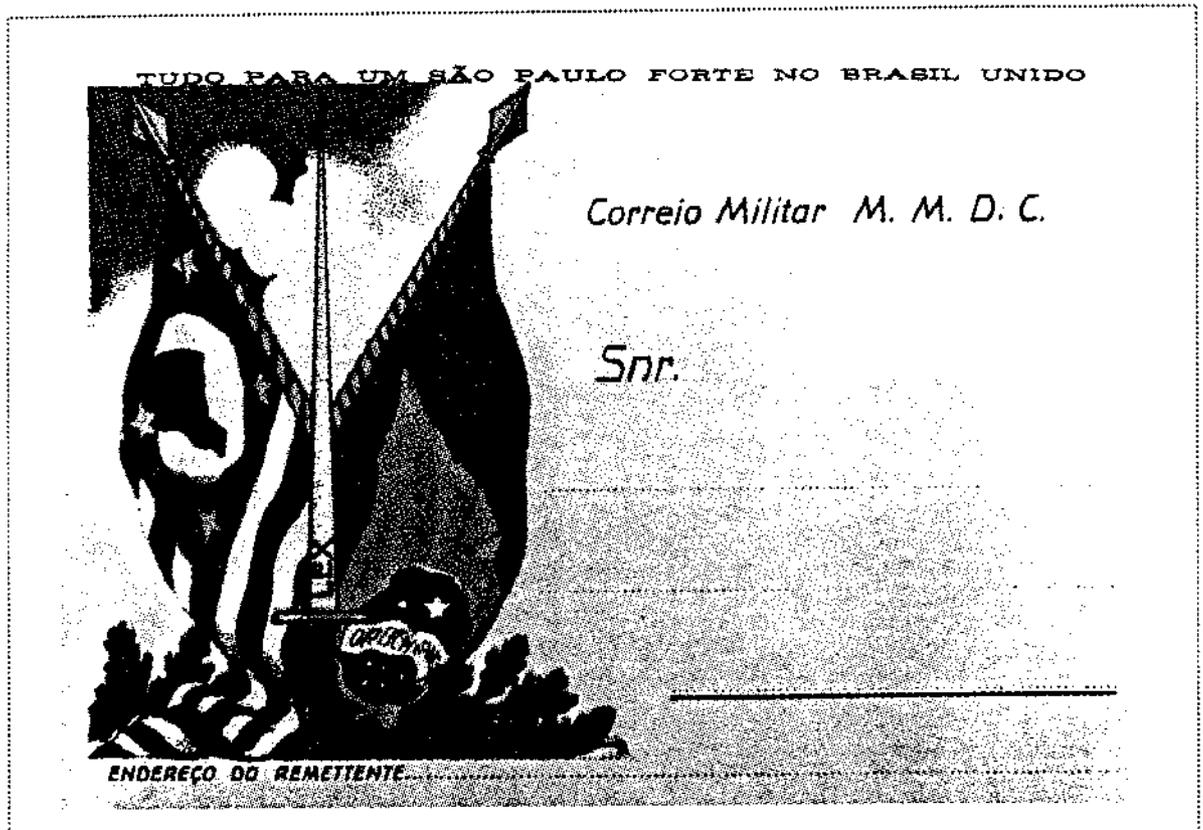


Um carro de assalto idealizado e executado pelas crianças paulistas, que percorreu a cidade no dia 7 de setembro de 1932 aos gritos de "se preciso também iremos!" (MF) [11.3]

Após este primeiro procedimento, perguntaríamos se foi possível encontrar na fotografia, durante as primeiras observações, alguma bandeira. Em caso afirmativo, quantas bandeiras puderam ser vistas? Em caso negativo, pediríamos ao leitor para, mais uma vez, olhar atentamente a imagem e procurar o ítem solicitado.

Agradecendo a participação do leitor, abriríamos aqui, um pequeno parêntese para justificar tal procedimento de nossa parte. Infelizmente ainda não se encontrou uma forma adequada de *traduzir* a linguagem visual para linguagem verbal (escrita ou falada), dessa forma, demonstrar *imageticamente* certas dificuldades e procedimentos técnico-metodológicos por que passamos ao longo dos estudos, nos pareceu a forma mais adequada possível.

Como pudemos observar anteriormente, os filmes utilizados no período, reagiam de maneira totalmente diversa ao olho humano, quando reproduziam certas cores em branco e preto, intermediado por gradações de cinza. Esse detalhe técnico, poderia passar completamente despercebido, e não faria a menor diferença no resultado final da pesquisa, se não existissem as cores verde, amarelo e azul, na bandeira do Brasil.



Cartão Postal do Correio Militar MMDC (PBC) [9.6]

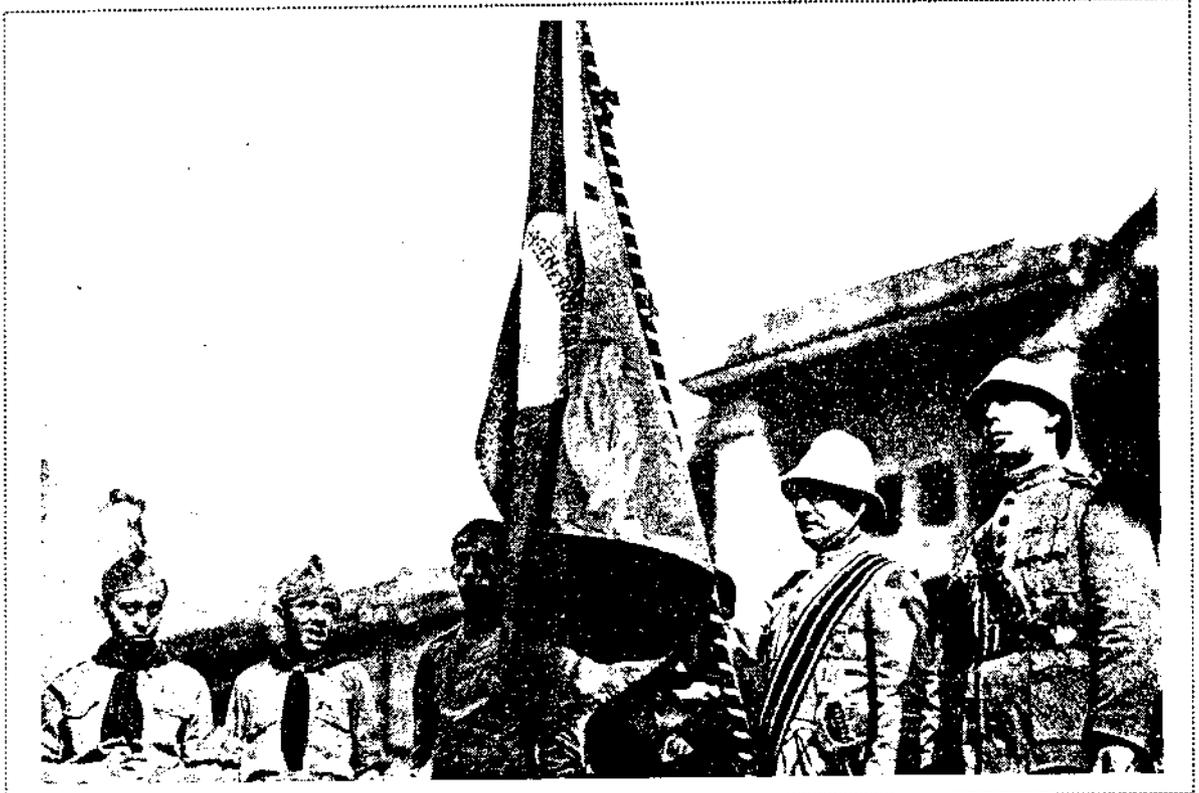
No caso do filme tipo *sensível ao azul*, o retângulo verde e o losango amarelo, da bandeira nacional, apareciam como um único retângulo preto. Por outro lado, o círculo azul era representado como uma esfera totalmente branca, pois, as estrelas e a faixa que eram realmente brancas, se confundiam com o azul do círculo, que era *visto* por esse filme, também como branco.



Fachada da PRAR - Rádio Sociedade Record. (HD p. 83 a) [8.12]

Quanto as letras da legenda **ORDEM E PROGRESSO**, apenas eram legíveis na fotografia quando escritas em verde, e desapareciam completamente quando escritas em azul. É muito importante observar que a padronização da cor verde para o lema positivista, só foi efetivada pelo Decreto-Lei nº 4.545 de 31 de julho de 1942, em seu artigo 6º parágrafo VIII.

Antes disso, o uso do verde ou azul, dependiam muito do gosto pessoal de quem confeccionava a bandeira. Assim, quando fotografada com filme tipo *sensível ao azul*, a bandeira do Brasil sempre aparecia representada como um retângulo preto contendo um círculo branco ao centro. Era como se estivéssemos vendo uma bandeira do Japão no negativo.

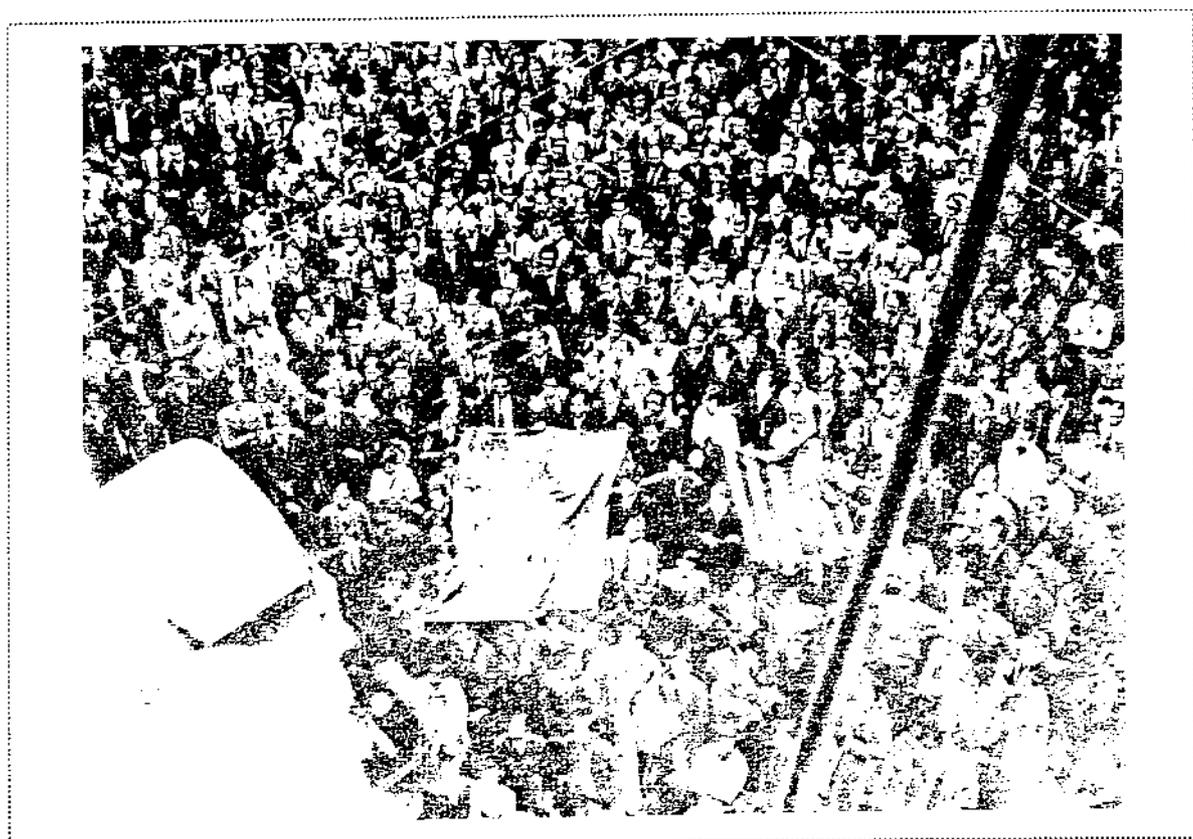


Entrega da Bandeira Nacional a um dos inúmeros batalhões de voluntários (MF) [11.11]



As bandeiras do Brasil e de São Paulo abrem alas à tropa. (Álbum de Família) [6.19]

No caso de se empregar filme tipo *ortocromático*, a relação entre cor e gradação de cinza melhorava um pouco, porém, a representação da bandeira brasileira ainda era bastante estranha ao olho humano. Esse tipo de película tinha a propriedade de *enxergar* a cor verde, reproduzindo-a como um cinza médio. No entanto, continuava absolutamente *cego* ao amarelo, que sempre aparecia como preto. Além disso, permanecia muito sensível ao azul, representando-o como um cinza muito claro, quase branco. Dessa forma, a bandeira do Brasil era vista estranhamente como um retângulo cinza, um losango preto e um círculo branco.



A multidão veio à rua para cerrar fileira em torno de seus líderes revolucionários. (MI p. 4 c) [14.29]

Assim, o que em princípio poderia parecer para o historiador um conhecimento supérfluo, era na verdade um pré-requisito essencial na análise das imagens; pois, a característica técnica dessas emulsões fotográficas, disponíveis em 1932, acarretavam distorções na representação das cores, que poderiam facilmente confundir um observador desatento ou que desconhecesse tal fenômeno.

Esse fato tornou-se ainda mais importante, quando observamos que cerca de 90% das fotografias analisadas, continham de alguma maneira, representações de brasilidade, notadamente na forma de bandeiras nacionais. Tais elementos icônicos apareciam nas cerimônias religiosas, manifestações populares e nos comícios gigantescos; também bordados nas fardas dos soldados e nos batalhões infantis; além da decoração de associações e na fachada dos edifícios; mas principalmente, sem uma única exceção, nas tropas de voluntários rumo ao *front*, enfim, eram raras as imagens que não mostrassem símbolos nacionais.



Batalhão infantil "Ipiranga" nas escadarias da Catedral da Sé em construção. (PBC) [10.19]



As bênçãos das bandeiras nacionais dos Batalhões de voluntários eram espetáculos comoventes ao povo fortemente religioso (Álbum de Família) [5.33]

O inusitado nessa constatação é que nem sempre essas bandeiras do Brasil estavam *visíveis* ao pesquisador pouco habituado ao estudo de fotografias antigas. No caso, então, da divisa ORDEM E PROGRESSO ficar oculta sob as dobras do tecido, o que aparecia era apenas uma bandeira preta que praticamente não chamava a atenção. Ao contrário da bandeira de São Paulo, que por possuir suas listras alternadas em preto e branco (cores corretamente identificadas pelos filmes em uso), sempre se destacava na fotografia, mesmo estando dobrada.



O relevante papel da mulher paulista na grandiosa manifestação cívica de 23 de maio. (MF) [14.12]

Para verificar o quanto essas bandeiras nacionais eram ou não perceptíveis a um observador não especializado, ainda no início da pesquisa fizemos o mesmo teste em cerca de 50 pessoas, escolhidas aleatoriamente, que consistia basicamente nos mesmos procedimentos sugeridos ao leitor: inicialmente mostrávamos as imagens, pedindo em seguida, que fossem descritas. Se a pessoa não citasse o item *bandeira*, era então perguntando diretamente se ela podia ver *alguma bandeira* na fotografia.

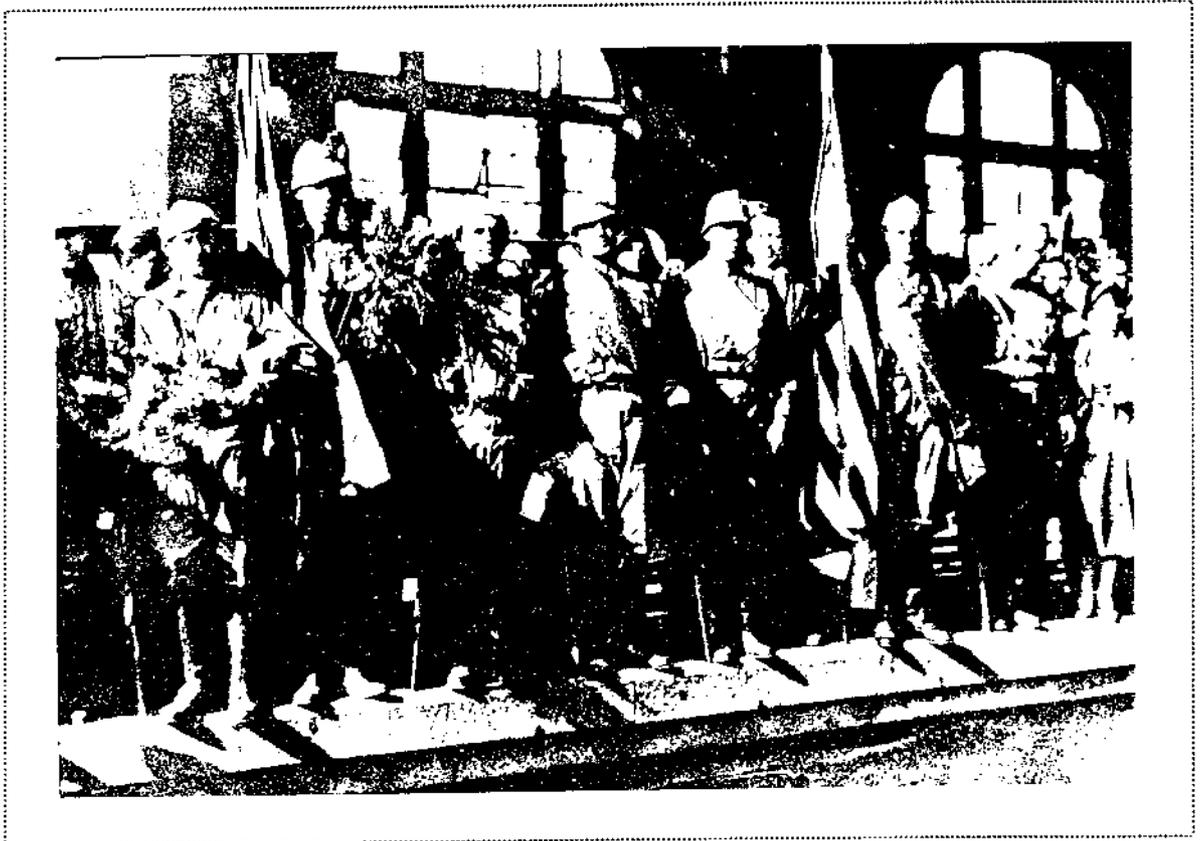
Caso o leitor não tenha identificado imediatamente as bandeiras do Brasil na imagem mostrada, não se preocupe. O resultado do teste foi surpreendente: em torno de 60% dos pesquisados puderam identificar apenas a bandeira paulista, enquanto que nenhuma única pessoa foi capaz de apontar a bandeira brasileira. Entretanto, após ser explicado o fenômeno das cores, o entrevistado *via* com relativa rapidez as bandeiras nacionais em outras imagens.



Ibrahim Nobre fala à multidão nas grades do QG da Força Pública, no bairro da Luz, na noite de 22 de maio de 32. Notar a bandeira do Brasil, enrolada e pouco visível ao centro da fotografia. (Álbum de Família) [4.2]



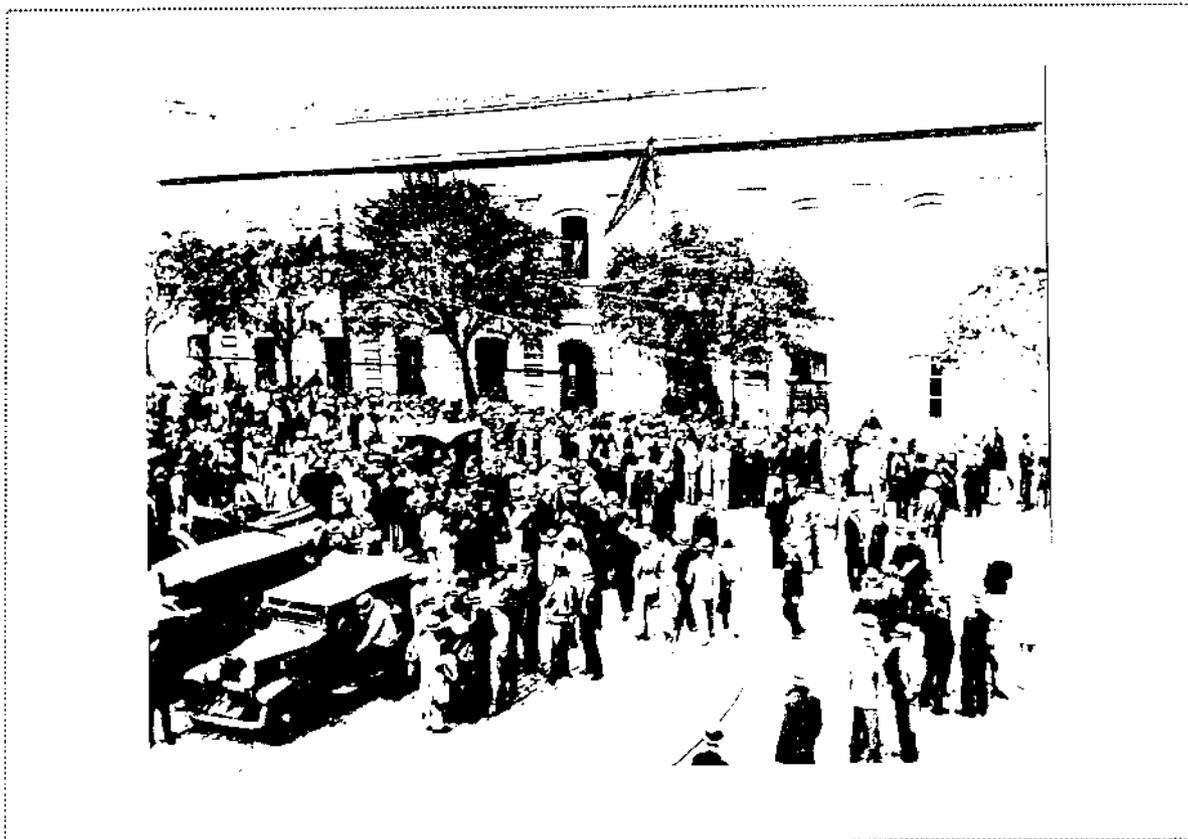
Os primeiros voluntários a se alistarem, marcham ao rufar dos tambores pelas ruas de São Paulo. (AF) Notar uma bandeira paulista, ao centro, ladeada por duas bandeiras do Brasil. [6.5]



Partida do Batalhão Piratininga (HD p. 121 c) Notar como a bandeira de São Paulo é sempre mais visível que o pavilhão nacional à esquerda.[8.24]

Obviamente, essa pesquisa demonstra o quanto uma simples informação técnica pode alterar o *olhar* do observador em relação às fontes pesquisadas. Por isso aventamos a hipótese de que o caráter de uma excessiva *paulistanidade* atribuído ao Movimento Constitucionalista pelas correntes historiográficas predominantes, pode ter sido, em grande parte induzido pela não observação da documentação fotográfica disponível, ou pelo desconhecimento dos fenômenos tecnológicos mostrados.

Pelo volume de documentos encontrados (não apenas fotográfico, mas também iconográfico e fontes escritas de maneira geral), fica patente que, vincular à Revolução de 1932 um aspecto de extremo regionalismo, ou até mesmo, o exagero de classificá-la como separatista, pode ser um equívoco de interpretação historiográfica, senão uma injustiça histórica.



Alistamento de voluntários na Faculdade de Direito, na manhã de 10/07/32. (CPDOC p. 15) Notar as bandeiras do Brasil e de São Paulo asteadas juntas no mesmo mastro. [5.0]



Manifestação pró-constituição dos Estudantes de Farmácia e Odontologia de São Paulo, nas escadarias da Catedral da Sé. Notar a grande bandeira do Brasil ao fundo. (CPDOC p. 16) [2.3]

Por outro lado, isso não significa que inexistia uma documentação de cunho acentuadamente bairrista e até separatista. Tivemos acesso aos três únicos números que foram impressos de um jornal clandestino e anônimo intitulado *O SEPARATISTA*, além de alguns cartões postais e uma dezena de panfletos impressos ou datilografados. Na verdade, já existia antes e continuou a existir depois de 1932, uma corrente de pensamento e de ação secessionista em São Paulo, como aliás, também sempre existiram grupos similares e até mais atuantes no sul, norte e nordeste do país.



Volante separatista que circulou em S. Paulo no início dos anos 1930. (Arquivo Público de Rio Claro) [9.21]

Esse reduzido núcleo, era formado principalmente de jovens intelectuais, dispostos a se bater com decisão consciente pela independência de São Paulo, apesar de nunca se exporem publicamente. O grupo dos separatistas, também, chegou a contar com a adesão de algumas personalidades altamente consideradas nos círculos sociais paulistanos, no entanto, em nenhum momento, conseguiu arregimentar o que se pudesse considerar uma facção. Além disso, jamais tiveram em mãos durante a Revolução Constitucionalista, qualquer espécie de comando civil e militar. Assim, em proporção aos quase sete milhões de habitantes do Estado de São Paulo na época, poderíamos dizer analogicamente que tal corrente seccionista representava uma gota de separatismo diluída em um oceano de brasilidade e patriotismo.

De acordo com a terminologia e conceitos empregados na época pelos próprios constitucionalistas, a maioria do povo de São Paulo não se lançou em uma cruenta guerra civil para conquistar sua hegemonia, mas sim por haver perdido a sua autonomia de Estado federado, a qual outros Estados iriam igualmente perder, desta ou daquela forma. Para eles, a exacerbação dos sentimentos regionalistas nos habitantes do Estado de São Paulo naquele momento, era em grande parte provocada por uma profunda indignação da sociedade civil, contra as constantes e vergonhosas discriminações impostas por uma ocupação militar a todo um povo. Praticamente todos os discursos pró-constituição afirmavam que aquele estado coletivo de grande exaltação social, que absolutamente nada tinha de separatista, é que foi identificado, inadvertidamente por uns e maldosamente por outros, como um secessionismo traidor da República.

Encontra-nos diante de uma questão bastante complexa. Muitos são os historiadores que apesar de concordarem com a tônica nacionalista no Movimento de 32, insistem ser essa mesma brasilidade calcada no exercício de uma forte paulistanidade. Ou seja, é o próprio Estado de São Paulo que se envolve em uma guerra sangrenta para redimir o Brasil. A preocupação dos constitucionalistas em mostrar que, o interesse maior da Revolução não era solucionar apenas a particularidade do sofrimento dos paulistas perante a ditadura, mas visava o bem geral da nação inteira, é justamente, segundo esses pesquisadores, o que deixa escapar o ar de superioridade com que é tido São Paulo em relação ao Brasil. Como a locomotiva que arrasta os vagões vazios dos Estados restantes, São Paulo é o grande campeão que dá exemplo aos demais, mesmo à custa do sangue e sacrifício de seus filhos.⁹⁸

98 NOTA: Curiosamente a frase *São Paulo é uma locomotiva puxando vinte vagões vazios*, que tantos inconvenientes e disabores causou ao povo paulista, foi criada pelo político baiano Artur Neiva.

Não pretendemos nos aprofundar na questão. O objetivo desse capítulo se restringe em demonstrar como as fontes documentais, notadamente as fotográficas, evidenciam a predominância de um caráter de brasilidade na Revolução de 32, afastando, assim, a hipótese de separatismo. Por outro lado, não nos parece pertinente, defender ou criticar o raciocínio dos protagonistas do evento, que acreditavam na idéia de que como São Paulo liderava, nos mais diversos aspectos, as demais regiões do país, seria naturalmente compreensível que os próprios paulistas as conduzissem pelos caminhos tortuosos do restabelecimento da ordem legal. Nesse aspecto, é interessante citar o historiador Holien Bezerra, que sintetiza em um parágrafo esse espírito reinante entre a maioria dos paulistas:

No entanto, encontram-se também afirmações que parecem ultrapassar qualquer sentimento bairrista. Mostra-se a necessidade de enfrentar a luta armada, e até a morte, pela “idéia de Brasil”. Vale a pena pegar em armas - antes, é uma obrigação participar da revolução, porque é preciso restabelecer a grandeza de um Brasil redimido e feliz. A glória do país está em primeiro lugar; este deve conservar-se unido, forte e livre. A luta se trava em torno da defesa de todos os brasileiros, pelo bem-estar geral. Não se cogita em salvaguardar uma ou outra região, sobrepujando-se às demais. A volta ao regime legal implica conquista da liberdade. Uma liberdade que não é especificada mas exigida e concebida como uma conquista. Salvação, libertação, redenção, são expressões que dão a idéia da amargura que perpassa as mentes dos depoentes que se lançam na busca de algo que encaminhe o Brasil para dias melhores. Confia-se em que a recuperação da “alma cívica” do Brasil, do civismo da nação brasileira, ajude em muito a regeneração do país, lançando-se os alicerces do novo Brasil. (aspas no original) ⁹⁹

99 - BEZERRA, Holien Gonçalves. *O Jogo do Poder: revolução paulista de 32*. São Paulo, Moderna, 1988. p. 81

Estamos convencidos que estabelecer uma polêmica em torno de, ser ou não, a brasilidade do Movimento de 1932, uma manifestação do próprio bairrismo paulista é, em princípio, um falso problema que terminaria por levar as opiniões conflitantes a uma aporia historiográfica. Mesmo porque, nesse sentido estaríamos caminhando em direção ao óbvio. É inquestionável que o discurso constitucionalista procurava demonstrar que não se estava lutando contra o Brasil, mas sim pelo bem e grandeza da nação.

Por outro lado, todos os outros discursos adversários diziam a mesma coisa. Não devemos perder a perspectiva de que, simplesmente não existia no período um projeto de modernidade para o Brasil, que representasse a unanimidade da nação. De qualquer ângulo que se analise a questão, sempre estaremos diante de alguma forma de *bairrismo* ou *regionalismo*, que não reproduz os anseios da totalidade do país; seja o projeto que aspirava como única salvação nacional, o imediato retorno da ordem jurídica e institucional, ou os que preconizavam uma ditadura saneadora que libertaria o Brasil do despotismo oligárquico.

Ainda dentro dessa perspectiva de paulistanidade ou brasilidade na Revolução Constitucionalista, temos como exemplo o segundo trabalho, dos dois únicos estudos encontrados, onde a fotografia é utilizada como fonte histórica. Trata-se de uma comunicação feita em 1988, pela historiadora Tucci Carneiro, no seminário *Perspectivas do Ensino de História*. Abordando principalmente o evento Revolução de 1930, a autora também interpreta algumas imagens de 1932, apesar de não mostrá-las no texto. Ao descrever uma dessas fotografias, citando os dizeres das faixas e slogans que apareciam, foi possível encontrarmos em nosso arquivo, não somente a imagem analisada como toda uma série feita do mesmo acontecimento.

Os paulistas consideravam como “natural” a predominância paulista nas esferas do poder. Na *Revolução de 32* a teatralidade política também tomou conta das ruas de São Paulo, trazendo a público seus valores e seus mitos. Uma das variáveis mais significativas é a do regionalismo expressivo pela presença constante da bandeira paulista que compõe o cenário das fotografias. Ao lado das bandeiras, estendiam-se faixas contendo slogans: “São Paulo unido”, “São Paulo para os paulistas”, “Non Ducor, Duco” [“Não Sou Conduzido, Conduzo”]- Divisa do Brasão da Cidade de São Paulo], Constituição, Ordem e Justiça”.¹⁰⁰



Comício na Praça da Sé, em 25 de janeiro de 1932. (HD p. 52-53) [A.E. 7]

Essa fotografia mostra uma das grandes manifestações realizadas na Praça da Sé antes da Revolução, em 25 de janeiro de 1932, data que se comemorou os 378 anos da fundação de São Paulo. Nessa ocasião, falou-se menos do santo do dia e do aniversário da cidade e mais da luta futura. O Partido Democrático já havia rompido com o Governo Provisório desde 17 de janeiro, e PD e PRP estavam publicamente juntos pela primeira vez nessa segunda-feira. O entusiasmo era tanto que, nem mesmo a chuva atrapalhou o ânimo da multidão em comparecer ao comício.

100 - CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Revolução de 30: um estudo através da imagem*. In: *Seminário Perspectivas do Ensino de História*. São Paulo, USP/FE, 1988. p. 276.

Não resta a menor dúvida que nessa fotografia predominam as frases que enfatizam a paulistanidade, entretanto, apesar de menos visíveis, também existem ao lado delas, símbolos e slogans de brasilidade. Logo abaixo da faixa “Non Ducor, Duco”, por exemplo, podemos ver uma outra que diz “Viva o Brasil”. Também analisando a série de fotografias do mesmo comício, porém, feitas em ângulos diferentes, foi possível observar além dos dizeres patrióticos, mais duas bandeiras do Brasil ao lado de uma bandeira paulista.



Comício na Praça da Sé, em 25 de janeiro de 1932. (MF) [A.E. 8]

Nos primeiros meses de 1932, ainda não havia se formado na população o sólido sentimento patriótico que viria se manifestar acentuadamente a partir do início das hostilidades no mês de julho. No entanto, utilizamos essas imagens para demonstrar na prática o que havíamos teorizado anteriormente, pois a frase “*Uma das variáveis mais significativas é a do regionalismo expressivo pela presença constante da bandeira paulista que compõe o cenário das fotografias*”, perderia muito de sua força expressiva, se fossem também acrescentados os outros elementos icônicos de brasilidade, presentes na mesma imagem.



Outro aspecto da manifestação de 25 de janeiro de 1932, no Largo da Sé. (MF) [10.37]

Também encontramos no artigo do fotógrafo Pedro Vasquez, um caso semelhante. Ao analisar uma das imagens dos *Batalhões Infantis*, nos arquivos do Cpdoc (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro), afirma que:

Dentro desta perspectiva de manipulação das massas através da fotografia, um paralelo curioso (...) as crianças paulistanas, igualmente travestidas em soldados, posando junto a tanques e canhões em miniatura - os mais pequerruchos até com um dedo na boca, mas todos exclamando com a mesma inocente convicção: “Se preciso também iremos”.¹⁰¹

101 - VASQUEZ, Pedro. *A fotografia como instrumento de propaganda política: o caso da Revolução Constitucionalista*. In: *Revolução de 32: a fotografia e a política*. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE/CPDOC, 1982. p. 10.



Batalhões Infantins pelas ruas de São Paulo. (CPDOC p. 19) [2.5]

Nesse caso, o autor preferiu destacar na imagem o fato de crianças estarem *travestidas* de soldados, salientando com certa dose de ironia, que algumas até tinham o dedo na boca. Naturalmente, não se constitui em objeto de interesse histórico, o fato de uma criança de 4 ou 5 anos aparecer em uma fotografia com um dedo na boca, porém, o que o fotógrafo deixou de observar é que esse mesmo garotinho levava em torno do pescoço um lenço de cor branca, símbolo dos que se opunham aos ditatoriais que, usavam por sua vez, o lenço de cor vermelha.¹⁰² Além disso, trazia cuidadosamente bordado em seu bibico (boné militar), as bandeiras do Brasil e de São Paulo entrelaçadas, simbolizando iconograficamente o lema *Com São Paulo, Pelo Brasil*.

102 NOTA: Os Legionários Outubristas gaúchos usavam na Revolução de 1930 um lenço vermelho no pescoço. Porém, esse lenço não significava um símbolo de todos os aliancistas. A Aliança Liberal no Rio Grande do Sul, era formada pela união do Partido Republicano Riograndense, liderado por Borges de Medeiros, que usavam o lenço branco, e o Partido Libertador, chefiado por Raul Pilla, que portavam o lenço vermelho. É bem possível que a origem dos lenços brancos e vermelhos esteja na guerra de 1893. De um lado, estavam os republicanos adeptos do presidencialismo. Usavam o lenço branco e eram chamados de *Pica-Paus*, pois tinham um uniforme branco com boné vermelho que lembrava o pássaro. Do outro lado, os federalistas, adeptos da forma parlamentarista de governo, também chamados de *Maragatos*, usavam como símbolo o lenço vermelho. Seu apelido deve-se a que muitos de seus homens vieram de uma região do Uruguai onde viviam imigrantes da cidade espanhola de Maragataría. Ao chamá-los maragatos, os republicanos gaúchos insinuavam pejorativamente que eram estrangeiros e inimigos do Brasil. Em 1932, o lenço encarnado aparece novamente nos campos de batalha, mas desta vez como distintivo dos defensores da ditadura. No campo oposto, os constitucionalistas usavam o lenço branco. Essas cores distinguiam também os aviões das forças beligerantes: os ditatoriais eram os *vermelhinhos* e os constitucionalistas os *branquinhos*.



Detalhe da fotografia anterior [2.5] (CPDOC) [9.5]

Apesar de sua aparente credibilidade, a fotografia é portadora de uma peculiar ambigüidade que confunde: o de ser um instrumento preciso e infalível como uma ciência e, ao mesmo tempo, inexato e subjetivo como a arte. Por essa razão, torna-se claro no exemplo acima que, para se proceder a um estudo historiográfico das imagens, não basta possuir apenas um alto grau de conhecimento tecnológico das fotografias analisadas.

Os vestígios e indícios que a imagem traz enquanto fonte documental, somente poderão ser *decodificados* pelo pesquisador, por meio de uma interpretação simultânea com outras fontes complementares, para que possa, então, ser devidamente situada e identificada no contexto histórico particular que lhe deu origem. É oportuno citar, nesse aspecto, o pesquisador Boris Kossoy, que como fotógrafo e historiador, sintetiza a questão:

O valor e alcance dos documentos [fotográficos], bem como sua viável interpretação, está na razão direta de quem consegue - em função de sua bagagem cultural, sensibilidade, experiência humana e profissional - formular perguntas adequadas e inteligentes.(...) A fotografia dá a noção precisa do microespaço e tempo representado, estimulando a mente à lembrança, à reconstituição e à imaginação. É, para o historiador, uma possibilidade incontestada de descoberta e interpretação da vida histórica¹⁰³

Ao lado das fontes fotográficas, igualmente numerosa e corroborando com o caráter de brasilidade no Movimento de 32, estava a documentação iconográfica. Além das imagens mais conhecidas, que visavam ostensivamente uma propaganda em prol da Revolução, foram encontrados outros trabalhos que, de forma menos direta, também deixavam transparecer um forte sentimento patriótico.

Seria interessante começarmos com a própria *bandeira das treze listas*, tradicional, de uso popular e consagrada na Revolução Constitucionalista. Constitui-se num dos mais enfáticos símbolos de brasilidade dentre todas as outras bandeiras estaduais, pois São Paulo, ainda é até hoje, o único Estado brasileiro a representar o mapa do Brasil em seu pavilhão.

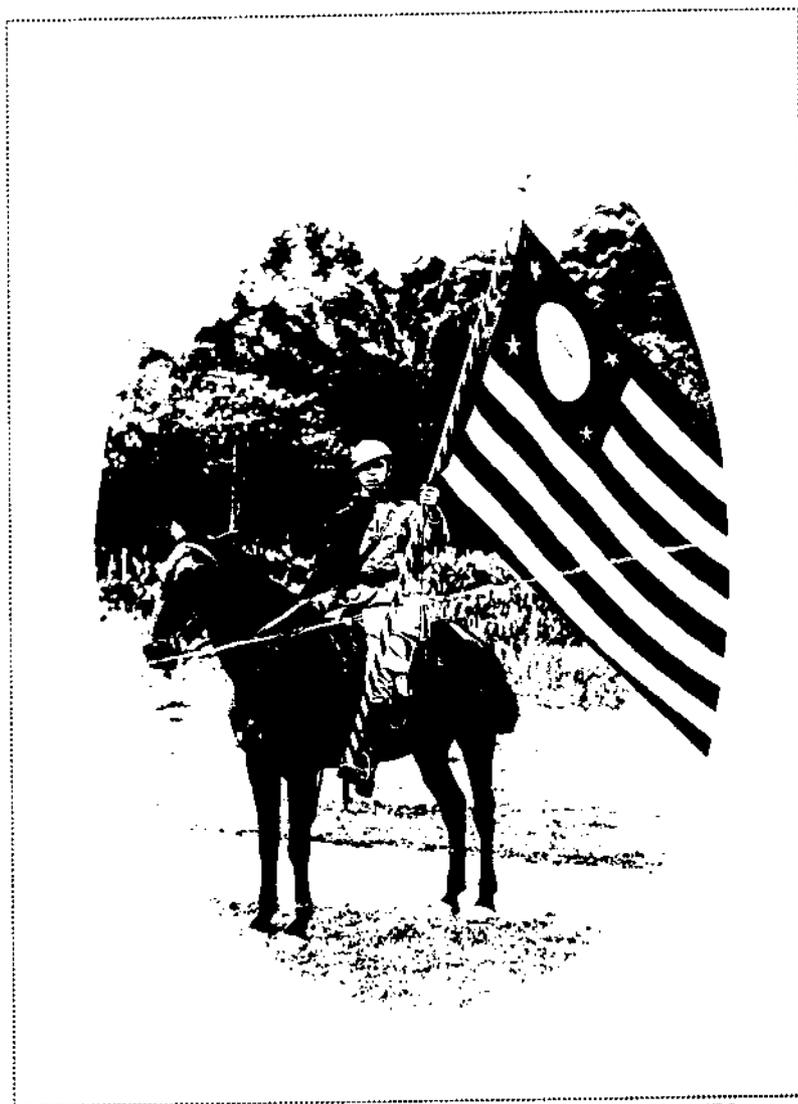


Manifestações populares de 22 e 23 de maio de 1932 na Praça da Sé.[4.3]

103 - KOSSOY, Boris *Fotografia e História* São Paulo, Ática, 1989. p. 99-102

Na verdade a bandeira paulista não foi criada, inicialmente, para ser a do Estado de São Paulo. A intenção era adotá-la como a nova bandeira do Brasil, ao ser proclamada a República. Aparece, pela primeira vez, num artigo publicado no primeiro número do jornal republicano *O Rebate* de São Paulo, em 16 de julho de 1888. O estandarte dos republicanos de São Paulo chegou a ser hasteado, de 15 a 19 de novembro de 1889, no Palácio do Governo Provincial e em inúmeras casas comerciais e de adeptos do movimento.

Segundo seu idealizador, o jornalista e escritor mineiro, Júlio César Ribeiro Vaughan (Natural de Sabará, MG - 1845, faleceu em Santos, SP - 1890), ela deveria ser assim interpretada: as três cores - preta, branca e vermelha - seriam indicativas das três raças que compuseram o povo brasileiro. As quatro estrelas a rodear um globo, em que se vê o perfil geográfico do país, representariam o Cruzeiro do Sul, constelação indicadora da nossa latitude austral.



Voluntário Luís Fausto Junqueira, do Esquadrão de Cavalaria Constitucionalista "Newton Prado". (CPDOC) Bandeira paulista com 11 listras e o nome Brasil reafirmando o sentimento patriótico sobre o mapa. [2.23]

Durante o desenrolar do Movimento Constitucionalista, a bandeira de São Paulo, curiosamente, não foi nem oficializada pelo governo e, nem tampouco, teve as normas para a sua execução padronizadas; apesar do seu uso ser consagrado pela tradição popular, desde os primórdios da República. Foram encontradas fotografias onde ela aparece com onze, treze ou quinze faixas (burelas) preto e branco, além do retângulo vermelho, que possuía várias proporções.



Fotografia detalhando o timbre de envelopes para cartas utilizados em 1932. Aparecem as bandeiras do Brasil, São Paulo (com 15 listras) e Mato Grosso. (PBC) [10.5]

Posteriormente, recebeu a seguinte interpretação heráldica, não menos patriótica que a primeira: a bandeira de São Paulo significa que noite e dia (campo burelado de preto e branco) o nosso povo está pronto a verter a seu sangue (cantão vermelho) em defesa do Brasil (círculo e silhueta geográfica) nos

quatro pontos cardeais (estrelas amarelas). O governo paulista somente veio oficializá-la pelo Decreto-lei nº 16.349 de 27 de novembro de 1946, ratificado pela Lei nº 145 de 3 de setembro de 1948.¹⁰⁴

Mais uma vez, contrariando as acusações de ser separatista, São Paulo torna-se a última unidade da Federação Brasileira a adotar como símbolos, não apenas o próprio estandarte, mas também seu brasão de armas; oficializado em plena revolução pelo governador Pedro de Toledo, através do Decreto nº 5.656 de 29 de agosto de 1932, rejeitando uma outra versão que propunha o dístico *Pro S. Paulo Fiant Eximia*.



Brasão de Armas do Estado de São Paulo (PBC) [16.00]

104 - Ver FEDERICI, Hilton. *Símbolos Paulistas: estudo histórico-heráldico*. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, São Paulo, 1980.

RIBEIRO, Clovis. *Brazões e Banteiras do Brasil*. São Paulo Editora, São Paulo, 1933.

O Estado de São Paulo, ao contrário dos demais Estados da Federação, não possui, ainda, brasão de armas. Vai possuí-lo agora, em hora oportuna como poucas. Como tudo o que é seu, como tudo o que se acha incorporado ao seu patrimônio moral e material, este brasão de armas será, também, uma conquista do seu povo. Ao invés de consagrar unicamente glórias antigas, consagrará, também, glórias presentes. (...) A espada batalhante encontra, mais uma vez, mãos que a empunham, enristam e dignificam. Essa espada desbravou sertões, alargou fronteiras, fundou cidades, desembainhou-se pela Independência, cobriu-se de glória nas guerras do sul, ajudou a implantar e a consolidar a República e agora se levanta contra a ditadura, para salvar e redimir o Brasil. A sua missão, no passado, como no presente, é de pelejar, vitoriosamente, pelas grandes causas da nacionalidade, a cujos destinos, várias vezes, tem aberto novos rumos. (...) O vermelho, esmalte representativo da altivez, da audácia e da glória, perpetua o valor do povo paulista, que jamais trepidou em afrontar as asperezas da luta e a derramar o seu sangue pelo Brasil e pela liberdade. (...) A prata, metal simbólico da lealdade e da nobreza, alude também ao tope branco usado tradicionalmente pelos partidários da Constituição, desde os tempos coloniais, e adotado como distintivo dos soldados constitucionalistas no atual movimento revolucionário.¹⁰⁵ Diz bem do caráter ordeiro da nossa gente, que somente quer viver sob o regime da lei e das garantias jurídicas, pelo qual ainda agora se bate. (...) Como timbre, uma estrela de prata: indica que São Paulo é uma das unidades da Federação Brasileira, simbolizadas por vinte estrelas nas armas federais. A divisa - *Pro Brasilia Fiant Eximia* (Pelo Brasil Façam-se Grandes Coisas) afirma o profundo sentimento de brasilidade no povo paulista. Lembra o esforço de que sempre se mostraram capazes os filhos deste Estado quando a Nação exigiu deles o máximo de sacrifícios, como ainda agora está acontecendo. Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 29 de agosto de 1932. (a) *Pedro de Toledo, Waldemar Ferreira, Francisco da Cunha Junqueira, Paulo de Moraes Barros, Francisco Emydio da Fonseca Telles, Rodrigues Alves Sobrinho.*¹⁰⁶

105 NOTA: Nos tempos coloniais, a cor branca já figurava em topes constitucionalistas, pois a Assembléia Constituinte Portuguesa, reunida após a Revolução Constitucionalista de 24 de agosto de 1820, criou, a 23 de agosto de 1821, o tope nacional azul e branco, que em 1828 também se tornou o distintivo dos partidários da Constituição na guerra civil contra os miguelistas.

106 - DIÁRIO OFICIAL do Estado de São Paulo, edição de 30 de agosto de 1932.

O ímpeto revolucionário e o entusiasmo patriótico, despertaram uma criatividade artística intensa que se manifestou em todas as áreas e atividades. No curtíssimo período de apenas 85 dias, floresceu de forma surpreendente, uma verdadeira geração de obras de arte. Esse universo iconográfico, relativo a um mesmo tema, não encontra precedentes em nossa história, principalmente, se considerarmos que em sua maioria eram obras anônimas, onde predominava o espírito da colaboração. Não buscavam, esses artistas, a glória e o reconhecimento pessoal, mas a vitória coletiva da causa constitucionalista que apoiavam.

Apesar da guerra, nenhum dos serviços públicos prestados à população sofreu interrupção ou queda na qualidade. Ao contrário, chegou a ocorrer melhorias em alguns serviços essenciais, notadamente o dos correios. Esse órgão foi confiado à Secretaria da Viação e Obras Públicas que, devido a quase exaustão dos estoques de selos postais, providenciou emissões urgentes. A Sociedade Filatélica Paulista, em 6 de agosto de 1932, abriu concurso público para escolha de estampa monocolor, considerando apenas os trabalhos que trouxessem os dizeres: *Brasil - Correio - Pró-Constituição*.

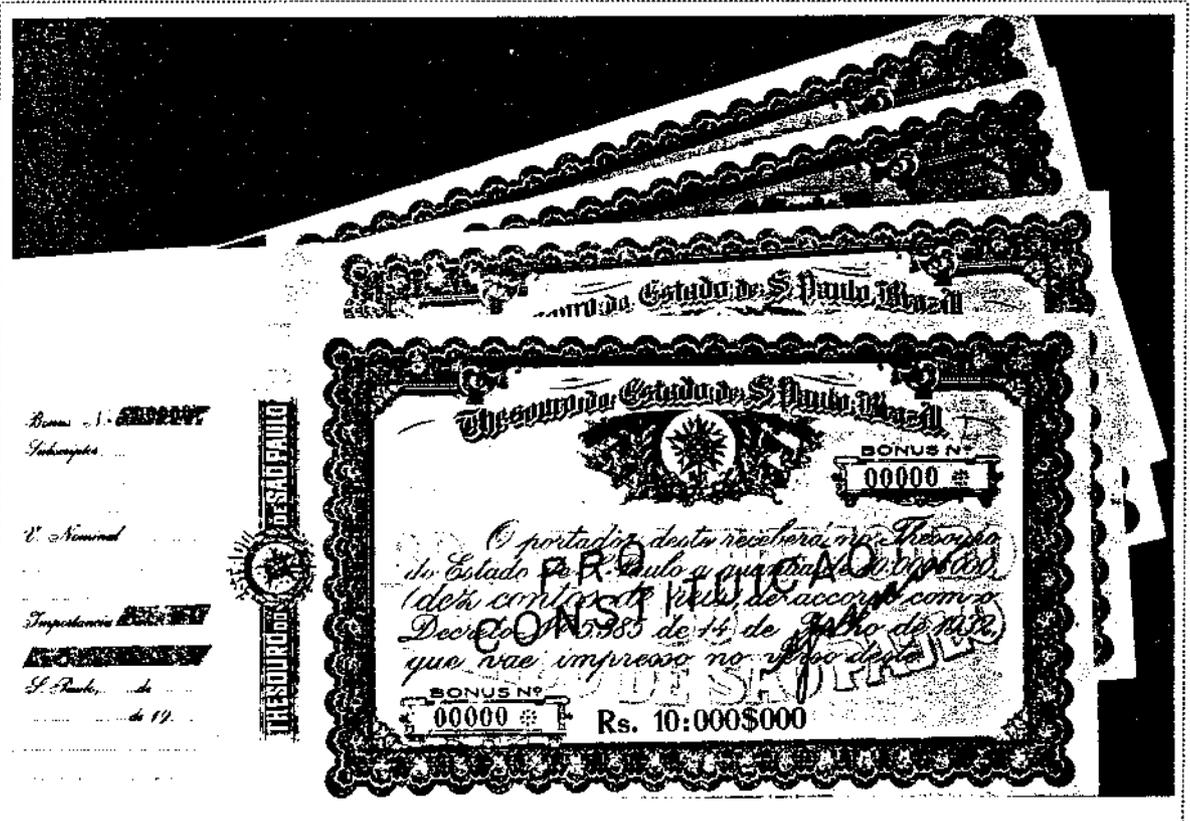
Apesar da guerra, das dificuldades, 45 concorrentes enviaram 92 sugestões a serem julgadas por Afonso de Taunay, Alexandre de Albuquerque, Ricardo Severo, Nestor Barreto, que era o chefe do Tráfego Postal, e Edgar Conceição, presidente da Sociedade Filatélica. Resultaram vencedores os trabalhos de Washt Rodrigues, Waldemar Amarante, Teodoro Braga e Teófilo Dabague. O Decreto de 2 de setembro de 1932, autorizava a emissão de onze valores, num total de 6.830.000 exemplares, que entraram em circulação a 13 de setembro. O governo Vargas, retomando controle sobre São Paulo, permitiu que tais selos circulassem até o dia 31 de outubro de 1932.¹⁰⁷

107 - DONATO, Hernani. *A revolução de 32*. São Paulo, Círculo do Livro, 1982. p. 214.



Selos postais da Revolução Constitucionalista de 1932. Apenas motivos patrióticos. (AF) [7.0]

As atividades econômicas do Estado de São Paulo, cercado e isolado do restante do país, não poderiam ser prejudicadas pela falta de moeda circulante, assim, a 14 de julho de 1932, o Decreto-lei nº 5.585 do governo revolucionário estabeleceu que São Paulo constitucionalista teria seu próprio dinheiro enquanto houvesse carência da moeda federal. Além do papel moeda, também os Bônus da Revolução ajudariam a reforçar o tesouro estadual, especialmente solicitado pelos gastos da guerra. Coube à Companhia Melhoramentos de São Paulo efetuar a confecção das cédulas.



Muito confundido com o dinheiro, este é o verdadeiro Bônus de Guerra Constitucionalista. (AF) [7.1]

O governo justificou essa emissão estadual, face às inquietações internas, mas teria buscado também firmar-se como capacidade de exercício do poder aos olhos dos países aos quais pleiteava o reconhecimento do estado de beligerância, alegando que dispunha “de poder liberatório, emitindo sobre lastro de cheques contra o Banco do Brasil em vista dos recursos do Estado ali existentes”.¹⁰⁸

Ocorreu um fato, relacionado ao *dinheiro constitucionalista* que vale ser citado. Devido a urgência requerida e, naturalmente, por não estar a editora devidamente capacitada para a produção de papel moeda, a impressão foi muito improvisada, além do mais, a tinta e o papel utilizados eram facilmente encontrados no mercado. Assim, para desespero do governo revolucionário, ocorreram vários casos de emissões de notas e bônus falsificados, o mesmo aconteceu com os selos constitucionalistas. Obviamente, não pudemos comprovar com documentação, porém, muitos depoimentos afirmam que tal derrame de dinheiro falsificado foi, deliberadamente, provocado pelo governo ditatorial, visando desestabilizar a economia paulista.

A primeira série de cédulas, impressas rusticamente em tinta rósea sobre fundo amarelado, apesar de trazer a efígie do bandeirante paulista Fernão Dias Paes Leme (1608-1681), destacava, no entanto, os dizeres *Thesouro do Estado de São Paulo - Brazil e Pró-Constituição*. Após as falsificações, é lançada uma nova série de dinheiro, desta vez mais cuidadosamente elaborada. Mais uma vez, enfatizando a brasilidade no Movimento Constitucionalista, são utilizadas como efígies apenas imagens de grandes vultos da nacionalidade, não aparecendo nos seis valores emitidos, a figura de um único paulista.

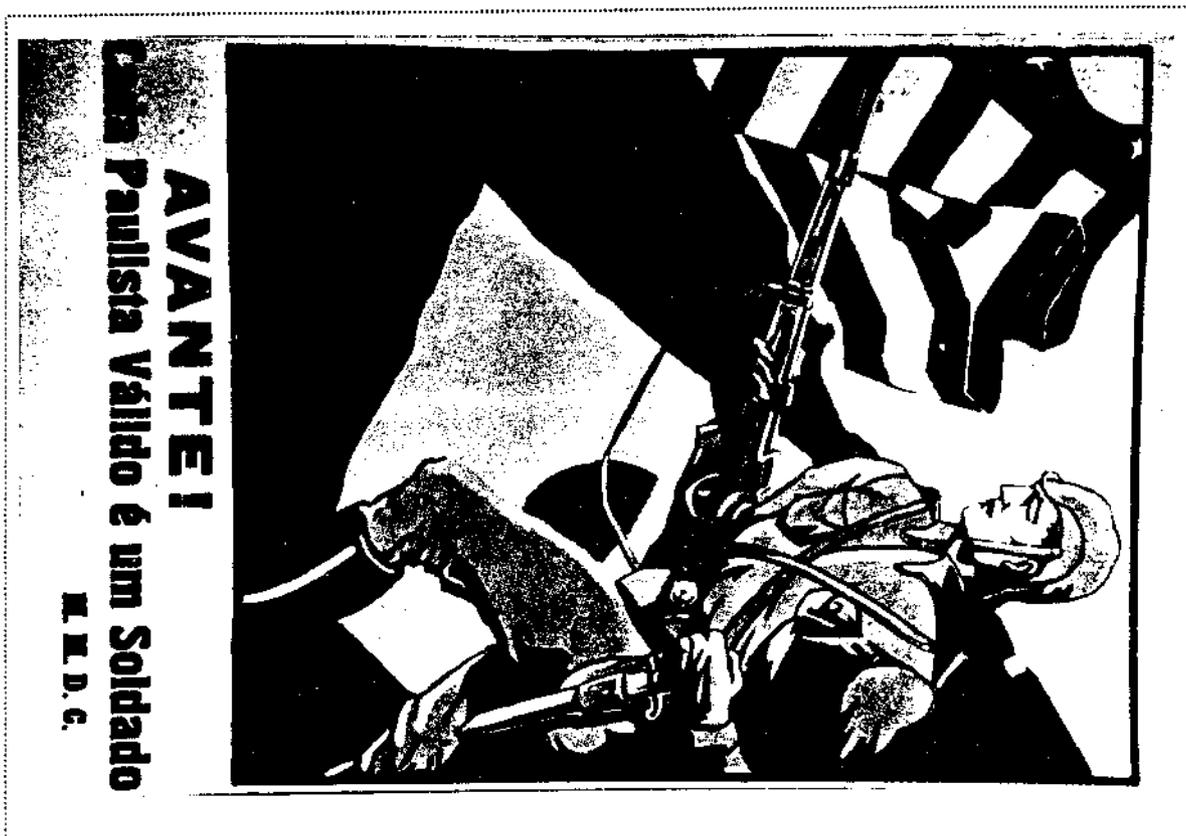
108 - Op. Cit. Idem, Ibidem.



Fotografia das cédulas que circularam de julho a outubro de 1932 no Estado de São Paulo (AF) [2.36]

| Coleção completa da segunda série de cédulas constitucionalistas: | | |
|---|---|-------------------------|
| Valor | Effigie | Natural de: |
| 5 | - Almirante Barroso (1804-1882) | ----- Portugal |
| 10 | - Almirante Tamandaré (1807-1897) | ----- Rio Grande do Sul |
| 20 | - General Osório (1808-1879) | ----- Rio Grande do Sul |
| 50 | - Marechal Floriano Peixoto (1839-1895) | ----- Alagoas |
| 100 | - Duque de Caxias (1803-1880) | ----- Rio de Janeiro |
| 200 | - Rui Barbosa (1849-1923) | ----- Bahia |

Os muros das cidades paulistas foram forrados por trabalhos publicitários que incentivavam o alistamento militar voluntário, solicitavam a doação de bens e de serviços e enaltecia aos que lutavam pela causa. Todos, porém, traziam de uma forma ou de outra a tônica da brasilidade, conclamando à união nacional.



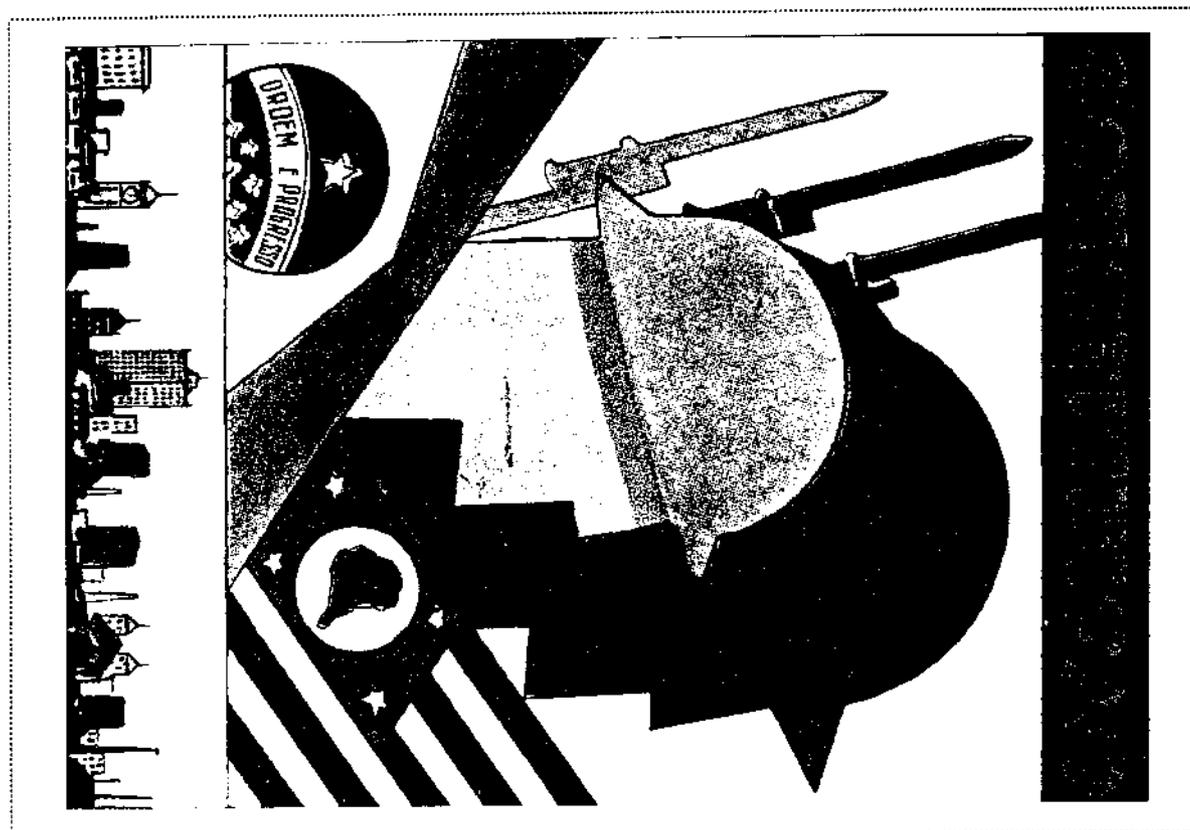
Cartaz do MMDC (Cruzes Paulistas p. 30-31 c) [16.22]



Cartaz do MMDC (Álbum de Família) [2.34]

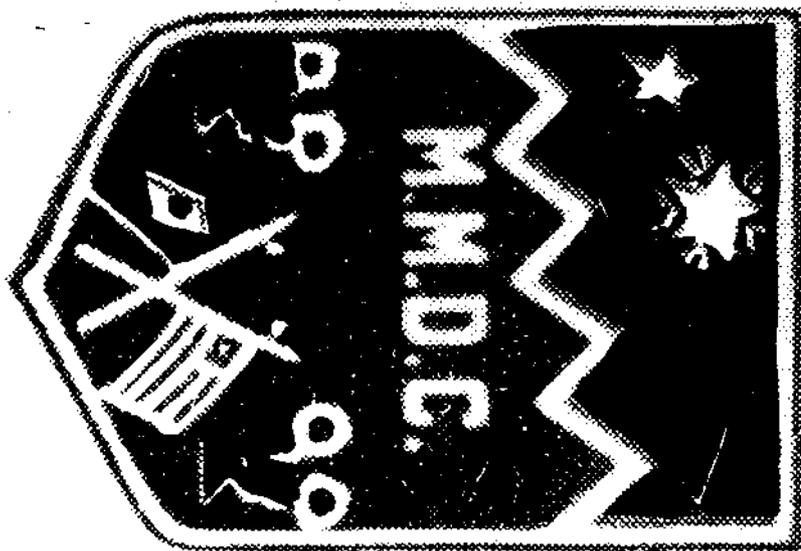


Cartaz do MMDC (Álbum de Família) [9.1]

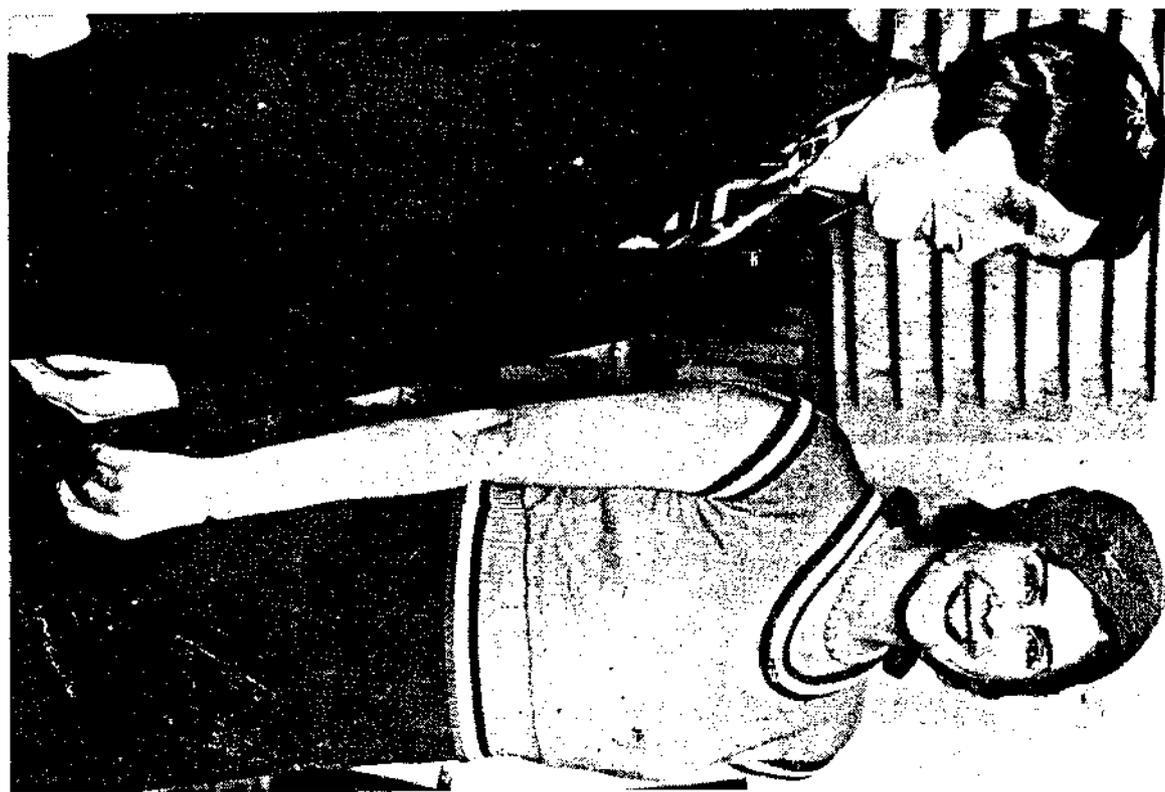


Cartaz do MMDC (Álbum de Família) [9.2]

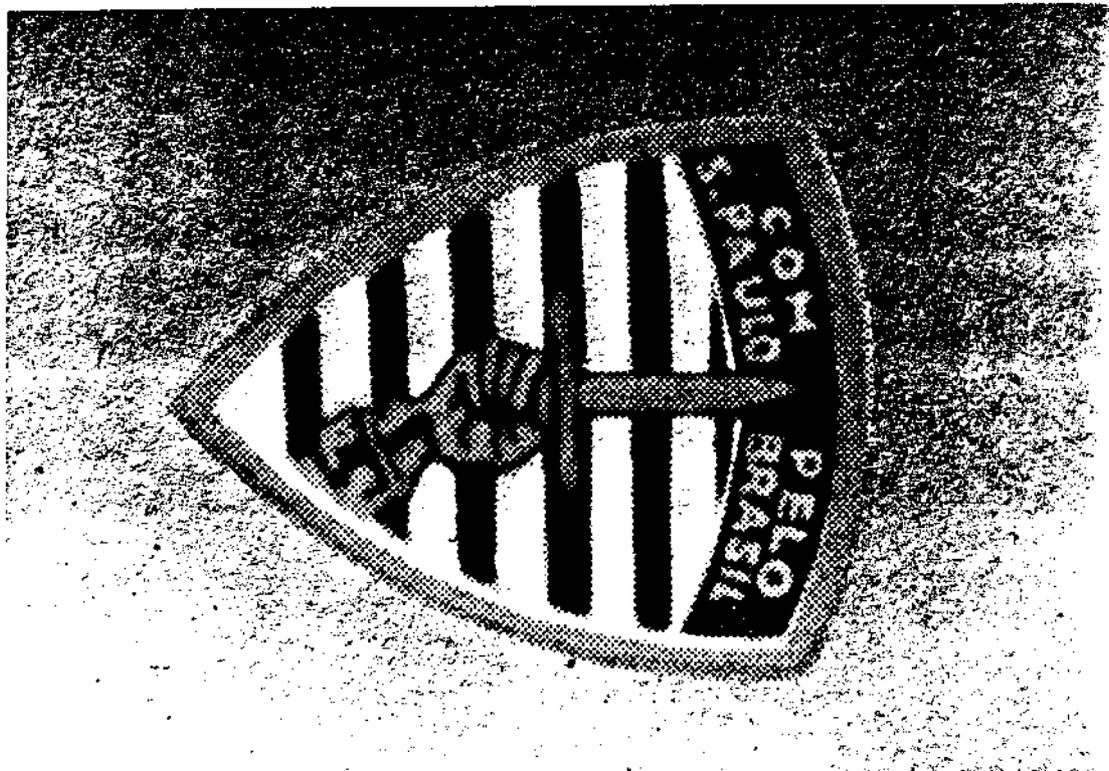
Logo na primeira semana da revolução surgiram os distintivos que caracterizavam o movimento pelo entrelaçamento das bandeiras nacional e paulista. Muitos esmaltadores e gravadores deram contribuição abundante para o acervo de arte e técnica de medalhas, distintivos, anéis, crachás, broches, fivelas e uma infinidade de objetos inspirados pelos agitados dias da luta de 1932. Posteriormente, as diversas unidades combatentes ou de apoio logístico, também foram distinguindo-se pelas peças produzidas, que chegam ao número de oitenta símbolos diferentes.



Distintivo do MMDC (Álbum de Família) [8.1]



Figurinos da Casa Allema, posando com os últimos modelos de bibicos e distintivos, vendidos em benefício da Cruz Vermelha (Pelo Brasil Constitucional p. 17a) [16.3]



Distintivo constitucionalista mostrando a espada da Lei, com São Paulo pelo Brasil (Álbum de Família) [8.2]

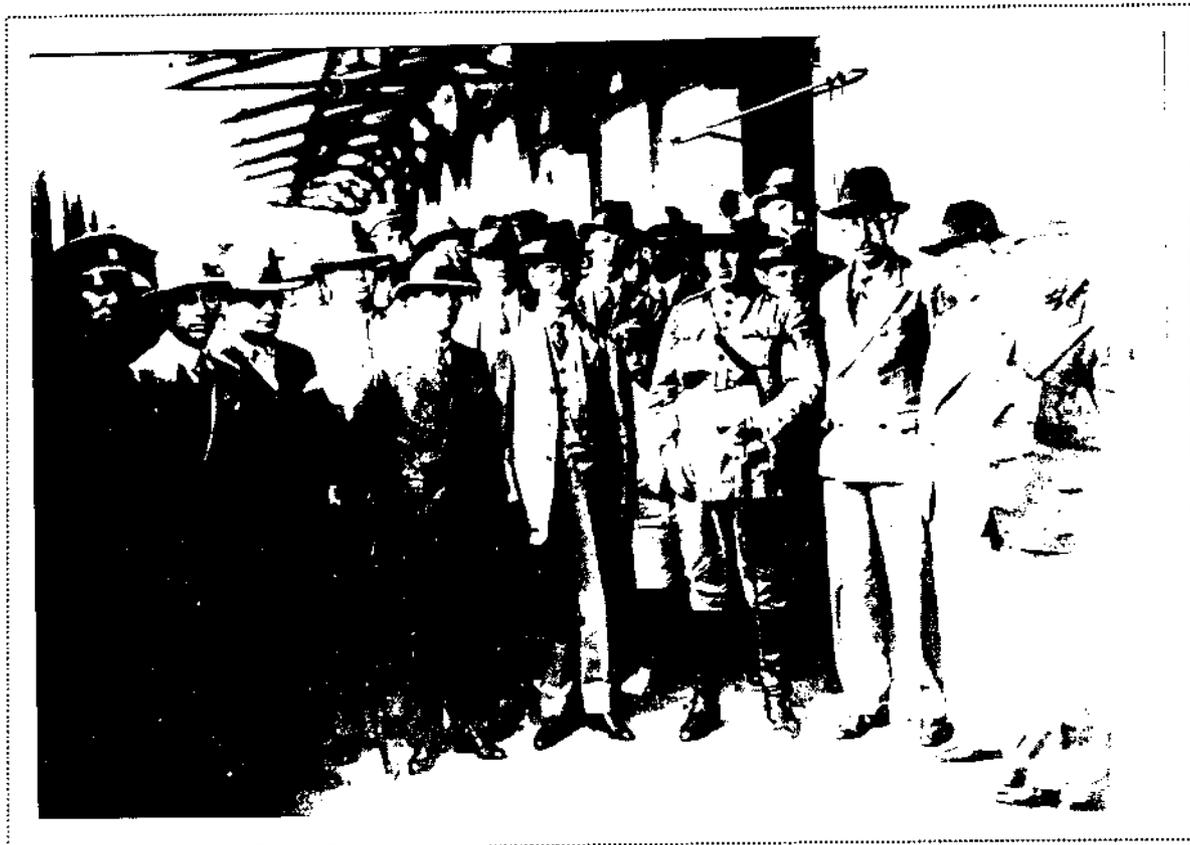


Distintivo do Correio Militar do MMDC. (Álbum de Família) [8.0]

Naturalmente, mesmo deparando com tão fortes evidências documentais, que apontam para um caráter nacionalista inegável no Movimento de 32, não é possível sustentar a hipótese - defendida pelos constitucionalistas mais afoitos - que a Revolução representava naquele momento, o sentimento do país inteiro. Por outro lado, nada nos autoriza supor que o Movimento apenas refletiu os anseios da maioria dos habitantes do Estado de São Paulo.

Essa é uma questão que, em seus contornos mais gerais, gostaríamos de abordar. É importante esclarecer que os primeiros passos para a organização dos aliancistas descontentes com os rumos que tomava a Revolução Liberal de 1930, são dados no Rio Grande do Sul e não em São Paulo. No início de maio de 1931, o gaúcho Borges de Medeiros toma uma iniciativa bastante ousada: escreve ao chefe do governo provisório, Getúlio Vargas, alertando-o para os perigos da continuidade indefinida do regime de exceção. Aponta os erros e passa a fórmula para solucioná-los: o cumprimento do Programa da Aliança Liberal - eleições e Constituição.

As vozes que clamavam por democracia, não estavam restritas ao Rio Grande. No Rio de Janeiro, a Ordem dos Advogados, o Clube de Engenharia e a Sociedade de Medicina agitam o cenário político com pedidos idênticos. Ainda na Capital Federal, é criada com grande repercussão pública, a *Liga Pela Constituição e Pela Ordem*. Os partidos gaúchos Republicano e Libertador, inimigos históricos que já se encontravam unidos na *Frente Única do Rio Grande do Sul*, promovem campanha em favor dos institutos cariocas e do fim da provisoriedade do governo de Vargas. Fazendo eco a todo esse movimento que conquistava prontamente a parcela liberal do país, funda-se em São Paulo, a 28 de maio de 1931, a *Liga de Defesa Paulista*.



Na primeira fila, da esquerda para direita, a partir do quarto homem: João Neves da Fontoura, Borges de Medeiros, Flores da Cunha e Raul Pilla na Estação Ferroviária de Cachoeira, RS. (HD p. 92 c) [8.13]

Por ocasião da Conferência de Cachoeira, RS, em 2 de novembro de 1931, a Frente Única do Rio Grande, fecha questão em torno da necessidade de constitucionalização imediata do país, afirmando ainda, a indispensabilidade de um interventor civil e paulista para o Estado de São Paulo. O articulador do encontro, João Neves da Fontoura, depõe:

Reunidos em Cachoeira, em minha própria residência, os srs. Borges de Medeiros, Raul Pilla e Flores da Cunha, assentamos uma norma de ação comum e a fórmula de - interventor civil e paulista - foi por mim apresentada aos três e de meu punho escrita a amistosa advertência ao sr. Getúlio Vargas. Aquela comunicação, que o Interventor [Flores da Cunha] levou para Porto Alegre e enviou, cifrada, ao chefe do Governo Provisório, já reclamava igualmente a atenção do Ditador para os perigos da militarização dos governos estaduais. Paralelamente, os chefes gaúchos propugnavam a constitucionalização do país, sem delongas inúteis.¹⁰⁹

109 - FONTOURA, João Neves da. *Acuso!* Rio de Janeiro, S.C.P., 1933. pp. 67-68

Ainda naquele mês, os gaúchos Flores da Cunha, João Neves da Fontoura, Borges de Medeiros e Raul Pilla reclamam de público a Constituição e afirmam que, mesmo sem o governo gaúcho, a Frente Única honraria o seu compromisso. Borges vai mais longe: pelo jornal *O Estado de São Paulo*, advoga a união de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul em torno daquelas reivindicações.

Somente a 17 de janeiro de 1932, o Partido Democrático - responsável pela votação e pela recepção dispensada a Getúlio Vargas em São Paulo - rompe com o governo provisório e unindo-se ao seu velho adversário PRP, formam a *Frente Única de São Paulo*. Plínio de Abreu Ramos expõe as razões e conseqüências desse rompimento:

A campanha contra o Governo Provisório passou a centrar-se na convocação de uma Constituinte. Para os perrepistas [partidários do PRP - Partido Republicano Paulista], a reconstitucionalização era sinceramente uma forma de retomada de seu direito de participação política. Para os democráticos [partidários do PD - Partido Democrático], apenas um expediente de agitação contra o governo federal, mas que servia para ganhar a solidariedade, não só do PRP, como ainda do PRM [Partido Republicano Mineiro] e dos dois partidos que integravam a Frente Única do Rio Grande do Sul [PRR - Partido Republicano Riograndense e PL - Partido Libertador], todos eles já em campanha cerrada pela volta do país à normalidade constitucional.¹¹⁰

Não resta a menor dúvida que o grande foco de resistência à ditadura e concentração dos ideais constitucionalistas, se localizava no Estado de São Paulo. E existiam razões mais que suficientes para isso. Os próprios liberais de outros Estados, já vinham apontado para o Governo Provisório, os perigos de uma ocupação militar prolongada que insistia em *despaulistizar* São Paulo. No entanto, por mais inusitado que pareça, durante a Revolução de 32, também ocorreram, comprovadamente, episódios isolados a favor dos constitucionalistas, em mais oito Estados da federação.

110 - Apud DONATO, Hernani. p. 50.

Principais Episódios Ocorridos Em Outros Estados Brasileiros:

JULHO DE 1932

| | | |
|------|------------------------|----------------------|
| 17-7 | Rio de Janeiro | Rio de Janeiro * |
| 19-7 | Bela Vista | Mato Grosso ** |
| 20-7 | Pouso Alegre | Minas Gerais ** |
| 21-7 | Coronel Joaquim Macedo | Minas Gerais ** |
| 21-7 | Guaxupé | Minas Gerais ** |
| 21-7 | Santana dos Tocos | Rio Grande do Sul ** |
| 21-7 | Vacaria | Rio Grande do Sul ** |
| 22-7 | Rio de Janeiro | Rio de Janeiro * |
| 29-7 | Rio de Janeiro | Rio de Janeiro * |

AGOSTO DE 1932

| | | |
|------|----------------|----------------------|
| 02-8 | Belém | Pará * |
| 18-8 | Itacoatiara | Amazonas ** |
| 19-8 | Ipajim | Mato Grosso ** |
| 19-8 | Ladário | Mato Grosso ** |
| 20-8 | Perdido | Mato Grosso ** |
| 20-8 | Porto Murtinho | Mato Grosso ** |
| 22-8 | São João | Rio Grande do Sul ** |
| 22-8 | Salvador | Bahia * |
| 29-8 | Coxim | Mato Grosso ** |

SETEMBRO DE 1932

| | | |
|------|-----------------|----------------------|
| 03-9 | Porto Esperança | Mato Grosso ** |
| 04-9 | Pelotas | Rio Grande do Sul ** |
| 07-9 | Mandioca Assada | Mato Grosso ** |
| 10-9 | Porto Murtinho | Mato Grosso ** |
| 10-9 | São Gabriel | Rio Grande do Sul ** |
| 10-9 | Santa Maria | Rio Grande do Sul ** |
| 13-9 | Fão | Rio Grande do Sul ** |
| 13-9 | Rezinho Macedo | Rio Grande do Sul ** |
| 20-9 | Cerro Alegre | Rio Grande do Sul ** |
| 25-9 | Porto Esperança | Mato Grosso ** |

OUTUBRO DE 1932

| | | |
|------|--------------|----------------|
| 4-10 | Campo Grande | Mato Grosso ** |
|------|--------------|----------------|

* Escaramuças e tiroteios de tropas contra civis (com mortos e feridos)

** Combates entre tropas militares. (com mortos e feridos)

A documentação existente é enorme, e chega a surpreender o fato da historiografia praticamente não fazer referências sobre o tema. Podemos encontrar dezenas de obras memorialísticas, específicas sobre a participação de constitucionalistas não paulistas e fora dos limites de São Paulo. Os relatos e depoimentos abordam desde as manifestações populares contra a ditadura - notadamente os estudantes - até os grandes combates ocorridos entre tropas do Governo Provisório e defensores da Constituição.

Naturalmente a pesquisa documental torna-se mais árdua, à medida que a censura absoluta imposta pelo Governo Federal, praticamente elimina a possibilidade do historiador trabalhar com fontes jornalísticas e editoriais fora do Estado de São Paulo. As únicas possibilidades se restringem a uma sutil leitura das entrelinhas deixadas publicar pelos censores, pois como já nos referimos anteriormente, a ausência de imagens é total. O jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, um dos porta-vozes da ditadura, não faz sequer menção à verdadeira batalha campal entre estudantes da Faculdade de Medicina e populares contra as tropas comandadas pelo chefe de polícia do Distrito Federal, capitão João Alberto de Lins e Barros, ocorrida na sexta-feira, 22 de julho de 1932.

No entanto, na edição do dia seguinte nº 11.540, encontramos na primeira página apenas uma breve nota em negrito, bastante enigmática para quem não soubesse do ocorrido: *Em reunião do Ministério, ontem, à noite, foi assinado um decreto, fechando, provisoriamente, a Faculdade de Medicina.* (as vírgulas estão no original). Logo abaixo, na mesma página, outra nota sem assinatura: *Um apelo aos estudantes de medicina. Em nome do diretório acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade, faço um apelo aos estudantes da mesma faculdade para que se abstenham de tomar parte em comícios, meetings ou qualquer reunião nos logradouros públicos.*¹¹¹

111 - CORREIO DA MANHÃ, RJ. Sábado, 23 de julho de 1932. Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP.

O depoimento de Sertório de Castro, um dos participantes daquela escaramuça pelas ruas da Capital Federal, é bastante eloqüente:

Alguns estudantes tomaram a iniciativa de formar um cortejo, que logo se avolumou com a cooperação de mais de mil pessoas de todas as classes que subiram a Avenida Rio Branco entre aclamações a São Paulo. À frente, empunhando uma bandeira paulista, uma jovem loura, erguida ao alto por dois estudantes. Das janelas cheias, mãos e lenços acenavam, fazendo coro quantos as ocupavam - em sua maioria famílias que haviam ido buscar abrigo nas casas ainda abertas - com aquele clamor de aplausos, entusiásticos e vibrantes à causa constitucionalista. E quando a grande caudal humana se movia entre as ruas da Alfândega e Sete de Setembro, soldados da infantaria, investigadores da polícia e guardas-civis surgiram de vários pontos, num movimento de convergência, lançando-se entre descargas de fuzis sobre a retaguarda dos manifestantes (...) Não houve um refúgio, e as balas sibilavam no espaço, sem rumo nem destino certo. Vimos tombar nas calçadas, sob os tiros, quantas vítimas (...) Num dos intervalos dessa refrega, e quando já todo o trânsito de veículos havia sido desviado da avenida (...) três ônibus cheios de soldados vararam vertiginosamente a grande artéria, e não houve quem não ouvisse a população atacada, mas numa vibração incessante, exclamar em uníssono: "Viva São Paulo! Viva São Paulo!" ¹¹²

Em nossa história, de maneira geral, os estudantes sempre se manifestaram críticos e contestadores aos regimes de opressão, mas no caso de 1932, esse espírito de resistência, inerente aos jovens, adquiriu formas inusitadas que variaram do cômico ao trágico. Um interessante depoimento do jornalista José Marques Ferreira, intitulado *Relato da Grande Batalha do I.C. em prol da Revolução de 32* descreve uma travessura constitucionalista de garotos do Paraná:

112 - CASTRO, Sertório de. *Diário de um combatente desarmado: a revolução de São Paulo vista e apreciada do Rio de Janeiro*. São Paulo, José Olímpio, 1934.

No I.C. - Instituto Cristão de Castro, Estado do Paraná, colégio misto ligado ao Mackenzie College, no ano de 1932, estudavam também muitos paulistas. A faixa etária era de 12 a 18 anos. Uma Companhia do 5º Regimento de Cavalaria Divisionária do Exército, sediada naquela cidade, aderira à Revolução Constitucionalista. Isso mais atiçou os estudantes que almejavam aderir à Revolução. Mas como? Numa tarde de agosto, um sábado, um cavalo baio claro, velho e muito magro apareceu no Campus do Instituto Cristão. Estava ali uma oportunidade de algo fazer pela Revolução. O animal foi levado à cocheira e, em ambos os flancos, com uma brocha e com piche, escreveram “VIVA SÃO PAULO”. Aguardaram o anoitecer e, sorratamente, espantaram o cavalo para dentro da cidade de Castro. Na manhã seguinte, ele foi encontrado pastando no jardim da Praça da Matriz. Foi aquele alvoroço! Cavalo de traidor, fazendo propaganda de São Paulo. Quem será? À tarde a charada estava decifrada: era uma estudentada! ¹¹³

Esse mesmo ímpeto juvenil em prol das liberdades democráticas, levou também a conseqüências trágicas. Na noite de 2 de agosto de 1932, estudantes de Belém do Pará, dos cursos de medicina, direito e secundaristas proclamaram-se solidários com a Revolução Constitucionalista, em andamento no sul e no oeste do país. Após um ataque bem sucedido à sede do tiro-de-guerra, conseguiram doze fuzis Mauzer. Em seguida, já armados e municiados, ocuparam o quartel de bombeiros e da polícia, chegando a controlar durante algum tempo parte da Capital paraense, desguarnecida naquele momento, pelas forças do Exército e da polícia, que haviam se deslocado em sua maior parte, para combater os constitucionalistas ao sul.

113 - Depoimento de José C. G. Marques Ferreira In: QUARTIM, Yone. *O Mackenzie na Revolução de 32*. São Paulo, Edicon, 1995. p. 117.

O interventor Magalhães Barata organizou a reação, convocando bombeiros, policiais civis e civis armados. Os estudantes, inexperientes em tal atividade bélica e em número reduzido, terminaram encurralados no quartel da polícia estadual. O levante estava perdido. Entretanto, um deles, aluno do quarto ano ginásial, Paulo Cícero Teixeira, posta-se junto a uma metralhadora *Hotchkiss* .30, que só então conhecera e resiste a madrugada inteira. São fatos inusitados do evento: Um menino manteve o quartel da milícia estadual e a Revolução, durante uma noite inteira na longínqua Belém do Pará e não se rendeu para viver. Às 9 horas da Quarta-feira, 3 de agosto de 1932, foi abatido sobre a sua arma com bala de fuzil, por atirador de elite postado em telhado vizinho. No mesmo dia, um destacamento de fuzileiros navais liquidou as últimas esperanças de resistência dos estudantes de Belém.¹¹⁴

Menos trágico, porém revestido do mesmo heroísmo, foi a rebelião dos estudantes de Salvador na Bahia, narrada por D'almeida Vítor, um dos participantes:

A 22 de agosto de 1932 o levante estudantil estava pronto. A data fora escolhida porque, ao fim desse dia, um navio do Lóide partiria conduzindo tropa da polícia estadual para combater São Paulo insurgido. Os rapazes entenderam que o levante não apenas marcaria a presença baiana na luta liberal como, contribuiria para a guerra impedindo a partida do navio com o seu substancial reforço. (...) Os jovens apoderaram-se dos cinquenta fuzis, descalibrados, do tiro-de-guerra da Faculdade de Medicina e posicionaram-se no prédio da escola, cuja água e luz foram prontamente cortadas, e imediatamente cercado por tropas da polícia. Pares de metralhadoras foram postados diante do escritório do professor Caio Moura, do antigo prédio do Senado, diante da catedral e no Taboão.

114 - Ver depoimento de Jarbas Passarinho In: DONATO, Hernani. *A revolução de 32*. São Paulo, Círculo do Livro, 1982, p. 150.

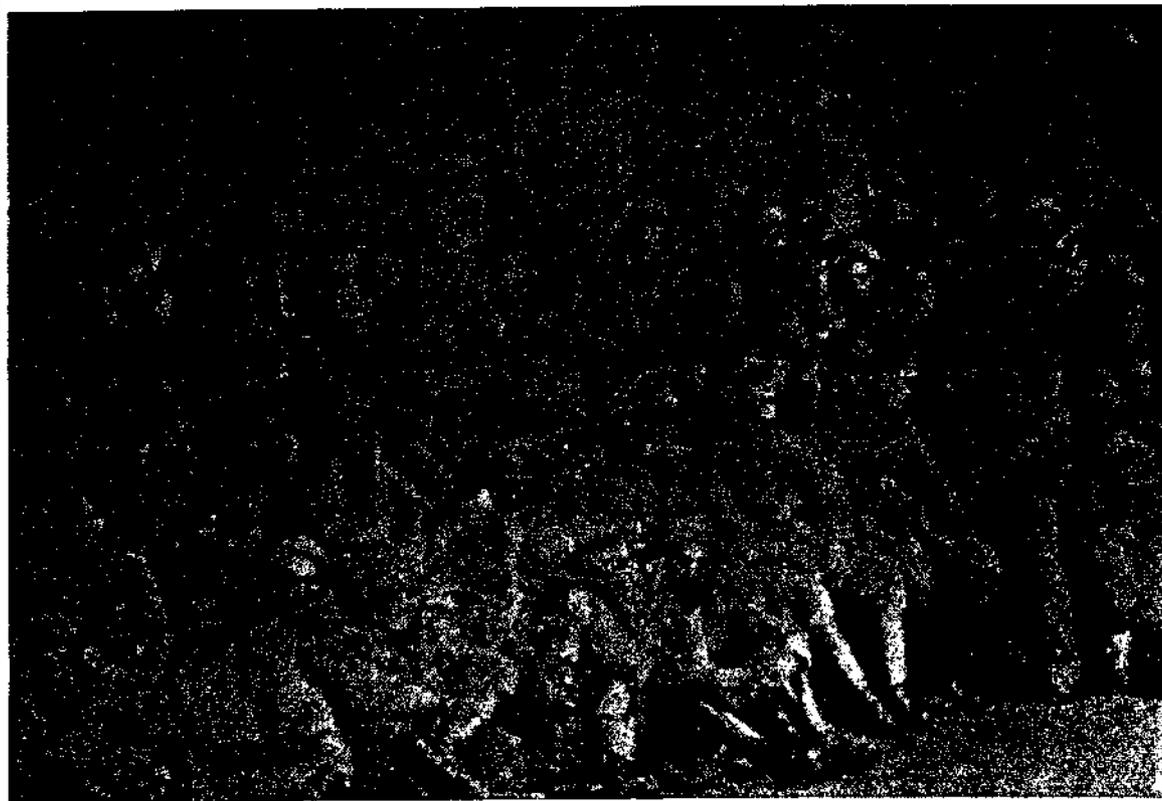
Sob ameaça de bombardeio pela artilharia, as moças foram convocadas para a auditório e solicitadas a deixarem o local. Recusaram, afirmando que ficariam para morrer como os colegas. As idades mediavam entre dezesseis e vinte anos e as armas eram, além dos velhos fuzis, apenas revólveres fogos-centrais e máuseres. A fuzilaria prolongou-se até às 20 horas, quando acabou a munição, provocando dezenas de feridos entre os estudantes. Foram aprisionados 427 rapazes e 312 moças. No final da Revolução, quando os cursos foram reabertos, os jovens constitucionalistas, presentes à aula inaugural, foram saudados pelo professor Prado Valadares com versos de Castro Alves: “Se resvalaram - foi no chão da História! / Se naufragaram - foi no mar da Glória!”¹¹⁵

Outro interessante viés relativo à participação de constitucionalistas originários de outros Estados da Federação, está na organização de Brigadas não paulistas. Naturalmente não constitui nenhuma novidade o fato de cidadão não nascidos em São Paulo se alistarem voluntariamente para combater em tropas paulistas. O inusitado está em que tais unidades eram formados exclusivamente por naturais de outros Estados, principalmente Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Foi possível encontrar documentação, tanto visual como escrita, a respeito de três Batalhões dentre os muitos que se formaram.

Voluntários gaúchos residentes em São Paulo, em sua grande maioria operários na Vila Mariana, batizaram sua unidade com o nome de *Batalhão Bento Gonçalves* e quiseram o conterrâneo João Neves da Fontoura para seu patrono, que naqueles dias já se encontrava na capital paulista.

No Clube Comercial de São Paulo reuniram-se mineiros residentes na capital e organizaram uma unidade constitucionalista batizada de *Batalhão Tiradentes*. Na fotografia aparecem alguns dos líderes mineiros em São Paulo com o cartaz ao fundo, onde pode-se ler sobre um desenho da bandeira nacional: *Mineiro!... Honrai os compromissos de vosso Estado! Subscreevei um capacete para o soldado da Constituição.*

115 - Ver CARNEIRO, Nelson de Souza. *XXII de agosto: movimento constitucionalista na Bahia*. Prefácio de Menotti Del Picchia. São Paulo, Nacional, 1933.



Operários gaúchos da Vila Mariana, São Paulo, no 40º Setor de Alistamento, Rua Dona Júlia, nº 1, formam o "Batalhão Bento Gonçalves". (Pelo Brasil Constitucional. p.12 d) [16.12]



Reunião de cidadãos mineiros no Clube Comercial de São Paulo. (Maria Adcláide Amaral, SP) [16.25]

A terceira unidade que pudemos encontrar, chamava-se Brigada Mineira. Era formada por cidadãos mineiros que viviam em São José do Rio Preto, no sertão da Alta Araraquarense, e que haviam se engajado ao Movimento Constitucionalista. Na fotografia os líderes da comunidade mineira: Bispo D. Lafayette Libânio, dr. Álvaro de Toledo Barros, Monsenhor Braz Baffa. Atrás, junto à porta do primeiro Cine São José (Naquele dia, a atração era Marlene Dietrich com o filme *Expresso de Xangai*), Monsenhor Gonçalves e dr. Angelo Joaquim Correa (de colete e paletó claros).



Os líderes da Brigada Mineira de São José do Rio Preto, São Paulo. (Roberto do Valle p. 75) [11.5]

Procuramos, neste capítulo, expor uma amostragem do universo de fontes documentais, que tivemos acesso ao longo da pesquisa, e que direta ou indiretamente, induziam um forte caráter de brasilidade e patriotismo vinculados à grande insurreição constitucionalista de 1932. Por outro lado, os documentos sugeriam que a participação em tal movimento, não se restringiu apenas aos habitantes do Estado de São Paulo e mostravam uma significativa contribuição de brasileiros contra a ditadura, em mais oito Estados da Federação.

Nosso objetivo, como várias vezes afirmamos, não era entrar no mérito da questão. Não pretendíamos fazer qualquer juízo de valor em relação a atitude desses milhões de pessoas, bem como de seus sonhos e ideais. Nossa única intensão, como historiadores, foi mostrarmos as evidências documentais, notadamente das imagens, fossem fotográficas ou não. Por outro lado, à medida que avançávamos na pesquisa, aumentava proporcionalmente nossa surpresa. Não por aquilo que os documentos em sua grande maioria aventavam, mas pela ausência de boa parte dessas evidências na historiografia predominante sobre o tema.



A 2 de outubro de 1932, Pedro de Toledo é deposto por oficiais da Força Pública de São Paulo. Na fotografia vemos o momento em que deixa o Palácio dos Campos Elísios, escoltado pela comissão militar designada pelo coronel comandante da Força Pública Herculano de Carvalho, que era composta do coronel Eduardo Lejeune, do capitão João Francisco da Cruz e do tenente-coronel Mário Rangel. (Nosso Século) [A.E. 9]

Portanto, para concluir o capítulo, gostaríamos de citar na íntegra, o último documento oficial sobre a Revolução Constitucionalista de 1932. No momento em que foi redigido a guerra já havia terminado. Os membros do governo deposto que o assinaram, estavam cientes que partiriam dali mesmo do Palácio dos Campos Elísios, para a prisão e depois exílio. São duas páginas de intenso sentimento de brasilidade e repúdio a um regime de arbítrio. Quanto ao seu conteúdo, pelo menos em relação às fontes documentais que foi possível analisar, diríamos que corrobora plenamente com as hipóteses que aventamos.

Ao Povo de São Paulo.

Quando, em 9 de julho do corrente ano, a guarnição federal aqui aquartelada e a Força Pública deste Estado, se levantaram em armas num movimento coordenado com as forças militares do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, de Mato Grosso e do Distrito Federal, e com as correntes políticas desses Estados, todo o povo paulista nele se integrou. Não foi mister um apelo aos homens válidos, nem uma convocação. A um só impulso, todos acorreram e se arregimentaram, organizando-se batalhões de voluntários, que, dia a dia, se atiravam à luta, a mais nobilitante de quantas em nosso país se travaram.

Aclamados pelas forças militares e pelo povo paulista, tivemos de, obedecendo à sua imposição, assumir o governo do Estado, passando a dedicar-lhe todas as energias de que éramos capazes a fim de corresponder à confiança e, principalmente, ao trabalho incomparável de seu grande e nobre povo, que se atirou à guerra com todo o ânimo de vencer, improvisando aqui tudo de quanto careciam os exércitos constitucionalistas para a sustentação do fogo de que deveria resultar a vitória.

Se triunfos tivemos, e esses foram numerosos, como a posteridade há de verificar, assombrada, nos anais da história paulista, revezes sofremos, a principiar pela ausência de companheiros de lutas, cujas armas contra nós se voltaram.

Durante quase três meses a peleja se desdobrou em todos os limites de S. Paulo; e este fez impossíveis para mantê-la, vigorosamente, apesar de terem sido lançadas contra ele as forças armadas de todos os Estados, menos Mato Grosso, amparadas pelos enormes recursos, de que, por força de sua posição, dispõe a ditadura.

Sem desfalecimentos, fez S. Paulo tudo quanto o engenho de sua gente e a capacidade de sua indústria e da sua lavoura permitiram, para o abastecimento dos exércitos, amparo e socorro da população civil, salvaguarda de todos os direitos individuais e coletivos, mantendo, a todo o transe, a ordem jurídica e social, assegurando, assim, todos os elementos da vitória.

Com altanaria de espírito e serenidade de razão, demonstrou o povo paulista, nesta epopéia sem igual, a firmeza do seu pulso, a largueza de suas vistas e a amplitude de seu sentimento nacional. A página, que agora coloriu com o seu sangue, há de permanecer, imortal, aos olhos de todo o Brasil, como a mais inequívoca demonstração da sinceridade de sentimentos com que se entregou à causa da rápida constitucionalização do país.

Combatido em todos os setores, com todas as armas, ainda as mais atrozes e as mais desumanas, manteve-se no posto, defendendo os seus ideais e honrando os seus compromissos.

Continuava a luta quando, em 27 de setembro findo, teve o governo notícia de que, entre a oficialidade da Força Pública, se preparava, em surdina, entendimento com a ditadura para a cessação da guerra. E no dia seguinte, pela manhã, do general Bertholdo Klinger, comandante das Forças Constitucionalistas, recebeu a comunicação de que, em face dos últimos acontecimentos, seria infértil a continuação das hostilidades. Por isso, acrescentou, já havia enviado aos comandantes de setores a comunicação de que pretendia,

naquele dia, propor um armistício ao adversário. Reuniu-se o governo e, depois de ouvidos os comandos militares, representantes das associações comerciais, industriais, liberais e outros - cujo concurso foi preciosíssimo e cuja solidariedade jamais sofreu solução de continuidade - viu-se na emergência de não poder opor-se à resolução dos militares.

Se fracassaram as negociações do armistício proposto pelo comandante das Forças Constitucionalistas, que julgou inaceitáveis, por humilhantes, as condições do que lhe oferecia a ditadura - vingou o pacto, com ela, em separado, firmado pelo comandante geral da Força Pública nomeado governador militar do Estado de São Paulo, do que, por uma comissão, composta do coronel Eduardo Lejeune, major Mario Rangel e capitão João Francisco da Cruz, teve há pouco o governo paulista comunicação oficial.

Cessa, destarte, a vida do governo constitucionalista aclamado pelo povo paulista, pelo Exército Nacional e pela Força Pública e hoje por esta deposto. Fica encerrada, nesta faixa do território brasileiro, a campanha militar pela restauração do regime legal, Mas o anseio não se sopitará. Comprimida, a campanha há de expandir-se, certamente, por não ser possível que um povo, como o nosso, persista em viver sob um regime de arbítrio.

Deu S. Paulo tudo quanto podia dar ao Brasil. Tudo empenhou em prol de sua reorganização político-administrativa. E disso não se arrepende.

O seu governo, instituído pelo povo paulista, com o apoio das forças armadas, encerra o seu ciclo histórico. Antes, porém, que se lhe extinga a vigência afirma que cumpriu o seu dever. São Paulo, 2 de outubro de 1932.

Tudo por S. Paulo! Tudo pelo Brasil!



O Ex-Governo Constitucionalista em 1933, exilado em Lisboa. Sentados da esquerda para a direita, Waldemar Martins Ferreira (Secretário da Justiça), Pedro de Toledo (Governador), Paulo de Moraes Barros (Secretário da Fazenda). De pé, Francisco da Cunha Junqueira (Secretário da Agricultura), F.E. da Fonseca Telles (Secretário da Viação), Tyrso Martins (Chefe de Polícia), F. Rodrigues Alves Sobrinho (Secretário da Educação) e Joaquim Sampaio Vidal (Diretor do Departamento de Administração Municipal). (HD) [9.13]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sangue derramado há de se apagar sobre a terra; os ossos, cedendo à fatal transformação dos seus elementos, desaparecerão; os mutilados, cujos males oferecem generosamente perdão aos erros e aos crimes dos que ficaram vivos e incólumes, terão no futuro, o prêmio da sua bravura; o exemplo, porém, a mais profunda lição dos povos, cresce e avulta com o passar do tempo, na memória das gerações. O adversário não venceu os combatentes. Apenas esgotou alguns dos seus principais elementos de guerra.

Manuel Osório *



Envolvendo os múltiplos níveis em que se faz presente na nossa civilização, a fotografia cria novos padrões culturais, modificando e condicionando os hábitos do homem através da sua mensagem, principalmente, quando multiplicada e inserida nos meios de comunicação de massa. Sabemos que a fotografia não serve como explicação do evento, porém como símbolo, com certeza, ela possui o poder de gravar profundamente os acontecimentos em nossas mentes, transformando-os em eventos históricos.

Rejeitar isso significa negligenciar a sua irresistível autoridade em descrever, documentar e corroborar. Acreditamos naquilo que vemos, e somente aquilo em que acreditamos pode vir a se tornar tema de discussão pública. Uma das mais significativas contribuições da fotografia é que sua *imagem* ultrapassa os limites da *imaginação*, penetrando no mundo da *magia*. Ela tem o poder de fazer com que acreditemos no inacreditável.

*OSORIO, Manuel. *A guerra de São Paulo-1932: esboço crítico do maior movimento armado do Brasil*. Americana, São Paulo, 1932. p. 209.

Sob a ótica da memória, a imagem fotográfica faz muito mais do que apenas recordar-nos dos acontecimentos passados. Através dela somos instantaneamente levados de volta ao próprio clima do momento, desencadeando reflexões e despertando novamente as emoções. O apelo à lembrança é tão poderoso que muitos de nós seremos capazes de recordar da própria ocasião em que vimos pela primeira vez determinada fotografia. Não é sequer preciso termos sido um dos protagonistas ou até mesmo contemporâneos do evento fotografado.

E mesmo que somente muitas décadas após tenhamos a oportunidade de ver pela primeira vez a cena reproduzida, jamais conseguiremos esquecer-la completamente. E se acaso no futuro, nos depararmos novamente com tal imagem, bastará apenas uma fração de segundo para revivermos nos arquivos da memória a imagem latente daquela fotografia vista no passado.

Tudo isso é muito misterioso, pois, na verdade, cada fotografia não passa de uma série microscópica de pontos com uma gradação de tons que variam do preto ao branco, intermediada, no caso da foto colorida, por uma combinação de três cores de pigmentos. Sua profundidade é uma ilusão, sua vida é apenas simbólica, pois tudo está contido em uma única superfície pequena e plana. Mas mesmo assim, possui uma estranha riqueza que transcende todas as suas limitações, fazendo com que as nossas impressões dos acontecimentos mais significativos e complexos possam ser permanentemente amoldadas por uma única fotografia.

Nossa tentativa de explicar, principalmente através de imagens fotográficas, o comportamento passado de alguém que sente, pensa, decide e atua, exigiu, na verdade, um grande esforço de compreensão e empatia desses protagonistas. Um exercício, sem dúvida alguma, subjetivo por excelência e de racionalidade extremamente duvidosa. No entanto, explicar a partir de uma compreensão empática, pressupõe a capacidade de *vivermos* a subjetividade dos outros, de vibrarmos com as suas ambições, de nos infectarmos com suas invejas, de partilharmos as suas vinganças, de nos emocionarmos com as suas paixões.

Encontramo-nos em um terreno onde o único conhecimento objetivo seria da ordem do existencial, pois somente aqueles que viveram o acontecimento na adesão de sua fé, no impulso de seu coração e no empenho de sua sensibilidade, se encontrariam em condição de exprimir sua realidade profunda.

Nossa grande angústia de historiadores é estarmos fadados a possuir como *métier* um passado irremediavelmente perdido. No entanto, esse conjunto de idéias, visões de mundo e paixões, que convencionamos chamar de imaginário, só poderia ser compreendido se fosse intimamente vivido pelo próprio historiador. Mas ao vivê-lo, seríamos impedidos de captá-lo objetivamente. Transformando-se em objeto de estudo, inversamente, ele tenderia a esvaziar seu conteúdo emocional, em outras palavras, perderia o mais essencial de si mesmo.

Conduzidos em grande parte pelas imagens fotográficas, tivemos pela frente uma tarefa árdua e, até certo ponto, contraditória: o propósito de estudar algo tão plasmático, volátil e de difícil compreensão como o que poderíamos denominar de *imaginário através da imagem*. Um paradoxal empreendimento que consiste em transcrever o irracional na linguagem do inteligível.

Sem mobilizar grandes esforços de observação, entretanto, e apenas aplicando um olhar atento de historiador, aliado a um conhecimento técnico-fotográfico básico sobre essas 650 imagens, foi possível propor hipóteses e conjecturas interpretativas, nem sempre coincidentes com as sugeridas exclusivamente através de documentos escritos.

Em síntese, essas imagens convergiam em três grandes vertentes descritivas: Uma espantosa mobilização quase unânime dos mais variados segmentos da sociedade civil do Estado de São Paulo. Um inegável caráter no movimento de brasilidade, objetivos nacionais e patrióticos, e as trágicas conseqüências desse episódio.

Tais fotografias ao mostrarem uma arregimentação social sem precedentes em nossa história, corroboram ao mesmo tempo que instituem o evento Revolução Constitucionalista como uma *insurreição redentora*, no sentido de uma revolta ampla e generalizada que - consciente ou inconscientemente - contestava o regime ditatorial e preconizava como salvação do Brasil a volta do país à normalidade institucional. Enfim, as imagens sugeriam um grande movimento da sociedade civil, envolvendo os mais diversos grupos e tendências, contra normas político-ideológicas vigentes naquele determinado momento histórico.

Se estabelecermos cronologicamente um período que vai de 5 de julho de 1922 a 31 de março de 1964 e, didaticamente, denominarmos esse recorte de tempo de *Ciclo Revolucionário Brasileiro* - considerando seus incontáveis golpes, motins, revoltas, marchas, quarteladas, revoluções, intencas e guerras civis - teríamos a singularidade de ser a Revolução Constitucionalista de 1932, o único movimento político-militar que lutou a favor de um poder constituinte, ao contrário de todos os outros, sem exceção, dirigidos contra um poder constituído.

As características *sui generis* deste episódio não param por aí. Ao que parece, não temos registros em nossa história, de algum outro movimento revolucionário em que a preservação da memória, a comemoração do evento e o culto aos heróis, seja tradicionalmente realizado pelos vencidos e não pelos vencedores da guerra. Outros aspectos dessa singular insurreição, que não encontram precedentes, são seus dois incontestáveis superlativos: o maior movimento armado que se registrou em território brasileiro, bem como a maior mobilização popular já ocorrida na história do Brasil.

Nesses exemplos de descobertas quase detetivescas, encontra-se resumido o método semiótico que consiste basicamente em formular a explicação hipotética de uma situação ou de um quadro geral a partir da observação e da análise de pistas e indícios aparentemente marginais ou irrelevantes. Embora correndo o risco de se cometer equívocos, a hipótese *pode* dar certo, pois a leitura e a interpretação desses pormenores, apóiam-se em regras gerais acerca da experiência humana.

Para o historiador, por definição impossibilitado de presenciar seu objeto de estudo, a força desse método reside exatamente no fato de que o pesquisador não precisa e nem mesmo deve estar presente ao evento estudado, mas tem de, sobretudo, saber interpretar os dados de que dispõe, no caso, as imagens fotográficas. É muito mais uma percepção do que de uma visão direta dos fatos observados e interpretados à luz de regras metodológicas.

Não se trata, pois, de ver os fatos, mas de captá-los através de indícios e saber interpretá-los. O que interessa para o conhecimento, não é propriamente o visível mas o inteligível. Este poderia ser um dos possíveis caminhos em busca de uma metodologia pois, estamos convencidos de que as chaves que desvendarão o mistério das imagens encontram-se nas mãos de Monsieur Dupin, Monsieur Lecoq, e Sir Sherlock Holmes.¹¹⁶

Para concluir, é oportuno registrar um alerta a todos aqueles que, historiadores ou não, se preocupam com a preservação de nossa memória fotográfica. Somando-se a esse quadro bastante preconceituoso, em que ainda se encontra a fotografia, deve-se acrescentar outro agravante, onde uma grande porcentagem da produção fotográfica já realizada, principalmente no Brasil, foi e continua sendo sistematicamente destruída voluntária e involuntariamente pelo homem, bem como pelos elementos naturais.

Torna-se, pois, urgente, a necessidade de se pesquisar metodologias adequadas para a recuperação das informações contidas nessas fontes fotográficas, assim como, o estudo de sua história e evolução tecnológica ao longo do tempo. Igualmente importante, é a divulgação de técnicas eficientes e acessíveis de restauração, conservação e arquivística.

116 NOTA: Os mais famosos personagens detetives do mundo, respectivamente criados pelo norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849), pelo francês Emile Gaboriau (1835-1873) e pelo escocês Arthur Conan Doyle (1859-1930).

Acreditamos que a médio prazo, a somatória desses esforços tornará possível a criação, em instituições e universidades, de Centros de Apoio à Pesquisa em História, bem como a organização de acervos fotográficos operacionais e abertos ao público interessado, contribuindo efetivamente como documentação histórica, para nós e para as gerações futuras, pois, afinal, este é o sentido máximo de um bem cultural preservado.



. Artilheiros constitucionistas ajustam um canhão de 75 mm (*Fried Krupp* modelo 1905, fabricado em Essem, Alemanha) na Fazenda Bom Retiro em Amparo, São Paulo. Agosto de 1932. (MF) [5.21]

FONTES

1. FONTES ARQUIVÍSTICAS:

- Arquivo do Estado. São Paulo, SP.
Arquivo Edgard Leuenroth - IFCH - UNICAMP. Campinas, SP.
Arquivo Particular Professor Paulo Barros Camargo. Campinas, SP.
Centro de Memória. UNICAMP. Campinas, SP.
Escola Preparatória de Cadetes do Exército. Campinas, SP.
Instituto Histórico e Geográfico. São Paulo, SP.
Museu da Cidade. Campinas, SP.
Museu Prudente de Moraes. Piracicaba, SP.
Museu da Sociedade Veteranos M.M.D.C. Campinas, SP.
8º Batalhão de Polícia Militar. Campinas, SP.

2. JORNAIS E REVISTAS:

- A Gazeta. (Duas edições diárias) São Paulo, 1932.
A Noite Ilustrada. (Semanário em Rotogravura) Rio de Janeiro. 1932.
A Platea. (Jornal Diário) São Paulo. 1932.
A Plebe (Periódico Libertário) São Paulo. 1932.
Correio da Manhã. (Jornal Diário) Rio de Janeiro. 1932.
Diário da Manhã. (Jornal diário) Ribeirão Preto, 1962.
Diário da Noite. (Jornal Diário) São Paulo, 28 de outubro de 1930.
Diário do Povo. (Jornal Diário) Campinas, 1932.
Em Guarda: para a defesa das Américas. (Revista Semanal) Washington. 1944/5.
Fatos & Fotos. (Revista Semanal) Rio de Janeiro. 1962.
Manchete. (Revista Semanal) Rio de Janeiro. 1962-1968.
O Mundo Ilustrado. (Jornal Semanal em Rotogravura) Rio de Janeiro. 1957.
O Operário. (Semanário Católico Operário) São Paulo. 1930/34.
O Separatista. (Periódico de somente 3 números) São Paulo. 1932.
O Trabalhador. (Periódico Libertário) São Paulo. 1932.
Pelo Brasil Constitucional. (Revista Semanal) São Paulo, 1932.
Revista da Semana. Rio de Janeiro, 1932.
Tribuna Operária. (Semanário Comunista) Bauru, 1932.

3. FONTES IMPRESSAS:

A) LIVRETOS:

A atitude da Marinha. (anônimo) Rio de Janeiro, agosto de 1932.

Anuário Estatístico do Brasil: 1939 - 1940. IBGE (dados de 1929 a 1939)

As falsas causas da contra-revolução. Gal. Manoel Rabello. Rio de Janeiro, 1932.

Boletim das Unidades Militares que Participaram da Revolução de 1932.

Grupo de Combate no combate e na tática individual. Centro dos Reformados e Auxiliares da Força Pública do Estado. São Paulo, 1932.

Manual de Campanha do Voluntário Constitucionalista. Assistência Técnica Militar do M.M.D.C. São Paulo, agosto de 1932.

São Paulo e a Revolução. José Maria Whitaker. São Paulo, 1932.

B) PANFLETOS:

Instruções para o emprego do bocal sabre. Serviço de Engenharia da Escola Politécnica. São Paulo, agosto de 1932.

Ligeiro retrospecto do movimento constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso até 20 de agosto. (anônimo) Rio de Janeiro, 1932.

Nota à Imprensa. Cap. João Alberto (Chefe de Paolícia). Rio de Janeiro, 1932.

São Paulo ao Glorioso Povo Carioca. (anônimo-datilografado) Rio de Janeiro, 1932.

4. FONTES FONOGRAFICAS:

Revolução de 32: uma visão através da música popular. Fundação Roberto Marinho - SESC - São Paulo. (doze gravações de músicas e discursos)

Revolução de 30: uma visão através da música popular. Fundação Roberto Marinho - SESC - São Paulo. (doze gravações de músicas e discursos)

São Paulo de 32. Disco Copacabana. (oito crônicas e poesias gravadas por Cesar Ladeira)

Antologia da Sátira Brasileira: retrato de um povo. Basf do Brasil (Coletânea)

50 anos de Memória Brasileira. Basf do Brasil (Coletânea)

5. FONTES FOTOGRÁFICAS:

A Noite, 26.11.1930.

A Gazeta, São Paulo.

Arquivo Bloch Editores, Rio de Janeiro.

Arquivo do Estado, São Paulo.

Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP.

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

Arquivo Nosso Século. Editora Abril. São Paulo.

Arquivo Paulo Barros Camargo, Campinas. SP.

Arquivo Roberto do Valle. São José do Rio Preto, SP.

Arquivo Yone Quartim, São Paulo.

Biblioteca Municipal Mario de Andrade, São Paulo.

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Casa de Guilherme de Almeida, São Paulo.

Centro de Memória Social - Arquivo Hélio Silva, RJ.

Coleção Dorothy Moretti, SP (fotos Claro Gustavo Janson)

Coleção Elza Miné, São Paulo.

Coleção Evelina Fonseca Caldeira, São Paulo.

Coleção Família Pires do Rio, São Paulo.

Coleção Hernâni Donato, São Paulo.

Coleção Ivo Branco, São Paulo.

Coleção Jorge Luís Lane, São Paulo.

Coleção Jorge Mancini, São Paulo

- Coleção Josaphat Porto Lona Cleto, Curitiba.
- Coleção Luís Antônio Marrey, São Paulo.
- Coleção Maria Adelaide Amaral, São Paulo.
- Coleção Miguel Costa Júnior, São Paulo.
- Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
- Coleção Sabá Gervásio, São Paulo.
- Coleção Veridiana Prado, São Paulo.
- Coleção Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
- Diários Associados, São Paulo
- FGV/Cpdoc/Arquivo Cristiano Machado, Rio de Janeiro.
- FGV/Cpdoc/Arquivo Pedro Ernesto, Rio de Janeiro
- FGV/Cpdoc/Coleção Cristóvão Barcelos, Rio de Janeiro.
- FGV/Cpdoc/Coleção Gustavo Capanema, Rio de Janeiro.
- FGV/Cpdoc/Coleção Italo Landucci, Rio de Janeiro.
- FGV/Cpdoc/Coleção João Baptista Pereira Almeida, R.J.
- FGV/Cpdoc/Coleção Roberto Costa, Rio de Janeiro.
- FGV/Cpdoc/Coleção Y. Nakamura, Rio de Janeiro.
- Folha de S. Paulo
- Folha da Noite, 24.5.1932.
- Fotos de Loureiro Júnior. In: São Paulo vencido? São Paulo.
- Fotos de Miguel Falletti. In: Tudo pelo Brasil! São Paulo.
- Fotos de Penteado Médici. In: Trem Blindado. São Paulo.
- Helmut Gernsheim. In: Historia gráfica fotografia. Barcelona.
- Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, São Paulo.

Instituto Cultural Itaú - Setor de Memória Fotográfica, São Paulo.
Instituto Cultural Itaú - Centro de Informática e Cultura II. Campinas.
Instituto Hist.Geo. de SP/Arquivo da Liga Nacionalista.
Instituto Hist.Geo. de SP/Hemeroteca Julio de Mesquita.
Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
Museu da República, Rio de Janeiro.
Museu do Telefone, São Paulo.
O Cruzeiro, novembro de 1930.
O Estado de Minas, Belo Horizonte.
O Malho, 7.5.1927.
O Mundo Ilustrado. Rio de Janeiro 10 de junho de 1957.
Revista Careta, 8/11/1930. (23/7. 30/7. 24/9. 1/10/1932)
Revista da Semana, 1929, 1930, 1931.
Revista Paulistânia, agosto de 1977.

Observação: As fotos do acervo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo são de autoria atribuída a Manoel Ginjo e Miguel Faletti, repórteres fotográficos que cobriram os eventos de 1932.

BIBLIOGRAFIA CITADA *

1. **ÁLBUM DE FAMÍLIA:** 1932. São Paulo, Martins, 1954.
2. **BEZERRA, Holien Gonçalves.** *O Jogo do Poder: revolução paulista de 32.* São Paulo, Moderna, 1988.
3. **BONIFÁCIO, Maria Fátima.** *O abençoado retorno da velha história.* In: *Análise Social.* v. XXVIII. nº 122. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1994.
4. **BORGES, Vavy Pacheco.** *Tenentismo e Revolução Brasileira.* São Paulo, Brasiliense, 1992.
5. **BRUSSOLO, Armando.** (Stopinsky) *Tudo pelo Brasil: diário de um repórter sobre o movimento constitucionalista.* São Paulo, Paulista, 1932.
6. **BURKE, Peter.** (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas.* (Trad. Magda Lopes) São Paulo, UNESP, 1991.
7. **BUSSELLE, Michael.** *Tudo sobre fotografia.* São Paulo, Círculo do Livro, 1977.
8. **CAMARGO, Aureo de Almeida.** *A Epopéia: o batalhão 14 de Julho.* S.P., Saraiva, 1933.
9. **CARNEIRO, Maria Luiza Tucci.** *Revolução de 30: um estudo através da imagem.* In: *Seminário Perspectivas do Ensino de História.* São Paulo, USP/FE, 1988.

* **NOTA DO AUTOR:** A fim de conferir maior exatidão às citações bibliográficas e situar o pensamento do autor com precisão cronológica no contexto histórico, as datas referentes ao © *copyright* da primeira edição, serão, sempre que disponíveis, também acrescentadas.

10. CARNEIRO, Nelson de Souza. *XXII de agosto: movimento constitucionalista na Bahia*. Prefácio de Menotti Del Picchia. São Paulo, Nacional, 1933.
11. CASTRO, Sertório de. *Diário de um combatente desarmado: a revolução de São Paulo vista e apreciada do Rio de Janeiro*. São Paulo, José Olímpio, 1934.
12. CPDOC. *A fotografia como fonte histórica: a experiência do Cpdoc*, Arquivo Nacional, RJ, 1987.
13. DE DECCA, Edgar Salvadori. *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1994. (© 1981).
14. DE DECCA, Edgar Salvadori. VESENTINI, Carlos Alberto. *A Revolução do Vencedor*. In: *Contraponto nº 1*. Niterói, Centro de Estudos Noel Nutels, 1976.
15. DONATO, Hernâni. *A Revolução de 32*. São Paulo, Círculo do Livro, 1982.
16. DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. R.J., Nova Fronteira, 1977.
17. ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. *História do Exército Brasileiro: perfil militar de um povo*. v.3. Cap. V Revolução de 1932. Brasília, Fundação IBGE, 1972.
18. EVANS, Harold. *Testemunha Ocular: 25 anos de História através de fotos jornalísticas*. São Paulo, Círculo do Livro, 1981.
19. FABRIS, Annateresa. *Fotografia: Usos e Funções no Século XIX*. São Paulo, EDUSP, 1991.
20. FEBVRE, Lucien. *Combates pela História II*. Lisboa, Presença, 1949.

21. FEDERICI, Hilton. *Símbolos Paulistas: estudo histórico-heráldico*. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, São Paulo, 1980.
22. FERREIRA, Neil. *Era triste o mundo sem fotos*. (ensaio) In: Revista Super Interessante Especial: 150 anos de fotografia. Ano 3. nº 1. São Paulo, Abril Cultural, 1989.
23. FIGUEIREDO, Euclides. (General) *Contribuição para a história da Revolução Constitucionalista de 1932*. São Paulo. Martins, 1977.
24. FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo, Hucitec, 1983.
25. FONTOURA, João Neves da. *Acuso!* Rio de Janeiro, S.C.P., 1933.
26. FUNDAÇÃO João Pinheiro-Universidade Federal de Minas Gerais. *Manual de Orientação para Preservação de Acervos Fotográficos*, Belo Horizonte, 1985.
27. GASKELL, Ivan. *História das Imagens* IN: A Escrita da História: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. Peter Burke (org.). São Paulo, UNESP, 1991.
28. GERNSHEIM, Helmut. *Historia Gráfica de la Fotografía*. Barcelona, Omega, 1966.
29. GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991. (© 1986).
30. GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Companhia das Letras - São Paulo, 1987. (©1986).
31. JARDIM, Renato. *A aventura de outubro e a invasão de São Paulo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932.
32. KOSSOY, Boris *Fotografia e História* São Paulo, Ática, 1989.

33. KOSSOY, Boris. *Hercules Florence, 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. São Paulo, Faculdade de Comunicação Social Anhembi, 1977.
34. LANGFORD, Michael J. *Fotografia básica: iniciación a la fotografia profesional*. Barcelona, Omega, 1971.
35. LE GOFF, Jacques. *Prefácio* In: Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra. Marc Bloch. (Trad. Júlia Mainardi) São Paulo, Cia das Letras, 1993 (© 1924).
36. LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988.
37. LOBO, Lúcia L., BRANDÃO, Ana M. L. e LISSOVSKY, Maurício. *A fotografia como fonte histórica: a experiência do Cpdoc*. ACERVO. Rio de Janeiro, Ministério da Justiça - Arquivo Nacional, 1987.
38. LOUREIRO JUNIOR. *São Paulo vencido?* São Paulo, Revista dos Tribunais, 1932.
39. MEDICI, Fernando Penteado. *Trem blindado*. São Paulo, Acadêmica, 1933.
40. MONTENEGRO, Benedito (org.). *Cruzes paulistas: os que tombaram em 32 pela glória de servir São Paulo*. São Paulo, Campanha Pró-Monumento e Mausoléu ao soldado paulista de 32, 1936.
41. NEVES, M.A. Mamede. *Ensinando e Aprendendo História*, São Paulo, EPU-CNPq. 1985.
42. NORA, Pierre. *O retorno do fato*. In: História: novos problemas. v.1. (Tradução por Theo Santiago) Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. (©1974).

43. NOSSO SÉCULO: *memória fotográfica do Brasil no século 20*. v. III. São Paulo, Abril, 1980.
44. OLIVEIRA, João Sócrates de. *Manual Prático de Preservação Fotográfica* Coleção Museu e Técnicas, São Paulo, Museu da Ind. Com. e Tecnologia, 1980.
45. OSORIO, Manuel. *A guerra de São Paulo-1932: esboço crítico do maior movimento armado do Brasil*. Americana, São Paulo, 1932.
46. OSTROFF, Eugene. *LIFE Library of Photography Caring for Photographs: display, storage & restoration*. New York, Time-Life Books, 1972.
47. PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo, Perspectiva, 1991. (© 1955).
48. PIRES, Cornélio. *Chorando e rindo: episódios e anedotas da guerra paulista*. São Paulo, Nacional, 1933.
49. QUARTIM, Yone. *O Mackenzie na Revolução de 32*. São Paulo, Edicon, 1995.
50. RENARD, Antoine. *São Paulo é isso!* São Paulo, s.c.p. 1933.
51. RIBEIRO, Clovis. *Brazões e Banteiras do Brasil*. São Paulo Editora, São Paulo, 1933.
52. RIBEIRO, Suzana Barreto. *Italianos do Brás: imagens e memórias 1920 - 1930*. São Paulo, Brasiliense - Pirelli, 1994.
53. SADOUL, Georges. *Valeur du Témoignage Photographique* In: SAMARAN, Charles. (org.) *Encyclopédie de la Pléiade* v. XI. *L'histoire et ses méthodes*. Bruges (Bélgica), Gallimard, 1973. (©1961).

54. SAGA: *a grande história do Brasil*. VI. São Paulo, Abril Cultural, 1981.
55. SCHIMIDT, Afonso. *A locomotiva: a outra face da Revolução de 1932*. (romance). São Paulo, Brasiliense, 1959.
56. SEGATTO, José A. José Paulo NETTO, José Ramos NÉTO, Paulo Cesar de AZEVEDO e Vladimir SACCHETTA. *PCB: memória fotográfica - 1922 -1982*. SP. Brasiliense, 1982.
57. SIMÕES, Auriphebo Berrance. *Um punhado de nada: São Paulo 1932 Revolução*. (romance). São Paulo, Brasiliense, 1979.
58. VALLE, Roberto do. *Rio Preto na Revolução de 32*. São José do Rio Preto, Verso, 1982.
59. VARGAS, João Tristan. *Negócios & Representações: os industriais paulistas entre os anos 20 e 30*. (Dissertação de Mestrado) Campinas, UNICAMP, 1995.
60. VASQUEZ, Pedro. *A fotografia como instrumento de propaganda política: o caso da Revolução Constitucionalista*. In: *Revolução de 32: a fotografia e a política*. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE/CPDOC, 1982.
61. VASQUEZ, Pedro. *Fotografia: reflexos e reflexões*, Porto Alegre, L&PM, 1986.



7.1

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ACERVO - Revista do Arquivo Nacional. *Fotografia*. Rio de Janeiro, v. 6, nº 1-2, jan/dez 1993. 169p.
2. ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual: Uma psicologia da Visão Criadora*. (Trad. Ivone Teresinha de Faria) São Paulo, Pioneira, 1980.
3. AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Tradução por Estela dos Santos Abreu. Campinas, Papirus, 1993. 317p. (Ofício de Arte e Forma). Tradução de: L'image.
4. BARDI, Pietro Maria. *Em Torno da Fotografia no Brasil*. São Paulo, Banco Sudameris, 1987.
5. BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. (Trad. Júlio Castañon Guimarães) Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. (© 1980).
6. BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. Tradução por Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1971. 116p. Tradução de: Éléments de Sémiologie.
7. BARTHES, Roland. *O Óbvio e o Obtuso: ensaios críticos III*. Tradução por Léa Novaes. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990. 284p. Tradução de: L'obvie et L'obtus - essais critiques III.
8. BAZIN, Germain *História da História da Arte: de Vasari a nossos dias*. (Trad. Antonio P. Danesi) São Paulo, Martins Fontes, 1989. (©1986).

9. BENJAMIN, Walter *Pequena História da Fotografia*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política* (Trad. Sérgio P. Rouanet) São Paulo, Brasiliense, 1985. (©1931).
10. BERENSON, Bernard. *Estética e História* (Trad. Janete Meiches) São Paulo, Perspectiva, 1972. (©1947).
11. BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica: uma ciência de... detetives*. Revista USP nº 16. São Paulo, EDUSP, 1993.
12. BLOCH, Marc. *Introdução à História*. (Trad. Maria Manuel e Rui Grácio) Lisboa, Europa-América, s.d.(© 1941).
13. BURGI, Sérgio e Sandra Cristina Serra Baruki. *Introdução à Preservação e Conservação de Acervos Fotográficos: técnicas, métodos e materiais*. Funarte - Instituto Nacional da Fotografia. Rio de Janeiro, 1988.
14. BURGI, Sérgio. (org.) *Materiais Empregados em Conservação e Restauração de Bens Culturais* Rio de Janeiro, ABRACOR, 1990.
15. BUYSENS, Eric. *Semiologia e Comunicação Lingüística*. Tradução por Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1967. 217p. Tradução de: *La Communication et L'articulation Linguistique*.
16. CARVALHO, Aurea Maria de Freitas. *Fotografia como Fontes de Pesquisa: história, registro, arranjo, classificação e descrição* Rio de Janeiro, Fund. Nacional Pró-Memória, 1986.
17. CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1990. 166p.
18. COLLIER, John Jr. *Antropologia Visual: A Fotografia como Método de Pesquisa* (Trad. Iara Ferraz e Solange Couceiro) São Paulo, Pedagógica e Universitária, 1973.

19. CORBIN, Alain. *O segredo do indivíduo*. In: História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. (Trad. Bernardo Joffily) São Paulo, Cia das Letras, 1993. (©1987).
20. CORRAZE, Jacques. *As Comunicações Não-Verbais*. Tradução por Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. 142p. Tradução de: Les communications non-verbales.
21. DAVIS, Flora. *A Comunicação Não-Verbal*. Tradução por Antonio Dimas. São Paulo, Summus, 1979. 196p. Tradução de: Inside Intuition: What We Know About Nonverbal Communication. (Novas Buscas em Educação, 5)
22. DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e outros ensaios*. Tradução por Marina Appenzeller. Campinas, Papirus, 1994. 362p. Tradução de: L'acte photographique et autres essais. (Ofício de Arte e Forma)
23. EASTMAN KODAK COMPANY. *Como Tirar Boas Fotografias: guia fotográfico da Kodak*. Tradução por Claudio A. Kubrusly. São Paulo, 1982. 192p. Tradução de: How to take good pictures.
24. ECO, Umberto; SEBEEK, Thomas A. (orgs.) *O Signo de Três: Dupin, Holmes, Peirce*. Tradução por Sivana Garcia. São Paulo, Perspectiva, 1991. 263p. Tradução de: The Sign of Three. (Estudos, 121)
25. ESSUS, Ana Maria M.S.A. *O olho da história: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de canudos*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 6, nº 1-2. p.25-40, 1993.
26. FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Projeto Tecnologias Alternativas. *Como organizar um Arquivo Fotográfico*. Rio de Janeiro, 1988.

27. FEDERAÇÃO de Órgãos para Assistência Social e Educacional. *Como Organizar Um Arquivo Fotográfico* Rio de Janeiro, 1988, 22p. (Série Dicas, 3).
28. FERREZ, Gilberto. *A Fotografia no Brasil: 1840-1900* 2ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Nacional Pró-Memória-FUNARTE, 1985, 248p.
29. FERRO, Marc. *Cinema e História*. Tradução Flavia Nascimento. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992. 143p. Tradução de: Cinéma et Histoire.
30. FOTOGRAFIA: *manual completo de arte e técnica*. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
31. FOUCAULT, Michel. *Isto não é um Cachimbo*. Tradução por Jorge Coli. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989. 87p. (Oficina das Artes). Tradução de: Ceci n'este pas une pipe.
32. FRANCASTEL, Pierre. *A Realidade Figurativa*. (Trad. Mary Leite Barros) São Paulo, Perspectiva, 1965.
33. FREUND Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona, Gustavo Gili, 1983. (©1974)
34. FREUND, Gisèle. *Fotografia e Sociedade* Lisboa, Ed. Vega, 1989.
35. FREYRE, Gilberto et alii *O Retrato Brasileiro* (Fotografias da Coleção Francisco Rodrigues: 1840-1920). Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983. 99p.
36. FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO - Diretoria de Assessoramento e Programas Especiais. *Manual de Orientação para Preservação de Acervos Fotográficos*, Belo Horizonte, UFMG, 1985, 44p.
37. GINZBURG, Carlo. *Indagações sobre Piero*. (Trad. Luis Carlos Cappellano.) São Paulo, Paz e Terra, 1989. (© 1981).

38. GURAN, Milton. *Linguagem Fotográfica e Informação*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1992. 112p.
39. HEARTFIELD, John. *Guerra en la paz: fotomontajes sobre el período 1930-1938*. Barcelona, Gustavo Gili, 1973.
40. HERKENHOFF, Paulo. *Fotografia: o automático e o longo processo de modernização*. In: BRITO, Ronaldo et alii. *Sete ensaios sobre Modernismo*. Rio de Janeiro, Funarte, 1983.
41. HOBSBAWM, Eric J. *O Fazer-se da Classe Operária, 1870 - 1914*. (Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran) In: *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. (©1984).
42. HUMBERTO, Luis. *Fotografia: universos & arrabaldes*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983. 98p. (Luz & Reflexão).
43. KOSSOY, Boris. *São Paulo, 1900 : análise e interpretação - imagens de Guilherme Gaensly*. São Paulo, Kosmos, 1988. 156p.
44. KOSSOY, Boris. *Fotografia como Fonte Histórica: Introdução à Pesquisa e Interpretação das Imagens do Passado* São Paulo, Museu da Ind. Com. e Tecnologia, 1980, 51p. (Museu & Técnicas, 4).
45. KOSSOY, Boris. *Origens e Expansão da Fotografia no Brasil: século XIX* Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE, 1980, 125p.
46. KUBRUSLY, Cláudio A. *O que é fotografia*. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991. 109p. (Primeiros Passos, 82)
47. LANGFORD, Michael J. *Tratado de Fotografia: un texto avanzado para profesionales*. Versão Espanhola por Ventura Millan. Barcelona, Omega, 1972. 485p. Tradução de: *Advanced Photography*.

48. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *A Imagem através das palavras*. *Ciência e Cultura* 38(9): 1483-1495, set/1986.
49. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Fotografia e História*. São Paulo, *Ciência Hoje* 7(39):24-32, jan/fev/1988.
50. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo, Edusp/FAPESP, 1993. 192p. (Texto & Arte, 9)
51. LIMA, Ivan. *A Fotografia é a sua Linguagem*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988. 120p. (Antes, Aqui e Além, 4)
52. LIMA, Ivan. *Ciclo de Palestras Sobre Fotografia*. (27/out/-29/dez/1982). Rio de Janeiro, Funarte, 1983.
53. MACHADO, Arlindo. *A Ilusão Especular: Introdução à Fotografia*. São Paulo, Brasiliense / FUNARTE, 1984.
54. MANVELL, Roger. *História ilustrada da 2ª Guerra Mundial: SS e Gestapo*. Rio de Janeiro, Renes, 1969.
55. MENDES, Ricardo & CAMARGO, Mônica Junqueira de. *Fotografia: Cultura e Fotografia Paulistana no Século XX*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, 176p.
56. METS, Christian et alii. *A Análise das Imagens: seleção de ensaios da revista "Communications"*. Tradução por Luís Costa Lima e Priscila Vianna de Siqueira. Petrópolis, Vozes, 1973. 151p.
57. MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. *A fotografia como documento: uma instigação à leitura*. In: *Acervo*. v. 6. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1993.

58. MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. (org.) *Retratos quase inocentes*. São Paulo, Nobel, 1983.
59. NEIVA, Eduardo Jr. *A Imagem*. São Paulo, Ática, 1994. 93p. (Princípios, 87)
60. NOGUEIRA Filho, Paulo. *Ideais e lutas de um burguês progressista: a guerra cívica de 1932*. v. I (ocupação militar). Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
61. NOVAES, Adauto. (org.) *O Olhar*. São Paulo, CIA. das Letras, 1990, 495p.
62. OLIVEIRA, João Sócrates de. *Fotografia Arte e Uso*. São Paulo, MASP-Kodak, 1981, 19p.
63. OLIVEIRA, João Sócrates de. *Manual Prático de Preservação Fotográfica*. Coleção Museu e Técnicas, São Paulo, Museu da Ind. Com. e Tecnologia, 1980. 42p.
64. OSTROFF, Eugene. *LIFE Library of Photography Caring for Photographs: display, storage & restoration*. New York, Time-Life Books, 1972.
65. PEROTA, Maria Luiza Lourdes Rocha. (org.) *Multimeios: seleção, aquisição, processamento, armazenagem, empréstimo*. Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991. 188p.
66. SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. 9ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1990. 84p. (Primeiros Passos, 103)
67. SIMSON, Olga R. de Moraes von. *Depoimento oral e fotografia na reconstrução da memória histórico-sociológica*. Boletim do Centro de Memória da UNICAMP. v. 3 nº 5, Campinas, 1991.

68. SIMSON, Olga R. de Moraes von. *Imagem e Memória: Reflexões sobre a utilização conjugada de fotografias históricas e relatos orais como suportes empíricos da pesquisa histórico-sociológica*. Caxambu, Minas Gerais, XIX ANPOCS, 1995.
69. SIMSON, Olga R. de Moraes von; LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa*. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992. Série 2, nº 3, p. 117-141.
70. SONTAG, Susan *Ensaaios sobre Fotografia* Trad. José Afonso Furtado. Lisboa, Ed. Dom Quixote, 1973, 178p. Tradução de: *On Photography*. (Arte e Sociedade, 5)
71. STONE, Lawrence. *O Ressurgimento da Narrativa: reflexões sobre uma nova velha história*. In: *Revista de História - IFCH / UNICAMP* nº 2/3 - 1991.
72. SÜSSKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*. SP, Cia das Letras, 1987.
73. TIME-LIFE LIBRARY OF PHOTOGRAPHY (Williams, R.L. Editor) *Documentary Photography* New York, 1972, 241p.
74. VÁSQUEZ, Pedro. *D. Pedro II e a Fotografia no Brasil* Rio de Janeiro, Ed. Index, 1985.
75. VIEBIG, Reinhard. *Formulário Fotográfico* 5ª edição. Ed. Iris, São Paulo, 1975, 207p.
76. WILLIAMS, Richard L. *Caring for photographs: display, Storage & Restoration*. New York, Time-Life, 1972.



ANEXOS

Ensaio Bibliográfico da Revolução Constitucionalista de 1932.

1. 100 ANOS DE REPÚBLICA: um retrato ilustrado da História do Brasil.(Coleção) v. IV. São Paulo, Nova Cultural, 1989. (pp. 10-17) (ilust.)
2. A CAMPANHA REVOLUCIONÁRIA DE 1932: depoimentos prestados, no Rio de Janeiro, as autoridades da Dictadura. (Subsidio para a História). São Paulo, Bandeirante, 1934. 212p.
3. ÁLBUM DE FAMÍLIA: 1932. São Paulo, Martins, 1954. 102p. (ilust.)
4. ALENCASTRE, Alvaro Otávio de. *A revolução de 32 e seus ensinamentos militares*. Rio de Janeiro, Papelaria Velho, 1933. 67p.
5. ALENCASTRO, Olavo de. *História da revolução de 1932*. Rio de Janeiro, scp, sd.
6. ALFIERI, F. J. Cesar. *De Itararé às margens do Paranapanema*. São Paulo, 1935.
7. ALMEIDA, Benedito Pires. *A revolução de 1932*. Tietê, scp, 1970. 145p.
8. ALMEIDA, Gil de (General). *Homens e fatos de uma revolução*. Rio de Janeiro, 1936.
9. ALMEIDA, Guilherme de. *O meu Portugal*. São Paulo, Nacional, 1973. 144p.
10. ALVES SOBRINHO, Rufino. *São Paulo triunfante: depoimento e subsídio para a história das revoluções de 22, 24, 30 e 32, no Brasil*. São Paulo, O autor, 1932. 285p. (ilust.)

11. AMARAL, Antonio Barreto do. *Pedro de Toledo*: prefácio de Aureliana Leite. São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1969. 238p.
12. AMARAL, Antonio Barreto do. *Um documento inédito da revolução constitucionalista*. São Paulo, 1974. 90p. (Separata da Rev. do Arquivo Municipal, 37(186):33-34, jan./abr.,1974)
13. AMARAL, Ignacio M. Azevedo do. *Ensaio sobre a revolução brasileira: 1931-34*. Rio de Janeiro, 1963.
14. AMERICANO, Jorge. *São Paulo nesse tempo (1915-1935)*. São Paulo, Melhoramentos, 1962. 423p.
15. AMORIM, Antonio Santos. *Santistas nas barrancas do Paranapanema*. Santos, Imp. Santista, 1932. 202p. (ilust.)
16. ANDRADE, Euclides Pereira de (Epanthro). *Estilhaços de Granada: a revolução anedótica*. São Paulo, Unitas, 1933. 212p.
17. ANDRADE, Horácio de. *Tudo por São Paulo*. 2.ed. São Paulo, O autor, 1932. 126p.
18. ANDRADE, Oswald de. *Marco Zero: a revolução melancólica*. 2.ed.; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. (romance)
19. ANGIROCO, Silau. *Víboras e milhafres*. Rio de Janeiro, 1937.
20. ARAUJO, Lourenço. *A coluna Gwyer no Túnel: revolução de 1932*. Niterói, J. Gonçalves, 1958. 53p.
21. ASSIS, Dilermando de (major). *Vitória ou derrota?: memórias da campanha contra São Paulo, no setor Sul, em 1932*. Rio de Janeiro, Calvino Filho, 1936. 493p. (ilust.) mapas.
22. ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *Boletim sobre os fatos de 32*. São Paulo, 1932.

23. AZEVEDO, Francisco de Laserda. *Por São Paulo*. São Paulo, scp, sd.
24. BACCARAT, Samuel. *Capacetes de Aço: a guerra no Setor Norte*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1932. 173p.
25. BARRETO, Gabriel Menna. (capitão) *Memórias de duas campanhas: 1930-1932*. Rio de Janeiro, Alba, 1933. 163p.
26. BARROS, Guilherme de Almeida. *A resistência do túnel: revolução de julho de 1932*. São Paulo, Piratininga, 1933. 233p. (ilust.)
27. BARROS, João Alberto Lins de. *Memórias de um revolucionário*. Rio de Janeiro, scp, 1954.
28. BASTOS, Justino Alves (capitão). *Palmo a palmo: luta no sector sul*. 3ed. São Paulo, Paulista, 1932. 164p.
29. BELMONTE, Benedito Carneiro de Bastos Barreto. *Nada de novo: álbum*. slp, scp, 1948.
30. BEZERRA, Holien Gonçalves. *Artimanhas da Dominação: São Paulo-1932*. Tese de doutoramento, USP, 1982.
31. BEZERRA, Holien Gonçalves. *O Jogo do Poder: revolução paulista de 32*. 2ed. São Paulo, Moderna, 1988. (Col. Polêmica) 128p. (ilust.)
32. BRAGA, Edgard Pimentel. *A senha: poema em memória dos heróis do túnel*. São Paulo, Imp. Comercial, 1935.
33. BRAGA, Eugênio (Pseudônimo de AGAGÊ) *Libertação de São Paulo: a epopéia de 22 de maio de 1932*. São Paulo, 1932.
34. BRANCO, Luiza P. C. *Campanha revolucionária*. São Paulo, scp, 1934.

35. BRASIL, José de Assis (general). *Pela ordem constitucional*. São Paulo, sd.
36. BRASIL. ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. *História do Exército Brasileiro: perfil militar de um povo*. Cap. 5 - Revolução de 1932. Brasília, Serviço Gráfico da Função IBGE, 1972. v.3. pp. 934-59. (ilust.)
37. BRITO, Candida de. *Viva São Paulo !* Rio de Janeiro, Typ. São Benedito, 1933.
38. BRITO, Luis Tenório de (coronel). *Memórias de um ajudante de ordens*. prefácio de Tito Lívio Ferreira. São Paulo, Nacional, 1951. 274p.
39. BRITO, Luis Tenório de (coronel). *O papel da força pública na revolução de 32*. São Paulo, scp, 1958.
40. BRUSSOLO, Armando. (Stopinsky) *Basta de mentiras: considerações em torno do livro do Cel. Herculano*. São Paulo, scp, 1933. 154p.
41. BRUSSOLO, Armando. (Stopinsky) *Tudo pelo Brasil: diário de um reporter sobre o movimento constitucionalista*. São Paulo, Paulista, 1932. 297p. (ilust.)
42. CABANAS, João. *Os fariseus da revolução*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1932. 243p.
43. CALMON, Pedro. *O movimento constitucionalista*. In: *História do Brasil*. 2ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. v.6, cap. 37.
44. CAMARGO, Aureo de Almeida. *A epopéia: o batalhão "14 de julho", fotografia da guerra no setor sul, dos Itararés -ao Taquaral-abaxio*. São Paulo, Saraiva, 1933. 211p. (ilust.)
45. CAMARGO, Aureo de Almeida. *Roteiro de 32*. São Paulo, scp. 1972.
46. CAMPOS, Suzana de. *São Paulo é o Brasil: poemas*. São Paulo, 1932.

47. CAPELATO, Maria Helena. *O Movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo, Brasiliense, 1981. 89p. (ilust.)
48. CARNEIRO, Glauco. *História das revoluções brasileiras*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965. v.2 p. 396-413.
49. CARNEIRO, Hermenegildo de Oliveira (general de Divisão). *Vida e morte de um soldado da revolução constitucionalista*. Rio de Janeiro, scp, 1980.
50. CARNEIRO, Levi. *Pela nova constituição*. Rio de Janeiro, scp, 1937.
51. CARNEIRO, Nelson de Souza. *XXII de agosto: movimento constitucionalista na Bahia: prefácio de Menotti Del Picchia*. São Paulo, Nacional, 1933. 212p.
52. CARVALHO, Alvaro de. *Nas vésperas da revolução*. São Paulo, scp, 1932.
53. CARVALHO, Florentino de (Primitivo Soares). *A guerra civil de 1932 em São Paulo: solução imediata dos grandes problemas nacionais*. São Paulo, Ariel, 1932.
54. CARVALHO, Francisco Affonso de. *Capacete de aço: cenas da luta do exército de leste no Valle do Parayba: prefácio do General Gois Monteiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. 213p.
55. CARVALHO, João Batista de. (monsieur). *Irradiações: homenagem das senhoras santistas*. São Paulo, Saraiva, 1933. 156p.
56. CARVALHO, João Batista de. (monsieur). *Colaboração da igreja católica na revolução constitucionalista*. São Paulo, scp, 1958.
57. CARVALHO, João Batista de. (monsieur). *O clero solidário com o povo em 32*. São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1957. 122p.

58. CARVALHO, João Batista de. (monsenhor). *Santos na epopéia paulista*: discurso pronunciado no almoço de confraternização da Cruz Vermelha de Santos. Santos, scp, 1933.
59. CASALE, Nino. *A hora da glória*: prefácio de Menotti Del Picchia. São Paulo, scp, 1932. 63p.
60. CASASSANTA, Mario. *As razões de Minas*: prefácio de Gustavo Capanema, Belo Horizonte, scp, 1932.
61. CASTRO, Clementino de Souza e. *Cunha em 1932*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1935. 144p.
62. CASTRO, Sertório de. *A república que a revolução destruiu*. Rio de Janeiro, scp, 1932.
63. CASTRO, Sertório de. *Diário de um combatente desarmado*: a revolução de São Paulo vista e apreciada do Rio de Janeiro. São Paulo, José Olympio, 1934. 297p.
64. CASTRO, Sertório de. *Política és mulher!* Rio de Janeiro, scp, 1933.
65. CESAR, Augusto. *Como fracassou a revolução*. São Paulo, scp, 1934.
66. CINQUENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932: conferências programadas pela Comissão Estadual de Moral e Civismo e Comissão dos Festejos do Cinquentenário da Revolução Constitucionalista de 1932 e realizadas em novembro de 1981. São Paulo, Secretaria de Estado da Educação, 1982. 178p.
67. COARACY, Vivaldo de Vivaldi. *O caso de São Paulo*. São Paulo, Ferraz, 1931. 163p.
68. CONCEIÇÃO, Osmar Bastos. *Que bochincho!* São Paulo, scp, 1950.
69. CORREIA, S. Faria. *Serro alegre*: a revolução riograndense de 32. slp. scp. 1933. 94p.
70. COSTA FILHO, João Mendes da. *Constituição de São Paulo*. Salvador, scp, 1937.

71. COSTA FILHO, Miguel. *Os farsantes da revolução*. Rio de Janeiro, Moreira Cardoso & Coelho, 1931.
72. COSTA, José Augusto. *Criminosos de duas revoluções: 1930-1932, era revolucionária*. 2.ed. São Paulo, Mundo, 1933. 156p.
73. COUTINHO, Lourival. *O general Góis depõe*. Rio de Janeiro, Coelho Branco, 1955. cap.5 pp.186-229.
74. COUTO, Ribeiro. *Espírito de São Paulo*. Rio de Janeiro, Schmidt, 1932. 68p.
75. CRUZ, Ademar. *Verdades e bastidores: prefácio do general Góis Monteiro*. Rio de Janeiro, Alba, 1933. 216p.
76. DEL PICCHIA, Menotti. *A Revolução Paulista de 32: através de um testemunho do gabinete do governador*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1932. 304p.
77. DEL PICCHIA, Menotti. *O despertar de São Paulo*. São Paulo, scp, 1933.
78. DEMÓSTENES, Maro. *Carta de um combatente*. São Paulo, scp, 1934.
79. DINIZ, Almacchio Gonçalves. *São Paulo e sua guerra de secessão*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1932.
80. DONATO, Hernâni. *A Revolução de 32*. São Paulo, Círculo do Livro, 1982. 224p. (ilust.)
81. DONATO, Mário. *Madrugada sem Deus*. São Paulo, scp, 1955.
82. DUARTE, Paulo. *Palmares pelo avesso*. São Paulo, Progresso, 1947. 422p. (Coleção Iguassu, 5).
83. DUARTE, Paulo. *Prisão, exílio, luta...* Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1946. 295p.

84. EIRAS, José Guilherme. *Revolução Constitucionalista de 1932*. São Paulo, M & Silva, 1934. 18p.
85. ELLIS JUNIOR, Alfredo. *A nossa guerra*. São Paulo, Piratininga, 1933.
86. ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Confederação ou separação*. 3ed. São Paulo, Paulista, 1934. 285p.
87. ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Madrugada sem Deus*. São Paulo, scp, 1934.
88. ERVEN, Silvio Van. *Rebelião paulista: efemérides sulinas*. slp, scp, sd.
89. FARIA, Octávio de. *Machiavel e o Brasil*. Rio de Janeiro, scp, 1932.
90. FERRAZ, José Ben-Hur de Escobar. *A guerra no Setor Norte*. São Paulo, scp, 1933.
91. FERREIRA, Waldemar. *A Faculdade de Direito na arrancada do 9 de julho*. In: Revista da Faculdade de Direito-USP, 45, São Paulo, 1960.
92. FERREIRA, Waldemar. *Discurso de paraninfo dos bacharéis da Faculdade de Direito de São Paulo, turma de 1932*. São Paulo, scp, 1938.
93. FERREIRINHA, J. de Lemos. *Por que falhou a república federativa*. Rio de Janeiro, scp, 1933.
94. FIGUEIRA, J.G. de Andrade. *A federação dos voluntários de São Paulo*. São Paulo, O autor, 1975. 17p.
95. FIGUEIREDO, Euclides. (coronel) *Contribuição para a história da revolução constitucionalista de 1932*. São Paulo, Martins, 1954. 324p. mapas.
96. FIGUEIREDO, Lauro A. de. *Ai batuta!*. São Paulo, Formosa, sd. 25p.

97. FIRMEZA, Mozart. *Poemas heróicos da revolução pulista ou poemas em prosa da revolução paulista*. Rio de Janeiro, Coelho Branco Filho, 1933. 124p.
98. FONSECA JUNIOR, A. *Poemas paulistas*. São Paulo, scp, 1947.
99. FONSECA, Leopoldo Nery da. *Agora, eu*. Rio de Janeiro, scp, 1934.
100. FONTES, J. Martins. *Paulistânia: poesias*. São Paulo, scp, 1947.
101. GARCIA, Vicente T. *32 dias na Delegacia Regional de Santos*. Santos, scp, sd.
102. GENERAL FLORES DA CUNHA e a revolução paulista: decisão do tribunal de Honra e outros documentos. Porto Alegre, A Federação, 1933. 106p.
103. GÓES, Eurico de. *Heroínas paulistas*. São Paulo, scp, 1932.
104. GOMAR, Manuel Garcia de. *A heroicidade despertada de um povo: drama guerreiro*. São Paulo, Unitas, 1933. 310p.
105. GONÇALVES, A. Fernandes. *Caconde na revolução*. São Paulo, scp, 1934.
106. GONÇALVES, Clóvis. *Carne para canhão! o front em 1932*. Rio de Janeiro, Renascença, 1933.
107. GOULART, Gastão (capitão). *Verdades da revolução paulista*. s.l.p, scp, sd. 302p.
108. HILTON, Stanley E. *A guerra civil brasileira: história da Revolução Constitucionalista de 1932*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. 384p.
109. HISTÓRIA DO BRASIL. (Coleção) v. III. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1972. (pp. 673-688) (ilust.)
110. IMPERIALI, C. de. *O libelo*. São Paulo, scp, 1932.

111. JARDIM, Renato. *A aventura de outubro e a invasão de São Paulo*. São Paulo, Paulista, 1932. 339p.
112. JARDIM, Renato. *O libelo a sustentar*. São Paulo, scp, 1933.
113. JORGE, João. *Diário de uma cidade conquistada*. Amparo, scp, sd.
114. JUNQUEIRA, Osvaldo Ribeiro. *Regimento de Cavalaria do Rio Pardo*. São Paulo, scp, 1933.
115. KARAM, Elias. *Um paranaense nas trincheiras da lei: subsídios para a história da revolução paulista*. Curitiba, A Cruzada, 1933. 303p.
116. KLINGER, Bertoldo (general). *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro, scp, 1949-1953. 6v.
117. KLINGER, Bertoldo , Euclides FIGUEIREDO, Othelo FRANCO, José LOBO e Argemiro de ASSIS BRASIL. *Nós e a ditadura: a jornada revolucionária de 1932*. slp, scp, sd. 173p.
118. LEITE, Aureliano. *Campinas que vi*. Campinas, Ed. São Paulo, 1961. 25p.
119. LEITE, Aureliano. *Causas e objetivos da revolução de 1932*. São Paulo, 1962. (Separata da Revista de História, 25(51):141-144, jul/set. 1962).
120. LEITE, Aureliano. *Episódios do exílio: Portugal e outras terras*. São Paulo, Nacional, 1938. 258p.
121. LEITE, Aureliano. *Martírio e glória de São Paulo: 1ª parte: antecedentes da revolução de 1932; 2ª parte: o meu diário*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1934. 372p.
122. LEITE, Aureliano. *Memórias de um revolucionário*. slp, scp. 1931. 262p.
123. LEITE, Licurgo. *Causas da revolução*. Rio de Janeiro, scp, 1934.

124. LESSA, Orígenes Themudo. *Ilha grande: do jornal de um prisioneiro de guerra*. São Paulo, Nacional, 1933. 198p.
125. LESSA, Orígenes Themudo. *Não há de ser nada... notas de um repórter entre os "voluntários de Piratininga"*. São Paulo, Nacional, 1932. 164p.
126. LEVY, Herbert Victor. *A coluna Romão Gomes*. São Paulo, Saraiva, 1933. 210p.
127. LEVY, Herbert Victor. *Rumos a trilhar*. São Paulo, scp, 1936.
128. LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS. *Relatório da Administração 1932/1933*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1933. 135p.
129. LIMA, Waldomiro. (general). *Sobre a revolução Constitucionalista de 32*. Rio de Janeiro, scp, sd.
130. LINS, Alcides. *A revolução de São Paulo*. Rio de Janeiro, scp, 1932.
131. LOBO, Roberto Haddock. *Pro Brasilia Fiant Eximia: a psicologia dos que combateram pela revolução*. São Paulo, Bandeirantes, 1933. 179p.
132. LOPES, Cid Corrêa. *A reconquista do poder*. Rio de Janeiro, scp, 1933.
133. LOPES, Napoleão. *Depois da revolução constitucionalista... rumo ao verdadeiro comunismo*. São Paulo, scp, 1933.
134. LOUREIRO JUNIOR. *São Paulo vencido?* São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1932. 162p. (ilust.)
135. LUZ, Mário da & VAMPRÉ, Leven. *Pigmeus de Piratininga*. São Paulo, scp, 1935.
136. MACHADO, José de Alcântara. *A ação da bancada paulista por São Paulo unido*. São Paulo, scp, 1935.

137. MAGALHÃES, Clineu Braga. *Diário de 32: póstumo*. São Paulo, scp, 1961.
138. MAGALHÃES, Dario de Almeida. *Páginas avulsas*. São Paulo, scp, 1961.
139. MANIFESTO DA FRENTE ÚNICA DO RIO GRANDE DO SUL: assinado por Borges de Medeiros, Batista Luzardo, João Neves e Raul Pila. Buenos Aires, scp, 1933.
140. MANSO, M. Costa. *São Paulo e a revolução: 1932*. São Paulo, scp, 1977. 11p.
141. MARQUES, Tenório Heliodoro da Rocha e OLIVEIRA, Odilon Aquino de. *São Paulo contra a ditadura*. São Paulo, Ismael Nogueira, 1933.
142. MARTINS, Romeu. *Revolução*. Fortaleza, scp, 1933.
143. MATOS, João Batista (general). *São Paulo em seus movimentos*. slp, scp, sd.
144. MEDEIROS, Mario Ferreira de. *Alberto Torres e a revolução de São Paulo*. Rio de Janeiro, scp, sd.
145. MEDEIROS, Maurício de. *Outras revoluções virão*. Rio de Janeiro, scp, 1932.
146. MEDICI, Fernando Penteadado. *Trem blindado*. São Paulo, Acadêmica, 1933. 154p.
(ilust.)
147. MELLO, Arnon Afonso de Farias. *São Paulo venceu!* 3.ed. Rio de Janeiro, Flores&Mano, 1933. 272p.
148. MELO, Ascendino D'Avila (coronel). *Desfazendo uma injúria*. Rio de Janeiro, scp, sd.
149. MELO, Ascendino D'Avila (coronel). *Movimento paulista*. Rio de Janeiro, scp, 1933.
150. MELO, Luis Vieira de. *Renda-se, paulista*. Lorena, scp, 1932.

151. MELO, Pedro de. *A grande guerra: episódio de um poema inédito*. São Paulo, scp, 1933.
152. MENDONÇA, Damião. *A revolução de São Paulo*. Aracaju, scp, sd.
153. MENDONÇA, Damião. *Fatos e coisas da revolução*. Aracaju, scp, 1932.
154. MESQUITA FILHO, Julio de. *Memórias de um revolucionário*. São Paulo, scp, 1956.
155. MINAS, João de. *Nos misteriosos subterrâneos de São Paulo*. São Paulo, scp, 1936.
156. MIRANDA, Alcibíades (coronel). *A rebelião de São Paulo*. Curitiba, scp, 1934, 249p. v.2
157. MIRANDA, Alcibíades (coronel). *Justiça, vanum verbum...* São Paulo, scp, 1933.
158. MIRANDA, J. Veiga. *O voluntário da Santa Terezinha*. São Paulo, scp, 1932.
159. MOLINA, Constantino A. *A revolução no setor de Ourinhos*. slp, scp, sd. 23p.
160. MONTENEGRO, Benedito (org.). *Cruzes paulistas: os que tombaram em 32 pela glória de servir São Paulo*. São Paulo, Campanha Pré-Monumento e Mausoléu ao soldado paulista de 32, 1936. 516p. (ilust.)
161. MORAIS, Aurino. *Minas na aliança liberal e na revolução*. Belo Horizonte, scp, 1933.
162. MOREIRA, Albertino G. *Os atos do governo do Estado de São Paulo no período da revolução constitucionalista, em face do direito*. São Paulo, scp, 1938.
163. MOREIRA, Albertino G. *Terra de ninguém*. Santos, scp, 1932.
164. MORGAN, Arthur. *Os engenheiros de São Paulo em 1932: pela lei e pela ordem*. São Paulo, O autor, 1934. 412p. (ilust.)

165. MÓS, João. *Boy Scouts paulista: na revolução de São Paulo*. São Paulo, Duprat, 1933. 56p.
166. MOTA, Candido. *São Paulo e a república*. São Paulo, scp, 1935.
167. MOURA, Hastinfilio de. *Da primeira à segunda república*. Rio de Janeiro, scp, 1936.
168. MOURA, Jair Pinto de. *A fogueira constitucionalista*. São Paulo, Paulista, 1933. 188p.
169. MOURA, Jair Pinto de. *Depoimentos dos revolucionários de 1932*. São Paulo, scp, 1934.
170. NEVES, João. *Accuso*. Rio de Janeiro, scp, 1933. 261p.
171. NEVES, João. *Memórias*. Rio de Janeiro, scp, 1961. 2v.
172. NEVES, João. *Por São Paulo, e pelo Brasil*. slp, scp, 1932.
173. NOGUEIRA FILHO, Paulo de Almeida. *Ideais e lutas de um burguês progressista: a guerra cívica - 1932*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965, 1966, 1967, 1971. 4 v.
174. NOSSO SÉCULO: memória fotográfica do Brasil no século 20.(Coleção) v. III. São Paulo, Abril Cultural, 1980. (pp. 38-57) (ilust.)
175. OLIVEIRA FILHO, Benjamin de. *M.M.D.C*. Rio de Janeiro, Schidt, 1932. 193p.
176. OLIVEIRA, Agenor Lopes de. *Na ilha das flores: reminiscências da revolução paulista de 1932*. Rio de Janeiro, Batista de Souza, 1933. 118p.
177. OLIVEIRA, Benedito Fernandes de. *Revolução paulista de 1932*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1950. 132p. (ilust.)
178. OLIVEIRA, Clóvis de. *A indústria e o movimento constitucionalista de 1932*. São Paulo, Federação e Centro de Indústrias, 1956. 320p.

179. ORTIZ, Lacerda. *O que é São Paulo*. São Paulo, O autor, 1932. 148p.
180. OSÓRIO, Manoel. *A guerra de São Paulo, 1932: esboço crítico do maior movimento armado no Brasil*. 2.ed. São Paulo, Americana, 1932. 192p.
181. OSÓRIO, Manoel. *O Brasil unido ou o separatismo paulista*. São Paulo, Piratininga, 1934. 146p.
182. PACHECO, José de Assis. *Revivendo 32: exumação de um diário de guerra*. São Paulo, scp, 1954.
183. PANNAIN, Luiz Cesar. *A cirurgia odontológica de campanha e a classe odontológica bandeirante na revolução constitucionalista de 1932*. slp, scp, sd.
184. PAULA, Jorge de. *O Fão: revolução constitucionalista de 32 em Soledade, Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, O Globo, 1935. 93p.
185. PAULA, Lafayette Soares de. *São Paulo um ano após a guerra - 1932-1933*. Rio de Janeiro, Calvino, 1934.
186. PEREIRA, Antonio Batista. *Diário da capella*. São Paulo, Saraiva, 1933.
187. PIETCHER, Antonio (major). *Álbum de fotografias da revolução constitucionalista*. São Paulo, scp, 1933. (ilust.)
188. PILLA, Raul e outros. *Ao Rio Grande do Sul, a São Paulo e à Nação*. Buenos Aires, scp, 1933. 176p.
189. PIMENTA, João Augusto de Mattos. *A epopéia paulista*, Rio de Janeiro, Ariel, 1933.
190. PINTO, Sebastião A. *Botucatuense no setor sul: 1932-1957*. slp, scp, sd. 60p.

191. PIRES, Cornélio. *Chorando e rindo: episódios e anedotas da guerra paulista*. São Paulo, Nacional, 1933. 256p. (ilust.)
192. PORTIERI, I. Brasil. *O 9 de julho*. slp, scp, 1948. 16p.
193. PRADO, J. F. de Almeida. *São Paulo e a revolução de 1932*. Rio de Janeiro, scp, 1932.
194. PUIGGARI, Umberto. *Nas fronteiras de Mato Grosso*. São Paulo, scp, 1933.
195. QUARTIM, Yone. *O Mackenzie na revolução de 32*. São Paulo, Edicon, 1995. 167p. (ilust.)
196. QUEIROS, Antero de. *Um chefe: subsídios para a história do Brasil no período de 1930-1937*. Rio de Janeiro, scp, 1937. 230p.
197. QUEIROZ, Augusto de Souza. *Batalhão 14 de julho*. São Paulo, scp, sd.
198. QUINTELLA, Tarboux. *101 dias no departamento de veículos do Estado de São Paulo*. São Paulo, scp, 1932.
199. RABELLO, Manoel. *Pela grandeza do Brasil: entrevista concedida pelo coronel Rabello ao Correio da Manhã em 18/10/32*. 2.ed. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1932.
200. RAMALHO, Horácio. *A revolução paulista de 1932 e as conseqüências educacionais: monografia de concurso para livre docente*. Ribeirão Preto. Tip. Vallada, 1936. 100p.
201. RAMOS, Agostinho. *Recordações de 32 em Cachoeira e sectores*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1947. 453p.
202. RENARD, Antoine. *São Paulo é isso!* São Paulo, Nacional, 1933. 212p.
203. REVOLUÇÃO DE 32: a fotografia e a política. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE/CPDOC, 1982. 60p. (ilust.)

204. RIBEIRO NETO, P. Oliveira. *Ao herói desconhecido, glorificação*. São Paulo, scp, 1932.
205. RIBEIRO NETO, P. Oliveira. *Terra de glória*. São Paulo, scp, 1932.
206. RIBEIRO, José Angelo Gomes e BITTENCCURT, Mario Machado. *Dois Bravos*. Rio de Janeiro, Sauer, 1932. 68p.
207. RIBEIRO, José. *Sobre os mosaicos do inferno*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1933. 307p.
208. ROCHA, Heliodoro Tenório Marques da e OLIVEIRA, Odilon Aquino de. *São Paulo contra a Ditadura*. São Paulo, Ismael Nogueira, 1933.
209. ROCHAM, Pedro (capitão). *Revoluções estéreis*. São Paulo, scp, 1932.
210. RODRIGUES, J. *A mulher paulista no movimento pró-constitucionalista*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1933.
211. RODRIGUES, Lyssias. *Gaviões de penacho: a luta aérea paulista, de 1932*. São Paulo, Rossolillo, 1934. 128p.
212. SAGA: a grande história do Brasil. (Coleção) v. VI. São Paulo, Abril Cultural, 1981. (pp. 42-57) (ilust.)
213. SALES FILHO. *Beligerância e separatismo*. slp, scp, sd.
214. SALES FILHO. *São Paulo e a federação*. slp, scp, sd.
215. SALGADO, Cesar. *De João Ramalho a 9 de julho*. São Paulo, scp, 1934.
216. SALGADO, Plínio. *O cavaleiro de Itararé*. São Paulo, Unitas, 1933. 452p.
217. SAMPAIO, Moraes. *A revolução em Piracicaba*, scp, 1933.

218. SANTA CASA DE MISERICÓRDIA. Comissão da Campanha do Ouro. Relatório das Comissões de direção e executiva da campanha. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1948. 2v.
219. SANTA ROSA, Virgínio. *Desordem*. Rio de Janeiro, scp, 1932.
220. SANTOS, Amílcar Salgado dos. *A epopéia de São Paulo em 1932*. São Paulo, scp, 1932.
221. SANTOS, Ruy Barbosa Martins dos. *Recordações e aventuras de um soldado de 32*. slp, Danúbio, 1976. 46p. (ilust.)
222. SARAIVA, João. *Em continência à lei: episódios da revolução constitucionalista*. São Paulo, O autor, 1933. 190p.
223. SCHMIDT, Afonso. *A locomotiva: a outra face da revolução de 1932*. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1980. 130p. (romance)
224. SERPA, Benito (capitão). *General Júlio Marcondes Salgado*. São Paulo, scp, 1950.
225. SERVA, Mário Pinto. *Diretrizes constitucionais*. São Paulo, scp, 1933.
226. SERVA, Mário Pinto. *Problemas da constituinte*. São Paulo, scp, 1933.
227. SILVA FILHO, Eduardo. *Marcha patriótica*. São Paulo, scp, 1932.
228. SILVA, Hélio Ribeiro da. *1931: os tenentes no poder (1922-1934)*. 2ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972. 407p.
229. SILVA, Helio Ribeiro da. *1932: a guerra paulista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967. 398p. (ilust.)

230. SILVA, Herculano Carvalho e. (coronel). *A revolução constitucionalista: subsídios para a sua história*, org. pelo Estado Maior da Força Pública de São Paulo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932. 444p. (ilust.)
231. SILVA, Valentim Alves. *Nove de julho*. Guaratinguetá. São José, 1932. 111p.
232. SILVA, Valentim. *Batalhão Fernão Sales: setor sul*. São Paulo, scp, 1933.
233. SIMÕES, Auripebo Berrance. *Um Punhado de Nada: São Paulo-1932-Revolução*. São Paulo, Brasiliense, 1979. 242p. (romance)
234. SOARES, Gerson de Machado. *O contra-torpedeiro baleado*. Rio de Janeiro, Marisa, 1933. 229p.
235. SOUZA, Manuel Otaviano Marcondes de. *Fomos vencidos?* Rio de Janeiro, Renascença, 1933. 182p.
236. SYLOS, Honório de. *Itararé! Itararé!* notas de campanha. São Paulo. José Olympio, 1933. 264p.
237. TABORDA, Basílio (general). *Alguns episódios da revolução constitucionalista de São Paulo em uma carta aberta*. Rio de Janeiro. Imp. do Exército. 1970. 49p.
238. TENÓRIO, Heliodoro e OLIVEIRA, Odilon Aquino de (capitão). *São Paulo contra a ditadura: da invasão revolucionária de 30 à queda do governo Waldomiro e nomeação do Dr. Armando Salles para a interventoria paulista*. São Paulo, Ismael Nogueira, 1933. 330p.
239. THIOLLIER, René. *A república Rio-Grandense e a guerra paulista de 1932*. São Paulo, scp, 1932.
240. TOLEDO, Julio Fernando Sauerbron. *A revolução constitucionalista: a cooperação da farmácia paulista e da União Farmacêutica no movimento de 1932*. São Paulo, scp, 1962. 16p.

241. VALLADARES, Benedicto. *Tempos idos e vividos: memórias*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. 283p.
242. VALLE, Roberto do. *Rio Preto na Revolução de 32*. São José do Rio Preto, Verso, 1982. 120p. (ilust.)
243. VAMPRÉ, Leven. *São Paulo terra conquistada*. São Paulo, Paulista, 1932. 293p.
244. VARGAS, Getúlio Dorneles. *O ano de 32: a revolução ao norte*. In: *A nova política do Brasil*. v.2. Rio de Janeiro, scp, 1938.
245. WANDERLEY, Rubens de Menezes. *As bases do separatismo*. São Paulo, Paulista, 1932. 293p.
246. WHITAKER, José Maria. *Campanha do ouro para a vitória: discurso*. São Paulo, scp, 1933.



ANEXOS

HINO DO PARTIDO CONSTITUCIONALISTA

Marcelo Tupinambá e Anhangüera *

Na alma cívica de um povo
Irmanado nas trincheiras
Surgem as novas bandeiras
Criando um São Paulo novo
Povo heróico à luta afeito
Firma a tua tradição
Tens nas mãos o direito
E a Pátria no coração

(Marchemos cheios de glória
(Conosco marcha a vitória
(Marchemos cheios de glória
(Conosco marcha a vitória

Anima o surto grandioso
Que a nossa alma retempera
A ânsia afeita de Raposo
E a firmeza de Anhangüera
Rumando a novas conquistas
Fiel ao destino nos arrasta
Ei-lo, abre alas paulistas!
Pois é São Paulo que passa

*O cantor Francisco Alves gravou, a 10 de setembro de 1934, o Hino do Partido Constitucionalista, para um disco de propaganda política. A letra é assinada por "Anhangüera" e a música de Marcelo Tupinambá.

PASSO DO SOLDADO

Marcelo Tupinambá e Guilherme de Almeida *

Marca passo soldado não vês
Que esta terra foi ele quem fez
Que teu passo é compasso seguro
De um passado, um presente e um futuro

Vê soldado que grande tu és
Tua terra se atira aos teus pés
Estremece de orgulho, ergue os braços
Ergue braços de poeira aos teus passos

(Marcha soldado paulista
(Marca o teu passo na história bis
(Deixa na terra uma pista
(Deixa um rastilho de glória

* Um dos hinos de guerra entoados pelos revolucionários para incentivar as tropas foi o *Passo do Soldado*, marcha de Marcelo Tupinambá e versos de Guilherme de Almeida - o poeta do Movimento Constitucionalista. A gravação comercial, cantada por Máximo Puglisi em disco Columbia nº 8134, só ocorreria em fins de 1934.

TREM BLINDADO

Marcha de João de Barro *

(Meu bem prá me livrar da **matraca**
 (Da língua de uma sogra infernal
 (Eu comprei um **trem blindado**
 (prá poder sair no carnaval

Mulata por teu encanto
 Muito eu levei na cabeça
 Porém agora eu duvido
 Que isto outra vez aconteça

De teu falado feitiço
 Eu pouco caso lhe faço
 Mandei fazer em **São Paulo**, mulata
 Um **capacete de aço**

Mulata quando eu te vi
 Logo pedi **anistia**
 Pois os teus olhos lançavam
 Terrível **fuzilaria**

E prá ninguém **aderir**
 Ao nosso **acordo** amoroso
 Botei na porta de casa, mulata
 Um **canhão misterioso**.

* Lançada para o carnaval de 1933 esta marchinha tornou-se uma das mais cantadas do ano. Como muitas outras composições surgidas entre 1933 e 1934, a letra, com graça e inteligência, está repleta de termos e temas revolucionários (em negrito). Uma forte corrente de opinião pública defendia, já em 1933, a necessidade de se anistiar os vencidos de 30 e 32, forçando Getúlio Vargas a assinar o decreto passificador em 29 de março de 1934. Gravada por *Almirante e o Grupo da Guarda Velha*, em disco Victor nº 33610-B.

METRALHADORA

Samba de Luiz Menezes, Donga e Haroldo Lobo *

(Veja que batucada
 (Que até parece **metralhadora** (bis)
 (E quando a cuíca berra
 (Parece uma **praça de guerra** (bis)

Veja só como é que eu canto, meu bem
 Prá depois vir me falar
 Eu que te amava tanto
 Agora sofro tanto, é só odiar

Se eu ligasse, a quem fala mal de mim
 Jamais em minha vida
 Faria um sambinha assim
 Mas veja só. . . (Veja só que batucada etc.)

Minha turma é de coragem, meu bem
 E por isso não recua
 Por perita malandragem
 Não é que ela vai fugir da tua

Se for preciso, também sabemos brigar
 Com gente da tua marca
 Nós todos ficamos a cantar
 Um belo samba. . . (Veja só que batucada etc.)

* O samba *Metralhadora*, gravado por Aurora Miranda com o Grupo da Metralhadora a 15 de dezembro de 1933, disco Odeon nº 11091-B, foi feito ainda sob o impacto produzido pela Revolução Constitucionalista. Como muitas outras composições surgidas entre 1933 e 1934, a letra está inçada de termos e temas bélicos. Na história da MPB, esta música tem ainda a importância extra de ser a primeira composição de Haroldo Lobo (em colaboração com Donga e Luiz Menezes) registrada em disco.

ANISTIA

Samba de Ary Barroso *

(Anistia, anistia
(Nos três dias de folia
(Seu doutor não faça isso, por favor (bis)
(Na prisão basta só meu coração
Por isso é que eu peço. . .

Passo a vida no batente
Ali rente
Somente porque sei
Que o trabalho é natural
Seu doutor quero ir s'imbora
É hora lá fora
Começou minha festa, o carnaval
Ai! Seu doutor. . .

Anistia, anistia etc.

Meu amor tá me esperando
Chorando, passando um pierrô
Que comprei à prestação
Seu doutor, por piedade
É maldade essa grade
Separar de mim
O meu coração

* Uma forte corrente de opinião pública defendia, em fins de 1933, a necessidade de se anistiar os vencidos de 30 e 32. Ary Barroso pegou a deixa e compôs o samba *Anistia*, gravado por Francisco Alves com a Orquestra Odeon dirigida por Simon Bountman, a 20 de novembro de 1933, em disco Odeon nº 11083-A, para o carnaval do ano seguinte. Pouco tempo depois - mais exatamente a 29 de março de 1934 - o Presidente Getúlio Vargas assinava o decreto pacificador.